

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

MARCOS ALEXANDRE FERNANDES RODRIGUES

Racismo, segregação e morte: análise dialógica do discurso das organizações *Ku Klux Klan* e *White Lives Matter* em mídias digitais

RIO GRANDE

2023

MARCOS ALEXANDRE FERNANDES RODRIGUES

Racismo, segregação e morte: análise dialógica do discurso das organizações *Ku Klux Klan* e *White Lives Matter* em mídias digitais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, Área de Concentração: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kelli Machado da Rosa

RIO GRANDE

2023

Ficha Catalográfica

R696r Rodrigues, Marcos Alexandre Fernandes.
Racismo, segregação e morte: análise dialógica do discurso das organizações *Ku Klux Klan* e *White Lives Matter* em mídias digitais / Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues. – 2023.
220 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação Letras, Rio Grande/RS, 2023.
Orientadora: Dra. Kelli Machado da Rosa.

1. Teoria e análise dialógica do discurso 2. Ku Klux Klan
3. White Lives Matter 4. Orgulho Branco 5. Mídias Digitais I. Rosa, Kelli Machado da II. Título.

CDU 81'42:316

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO n° 04/2023

No dia vinte e quatro de março de dois mil e vinte e três, através de videoconferência, realizou-se a defesa de dissertação do mestrando **Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues**, intitulada “**Racismo, segregação e morte: análise dialógica do discurso das organizações *Ku Klux Klan* e *White Lives Matter* em mídias digitais**”. A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pela Profa. Dra. Silvana Schwab do Nascimento (FURG), Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti (PUCRS) e Profa. Dra. Luciane de Paula (UNESP). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** o mestrando neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos da Linguagem. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.

Kelli da Rosa

Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa (orientadora - FURG)
Profa. Dra. Silvana Schwab do Nascimento (FURG)
Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti (PUCRS)
Profa. Dra. Luciane de Paula (UNESP)

*Em memória à antropóloga brasileira **Adriana Abreu Magalhães Dias** (1970-2023) que, em vida, dedicou-se à etnografia de organizações neonazistas em blogues, fóruns e redes sociais. Tratava-se da maior autoridade nacional e internacional sobre o tema. Consegui conversar com ela uma única vez quando me disse que se interessava por Análise do Discurso. A propósito, em entrevistas, sempre se apresentou como uma mulher com deficiência, pois, segundo frisava, tal característica foi eugenicamente apagada da biografia de pessoas como Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci. A luta democrática dela não deve ser esquecida.*

AGRADECIMENTOS

*Creio ser razoável, antes de mais nada, agradecer ao investimento na **educação pública, gratuita e de qualidade**. Por esse motivo, começo por **saudar todas as instituições de educação básica nas quais pude estudar** e, com efeito, desenvolver meu pensamento científico. Toda minha gratidão e honra!*

Hoje em dia, talvez eu não fosse um analista do discurso se não tivesse sido matriculado na Escola Jayme Gomes Monteiro. Trata-se de uma instituição que, por sua localização, não é frequentada pela burguesia riograndina. Acolhendo estudantes de baixa-renda, tem o grande potencial de produzir futuros cientistas. Lá, tive minha primeira oportunidade de me aproximar da ciência, pois, na sala de informática, fui orientado, bem como o resto da turma, a escrever pequenos ensaios. No meu caso, digitei um breve texto sobre animais extintos no Brasil. Fiquei do 1º ano ao 5º ano. Em 2022, visitei minha antiga escola e a Vice-Diretora se recordou de mim como um estudante disciplinado.

Na Escola Barão de Cerro Largo, aprendi a desenvolver um novo gênero discursivo do campo científico, o portfólio, a fim de poder raciocinar a respeito da integração de todas as disciplinas das exatas às humanidades. Esses tempos, ao revirar algumas caixas, encontrei minha antiga agenda escolar da qual caiu um papel que indicava que, naquela época, tinha sido laureado com uma bolsa de estudos. Fiquei do 6º ao 9º ano. Curioso pensar que meu Professor de Língua Portuguesa, o Alberto, tornar-se-ia meu colega no Curso de Letras Português e Francês e suas respectivas Literaturas e, mais adiante, meu parceiro no Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG.

Mais tarde, na Escola Getúlio Vargas, além das disciplinas habituais, havia a de Seminário Integrado. Como objeto de pesquisa, escolhi o movimento semântico, político e cultural de demonização de divindades pagãs, de modo a haver um processo de conversão de novos fiéis. Ressalto, nesse contexto, a atuação exime da Professora de Língua Portuguesa, a Clarisete, que me orientou durante todo o percurso e lapidou nosso projeto a não poder mais. Ela, a propósito, aconselhou-me a conversar com a professora de filosofia com o fito de propor uma interlocução entre história, sociologia e filosofia. Fiquei lá todo o ensino médio. Em 2018, fui convidado pelo Professor de Literatura, o Mauro, a ministrar algumas aulas e, ao aproveitar o ensejo, tive como tema o discurso político, literatura e as mídias digitais.

Uma pausa para eu confessar algo – a seguir, continuo com os agradecimentos. Após apresentar meu portfólio no evento da escola, fui convidado a participar das reuniões da Ordem Demolay, uma sociedade secreta que recebe jovens homens dos 12 aos 21 anos. Esses maçons se reuniam aos sábados às 14 horas da tarde. A esposa de um deles era funcionária no Getúlio Vargas e, por considerar que eu gostasse de ocultismo, escreveu-me, num papel, todas as coordenadas para me expor e, conseqüentemente, juntar-me a esse grupo. De fato, sempre flertei com o misterioso, mas, desde jovem, assumi o materialismo e o ceticismo como filosofia de vida. Logo, devido ao conservadorismo e ao esoterismo da tal Loja Maçônica, recusei-me a ela frequentar.

Agradeço mais uma vez a essas instituições de educação básica e a todo corpo docente. Reforço a importância de se investir em educação, até mesmo como estratégia para afrontar alienações coletivas, negacionismos e autoritarismos! Como por exemplo, posso citar os racistas alucinados cujos discursos são objeto desta dissertação que, no cenário nacional e internacional, reivindicam o nazismo ao acreditarem na ilusão de uma raça superior. Pasmem!

Dedico toda minha honra e gratidão à minha amiga e orientadora, a Prof.^a Dr.^a Kelli Machado da Rosa da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Lá estava eu desanimado com a disciplina de Linguística III. Certo dia, ao chegar como sempre mais cedo ao Instituto de Letras e Artes (ILA) para ler uns livros, uma amiga, a Laís, tinha atendimento com uma professora que, segundo ela, trabalhava com um tal de Bakhtin – desconhecido por mim até então. Acompanhei-la. Em poucos minutos, tornei-me fascinado com o conhecimento, a empatia e o carisma daquela pesquisadora-professora. Convido quem me lê, por alguns minutos, a refletir: pense naquele momento-chave-da-vida em que tudo muda. Foi com a Kelli – e Bakhtin e Medviédev e Volóchinov! “Marcos, qual é o teu objeto?” - perguntou ela a mim gentilmente.

Por evidente, a presente dissertação é, enquanto enunciado, uma resposta a enunciados anteriores no passado e posteriores no porvir, tal como ensinam esses teóricos russos. Este trabalho científico, como assinala Medviédev, pode ser apenas composicionalmente finalizado, já que participa da comunicação discursiva. A cada palavra na escrita desta dissertação, tentei antecipar o olhar crítico, analítico e avaliativo de minha proeminente banca doutoral constituída pela Prof.^a Dr.^a Silvana Schwab do Nascimento (FURG), Prof.^a Dr.^a Maria da Glória Corrêa Di Fanti (PUCRS) e Prof.^a Dr.^a Luciane de Paula (UNESP). Como resposta ética, confesso: minhas palavras são de todas vocês e as de vocês as minhas! Tentei ser cúmplice! Obrigado por aceitarem o convite!

Em conclusão, se investimento na educação é crucial, não posso me esquecer do fato de que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Pude, com esse amparo, comprar livros e, ao produzir pesquisa, participar dos Congressos Nacionais e Internacionais mais renomados no âmbito da Linguística.

Minha saudação a estas pessoas queridas do campo acadêmico:

*Ao Norberto Niclotti Catuci (IFRS/UFRGS)
À Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG)
Ao Cristiano Sandim Paschoal (PUCRS)
À Ana Paula Albarelli (USP)
& à Katiuscia Christina Santana (USP)
Ao Yuri Collares Veleda (UFPEl)
Ao Juan Pablo Domingues Gonzalez de Oliveira (FURG)
& à Patrícia Amaral da Silva (FURG)*

Minha saudação a estes grupos que participo e a suas importantes integrantes:

*Relações entre Ética, Discurso e Mídias: Pesquisas sob a Perspectiva Dialógica
Da Prof.^a Dr.^a Kelli Machado da Rosa (FURG)*

*Linguagem em Atividades no Contexto Escolar
Da Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Camargo Magalhães (PUCSP)
& da Prof.^a Dr.^a Fernanda Coelho Liberali (PUCSP)*

Pensar os Extremos: Rede Internacional de Estudos sobre Nazismo, Memória e Guerra

Do Núcleo Brasileiro de Estudos de Nazismo e Holocausto (UFMG)

Minha saudação a mídias que, ante o fascismo à brasileira, lutam fortemente pela democracia:

Diário do Centro do Mundo

Opera Mundi

Brasil 247

Fórum

Jornal GGN

Grupo Prerrogativas

Toda pessoa tem direitos inerentes à sua natureza humana, sendo respeitada sua dignidade e garantida a oportunidade de desenvolver seu potencial de forma livre, autônoma e plena. Os princípios históricos dos Direitos Humanos são orientados pela afirmação do respeito ao outro e pela busca permanente da paz. Paz que, em qualquer contexto, sempre tem seus fundamentos na justiça, na igualdade e na liberdade. Os brasileiros – especialmente os setores populares organizados – encontraram na agenda dos Direitos Humanos um conteúdo fundamental de suas lutas em diferentes cenários. Antes, na resistência à ditadura. Hoje, para exigir a efetivação de relações sociais igualitárias e justas. É sob o impulso dinâmico desses movimentos que os Direitos Humanos se fortalecem, erguendo como bandeira a democratização permanente do Estado e da própria sociedade. É deles, também, que o Estado vem colhendo crescentemente demandas e exigências para incorporá-las a sua ação programática nas diferentes políticas públicas.

Brasil
III Programa Nacional de Direitos Humanos

RESUMO

Como fenômeno planetário, averigua-se a ascensão da extrema direita neonazista e, com efeito, a fragilização de humanidades, democracias e suas instituições políticas. Para tanto, as mídias digitais propiciam situações de interação discursiva que superam barreiras geográficas, visto que possibilitam que organizações de ódio racial instaurem locutores que pregam a filiação de novos membros, a doutrinação acerca da superioridade e inferioridade racial, cultural e moral, intimidação do outro humilhado, viralização e polemização de posições ideológicas extremistas e aterrorização do branco no que tange à crença de um genocídio em massa do qual seria vítima. Nessa conjuntura, esta dissertação prossegue em direção à análise dialógica do discurso das organizações *Ku Klux Klan* (KKK, doravante) e *White Lives Matter* (Vidas Brancas Importam, WLM, doravante), pois suas palavras são avaliadas e respondidas tanto por estadunidenses quanto por brasileiros. Para justificar esta proposta, reclamam-se duas orientações: a defesa dos valores ideológicos (históricos, sociais, éticos, políticos, jurídicos) atinentes aos direitos humanos (dignidade, justiça, liberdade) como contrapalavra ao ódio racial com respaldo do III Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3, doravante); a expectativa de contribuir às Ciências Humanas, Sociais e da Linguagem com especificidade para teoria dialógica do discurso. Como objetivo geral, analisam-se, dialogicamente, os discursos da KKK e WLM com a finalidade de compreender seus estilos discursivos com vistas a perceber as imagens produzidas sobre o branco e o negro. Da generalidade à especificidade, objetiva-se: i) verificar a construção de cronotopos (espaço-tempo) internos e externos com o propósito de entender o emprego de índices espaciais e temporais para avaliar os Estados Unidos da América (EUA, doravante); ii) examinar a constituição do discurso paródico de tipo racista com o intuito de interpretar como seus espelhos semânticos deformam o outro; iii) indagar, em cotejamento, como os discursos da KKK e WLM são apreendidos, orientados e ressignificados pela organização brasileira Orgulho Branco (OrBr, doravante) para o cenário nacional com a intenção de identificar relações dialógicas expressas em suas posições extremistas. No que se relaciona aos pressupostos teóricos e filosóficos, escolheu-se a teoria dialógica do discurso e da linguagem fomentada pelas obras do grupo russo de pensadores formado dentre outros por Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev e Valentin Volóchinov, porque, com seu potencial analítico-interpretativo, permite estudar o repetível (linguístico, significado, geral) e irrepetível (discursivo, sentido, singular) no projeto arquitetônico das organizações. Ao planejar a metodologia, usaram-se estes procedimentos: i) caracterização e escolha das organizações; ii) observação e registro das interações discursivas; iii) esboço das questões de pesquisa; iv) análise dialógica dos enunciados; v) escrita e apresentação dos resultados. Por fim, a conclusão desta pesquisa é que, por não subverterem sua conjuntura política, histórica e cultural, as organizações estadunidenses sinalizadas, cada uma a sua forma, proclamam a segregação, a morte e o encarceramento em massa da população negra, atribuindo-lhe tanto a pecha de miscigenar e contaminar a população branca quanto a de aumentar a criminalidade e cometer assassinatos.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria e análise dialógica do discurso; Ku Klux Klan; White Lives Matter; Orgulho Branco; Mídias Digitais.

ABSTRACT

As a planetary phenomenon, the rise of the neo-Nazi extreme right is verified and, in effect, the weakening of humanities, democracies and their political institutions. To this end, digital media provide situations of discursive interaction that overcome geographic barriers, as they allow racial hate organizations to install speakers who preach the affiliation of new members, indoctrination about racial, cultural and moral superiority and inferiority, intimidation of the other humiliated, viralization and polemicization of extremist ideological positions and terrorization of whites regarding the belief of a mass genocide of which they would be victims. In this context, this dissertation proceeds towards the dialogic analysis of the discourse of the organizations Ku Klux Klan (KKK, hereinafter) and White Lives Matter (Vidas Brancas Importam, WLM, hereinafter), as their words are evaluated and answered by both Americans and Brazilians. To justify this proposal, two orientations are claimed: the defense of ideological values (historical, social, ethical, political, legal) related to human rights (dignity, justice, freedom) as a counterword to racial hatred with support from the III National Program of Human Rights (PNDH-3, hereinafter); the expectation of contributing to the Humanities, Social and Language Sciences with specificity for dialogic discourse theory. As a general objective, the discourses of the KKK and WLM are analyzed, dialogically, in order to understand their discursive styles in order to perceive the images produced about white and black people. From generality to specificity, the objective is: i) to verify the construction of internal and external chronotopes (space-time) with the purpose of understanding the use of spatial and temporal indices to evaluate the United States of America (USA, henceforth); ii) examine the constitution of racist parodic discourse in order to interpret how its semantic mirrors deform the other; iii) inquire, in comparison, how the discourses of the KKK and WLM are apprehended, oriented and resignified by the Brazilian organization White Pride (Orgulho Branco, OrBr, hereinafter) to the national scene with the intention of identifying dialogical relationships expressed in their extremist positions. With regard to theoretical and philosophical assumptions, the dialogic theory of discourse and language was chosen, fostered by the works of the Russian group of thinkers formed, among others, by Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev and Valentin Volóchinov, because, with its analytical-interpretative potential, makes it possible to study the repeatable (linguistic, meaning, general) and unrepeatable (discursive, sense, singular) in the architectural design of organizations. When planning the methodology, these procedures were used: i) characterization and choice of organizations; ii) observation and recording of discursive interactions; iii) outline of research questions; iv) dialogic analysis of utterances; v) writing and presentation of results. Finally, the conclusion of this research is that, by not subverting their political, historical and cultural conjuncture, the marked US organizations, each one in its own way, proclaim the segregation, death and mass incarceration of the black population, attributing to it both the miscegenation and contaminating the white population as well as increasing criminality and committing murders.

KEYWORDS: Theory and dialogic analysis of discourse; Ku Klux Klan; White Lives Matter; White Pride; Digital Media.

RÉSUMÉ

Phénomène planétaire, la montée de l'extrême droite néonazie se vérifie et, de fait, l'affaiblissement des humanités, des démocraties et de leurs institutions politiques. À cette fin, les médias numériques offrent des situations d'interaction discursive qui surmontent les barrières géographiques, car ils permettent aux organisations de haine raciale d'installer des intervenants qui prêchent l'affiliation de nouveaux membres, l'endoctrinement sur la supériorité et l'infériorité raciales, culturelles et morales, l'intimidation de l'autre humilié, viralisation et polémisation des positions idéologiques extrémistes et terrorisation des blancs face à la croyance d'un génocide de masse dont ils seraient victimes. Dans ce contexte, cette thèse procède à l'analyse dialogique du discours des organisations *Ku Klux Klan* (KKK, ci-après) et *White Lives Matter* (Les Vies Blanches Comptent, WLM, ci-après), car leurs propos sont évalués et répondus par les Américains et les Brésiliens. Pour justifier cette proposition, deux orientations sont revendiquées: la défense des valeurs idéologiques (historiques, sociales, éthiques, politiques, juridiques) liées aux droits humains (dignité, justice, liberté) comme contremot à la haine raciale avec le soutien du III Programme National des Droits Humains (PNDH-3, ci-après); l'attente de contribuer aux sciences humaines, sociales et du langage avec une spécificité pour la théorie du discours dialogique. Comme objectif général, les discours du KKK et du WLM sont analysés, dialogiquement, afin de comprendre leurs styles discursifs afin de percevoir les images produites sur les blancs et les noirs. De la généralité à la spécificité, l'objectif est de: i) vérifier la construction de chronotopes internes et externes (espace-temps) dans le but de comprendre l'utilisation d'indices spatiaux et temporels pour évaluer les États-Unis d'Amérique (USA, désormais); ii) examiner la constitution du discours parodique raciste afin d'interpréter comment ses miroirs sémantiques déforment l'autre; iii) s'interroger, par comparaison, sur la façon dont les discours du KKK et du WLM sont appréhendés, orientés et resignifiés par l'organisation brésilienne Fierté Blanche (Orgulho Branco, OrBr, ci-après) sur la scène nationale dans le but d'identifier les relations dialogiques exprimées dans leurs positions extrémistes. En ce qui concerne les hypothèses théoriques et philosophiques, la théorie dialogique du discours et du langage a été choisie, nourrie par les travaux du groupe de penseurs russes formé, entre autres, par Mikhaïl Bakhtin, Pável Medviédev et Valentin Volóchinov, parce que, avec son caractère analytique-interprétatif potential, permet d'étudier le répétable (linguistique, sens, général) et l'irreproductible (discursif, sens, singulier) dans la conception architecturale des organisations. Lors de la planification de la méthodologie, ces procédures ont été utilisées: i) caractérisation et choix des organisations; ii) observation et enregistrement des interactions discursives; iii) aperçu des questions de recherche; iv) analyse dialogique des énoncés; v) rédaction et présentation des résultats. Enfin, la conclusion de cette recherche est que, en ne subvertissant pas leur conjoncture politique, historique et culturelle, les organisations américaines marquées, chacune à sa manière, proclament la ségrégation, la mort et l'incarcération massive de la population noire, lui attribuant à la fois le métissage et contaminer la population blanche tout en augmentant la criminalité et en commettant des meurtres.

MOTS-CLÉS: Théorie et analyse dialogique du discours ; Ku Klux Klan; Les vies blanches comptent ; Fierté blanche; Médias numériques.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Saudação nazista da <i>Ku Klux Klan</i>	55
Figura 2 - O altar neoconfederado da <i>Ku Klux Klan</i>	94
Figura 3 - Enforcamento como a mão da justiça branca	95
Figura 4 - Ritual de aceitação do orgulho branco da <i>Ku Klux Klan</i>	97
Figura 5 - William Simmons como mago imperial	99
Figura 6 - A “justiça” de uma milícia branca armada	101
Figura 7 - Ataque à igreja feito pela <i>Ku Klux Klan</i>	103
Figura 8 - Era dos Direitos Civis	102
Figura 9 - Viajantes da Liberdade	104
Figura 10 - Homens da <i>Ku Klux Klan</i> armados.....	106
Figura 11 - Bill, imagem e mídias	107
Figura 12 - Michael Donald, uma vida interrompida	108
Figura 13 - O bandido violento na história dos EUA.....	113
Figura 14 - No estado de guerra, expurgam-se os políticos opositores.....	113
Figura 15 - Kyle Rittenhouse, seu álibi e seu rifle AR-15	114
Figura 16 - A bíblia da <i>Ku Klux Klan</i> contra negros e judeus.....	147
Figura 17 - George Floyd e Cannon Hinnant: sujeitos para a guerra.....	157
Figura 18 - Enunciam os neonazistas: <i>Join, or Die</i>	160
Figura 19 - David Lane, runas neonazistas e as 28 palavras	164
Figura 20 - Estética idealizada pelo neonazismo	167
Figura 21 - Todos os tipos de benefícios de um pobre, negro e imigrante.....	170
Figura 22 - Um muro entre estadunidenses e pobres imigrantes.....	172
Figura 23 - A animalização de uma bebê negra	174
Figura 24 - Feliz Ação de Graças a Todo Mundo!!!!	177
Figura 25 - Um mosaico de mortes	198
Figura 26 - Figurinhas da <i>Ku Klux Klan</i>	200

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mídias, modalidade perceptiva e seus dispositivos	57
Quadro 2 - Guerra racial branca	118
Quadro 3 - Neonazismo odinista e a <i>Ku Klux Klan</i>	126
Quadro 4 - Deus, arianismo e a <i>Ku Klux Klan</i>	130
Quadro 5 - A <i>Ku Klux Klan</i> e os filhos de satanás	137
Quadro 6 - A <i>Ku Klux Klan</i> e os ecos valorativos do passado.....	151
Quadro 7 - Um aviso racista aos novos visitantes.....	192

LISTA DE ABREVIATURAS

1. *Church of the Ku Klux Klan*

Tradução: **Igreja da Ku Klux Klan**

Abreviatura: CKKK

Nacionalidade: estadunidense

2. *American Christian Dixie Knights*

Tradução: **Cavaleiros do Sul da América Cristã**

Abreviatura: ACDK

Nacionalidade: estadunidense

3. *East Coast Knights of the True Invisible Empire*

Tradução: **Cavaleiros da Costa Leste do Verdadeiro Império Invisível**

Abreviatura: ECKTIE

Nacionalidade: estadunidense

4. *Ku Klos Knights*

Tradução: **Círculo dos Cavaleiros**

Abreviatura: KKKnights

Nacionalidade: estadunidense

5. *The Loyal White Knights of the Ku Klux Klan*

Tradução: **Os Leais Cavaleiros Brancos da Ku Klux Klan**

Abreviatura: TLWKKKK

Nacionalidade: estadunidense

6. *Oklahoma White Knights of the Ku Klux Klan*

Tradução: **Cavaleiros Brancos de Oklahoma da Ku Klux Klan**

Abreviatura: OWKKKK

Nacionalidade: estadunidense

7. *Patriotic Brigade Knights of the Ku Klux Klan*

Tradução: **Brigada Patriótica da Ku Klux Klan**

Abreviatura: PBKKKK

Nacionalidade: estadunidense

8. *White Camelia Knights of the Ku Klux Klan*

Tradução: **Cavaleiros da Camélia Branca da Ku Klux Klan**

Abreviatura: WCKKKK

Nacionalidade: estadunidense

9. *Supreme Knights of the Ku Klux Klan*

Tradução: **Cavaleiros Supremos da Ku Klux Klan**

Abreviatura: SKKKK

Nacionalidade: estadunidense

10. *Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan*

Tradução: **Cavaleiros Brancos do Mississippi da Ku Klux Klan**

Abreviatura: MWKKKK

Nacionalidade: estadunidense

11. *White Lives Matter* - 1

Tradução: **Vidas Brancas Importam**

Abreviatura: WLM-1

Nacionalidade: estadunidense

12. *White Lives Matter* - 2

Tradução: **Vidas Brancas Importam**

Abreviatura: WLM-2

Nacionalidade: estadunidense

13. *White Lives Matter* - 3

Tradução: **Vidas Brancas Importam**

Abreviatura: WLM-3

Nacionalidade: estadunidense

14. *White Lives Matter* - 4

Tradução: **Vidas Brancas Importam**

Abreviatura: WLM-4

Nacionalidade: estadunidense

15. *White Lives Matter* - 5

Tradução: **Vidas Brancas Importam**

Abreviatura: WLM-5

Nacionalidade: estadunidense

16. *White Lives Matter* - 6

Tradução: **Vidas Brancas Importam**

Abreviatura: WLM-6

Nacionalidade: estadunidense

17. *White Lives Matter* - 7

Tradução: **Vidas Brancas Importam**

Abreviatura: WLM-7

Nacionalidade: estadunidense

18. *White Lives Matter* - 8

Tradução: **Vidas Brancas Importam**

Abreviatura: WLM-8

Nacionalidade: estadunidense

19. *All Lives Matter*

Tradução: **Todas as Vidas Importam**

Abreviatura: ALLLM

Nacionalidade: estadunidense

20. *White Lives Matter Too*

Tradução: **Vidas Brancas Importam Também**

Abreviatura: WLMToo

Nacionalidade: estadunidense

21. *Orgulho Branco*

Abreviatura: OrBr

Nacionalidade: brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. A IMPORTÂNCIA DE POLEMIZAR MITOS MONOLÓGICOS	25
1.1. Bakhtin, Medviédev e Volóchinov: uma trajetória à época da ditadura stalinista ..	28
1.2. Repensando o “Círculo de Bakhtin”: por uma nova tradição terminológica	35
2. A REVOLUÇÃO DIALÉTICA E DIALÓGICA: CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDAR O DISCURSO E A LINGUAGEM	39
2.1. Críticas ao positivismo e ao formalismo na ciência	41
2.2. Enunciados potencialmente verbivocovisuais no discurso das mídias digitais	53
2.3. Construção estilística do enunciado: vivência e expressão	58
2.4. Mundividência social e a luta ideológica pelo dialogismo polêmico	63
2.5. Estilização paródica e seus espelhos deformantes.....	66
2.6. Metodologia e concepção dialógica do objeto/sujeito.....	71
2.6.1. Ética e responsabilidade ao pesquisar terrorismo racial nas mídias digitais	74
2.6.2. Cinco atos procedimentais para planejar esta pesquisa	77
3. PARA ONDE IAM OS PÁSSAROS: UM PANORAMA HISTÓRICO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	81
3.1. Nascimento de uma nação: diálogos entre a fé, o capital e o projeto de colonizar .	84
3.2. Sangrenta e fratricida Guerra de Secessão (1861-1865)	90
3.3. O manto branco, os racistas e a patrulha nas ruas: a origem da <i>Ku Klux Klan</i>	94
3.4. A tela branca, os racistas e a patrulha nas redes: a gênese da <i>White Lives Matter</i>	110
4. PRÁTICAS DE ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DA <i>KU KLUX KLAN</i> NO CAMPO DAS MÍDIAS DIGITAIS	115
4.1. Guerra racial total	116
4.2. Arianismo: a raça escolhida por deus	126
4.3. Miscigenação: filhos de satanás	134
4.4. Parodização: um movimento discursivo do racismo de recreação	144
4.5. Ecos valorativos do passado	150
5. PRÁTICAS DE ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DA <i>WHITE LIVES MATTER</i> NO CAMPO DAS MÍDIAS DIGITAIS	154
5.1. Guerra racial total	155
5.2. Arianismo: a raça escolhida por deus	163
5.3. Miscigenação: filhos de satanás	169
5.4. Parodização: um movimento discursivo do racismo de recreação	173
5.5. Ecos valorativos do passado	176

6. RAÇA, POBREZA E ORDEM SOCIAL: O NOVO PROJETO DE ESCRAVIZAÇÃO DO SUPREMACISMO BRANCO	179
6.1. Quais relações dialógicas são identificáveis para a “nova solução final” da <i>Ku Klux Klan</i> e <i>White Lives Matter</i> ?	181
6.2. “Relações carnais” entre Brasil e Estados Unidos da América	188
6.3. Organização “Orgulho Branco”: ressignificação dos discursos da KKK e WLM	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS	208

INTRODUÇÃO

Em 2020, este que escreve a dissertação estava agoniado com a existência de páginas digitais produzidas pelo movimento integralista brasileiro, o que, como se pôde averiguar, surgiu em 1932, tendo como expoente o católico chauvinista Plínio Salgado cujos livros compartilhavam valores políticos, econômicos e culturais com os regimes nazista de Adolf Hitler e fascista de Benito Mussolini (BARBOSA, 2012). Nas páginas da Frente Integralista Brasileira (FIB, doravante), publicavam-se textos do antisemita Gustavo Barroso que, em sua militância extremista no movimento supracitado, traduziu para a língua portuguesa os *Protocolos dos Sábios de Sião*, documento infame que fomentava a ideia de conspiração judaico-comunista para dominação mundial. Naquela época, acreditava este pesquisador que as páginas da FIB simbolizavam um dos maiores desafios para a jovem democracia brasileira¹. Um grande equívoco.

No prosseguimento das investigações, encontrou-se um blogue português chamado “Nacional Socialismo em Rede”, que, como se revelou, continha *links* externos² para organizações neonazistas de variados países, “[...] associando-se em uma grande pan-neonazidade [...]” (DIAS, 2018, p. 304)³. Em destaque, sobressaíram-se duas organizações com nascedouro no Reino Unido, de um lado, *Blood and Honour* (Sangue e Honra, B&H, doravante) e, de outro, *Combat 18* (Combate 18, C18, doravante). Ainda em 2020, este que escreve esta dissertação elaborou uma comunicação intitulada “Investigações sobre rede húngaro-polonesa (neo)nazista: signos de ódio, terror e crueldade”, submetido no I Seminário de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto Federal da Bahia (IFBA), pois a B&H e C18 realizaram, mediante as mídias digitais, um conchavo internacional, visto que, embora uma estivesse instalada na Hungria e outra na Polônia, estavam unidas no alistamento de novos neonazistas.

¹ Diferente da democracia integralista baseada em um sistema corporativista sob a influência dos regimes nazista e fascista, defender-se-á a proposta de Mouffe (2003, p. 26) como contrapalavra ante o autoritarismo. “Neste estágio do processo de globalização, não quero negar que precisamos de instituições para regular as relações internacionais, mas essas instituições deveriam permitir um grau significativo de pluralismo, e não exigir a existência de uma única estrutura unificada. Na minha visão, está é uma receita para o desastre, e o pensamento que quero compartilhar é que uma ordem mundial pluralística é a única maneira de evitar o anunciado colapso da civilização”. Por esse viés, enfrenta-se o processo de pan(neo)nazificação a partir de uma concepção de democracia e ordem mundial pluralística.

² Na visão de Paveau (2021), os *hiperlinks* são responsáveis pela deslinealização do discurso digital.

³ A afirmação feita por Dias (2018) pode ser compreendida como uma rede global de organizações neonazistas que, em suas páginas digitais, postam *links* exteriores e endogâmicos.

Ilustra bem esse cenário os indicadores da *SaferNet*, que, em 16 anos, recebeu e processou 4.441.595 notícias-crime anônimas atinentes a páginas neonazistas por meio de sua Central de Denúncias. Em sua cartografia do ódio, sinaliza para estes números no continente americano: Brasil (págs. 22.180); Peru (págs. 76); Chile (págs. 24); Argentina (págs. 485); Costa Rica (págs. 217); Canadá (págs. 6.798); e, sobretudo, EUA (págs. 682.276). Há de se referenciar, além disso, no continente europeu, Reino Unido (págs. 4.212); França (págs. 3.798); Portugal (págs. 883); Itália (págs. 329); Espanha (págs. 638); Bélgica (págs. 116); Holanda (págs. 48.605); Alemanha (págs. 6.805); Suíça (págs. 817); República Checa (págs. 1503); Eslováquia (págs. 162); Áustria (págs. 341); Hungria (págs. 267); Polônia (págs. 263); Ucrânia (págs. 4.349); Rússia (págs. 24.445); e, principalmente, Irlanda (págs. 100.765). Em outros continentes, a China (págs. 371) na Ásia e Austrália (págs. 2.735) na Oceania sobrexcederam.

Muito embora a pesquisa de Andrad e Heck (2016, n.p.) tenha muita relevância, é preciso divergir quanto ao empregado da terminologia “grupo” ao invés de “organização” quando investigaram o *Valhala 88* (V88, doravante), de Santa Catarina. Essa discordância é pertinente, porque, nesta dissertação, tal como no contexto histórico, político e cultural que lhe constitui, não hão de se estudar quaisquer “grupos”⁴. A terminologia adequada é a de “organização”, tendo em vista que tem o propósito de: i) alistar novos membros; ii) angariar fundos via criptomoeda; iii) ensinar ao seu auditório social a crença na superioridade/inferioridade racial; iv) negar a existência do holocausto; v) polemizar e compartilhar posições ideológico-políticas extremistas; vi) atacar grupos racializados dominados; vii) alertar seu público branco acerca de um fantasioso genocídio que seria alvo; viii) hostilizar processos migratórios quando não lhes convêm; ix) alarmar a respeito de uma suposta globalização judaica de dominação mundial; x) exaltar um nacionalismo radical, expatriador e xenofóbico. Em suma, a terminologia “grupo” é totalmente inadequada, haja vista sua natureza simplista diante de um fenômeno assaz complexo.

Como o contexto histórico, cultural e político constitui a composição semântica do enunciado (VOLÓCHINOV, 2019), é no quadro de ascensão da extrema direita

⁴ Pode-se compreender, tão logo, que um grupo possui membros e, com isso, um horizonte de valores ideológicos defendidos. Todavia, ao investigar desde 2020 variadas organizações neonazistas, sabe-se que cada uma, além disso, possui objetivos evidentes que desdobram a sua “responsabilidade” por um projeto de sociedade marcado pela eliminação do outro e exaltação de uma crença de superioridade racial. Um grupo qualquer não está apto para derrubar uma democracia, já que parece não ter um plano delimitado, mas uma organização com um esquema, páginas digitais, armas, dinheiro e membros, sim.

neonazista que esta pesquisa surge ao analisar, dialogicamente, o discurso das organizações KKK e WLM no campo das mídias digitais. Nas mídias digitais, a WLM cria páginas e grupos no *Facebook*⁵ (FB, doravante) cujos locutores subentendem que toda a população negra seria moralmente criminosa. Prova disso é a cadeia de enunciados, marcados por vídeo-denúncias, fotodenúncias e fotomontagens, que relaciona o negro ao assalto, à agressão e à morte. Devido à política de convivência do FB, a WLM tem a possibilidade reproduzir o racismo institucional-estrutural⁶ estadunidense. Tenta agir de modo velado, já que se justifica ao defender a moral e os bons costumes, o que é chamado no Brasil de “cidadão de bem” ou, flexionado de jeito diferente, “cidadania de bem”. Além disso, ao flertar com nazismo, emprega os signos ideológicos 14/88⁷ ou somente 14, retomando as palavras atribuídas ao David Lane, maior expoente do neonazismo estadunidense.

A KKK é abertamente racista e, para hostilizar, ameaçar e inferiorizar o outro, não tem como subterfúgio o falso moralismo, mas a crença na superioridade de raça. Por esse motivo, essa organização e suas ramificações não têm muito espaço no FB, e sim em fóruns e blogs. Ao seu auditório social, apresenta explicitamente sua aderência ao nazismo, até porque seus últimos magos imperiais (líderes) vieram de partidos neonazistas. Com seus estilos discursivos, ao conjugarem forma e conteúdo, instauram locutores que ameaçam humanidades e fragilizam democracias com suas instituições políticas.

Em cotejamento, esta pesquisa abarca uma breve análise dialógica do discurso da organização brasileira OrBr, porque os discursos da KKK e WLM são avaliados e respondidos por racistas brasileiros. A OrBr usa o serviço de mensagens do *Telegram*⁸

⁵ É interessante o que pensa Nogueira (2021) acerca da plataforma FB, o que talvez ampare a decisão da WLM para nesse espaço se manifestar. O FB, principal mídia de divulgação da atualidade, tem mais de 2 bilhões de usuários ativos e, nessa esteira, esse número aumenta cada vez mais, apesar da campanha “#DeleteFacebook” em 2018 (NOGUEIRA, 2021, p. 32).

⁶ Na concepção de Bonilla-Silva (2020), o racismo está historicamente fundamentado na formação da sociedade estadunidense, sendo o processo de racialização atrelado a mudanças políticas e econômicas. Nesse contexto, é possível estudar duas ideologias raciais predominantes nesse país: i) os cidadãos defendem ser abertamente racistas; ii) os cidadãos dizem não ser racistas, mas reproduzem essas práticas. Essa divisão condiz com a proposta desta pesquisa, porque a KKK enaltece a discriminação e WLM não admite o racismo, apesar de o fomentar.

⁷ 14/88 ou 14 são signos ideológicos comumente usados no movimento neonazista estadunidense, o que será examinado no subcapítulo “Arianismo: a raça escolhida por deus”, nas práticas de análise da WLM e KKK.

⁸ Tem razão Silva (2019) ao lembrar que o *Telegram*, um aplicativo de mensagens instantâneas com mais de 200 milhões de usuários ativos, é acessível para computadores *laptops* e *tablets*. Ele foi desenvolvido pelos russos Pavel e Nikolai Durov e lançado em 2013. Para sua programação, levou-se em consideração as “fragilidades de segurança” e “privacidade” do *WhatsApp* (SILVA, 2019, p. 85).

em que compartilha fotodenúncias, comentários e figurinhas que reaprendem, reorientam e ressignificam os discursos produzidos pela KKK e WLM para cá, intimidando, nessa empreitada, grupos racializados dominados em um novo cenário político, econômico e cultural.

Em vista de tudo isso, esta pesquisa sustenta as seguintes perguntas-problemas: 1) quais são as relações dialógicas entre os estilos discursivos da KKK e WLM ao enunciarem nas mídias digitais? 2) Quais índices espaciais e temporais são mobilizados para avaliar os EUA? 3) Quais elementos do discurso paródico de tipo racista podem ser analisados no intuito de deformar racialmente o outro? 4) Em cotejamento, quais elementos são reaprendidos e reorientados para serem ressignificados pela OrBr para o Brasil? Essas indagações são primorosas na medida em que evidenciam, por intermédio de práticas da linguagem, pontos de vista alusivos ao supremacismo branco, que, no que lhe concerne, reclama um projeto de controle social racializado para o outro – negro, judeu, imigrante pobre, LGBTQIAP+.

Para justificar esta proposta, é válido retornar ao epígrafe localizado antes das palavras preambulares desta introdução. Em seu prefácio, o PNDH-3 enrobustece a perspectiva defendida nesta dissertação no que toca aos direitos intrínsecos à natureza humana, frisando-se, com esta reflexão, a proclamação da dignidade, justiça, equidade e liberdade como fundamentos para resistir ao autoritarismo. Nesse sentido, expecta-se contribuir às Ciências Humanas, Sociais e da Linguagem com especificidade para a teoria dialógica do discurso a partir da qual se possa suscitar novos elementos para pensar a relação entre as organizações de supremacismo branco e discursos das mídias digitais. Também, como é possível presumir, deseja-se, como contrapalavra ao ódio racial, promover valores dos direitos humanos. Essas duas frentes tão logo incumbem este pesquisador de uma responsabilidade ética, política e social.

Há de se levar em consideração, ainda, a relevância histórica desta pesquisa, porque revela a compreensão de um período cultural, político e econômico que constitui, semanticamente, enunciados produzidos por organizações que reivindicam o nazismo como projeto de sociedade. Nessa perspectiva, agregam-se fatos históricos, bibliográficos, além dos impactos da KKK e WLM no alistamento de novos membros.

É fundamental reconhecer que, ao pesquisar no Repositório de Teses e Dissertações da CAPES, articularam-se as palavras-chave “análise do discurso”, “neonazismo” e “mídias digitais” e não se encontrou nenhuma pesquisa com esta

proposta, a de investigar, denunciar e analisar, em nível internacional e nacional, o discurso de organizações neonazistas na área de Estudos da Linguagem.

Destarte, como objetivo geral, analisam-se, dialogicamente, os discursos da KKK e WLM com a finalidade de compreender seus estilos discursivos com o fim de perceber as imagens produzidas sobre o branco e o negro. Da generalidade à especificidade, objetiva-se: i) verificar a construção de cronotopos (espaço-tempo) internos e externos com o propósito entender o emprego de índices espaciais e temporais para avaliar os EUA; ii) examinar a constituição do discurso paródico racializado com o intuito a interpretar como seus espelhos semânticos deformam o outro; iii) indagar, em cotejamento, como os discursos da KKK, WLM são reaprendidos, reorientados e ressignificados pela organização brasileira OrBr para o cenário nacional com a intenção de identificar relações dialógicas expressas em suas posições extremistas. Com essas visadas, responde-se ao problema proposto na metodologia de pesquisa, pois elucida o funcionamento dessas organizações nas mídias digitais e pretensões no mundo da vida.

Esta pesquisa do campo dos Estudos da Linguagem propõe uma interface entre História, Relações Internacionais e Ciências Sociais. Por considerar vital esse diálogo transdisciplinar, trata-se aqui do passado dos EUA, visto que valores atinentes à escravidão negra são reivindicados por organizações de supremacismo branco. Mais do que isso, é pertinente demonstrar as relações internacionais havidas entre os EUA e o Brasil, porque constituem o sentido dos enunciados analisados, sobretudo aqueles advindos da OrBr, haja vista as medidas unilaterais acionadas por Jair Bolsonaro (2019-2022) em relação a Donald Trump (2017-2021). Estudos a respeito de relações raciais, minorias e condições econômicas possuem seu espaço nesta pesquisa à proporção que as organizações investigadas reivindicam políticas culturais baseadas na raça para a subordinação de um grupo racial dominante em desfavor de outro. Além disso, há de se ajuntar livros e artigos sobre o (neo)nazismo⁹.

Em relação aos pressupostos teórico-filosóficos, escolheu-se a análise dialógica do discurso que se fundamenta nas obras do grupo russo de intelectuais formado por dentre outros Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev e Valentin Volóchinov. Faça-se jus

⁹ Para Andrad e Heck (2016), neonazistas se apropriam de uma característica do nazismo clássico, o ódio a grupos racializados, tais como judeus, homossexuais e minorias étnicas, que, à época de Hitler, foram perseguidas. Uma distinção há de se notar nos ataques contra os nordestinos, tornando-se vítimas de ódio e agressão, seja física, seja moral, atribuindo-lhes a pecha de “sub-raça”, devido a questões atinentes à ordem econômica (ANDRAD, HECK, 2016, n.p.).

que esse grupo de intelectuais se constituía de variados pensadores que são estudados nesta dissertação ao tratar do contexto de resistência política e cultural à União Soviética sob os ditames do stalinismo. Afasta-se da terminologia “Círculo de Bakhtin”, cunhada pelo psicolinguista Alexei Leontiev, tendo em mente que institucionaliza Bakhtin como chefe carismático, construindo um mito monológico.

A propósito, a razão pela qual de se optar pela teoria dialógica do discurso é que existe uma potencialidade analítico-interpretativa que permite analisar o objeto-sujeito. Nesse viés, o enunciado, materializado em gênero discursivo, ao transitar pelo campo acadêmico-científico, é uma resposta a enunciados tanto manifestos no passado quanto no porvir do futuro, podendo ser finalizado apenas composicionalmente (MEDVIÉDEV, 2016). No ato de investigar, interação, dialogicamente, o pesquisador e o objeto-sujeito no cruzamento de pontos de vista, sendo importante para o processo de exotopia e empatia, pois o pesquisador movimenta-se de seu lugar na vida-como-evento em direção ao do objeto-sujeito para de seus olhos observar o mundo (BAKHTIN, 2017), o que, por evidente, não significa concordar com seus valores, haja vista que com eles se pode eticamente polemizar.

Para a construção metodológica, relevaram-se cruciais estes procedimentos: 1) caracterização e escolha das organizações; 2) observação e registro as interações discursivas nas páginas digitais; 3) esboço questões de pesquisa; 4) análise dialógica dos enunciados; e 5) escrita e apresentação dos resultados. De início, as organizações de ódio racial foram caracterizadas como neonazistas e, por conta disso, foram escolhidas para a presente pesquisa. No ato de investigar, as interações discursivas foram gravadas de maneira anônima e registradas pelo programa *OBS Studio*, já que suas páginas eram voláteis e, a qualquer momento, poderiam ser derrubadas ou excluídas por administradores. Depois disso, desenvolveram-se as questões de pesquisa, o que inclui os critérios para a seleção de enunciados a serem analisados. Por fim, apresentam-se os resultados finais sem que se esqueça que, no viés da teoria dialógica do discurso, o acabamento é, além de composicional, estético.

Como critérios para a delimitação dos enunciados, sobressai-se a relevância social dos temas, o potencial analítico-interpretativo e temporal. Nessa seara, a composição temática dos enunciados selecionados revela o compartilhamento de uma crença racista de superioridade/inferioridade racial, incluindo um projeto de (autos)segregação racial em nome de uma suposta pureza. O *corpus* foi coletado entre

os anos de 2020 e 2022, porque correspondem ao período do Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem do qual fazia parte este pesquisador.

Esses critérios justificam a apuração das organizações, porque, no movimento neonazista, a KKK é a mais antiga, já que surgiu em 1865 nos EUA – muito antes da Lei Áurea no Brasil. Em suas páginas, é possível encontrar camisetas a serem vendidas com a inscrição, em inglês, *Vidas Brancas Importam*. Ao buscar mais informações, descobriu-se que a WLM, a organização supramencionada, tinha inúmeras páginas e grupos no FB, de tal modo a hostilizar a população negra, doutrinar sobre o genocídio que a população branca estaria sofrendo e recrutar novos membros. No Brasil, a OrBr apreende e ressignifica esses discursos da KKK e WLM a evidenciar que, para esta dissertação, era necessário escolher essas três organizações, de maneira a denunciar e estudar seus discursos.

A bem de ocorrer ao auditório social desta dissertação no que tange à sua compreensão da integralidade da pesquisa, descrevem-se os capítulos porvindouros, demonstrando, nessa oportunidade, tópicos temáticos a serem abordados e sua progressividade lógica. Após haver a introdução, contempla-se o capítulo designado “A importância de polemizar mitos monológicos” no qual se lê sobre o cenário de resistência artístico-cultural referente à ditadura stalinista. Para tanto, percorre-se Kiev, Petrogrado, Leningrado, São Petersburgo, Moscou, Nevel, Vitebsk, Brest, Koktebeil na Crimeia, frisando-se a biografia de Bakhtin, Medviédev, Volóchinov e demais intelectuais com suas contribuições ao participarem de seu grupo. Esse percurso advoga pela ideia de se repensar a terminologia “Círculo de Bakhtin”, observando a importância de se democratizar a palavra.

Conseqüentemente, prossegue-se com o capítulo denominado “A revolução dialética e dialógica: contribuições para estudar o discurso e a linguagem”, que, em seus desdobramentos, circunscreve críticas de orientação metalinguística e marxista-sociológica atinentes ao positivismo das ciências linguísticas, uma vez que, nessa empreitada, é possível posicionar os pensadores mencionados em seu cenário intelectual e, a partir dele, ostentar, para o exercício do contraditório, seus conceitos. Por esse ângulo, refletem-se estas questões: i) sentidos entre arte, política e mídias em sua potencialidade e materialização verbivocovisual em signos do discurso interior e exterior; ii) construção estilística do enunciado e sua respectiva expressão no mundo da vida; iii) mundividência social de pontos de vistas e, com isso, a luta ideológica travada

em polêmicas abertas e veladas no discurso; iv) estilização paródica e seus espelhos deformantes. No fim, discute-se a metodologia e sua concepção dialógica, caminhando em direção ao debate sobre ética e responsabilidade ao pesquisar sobre terrorismo racial¹⁰ nas mídias digitais e sobre os cinco atos procedimentais que constituem a presente pesquisa.

No capítulo “Para onde iam os pássaros: um panorama histórico dos Estados Unidos da América”, o intento é escrever a respeito da colonização das terras que, mais tarde, foram chamadas de EUA. Séculos subsequentes, discorre-se sobre a Guerra Civil (1861-1865) na qual se tencionam exércitos unionistas e confederados, que, em seu término, contextualizou o surgimento da KKK em suas patrulhas noturnas com lençóis brancos para punir a população negra. Disso, chega-se à atualidade com a WLM a caracterizar o período em que racistas retiram seus mantos brancos, mas se protegem atrás das telas brancas dos monitores e celulares.

Com esse respaldo teórico, filosófico e histórico, o capítulo assinalado “Práticas de análise dialógica do discurso da *Ku Klux Klan* no campo das mídias digitais” analisa o discurso da KKK em suas páginas digitais, o que, a saber, percorre temas como a ideia de uma guerra racial branca contra negra na qual, em uma visão binária e fundamentalista, o bem precisaria exterminar com o mal, porque necessitaria atacar para preservar a linhagem racial. Decerto, essa organização alude as 14 palavras de David Lane, pois situa sua orientação política e cultural neonazista como referenciado. Nessa guerra, no outro lado da trincheira, haveria selvagens que representariam uma ameaça. Em relação a ele, seu corpo e visão de mundo são racial e parodicamente estilizados. Para acabar, perscrutam-se ecos valorativos do passado colonial e secessionista estadunidense que constituem a composição semântica dos enunciados concretos vistos.

Após, o capítulo indicado “Práticas de análise dialógica do discurso da *White Lives Matter* no campo das mídias digitais” analisa o discurso da WLM com que se constrói a ideia de um estado de guerra com trincheiras delimitadas para a resistência branca contra o avanço negro. Com efeito, essa organização salienta o sacrifício do branco pelas 28 palavras de David Lane com sua sanha pelo eugenismo racial. Há de se

¹⁰ Nos Estudos sobre Terrorismo, não há um conceito unânime sobre “terrorismo”, porque, se assim fosse, poderia ser usado por Governos para oprimir determinados grupos. Nessa perspectiva, para os fins desta dissertação, compreende-se “terrorismo racial” como a atividade social de organizações neonazistas ao propagarem a crença de que o branco estaria em extermínio por causa de grupos racializados (negros, judeus, imigrantes...). Mais do que isso, a pregação da eliminação do outro como resposta a crenças racistas aceitas no movimento neonazista.

perceber o patriotismo que (contra)atacaria forças inimigas da pátria “americana”. Ademais, estuda-se a estilização paródica e racial da WLM no que tange ao corpo negro. No fim, verificam-se ecos valorativos do passado colonial e secessionista que possuem sua festa de renovação de sentidos em enunciados observados.

No último capítulo titulado “Raça, pobreza e ordem racial: o novo projeto de escravização do supremacismo branco”, apuram-se as relações dialógicas entre os estilos discursivos da KKK e WLM, retomando, com efeito, as análises empreendidas no capítulo anterior. Em desdobramento, ainda, contextualiza-se a conjuntura das relações internacionais entre Brasil e EUA, pois, como se estabelece, dispõe-se de um movimento antropofágico, pautado pelas relações carnavais entre esses países, propiciando e legitimando a reapreensão, reorientação e ressignificação dos discursos das organizações supramencionadas pela OrBr. Sobre ela, analisam-se seus enunciados pelos quais se inferioriza a população negra e enaltece o neonazismo.

1. A IMPORTÂNCIA DE POLEMIZAR MITOS MONOLÓGICOS

Para as finalidades desta dissertação, assume-se a responsabilidade de participar de um tenso debate no campo dos Estudos da Linguagem no que tange ao alastramento de “mitos monológicos” (BRANDIST, 2012, p. 135) em torno do designado “Círculo de Bakhtin” (SÉRIOT, 2015, p. 21) por parte dos “bakhtinianos ortodoxos” (FIORIN, 2010, p. 36). Ao levar isso a cabo, torna-se valoroso compreender, antes de tudo, o contexto artístico-cultural soviético a influenciar a constituição de grupos de eruditos e eruditas que reclamavam a arte, a filosofia, a ciência na vida do povo na intenção mesma de fundar uma cultura proletária (FIGES, 2017). Do exposto, tem mérito epigrafiar o presente capítulo com as palavras de Osip Mandelstam, proeminente poeta russo, sobre a liderança ditatorial de Stalin, já que se parte do fato de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, dentre outros, terem respondido a esse regime em suas obras velada ou abertamente.

Relevando-se que, em nenhum momento, escuta-se a voz monológica de um líder carismático, e sim a de um Bakhtin professor, filósofo e pesquisador concretamente situado em certo tempo-espço, argumenta-se, nesse mesmo ensejo, mostrar-se crucial substituir a tradição terminológica encetada pelo psicolinguista Alexei Leontiev com o interesse de iniciar outra que possa de fato socializar a palavra.

Há a imprescindibilidade de se reconhecer as consequências enraizadas no que se denomina como “o problema dos autores”, porque, nos dias atuais, parte da comunidade acadêmica atribui autoria de obras de Medviédev, Kanaev e Volóchinov a Bakhtin, reproduzindo a crença de que esses primeiros teóricos são meros ventríloquos.

Desta feita, assinala-se que, historicamente, textos do designado “Círculo” são atribuídos unilateralmente à autoria de Bakhtin. Sim, mobiliza-se o advérbio “unilateralmente” de modo proposital, visto que, em tal caso, Medviédev e Volóchinov em nada teriam contribuído no que tange às reflexões sobre língua(gem) e discurso. Tratar-se-ia de pensadores ordinários sem muita importância que, a despeito de tudo o que se produziu em Leningrado na década de 1920, teriam se restringido a ser espectadores de seu cenário artístico-cultural e acadêmico.

Com seus desdobramentos, o presente capítulo é uma resposta aos/as “bakhtinianos/as ortodoxos/as” que insistem na hierarquização de pesquisas, assim como na crença da unilateralidade de um autor que teria escrito seus textos sozinhos. Não só isso: Medviédev e Volóchinov, e muitos outros/as intelectuais, teriam procedido como coadjuvantes no panorama soviético. Decerto, a base dessa doutrina é, veladamente, encoberta pelo que se enuncia aqui e acolá: “Ah, mas Bakhtin foi o que mais viveu e produziu” ou “Bakhtin foi o que mais produziu”. Todas essas vozes socioideológicas serão, pois, respondidas sistematicamente no andamento do capítulo.

Para tanto, caminha-se em direção ao contexto histórico, social e geopolítico da resistência artístico-cultural em várias cidades russas após a ascensão do regime de Stalin, tais como em Kiev, Petrogrado, Leningrado, São Petersburgo¹¹, Moscou, Nevel, Vitebsk, Brest¹², Koktebeil na Crimeia, de tal modo que se possa compreender o contexto de produção das obras do grupo de intelectuais sinalizado. Nessa época pós-revolução, Clark e Holquist (2008) recordam que a *intelligentsia* russa se entusiasmava no mesmo momento em que se horrorizava com os acontecimentos daquele cenário. Não por acaso, o antigo *establishment* cultural, com vínculos à religião, começou com um êxodo para outros países, o que se sucedeu próximo da data de 1923. Em contraste, a vanguarda de jovens pensadores esquerdistas propiciou a construção de uma nova hierarquia cultural, tendo em vista que os futuristas conquistaram cargos no Ministério

¹¹ De acordo com Figes (2017), essa cidade tinha o nome de São Petersburgo e, depois de iniciada a Primeira Guerra Mundial, trocou-se para Petrogrado, orientação eslava. Após a morte de Lenin, substituiu-se para Leningrado.

¹² Brest faz parte da Bielorrússia nos dias atuais.

da Cultura, além de reconhecimento social (CLARK, HOLQUIST, 2008), até porque se tinha por fito construir uma cultura, arte e ciência proletárias (FIGES, 2017).

Na tensão entre o novo e o velho na produção artístico-cultural, enfatiza-se a função ideológica de grupos de intelectuais que, a despeito da fome, pobreza e frio, propunham-se a reclamar a arte na vida cotidiana, uma vez que, bem como salientam Clark e Holquist (2008), esmeravam as massas mais pobres e sindicatos operários no sentido de promover alfabetização, música, cursos técnicos, peças literárias com alunos de escolas locais e debates filosóficos ao relento. Não era, pois, distinto com o grupo de intelectuais que tinha como membros Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Desses, sem com isso desmerecer os dois outros, merece destaque Medviédev, instigado pelas mazelas educacionais, socioeconômicas e ex-soldado na Guerra Mundial, tornou-se Reitor da Universidade Proletária e, ainda mais como lembra Sériot (2015), assumiu a chefia da Seção de Teatro e Educação Extramural do Comissariado de Instrução.

Além destes, poder-se-ia referenciar a disposição de Matvei Kagan, Liev Pumpiánski, Maria Yudina, Bóris Mikhailovitch Zubákin, Mikhail Tubianski, Ana Sergueiévná, Vladimir Zinoviévitch Ruguévitch, Lev Vasiliévitch, Ivan Sollertínskii. Com chás fortes para suportarem as noites gélidas, bem como para manterem a consciência, alguns desses pensadores e pensadora discutiam temas da filosofia e os de seu cenário intelectual, engajando, assim, uma pluralidade de cosmovisões e orientações ideológicas, o que salienta a ressonância de coletividade em sua produção. Uns mais e outros menos participavam de conferências, produziam ensaios, ministravam aulas, editavam revistas.

Passando por Nevel, Vitebsk e, por último, Leningrado, diferentes pensadores e pensadoras constituíram esse grupo de intelectuais. No passar do tempo, muitos discursos foram mobilizados em entorno de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Disseminou-se, assim como lembra Sériot (2015), a ideia de que Bakhtin teria reflexões totalmente originais *ab nihilo*; de que ele teria ideias que, unidirecionalmente, partiriam dele para Medviédev e Volóchinov; de que ele estaria a par das tendências dominantes da cultura soviética como um pensador “não oficial”.

Em 1967, de acordo com Sériot (2015), empregou-se a terminologia “Círculo de Bakhtin” pelo psicolinguista Alexei Leontiev, o que constrói, discursivamente, a perspectiva de um chefe carismático entorno do qual pensadores e pensadoras se reuniriam. Nesse sentido, é fundamental recobrar que, na realidade, a preocupação não

era a oficialização de um “Círculo” com um chefe, tal como os “bakhtinianos ortodoxos” poderiam presumir, mas, e isto é bem mais provável, a conjunção de variadas orientações ideológicas sobre os assuntos em debate na filosofia e demais campos de atividade humana.

Nos subcapítulos porvindouros, por fim, essa discussão será dividida nestas ramificações temáticas: i) a leitura em contexto a respeito do percurso de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov no cenário da resistência artístico-cultural da ditadura stalinista; ii) o questionamento da terminologia “Círculo de Bakhtin” e possíveis alternativas menos monologizantes; iii) a reivindicação de um viés democrático para o problema dos autores, reconhecendo-se, por certo, a ressonância coletiva em suas obras. Com toda a certeza, a propositura é participar de um debate social nos Estudos da Linguagem, de maneira a suscitar dessas reflexões contribuições. Não se trata, dessarte, de apresentar uma palavra oficial acerca do assunto em pauta. Dito isso, leia-se a seguir o subcapítulo referente ao período stalinista e a ele a resistência artístico-cultural na qual se insere Bakhtin, Medviédev e Volóchinov.

1.1. Bakhtin, Medviédev e Volóchinov: uma trajetória à época da ditadura stalinista

Paschoal (2021) recorda que a terminologia “Círculo de Bakhtin” consiste em considerar o percurso de intelectuais, cientistas e artistas que, no passar entre as décadas de 1920 e 1930, estabeleceram interfaces com espaços político, social e cultural. À vista disso, estuda-se, neste quadro, a resistência artístico-cultural frente à ditadura stalinista em várias cidades russas. Nesse contexto histórico, social e geopolítico, traça-se o percurso biográfico de membros do grupo de intelectuais constituído por Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, mas não só, pois se conhecerá outros membros que, embora menos conhecidos no Brasil, possuem suas contribuições e histórias.

Antes do stalinismo, havia o regime monárquico do *Tzar*, o que era cada vez mais desacreditado, pois, naquele período, o campesinato, que mal conhecia as obras de Karl Marx, compartilhava um horizonte político que pautava a luta contra os privilégios (FIGES, 2017). Com efeito, com o advento da Revolução Russa, os bolcheviques souberam aproveitar esses valores revolucionários em relação aos mais pobres que, no que lhe concernem, satisfaziam-se com a destruição dos mais poderosos e ricos da nação. Não por caso, como anota Figes (2017), as casas desses magnatas foram atacadas

e suas propriedades confiscadas pelos Guardas Vermelhos, bem como por outros grupos de trabalhadores armados.

Tendo em vista essas forças históricas, sociais e políticas que movimentaram a sociedade soviética, a *intelligentsia*, formada por grupos de intelectuais e artistas, respondia diversamente à palavra “revolução”, já que, como o deus Jano, com suas duas faces opostas, apontava tanto para o horror quanto para o entusiasmo. É válido frisar que, nesse cenário revolucionário profundamente tensionado, sucedeu-se uma migração por parte do velho *establishment* cultural, podendo-se mencionar o artista Viatchesláv Ivanov e Máximo Górkki, consoante Clark e Holquist (2008). Por conseguinte, os futuristas engajaram-se, inclusive, em cargos públicos. Não há como esquecer que o objetivo era fundar uma nova expressão artística, renegando-se o passado burguês (FIGES, 2017).

Clark e Holquist (2008) assomam o fato de ter havido uma expansão na educação universitária no período pós-revolucionário, o que se concretizou com respaldo do decreto de 1918 ao revogar um pré-requisito no processo de ingresso em universidades. Sobre o ensino superior, é importante ressaltar que novas instituições foram edificadas em províncias.

Sucedeu-se o Tratado Brest-Litovski, documento que, em consequência da Primeira Guerra Mundial, instituiu imposições à Rússia pelas Potências Centrais, o que propiciou uma guerra civil em territórios russos perdidos nesse acordo. Como contexto socioeconômico, a sociedade soviética presenciava a falta de alimentos e combustível, além da disseminação de doenças contagiosas como cólera, tuberculose e tifo, atingindo, com maior força, Moscou e Petrogrado. Em 1918, houve um inverno extremamente duro, pois Petrogrado estava abaixo da nevasca. “Em vez de pão, comiam pútrido, peixe seco e biscoitos feitos de cascas de batatas. O inverno seguinte não foi melhor. Os que viviam em prédios dependentes de aquecimento central morriam de frio” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 63).

Nesse quadro, mesmo com a excitação cultural, faltavam recursos, tais como o papel, o que era um revés para as publicações. Ainda assim, intelectuais pareciam sofrer menos, podendo-se, com isso, referenciar o feito a partir do qual o escritor e dramaturgo Máximo Górkki criou o Comitê de Melhoria das Condições de Vida dos Doutos cuja função era a de fornecer provisões extras a esse grupo. Esse escritor, a propósito, propôs-se a acudir eruditos em hospitais e abrigos.

No que tange às atividades culturais, grupos de eruditos encontravam-se com a intenção de realizar debates públicos, inclusive na Casa das Artes de Petrogrado, em que convergiam e divergiam orientações ideológicas. Em contraste, autoridades soviéticas, ao arrepio da lei, fiscalizavam esses grupos quando se reuniam, pois se concebia que poderia haver práticas sociais e discursivas contrarrevolucionárias. De maneira a se afastarem disso, os intelectuais migravam das grandes cidades, como Petrogrado e Moscou, para as províncias.

É relevante registrar que Kiev era uma cidade provinciana cujas condições propiciavam intercâmbios artístico-culturais e intelectuais, merecendo destaque o fato de nela ter residido o escritor Victor Chklóvski. Além dela, não se pode recusar a lembrança de Koktebeil na qual viveu Volóchin. Em Vitebsk, em que houve esse renascimento cultural, tinham residências Chagall e Malévitch. Nevel, a despeito de ser um tanto mais provinciano, também participava desse processo, porque congregava debates públicos e discussões filosóficas. Em razão do convite de Pumpiánski, viajaram para a cidade supracitada Bakhtin e Volóchinov com o fim de fugir da fome e frio de Petrogrado com suas fortes nevascas em 1918 (GRILLO, 2016).

A propósito, conjugaram-se dois grupos de eruditos em Nevel. De um lado, reuniam-se Vladimir Zinoviévitch Ruguévitch, um engenheiro, Valentin Nikolaiévitch Volóchinov e Boris Mikhailóvitch Zubákin, um maçom e místico. Considerando-se o documentado, Volóchinov tinha interesses em filosofia e história da música com especialidade para o estudo do piano, muito embora, devido a complicações da tuberculose, não pudesse praticar com esse instrumento. De outro, confraternizavam Mikhail Bakhtin, Lev Vasiliévitch e Maria Veniaminovna Iudina. Desses sujeitos, Pumpiánski “[...] era uma figura inquieta, mas inspiradora, estando sempre cercado de discípulos” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 66). Como discípula, havia Yudina que percebia a Revolução de Fevereiro com entusiasmo. Ela trabalhou, naquele momento, como professora de jardim de infância e, ainda mais, como professora de música durante o dia, pois, ao anoitecer, frequentava debates com seus camaradas.

Matvei Isaiévitch Kagan, figura que tinha função de orientação no grupo, possuía doutorado em filosofia por uma universidade alemã, além de várias publicações. Não restrito a uma única disciplina, ele estudou matemática, filosofia, ciências naturais e economia. No começo da Primeira Guerra Mundial, as autoridades alemãs lhe detiveram, já que, como conceberam, tratava-se de um estrangeiro de país inimigo,

prisão essa revogada durante o Tratado de Brest, consoante Clark e Holquist (2008). Esse filósofo participava de debates e conferências em Moscou e Petrogrado. Em Nevel, ele organizava cursos dirigidos para a juventude judaica, ministrava aulas em escolas locais, além de trabalhar no museu histórico da cidade.

Muito importante o que sintetizam Clark e Holquist (2008) no trecho a seguir acerca da missão desse grupo:

Tais eram, pois, as principais personalidades que se reuniam em Nevel após a Revolução. Este grupo dominava a vida intelectual e cultural da cidade. Por exemplo, um concerto sinfônico local foi aberto com uma palestra de Kagan, e uma noite de leituras literárias iniciou-se com uma preleção de Bakhtin. Este também proferiu a principal alocução na solenidade comemorativa da morte de Tchékhov, e **ele e Pumpiânski falaram, ao passo que Iudina tocou, numa reunião dedicada a Leonardo da Vinci. Bakhtin e Pumpiânski realizaram juntos uma montagem, ao ar livre, do Édipo em Colona, de Sófocles, usando um elemento de mais de quinhentos alunos das escolas locais, representação para a qual Iudina ajudou no arranjo da música.** Bakhtin deu palestras públicas sobre tópicos tão elevados como ‘O significado da vida’. A sonolenta Nevel respondeu com gosto a esta barragem de fogos’ (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 69, grifo nosso).

Interessante que se compreenda a missão desse grupo de eruditos e erudita: levar a arte, educação, filosofia, literatura e música para a classe mais carente. No que lhe concerne, Pumpiânski realizou 8 aulas no que diz respeito à cultura europeia, obtendo, como financiamento, recursos advindos do Departamento de Educação. Quanto a Bakhtin, fez muitas preleções em relação à literatura, à arte e à língua russa, inclusive em relação à encenação teatral e à história da literatura em conferências no Sindicato dos Artistas. Por igual, empenhou-se em ministrar cursos técnicos ao Sindicato dos Metalúrgicos. Clark e Holquist (2008, p. 71) ressaltam em continuidade que, certamente, essas práticas pedagógicas tinham a ver com altruísmo em um mundo melhor no sentido de que a arte, política, educação tivessem seu lugar na vida do povo. “Também queriam derrubar as barreiras entre arte e vida, removendo as paredes do teatro ou tirando a arte das sufocantes salas de concerto e dos museus onde usualmente residia como um acessório da burguesia” (CLARK, HOLQUIST, 2008, p. 73).

Ao se contrastar Nevel à Vitebsk, nota-se que essa última cidade era menos provinciana, porque tinha rotas para Moscou, Petrogrado e Brest. Para lá, foram Pumpiânski e Kagan na década de 1920. A par deles, Zubákin foi para Smolensk com o intuito de trabalhar no Instituto Arqueológico de Moscou. Para Petrogrado, foi Yudina. No que tange a Bakhtin, mudou-se para trabalhar como professor de literatura no

Instituto Pedagógico e como professor de história e filosofia da música no Conservatório de Vitebsk, o que foi possível graças “[...] às relações de Vološinov e Medvedev com os intelectuais locais e a administração comunal [...]” (SÉRIOT, 2015, p. 37).

Oportuno apontar que, com o recomeço dos encontros do grupo, Bakhtin continua com a redação de *Arquitetônica da responsabilidade* no qual se situam os textos *O autor e o herói* e *Por uma filosofia do ato*. De maneira análoga, pode-se referenciar *O autor e o herói na atividade estética*, *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*. Dele para Kagan, desenrola-se a escrita de *No curso da história: a partir dos problemas da história da filosofia*, *Paul Natorp e a crise da cultura*. A respeito de Pumpiánski, concebe o texto nominado *Dostoiévski e a antiguidade* e *Gogol*. Quanto a Zubákin, cria *O riso e a seriedade* e *Sobre o legado literário de Dostoiévski*. Por fim, Medviédev escreve *O páthos criativo de Aleksandr Blok*.

Sobre esse último teórico, formou-se em Direito, assumiu o cargo de Reitor da Universidade Proletária e lecionava no Instituto Pedagógico (SÉRIOT, 2015). Ainda mais, foi nomeado para a chefia da Seção de Teatro e Educação Extramural do Comissariado de Instrução. Tais instituições tinham como escopo a preocupação com a instrução das massas e companhas de alfabetização. Medviédev foi redator da Revista *Iskusstvo* (Arte) na qual ele e seu amigo Volóchinov publicavam textos científicos e literários.

Nesse período, a osteomielite se agravou em Bakhtin e, em vista disso, Volóchinov desempenha um papel importante, porquanto se muda para Vitebsk para acorrer seu amigo em 1921, além da própria companheira de Bakhtin, Elena Aleksandrovna. O próprio Volóchinov tem a oportunidade de conhecer sua companheira, a Nina Arkadievna Alekseievskaia. No entanto, Bakhtin, com sua doença óssea, é acometido pela febre tifoide, o que lhe requer uma operação na perna direita devido às complicações de seu quadro de saúde (CLARK, HOLQUIST, 2008).

Por falar nisso, a “[...] Rússia dos anos 1920 era um ‘caldeirão’ de ideias e fervores políticos e também de mudanças profundas em todos os campos de atividade intelectual” (GRILLO, 2016, p. 23) em que se observavam movimentos artísticos que tinham como mote uma renovação cultural e de pensamento. Esse grupo de intelectuais, inserido nessa incandescência intelectual, contextualizam-se nas “[...] origens

econômicas e políticas da Rússia czarista associadas às tentativas da classe dominante de ocidentalizar o país criaram uma *intelligentsia* sem fundações institucionais fixas [...]” (GRILLO, 2016, p. 23).

De Vitebsk a Leningrado, mais particularmente de 1924 a 1929, o grupo de intelectuais teve mais um membro, Kanaev, que publicou o texto *Hereditariedade: uma introdução para não especialistas* (1925) e *Vitalismo contemporâneo* (1926). Além dele, Volóchinov publicou *Para além do social: sobre o freudismo* (1925), *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926), *O freudismo* (1927), *As últimas tendências do pensamento linguístico no Ocidente* (1928) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). No que tange a Medviédev, publicou *O método formal ou o salierismo erudito* (1924) e *Sociologismo sem sociologia* (1926). Concernente a Bakhtin, publicou *O drama e poemas narrativos: Aleksandr Blok* (1928), *Puchkin: um ensaio histórico literário* (1928) e *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929).

Brait e Campos (2021, p. 22) salientam que, ainda, encontram-se várias palestras sobre literatura russa e poética sociológica:

A produtividade compreendida entre 1924 e 1929, independentemente das assinaturas, aponta para discussões e concepções do Círculo que dialogam com formalistas, marxistas ortodoxos, ideólogos, psicólogos e psicanalistas, a partir de um lugar em que a polêmica, sem ser destrutiva, constrói novos lugares epistemológicos. A poética sociológica, a resposta a teorias freudianas e o enfrentamento dos formalistas constituem formas de construção de uma filosofia da linguagem e da cultura, inaugurando uma concepção nova ao confrontar os estudos da linguagem, quer literária, quer cotidiana, visual, musical, corporal, científica (BRAIT, CAMPOS, 2021, p. 22).

Volóchinov, especialista em Metodologia da Literatura, é aceito no Instituto da História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e Oriente (ILIAZV), cujas leituras obrigatórias tinham base marxista, na condição de pesquisador colaborador em 1925. Ele tinha como orientador Vassili Desnítski. Grillo (2019) recorda que Volóchinov apresenta, em seus relatórios periódicos, atividades pedagógicas, para além do Instituto, ao ter ministrado disciplinas sobre teoria marxista, materialismo histórico e histórica da cultura material. Outrossim, ele participava de Laboratórios, tais como o Laboratório de Processo Literário, que tratava dos gêneros literários, e o Laboratório do Método de Criação da história marxista dos sistemas poetológicos. Também pertenceu ao Grupo de Literatura Antirreligiosa.

Com uma orientação distinta de seu amigo, Bakhtin foi preso em 1928 ao participar da organização Ressureição, marcada pelo socialismo cristão e dirigida por Aleksandr Meier (SÉRIOT, 2015; GRILLO, 2019). Depois, ele é enviado para Kustanai, no Cazaquistão, de modo a cumprir com o exílio. Como explana Sériot (2015, p. 43), Bakhtin é “[...] condenado a cinco anos de trabalhos forçados no sinistro campo de concentração das ilhas Solovki, no Mar Branco, pena comutada em seis anos de exílio em Kustanaj, no Cazaquistão, graças à intervenção de A. Lunacarskij, então Comissário do Povo para a Instrução”.

Naquele contexto, ao cumprir sua pena, Bakhtin leu livros enviados por Kanaev e, naqueles 6 anos em que lá permaneceu, escreveu o ensaio *O discurso no romance* (entre 1934 e 1935). Nesse período, morre Vaguinov e, também, Volóchinov nos seus 41 anos o qual sofria das complicações da tuberculose desde 1920, falecendo em um sanatório em 1936. Com efeito, ele não conseguiu finalizar a tradução do livro *A filosofia das formas simbólicas*, de Ernest Cassirer.

De 1936 a 1940, muito se sucedeu, porque Bakhtin, ao ter permissão para viajar para Leningrado, aproveita o ensejo para visitar antigas amigas como Yudina, Kagan, Medviédev e Zalieski. Enquanto isso, Medviédev indica Bakhtin como professor de literatura no Instituto Pedagógico, que, aliás, teve muitos entraves em sua vida, pois é obrigado a se demitir do Instituto Pedagógico em Saransk e, em 1938, sua perna é amputada. Com isso, residirá com sua companheira em Savelovo. A respeito disso, é um momento produtivo, pois publica *Da pré-história do discurso romanesco* (entre 1936 e 1938), *Formas do tempo e do cronotopo no romance: ensaios de poética história* (entre 1937 e 1938), *Rabelais na história do realismo* (1940), *Rabelais e Gógol: arte e discurso e cultura cômica popular* (1940) e *Epos e romance: sobre a metodologia* (1941).

Além da morte de Vaguinov e Volóchinov, Medviédev é executado pelo regime stalinista ao ser fuzilado depois de ser preso (MEDVIÉDEV, 2016). Quanto a Pumpiánski, morre de câncer em 1940. Em 1943, Tubianski morre em um campo de concentração por ter supostamente praticado atos contrarrevolucionários e Sollertínskii morre em 1944 de um ataque do coração.

Em 1945, Bakhtin voltou para dar aula no Instituto Pedagógico em Saransk e, com o passar do tempo, é promovido ao cargo de chefe do Departamento de Literatura Geral. Em 1952, no dia 2 de junho, ele recebe o atestado de concessão do diploma de

doutor em primeiro grau em Ciências Filológicas (PONZIO, 2018). Nessa época, obteve posição de direção da Cátedra de Literatura Russa e Estrangeira na Universidade de Saransk. Também escreve o ensaio *Os gêneros do discurso*. Na década de 1960, trabalhou na reedição de *Problemas da obra de Dostoiévski* e, em 1963, foi publicado com o título de *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD, doravante). Em 1965, publicou *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais*.

Em 1969, foi transferido para um hospital do Kremlin em Moscou e, depois, passa a habitar o asilo em Grivno. Entre 1973 e 1975, prepara uma antologia de ensaios chamada *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, mas que não viu a publicação, porque morreu em 1975. Em 1979, surge uma coletânea de ensaios que, juntos, formam a *Estética da criação verbal*.

Desde esse momento, as obras vêm sendo recebidas, multiplicadas e interpretadas, revelando que podem funcionar como surpreendentes bandeiras para diferentes contextos de recepção, como o do antiestruturalismo, antipositivismo, do *cultural studies*, das várias vertentes da Análise do Discurso (BRAIT, CAMPOS, 2021, p. 25).

Em vista dessa discussão, no cenário de resistência artístico-cultural sob o autoritarismo stalinista, observou-se brevemente o percurso biográfico de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Estudou-se que, em Nevel, Vitebsk e Leningrado, o grupo de intelectuais tinha como escopo trazer a arte, a educação, a política, a música e a literatura para a vida do povo. A preocupação não era bem a de estabelecer e institucionalizar um líder com sua autoridade ideológica, mas, sim, quando era viável, debater filosofia, dentre outros temas da época, e tomar chás fortes para suportar as noites frias. Depreende-se disso, aliás, que, detrás da terminologia apócrifa e tardia “Círculo de Bakhtin”, escondem-se muitos eruditos e erudita que, em seu tempo, produziram ensaios, participaram de conferências, ministraram aulas e cursos técnicos, assumiram cargos públicos, lutaram em guerras, foram presos, contraíram doenças, cada um com seu trajeto de vida. Sob essa reflexão, no próximo subcapítulo, critica-se a terminologia “Círculo de Bakhtin” com o fito de afrontar alguns argumentos que apoiam seu uso.

1.2. Repensando o “Círculo de Bakhtin”: por uma nova tradição terminológica

Sobre as ideias anteriormente debatidas, é fundamental lembrar que Bakhtin, ao dialogar com vozes e discursos de sua época, era mais um filósofo, professor e pesquisador concretamente constituído pela história russa. Na concepção de Brandist (2012, p. 137), conceitos, tais como heteroglossia/plurilinguismo/heterodiscurso¹³, gênero do discurso, forças de centripetação e centrifugação, possuem raízes na obra de Lev Iakubinski. Além disso, a de carnaval foi influenciada pela linguística marxista soviética. Nessa direção, Sériot (2015) destaca a influência do marxismo em Bakhtin por intermédio da interação com Medviédev e Volóchinov. Há de se observar, ainda, as reverberações da filosofia alemã e austríaca na obra desse filósofo.

Antes de mais nada, é nodal reconhecer a ressonância da coletividade na obra de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, mas não somente isso, porque o grupo era formado por diferentes eruditos e eruditas. Dentro dessa discussão, a especificidade de cada intelectual contribui para a generalidade, que é constitutiva do pensamento dialógico. O problema pauta-se no fato de, na recepção das obras, haver a hierarquização de pesquisas, ignorando-se justamente a especificidade de cada um. Tal é, a propósito, o que se discute neste subcapítulo.

A importância do que se escreve aqui se justifica na medida em que a obra desse grupo de pensadores configura uma resposta ao período histórico-político em que se situa, o stalinismo. Se o conjunto de livros desses eruditos é uma contrapalavra, esta dissertação vai na mesma direção ao ter como contrapalavra o discurso de organizações supremacistas, que tem um projeto autoritário de sociedade.

Mesmo que não fosse empregada por qualquer membro do grupo de eruditos e erudita, a terminologia foi mobilizada por Alexei Leontiev, “Círculo de Bakhtin”. A esse respeito, Sériot (2015, p. 28) frisa que essa escolha terminológica constrói a ideia de um “[...] chefe carismático de um grupo de estabilidade institucional reconhecida”. Nessa mesma direção, não se pode esquecer que Volóchinov, um exímio pesquisador do método marxista, transformou-se em um pseudônimo de Bakhtin e, mais do que isso, muitas das obras já citadas foram atribuídas a esse filósofo. Não havia, decerto, qualquer prova documental que a isso corroborasse, pois, embora munido de crença,

¹³ Se for feita uma leitura atenta nas obras de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, perceber-se-ia que, um mesmo conceito, pode ser apresentado mediante terminologias diferentes, pois as obras são traduzidas em espaços-tempos (cronotopos) distintos. Como exemplo, pode-se mencionar campo de atividade e esfera de atividade. Não poderia ser diferente com heteroglossia, plurilinguismo e heterodiscurso. Com a tradução de Paulo Bezerra do livro *Teoria do romance I: a estilística*, decidiu-se por “heterodiscurso” para designar a diversidade de discursos tentando aproximar-se do conceito pensado por Bakhtin nessa visada.

como a de Ivanov, o público-leitor do tal “Círculo de Bakhtin” acreditou que *Marxismo e filosofia da linguagem* de Volóchinov não fosse.

Para Brandist (2012, p. 135) há de se averiguar algumas ideias muito persistentes à luz disso:

Quatro variedades particularmente persistentes podem ser brevemente resumidas da seguinte maneira: 1) Bakhtin foi um pensador totalmente original que delineou todas as suas ideias *ab nihilo*; 2) Bakhtin cercou-se de mediocridades e havia um fluxo de ideias unidirecional a partir dele para Voloshinov e Medvedev; 3) Bakhtin foi um pensador ‘não oficial’ que escolheu ficar fora das tendências dominantes na esfera da cultura soviética e não foi fundamentalmente afetada por ela; 4) quando Bakhtin se viu compelido a engajar-se nessa esfera, o resultado foi ou a refutação ou a subversão interna, em vez de um engajamento sério (BRANDIST, 2012, p. 135).

Repare-se que, destarte, Bakhtin, ao ter sua produção lida e respondido por um determinado auditório social, é transformado em um pensador com ideias que brotariam do profundo de sua consciência sem com isso haver respaldo no universo verboideológico ao seu redor. Enquanto tal, essas ideias seriam totalmente suas, o que explicaria a ilusão de não ter sido influenciado por seus amigos eruditos e amiga erudita. Provaria, certamente, que ele estaria a par das tendências da cultura soviética. Devido a esses mitos monológicos, construídos pelo que se denomina como bakhtinianos/as ortodoxos/as, é que, ao revés de se empregar “Círculo de Bakhtin”, adotou-se “grupo de intelectuais” e, com efeito, fazem-se menções específicos aos pensadores e suas obras. É ousado, sim, já que vai de encontro com a produção científica brasileira, mas, a partir do estudo histórico e político dos pensadores e pensadora, considerou-se mais apropriado.

Em contraste, encontrou-se uma explicação intrigante que pode influenciar o emprego de “Círculo de Bakhtin”, pois o filósofo da linguagem teria sido o que mais “[...] produziu, sem dúvida, a obra de maior envergadura”, tal como afirma Faraco¹⁴ (2009, p. 13). De maneira a polemizar essa justificativa, pode-se responder não ser justo tampouco razoável usar esse argumento, haja vista que não haveria condições de Medviédev ser julgado com esse mesmo critério, pois, como se sabe, ele foi fuzilado pelo governo e seus arquivos destruídos. Muito menos, Tubianski que morreu em um

¹⁴ É importante observar que este pesquisador tem seu ato situado em certo espaço-tempo. De todo modo, para os fins desta dissertação, discorda-se da justificativa elencada a respeito do “Círculo de Bakhtin”, pois, como se argumenta, a terminologia empregada abrande as vozes dos demais teóricos, além de subalternizá-los. Neste novo espaço-tempo, defende-se ser preciso democratizar a palavra.

campo de concentração pelo que as autoridades soviéticas entenderam como práticas contrarrevolucionárias. Volóchinov morreu de tuberculose e Pumpiánski morreu de câncer.

Bubnova (2021) explica o movimento feito por pesquisadores no decorrer do tempo ao empregarem a terminologia “Círculo de Bakhtin”:

Trata-se de um daqueles textos da década de 1920 que, assinados por V. N. Voloshinov, P. N. Medvedev e I. I. Kanaev, foram atribuídos, em 1970, a Bakhtin. Desde então, esse texto, junto com uma série de outros livros e artigos, todos eles assinados pelos autores mencionados anteriormente, foi considerado como pertencendo à tradição ‘deuterocanônica’ ou ‘apócrifa’, de Bakhtin. Em 1996, V. Makhlin publicou ‘A palavra na vida e a palavra na poesia’, junto com outros, na série *Bakhtin sob máscara*, com comentários e argumentos que defendiam a autoria bakhtiniana. Atualmente, depois de toda uma série de trabalhos de pesquisadores ingleses – caso de Craig Brandist, David Shepherd e outros, de M. Lähteenmäki, de linguistas russos como V. M. Alpatov etc., a opinião geral se inclina a considerá-los trabalhos do ‘Círculo de Bakhtin’ ou, inclusive, dos autores que aparecem nas respectivas capas (BUBNOVA, 2021, p. 31-32).

Assume-se, pois, a posição de que “Círculo de Bakhtin” subalterniza as vozes de diversos membros, tais como Matvei Kagan, Liev Pumpiánski, Maria Iúdina, Valentin Volóchinov, Bóris Mikhailovitch Zubákin, Mikhail Tubianski, Ana Sergueiévná, Vladmir Zinoviévitch Ruguévitch, Lev Vasiliévitch, Pável Medviédev, Ivan Sollertínskii ao sintetizar o grupo de intelectuais a uma só voz, monologizando o debate dialógico de ideias. Insista-se que “Bakhtin e seu Círculo”, como se nele houvesse um líder, não é um termo que democratiza a palavra, muito pelo contrário. Nesse mesmo sentido, recusa-se o ventriloquismo em terminologias como “Bakhtin (Medviédev)”, “Bakhtin (Kanaev)” e “Bakhtin (Volóchinov)”.

Na condição de alternativas possíveis à terminologia de Leontiev, à guisa de conclusão, tem-se que não seria apropriado sequer o emprego de “Círculo de Nevel”, “Círculo de Vitebsk” ou “Círculo de Leningrado”, uma vez que o horizonte filosófico e conceitual construído por esses intelectuais não se restringe a essas cidades. Ao ilustrar alguns exemplos viáveis, pode-se ser mais genérico ou particular. Nessa perspectiva, emprega-se “grupo de intelectuais” em determinado contexto em que se compreenda a alusão ao Bakhtin, ao Medviédev, ao Volóchinov etc. Não seria custoso também mencionar o autor e sua respectiva obra como meio de referência. De todo modo, não se perde de vista que, em colaboração, construíram, no decorrer dos tortuosos tempos da União Soviética, um primoroso projeto filosófico que descamba para diferentes campos científicos e filosóficos.

2. A REVOLUÇÃO DIALÉTICA E DIALÓGICA: CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDAR O DISCURSO E A LINGUAGEM

Nas obras dos intelectuais russos, com especificidade para Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, são presentes críticas a vertentes científicas sob a influência do positivismo e formalismo, tais como a filologia, a estilística, a semiótica, a linguística e a semântica, que estudam a linguagem a partir de suas teorias e abordagens. Há, com a revolução dialógica em sua marcha dialética, uma nova concepção para pesquisador, teoria, objeto e abordagem, o que responde a esse cenário intelectual europeu ao contribuir para o estudo dialógico-dialético do discurso e a língua(gem). No desdobramento deste capítulo, há como finalidade apresentar críticas desses pensadores, de modo a evidenciar sua posição teórico-metodológica em seu panorama político, social, ideológico, econômico e artístico-cultural.

No que tange à metalinguística e à filosofia da linguagem, há de se reconhecer como contribuição o fato de a palavra se situar em dois planos: no da língua; e no do discurso. Somente assim, é possível, do repetível ao irrepetível, estudar a relação dialógica da palavra-minha com palavra-outra, que é, por natureza, bivocal ao fazer interagir dois contextos de entonação, linguagens, discursos, visões de mundo. Para as vertentes linguísticas criticadas, não há o que se examinar a esse respeito, pois, em termos metodológicos, a palavra se insere em um contexto monológico no qual não se responde a nada.

É diferente do que se obtém com as contribuições do marxismo-sociológico em que a palavra mobilizada para um projeto arquitetônico possui uma função ideológica (palavra burguesa, palavra proletária, palavra religiosa, palavra política, palavra literária) na sociedade de classes. Todo enunciado, que se situa em um campo de criação ideológica, responde a enunciados passados e antecipa futuros, o que é resgatado com a metáfora do deus romano Janus cujas faces olham para trás (pretérito) e futuro (porvir). Toda palavra é um signo ideológico por excelência ao refletir e refratar a realidade, estratificando, assim, novos sentidos.

Com a pesquisa brasileira, contemplam-se contribuições para sondar a potencialidade verbivocovisual da palavra devido à sua dimensão tridimensional. Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c) assinalam que, mesmo que não esteja sempre expressa, há de se atentar para essa potencialidade que constitui todo ato enunciativo, o

que é sustentado teoricamente por essas autorias ao resgatarem a tradição literária europeia. O termo “verbivocovisual” é empregado por Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c) com influência da Poesia Concretista brasileira. Coaduna-se com o viés de que todo signo ideológico possui uma encarnação material (cor, som, verbo...), servindo a diferentes funções ideológicas.

Para acrescentar a essa discussão, é pertinente verificar a construção estilística do enunciado, unidade real do discurso, que conjuga a forma – seleção, distribuição de palavras – e o conteúdo – composição temática. Com diferentes formas de autoria (romancista, sujeito do discurso, locutor...), há de se relevar sempre um auditório social com seu peso sócio-hierárquico, o que faz relevar o tom avaliativo. Da reação da palavra à palavra outra, observam-se, na “mundividência social” (BAKHTIN, 2018, p. 220), uma luta ideológica no/pelo dialogismo polêmico. A esse respeito, Silva (2019) trata a polêmica dialógica como ética, pois, ao revés da indiferença, dois mundos se chocam e os valores entram em conflito, o que consiste em considerar um envolvimento emocional.

Na interação entre o eu/tu, pode-se parodiar como o outro vê, fala e pensa. Nessa perspectiva, com a criação de espelhos deformantes, já que alongam e diminuem o outro, as direções semânticas da palavra outra vão para outro rumo na intenção de provocar riso. Para os fins desta dissertação, a parodização será compreendida como movimento discursivo do racismo recreativo¹⁵, visto que, com espelhos que refletem e refratam o outro, a população negra, LGBTQIAP+, latino-imigrante e judia são desumanizadas ao serem inferiorizadas. O riso é uma resposta por parte do auditório racista ao sentir simpática pelo discurso de ódio racial.

Em suma, tal é o fundamento da presente dissertação antes de se passar para os contornos históricos dos EUA em que a teoria dialógica do discurso também se materializa para o discernimento da sucessão de eventos históricos que, nos dias de hoje, reverberam valores ideológicos na vida dos discursos das organizações KKK e WLM.

De início, como primeiro subcapítulo, em “Críticas ao positivismo e ao formalismo na ciência”, abordam-se críticas às ciências linguísticas sob a influência do positivismo e formalismo a partir da obra de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, o que é

¹⁵ Salienta-se que o conceito “racismo recreativo” é com base no pensamento de Moreira (2020) que faz uma análise importante do cenário brasileiro.

oportuno, porque apresenta conceitos nodais desses teóricos russos para estudar o discurso e da linguagem. Desse modo, essa discussão tem pertinência ao localizarem em seu panorama intelectual.

Por conseguinte, em “Enunciados potencialmente verbivocovisuais no discurso das mídias digitais”, estuda-se a tridimensionalidade da linguagem dos enunciados ao estarem contextualizados nos discursos das mídias. Assim, ao se analisar o objeto desta dissertação, observa-se que linguagens verbal, visual e vocal são mobilizadas para projetos arquitetônicos das organizações em sua comunicação discursiva.

Após isso, em “Construção estilística do enunciado: vivência e expressão”, teoriza-se a construção do estilo do enunciado a partir de seus elementos constituintes, o que expressa a individualidade de cada locutor das organizações supremacistas investigadas. Com efeito, averigua-se de que maneira forma e conteúdo são empregados em seus discursos.

Depois, em “Mundividência social e a luta ideológica pelo dialogismo polêmico”, verifica-se que a teoria dialógica do discurso permite perscrutar uma mundividência de pontos de vista que convergem e divergem em uma luta ideológica. Diante disso é que se enfoca no conceito de dialogismo polêmico, pois no encontra da palavra há sempre tensão.

Para finalizar, em “Estilização paródica e seus espelhos deformantes”, avalia-se a proposta atinente à estilização paródica, porque, com seus espelhos semanticamente deformantes, alonga-se e diminui-se o outro. Na análise dos enunciados, compreende-se que, para ensejar o riso, racistas ridicularizam e inferiorizam o negro e o judeu.

2.1. Críticas ao positivismo e ao formalismo na ciência

Tendo em vista a profícua discussão sobre o contexto histórico e político dos membros do grupo de intelectuais em referência, a saber, o de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, mas também de muitos outros, é interessante raciocinar acerca do modo pelo qual esses teóricos russos responderam ao seu contexto intelectual, de maneira a identificar o diálogo tenso daquele momento. Neste subcapítulo, pretende-se, objetivamente, entender algumas críticas dirigidas a ciências linguísticas, como à filologia, à estilística, à semântica e à linguística moderna, sob a influência do positivismo e formalismo, porque, ao fazê-las, introduz-se, para os fins da presente

dissertação, o que se compreende por linguagem/língua, discurso, relações dialógicas, enunciado, palavra como signo ideológico, construção estilística e suas repercussões sintáticas e semânticas no discurso.

De se notar as importantes reflexões realizadas em PPD, pois criticam as tendências monologizantes que pautam o romance, que é, do ponto de vista da teoria dialógica do discurso, um enunciado da comunicação discursiva literária. Para Bakhtin (2018), autor da aludida obra, o escritor russo Fiodor Dostoiévski construiu, com respaldo de um método artístico e procedimentos que lhe servem de base, o romance polifônico. Com efeito, postula uma nova visão artística de mundo. Há, a esse propósito, personagens na condição de pessoas livres, ideólogas e com suas consecutivas concepções filosóficas, particularmente porque o romance polifônico propicia condições para que as personagens possuam certa independência no tocante à instância de narração/enunciação e, ainda, à instância autoral.

Ao se ler as obras *Irmãos Karamazov* e *Crime e castigo*, ambas lavradas por Dostoiévski, o grande diálogo do romance torna evidente a análise empreendida por Bakhtin (2018a) no PPD, decerto porque, como muito bem pontua Costa (2018, p. 150-151), o “[...] narrador não fala sobre a personagem, mas com a personagem, porque o saber do narrador não é superior ou absoluto diante do fazer da personagem”. É que, no processo de narrar, não há o que se escrever acerca de uma voz que objetive a um servilismo em relação às vozes das personagens, pois, na interação discursiva, há de se avaliar, com o método polifônico e os procedimentos de imiscibilidade, interdependência e equipolência de vozes, um diálogo constituído entre o que é dito e do que não é dito em que participam personagens, narrador e autor-criador. A “[...] multiplicidade de centros-consciências não reduzidos a um denominador ideológico” (BAKHTIN, 2018a, p. 17).

O romance é dialógico nessa visão filosófica, artístico-literária e discursiva. Em seu entendimento, Bakhtin (2018a, p. 47) afirma que as relações dialógicas podem ser identificadas entre “[...] todos os elementos da estrutura romanesca [...]”. Nessa oportunidade, o filósofo russo explica que esse fenômeno é mais amplo que os diálogos entre as personagens composicionalmente expressos na obra, pois “[...] são um fenômeno universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (BAKHTIN, 2018a, p. 47).

Ainda sobre a visão dostoiévskiana, Bakhtin (2018a) assevera que a personagem não é percebida com traços monossignificativos e suas identificações típico-sociais e caracterológico-individuais como reflexo de uma imagem acabada e pronta, mas, sim, como “[...] ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, como posição racional e valorativa do homem relação a si mesmo e à realidade circundante” (BAKHTIN, 2018a, p. 52). Aliás, para dar robusteza a essa questão, no que compete à construção da imagem da personagem e seu perfil sociocaracterológico, transcrevem-se as palavras do filósofo russo num trecho mais adiante:

Por conseguinte, não são os traços da realidade – da própria personagem e de sua ambiência – que constituem aqueles elementos dos quais se forma a imagem da personagem, mas o valor de tais traços para ela mesma, para a sua autoconsciência. **Em Dostoiévski, todas as qualidades objetivas estáveis da personagem, a sua posição social, a tipicidade sociológica e caracterológica, o *habitus*, o perfil espiritual e inclusive a sua aparência externa – ou seja, tudo de que se serve o autor para criar uma imagem rígida e estável da personagem, o ‘quem é ele’ –, tornam-se objeto de reflexão da própria personagem e objeto de sua autoconsciência; a própria função dessa autoconsciência é o que constitui o objeto da visão e representação do autor** (BAKHTIN, 2018a, p. 53, grifo nosso).

Em consonância com o método polifônico na obra dostoiévskiana, a voz do autor-criador e a do narrador centram-se na inacabada consciência da personagem sobre si mesma com seus pontos de vista possíveis, certamente porque, nessa perspectiva artístico-literária e filosófica, a totalidade dos pontos de vista do autor-criador e narrador transformam o seu “excesso de visão” em matéria de autoconsciência e autoenunciação. “A personagem se torna relativamente livre e independente, pois tudo aquilo que no plano do autor a tornara definida, por assim dizer sentenciada, aquilo que a qualificara de uma vez por todas como imagem acabada da realidade [...]” passa a funcionar “[...] como material de sua autoconsciência” (BAKHTIN, 2018a, p. 58).

É interessante de se atentar para o fato de que a interação discursiva entre as personagens está filiada à filosofia dialógica da linguagem. Há sempre uma imagem refratada de uma personagem sobre a outra, dado que, em relação umas com as outras, escutam as palavras alheias e conhecem seus pontos de vista. Tendo em vista a nova posição do autor-criador no romance polifônico, trabalha-se com a palavra da personagem sobre si mesma e sobre o seu mundo, permitindo que esses pontos de vista se revelem em sua plenitude e autonomia sem as conclusivas avaliações do autor-criador (BAKHTIN, 2018a). Nesse cenário, as vozes de fato possuem uma função

importante na obra romanesca enquanto convicções ou pontos de vista sobre o mundo das personagens (BAKHTIN, 2018a).

Nesse sentido, a posição artística e filosófica do autor-criador é uma posição dialógica. “Para o autor, o herói não é um ‘ele’ nem um ‘eu’, mas um ‘tu’ plenivalente, isto é, o plenivalente ‘eu’ de um outro (um ‘tu és)’” (BAKHTIN, 2018a, p. 71). Como lembra esse filósofo da linguagem russo, Dostoiévski luta contra a coisificação humana e de suas (inter)relações no capitalismo. Por isso mesmo que, na forma e no conteúdo do romance polifônico, a personagem não ocupa a posição de um “ele” coisificado e, monologicamente, objetificada como um ser inanimado para a qual o autor-criador, com sua atividade dialógica, não poderia se mover, empaticamente, de sua posição, nem tampouco pressupor uma resposta. Faz, assim sendo, muito sentido o que se assevera a seguir:

Desse modo, a liberdade do herói é um momento da ideia do autor. A palavra do herói é criada pelo autor, mas criada **de tal modo que** pode desenvolver até o fim a sua lógica interna e sua autonomia enquanto palavra do outro, enquanto palavra do próprio herói. Como consequência, desprende-se não da ideia do autor, mas apenas do seu campo de visão monológico. Mas é justamente a destruição desse campo de visão que entra na ideia de Dostoiévski (BAKHTIN, 2018a, p. 74, grifo nosso).

Em contraposição a isso, Bakhtin cita o conto *Três mortes* de Tolstói, pois, ao retratar a morte e a vida de uma senhora rica, um cocheiro e uma árvore, analisa que não é possível haver entre essas personagens relações dialógicas, muito embora tenham relações causais entre si. Tendo em mente essa questão, uma personagem não entra no campo de visão da outra, descambando para o fato de não haver assim mesmo uma imagem refratada uma da outra, pois nada sabiam entre elas. A par dessas relações entre as personagens, a posição artística do autor-criador não é polifônica-heterofônica, mas monológica-monofônica. De seu campo de visão, ele, o autor-criador, conhece tudo, avalia e confronta as três vidas e três mortes. Uma personagem não pensa a sua vida a partir de outra vida, nem sua consciência a partir de outra, porque só pode compreender o seu mundo. A ideia do autor possui uma função todo-elucidativa do mundo representado como tom ideológico pessoal do próprio autor. Nesse contexto, a narração a ser conduzida pelo autor, narrador ou personagem não pressupõe uma posição em um mundo com sujeitos com plenos direitos, mas de objetos. A esse respeito, há de se atentar que:

Dostoiévski não trabalha com imagens objetivas de pessoas, não procura discursos objetivos para as personagens (características e típicas), não procura palavras expressivas, diretas e conclusivas do autor; procura, acima de tudo, palavras para o herói muito ricas de significado e como que independentes do autor, que não expressem caráter (ou a tipicidade) do herói nem sua posição em dadas circunstâncias vitais, mas a sua posição ideativa (ideológica) definitiva no mundo, a cosmovisão, procurando para o autor e enquanto autor palavras e situações temáticas provocantes, excitantes, interrogativas e veiculadoras do diálogo. Nisso reside a profunda originalidade no processo artístico em Dostoiévski. Estudar sob essa ótica os rascunhos do romancista é tarefa importante e interessante (BAKHTIN, 2018a, p. 46).

Aliás, isso dá base para o próprio monólogo da personagem que, no mundo polifônico e dialógico, é como se discutisse com outras vozes de outras personagens presentes ou presumidas.

O monólogo interior dialogado de Raskólnikov, cujos extratos citamos, é um magnífico protótipo de microdiálogo; nele todas as palavras são bivocais, em cada uma delas há vozes em discussão. De fato, no começo do extrato, Raskólnikov recria as palavras de Dúnia com as entonações apreciadoras e persuasivas dela e às entonações da irmã sobre põe as suas entonações irônicas, indignadas, precautórias, ou seja, nessas palavras ecoam simultaneamente duas vozes, a de Raskólnikov e a de Dúnia. Nas palavras seguintes ('E note-se que ainda tem Ródyá, o magnífico Ródyá, o primogênito!', etc.) já ecoam a voz da mãe com suas entonações de amor e ternura e simultaneamente a voz de Raskólnikov com suas entonações de uma ironia amarga, de indignação (provocada pelo sacrifício) e de um melancólico amor recíproco. Em seguida ouvimos nas palavras de Raskólnikov a voz de Sônia e a de Marmieládov. O diálogo penetrou no âmago de cada palavra, provocando nela luta e dissonância de vozes. É o microdiálogo (BAKHTIN, 2018a, p. 85).

Isso ocorre porque a concepção de ideia consiste em relevar um terreno interindividual e intersubjetivo em que participam as personagens na situação de interação discursiva na perspectiva dialógica. Nesse entendimento, uma ideia se constitui na resposta de vozes e outras posições-como-discurso, visto que não se trata, por exemplo, de uma "ideia avaliativa de ninguém" mecanicamente posta na boca de uma ou outra personagem. Essa compreensão vai de encontro com os princípios do monologismo naquele conto de Tolstói, porquanto o autor é o único que sabe. Uma vez que somente ele é ideólogo, as ideias têm a marca da individualidade do autor, com acento ideológico único, uma monotonia ideológica. Como lembra Bakhtin (2018a, p. 98), "O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros. É no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia".

Dostoiévski não criava as suas ideias, mas as sondava dos diálogos de sua época, da própria realidade, as ideias-força de sua época. Ele captava as relações dialógicas entre as vozes do grande diálogo de sua época. Para os romances, ele escutava as vozes dominantes oficiais e, ainda mais, as não oficiais, ideias fracas, futuras concepções de mundo, vozes-ideias do passado. Na obra, polemizavam ideias-vozes-posições do passado, presente e futuro conforme muito bem lembra Bakhtin (2018a).

Nessa perspectiva, o estudo do discurso, a integralidade viva e concreta da língua, ultrapassa os limites da linguística. Para Bakhtin (2018a), linguística e metalinguística¹⁶ estudam o discurso, fenômeno concreto e multifacetário, mas sob diferentes abordagens. São objetos da metalinguística as relações dialógicas, as quais determinam as particularidades da construção da linguagem, o que seria impossível para a linguística, porque trabalha com os elementos do sistema da língua como palavras no dicionário, morfemas e gramemas. Ainda segundo ele, a linguística só conhece a forma composicional do diálogo com seus esquemas de citação na obra ao explorar suas particularidades sintáticas e léxico-semânticas no plano da língua e não como unidades do discurso, a réplica.

Bakhtin (2018a) defende também que as relações dialógicas são extralinguísticas, embora não possam ser suprimidas do campo do discurso, a língua como fenômeno integral concreto. Ele afirma que a linguagem possui relações dialógicas, o que não poderia ser estudado de um ponto rigorosamente linguístico, independentemente do campo de emprego (linguagem política, cotidiana, artístico-cultural, científica...), porque se constitui na comunicação dialógica. No prosseguimento dessa discussão, Di Fanti (2003) verifica o seguinte com respaldo da teoria dialógica do discurso:

As observações precedentes são fundamentais para a compreensão do princípio dialógico da linguagem que se constitui por uma abordagem social que lhe é própria, um “compartilhar com o outro” que exclui qualquer possibilidade de abordagem individualista, pois se instaura na língua como um processo interacional, realizado na enunciação. **Por conseguinte, tratar do dialogismo é, por um lado, descartar qualquer possibilidade de limitação e redução de sentidos, e, por outro, preservar as ressonâncias de outros ditos, já-ditos e/ou não-ditos na linguagem.**

¹⁶ É interessante nesse sentido escutar a voz de Ponzio (2010, p. 82): “A respeito da semiótica do código, a reflexão de Bakhtin voltada para definir o signo em geral e a natureza propriamente signica da palavra, poderia, por analogia com a ‘metalinguística’, ser caracterizada como ‘metasemiótica’, ou, considerando o título do livro publicado em 1929 sob o nome de Voloshinov, como ‘filosofia da linguagem’ (*filosofija jazyka*)”.

Os sentidos, a partir da abordagem dialógica, projetam-se como efeitos, sendo assim, irreduzíveis a uma só possibilidade, apesar de em determinados contextos enunciativos haver sentidos predominantes. Com isso, os efeitos de sentidos existem a partir de construções discursivas, das quais o sujeito “não é a fonte de seu dizer”, uma vez que se constitui, de modo dinâmico, com a instituição histórico-social. **Em outras palavras, o sujeito e os sentidos constroem-se discursivamente nas interações verbais na relação com o outro, em uma determinada esfera de atividade humana.** (DI FANTI, 2003, p. 98, grifo nosso).

É interessante a ressalva de que as relações dialógicas não podem ser reduzidas aos temas da morfologia (morfemas, gramemas, classes de vocábulos) e aos da sintaxe (concordância verbal e nominal, regência, orações subordinadas e coordenadas, sinais de pontuação). “Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas” (BAKHTIN, 2018a, p. 209), ganhando um autor cuja posição no enunciado se expresse. Aliás, se todo enunciado possui um autor-criador, não se conhece por vezes nada sobre o autor-real, fora do enunciado, levando em consideração que o enunciado pode ser obra de uma organização de pessoas, mas se tem nele uma posição para qual se pode reagir dialogicamente.

Em vista disso, uma palavra como signo pode ter relações dialógicas desde que expresse a posição semântica de outro, o que se estende a estilos de linguagem enquanto posições semânticas de sujeitos. Frise-se: podem ocorrer relações dialógicas entre fenômenos conscientizados desde que expressos em uma matéria sígnica, como na arte. No entanto, ao se pensar em um enunciado verbal, as relações dialógicas são impossíveis sem as relações lógicas e concreto-semânticas. Assim, complementam-se campos da língua e do discurso. A linguística desconhece o discurso bivocal do herói, devendo-se, destarte, articular-se com a metalinguística.

No contexto monológico, além da linguística, insere-se a lexicologia que conhece somente o contexto da língua, não do discurso, porque tem como objeto a orientação direta e imediata da palavra, sem o contexto do outro – quer dizer, a palavra-discurso duplamente orientada com seus fins semânticos –, o que é também desprezado pela estilística e semântica tradicionais. Ao se ir além disso, menciona-se, a partir da teoria dialógica, o discurso de estilização paródica no qual se constrói semanticamente espelhos deformantes do outro e o estilo do outro ver, falar e pensar.

A partir dessa concepção de linguagem e discurso, acrescentam-se as críticas de Medviédev (2016, p. 57) a respeito do que ele chama de “linguística positivista” e da

“história da língua dos neogramáticos” que objetivam reduzir a criação ideológica (por exemplo, a criação da literatura, das artes...) às leis da natureza, já que ignoram “[...] a união social e a lei do mundo ideológico”. Aliás, ele critica o fato de que os elementos da forma poética, tais como o som, palavra, imagem, ritmo, composição e gênero, a temática e estilo artístico, eram estudados de forma imanente mediante método apoiado na linguística.

Sobre ela, quando se desenvolve o conceito de língua e seus elementos, como sintaxe, morfologia, léxico e outros, há uma distância em relação às formas concretas de organização dos enunciados e suas funções socioideológicas (MEDVIÉDEV, 2016). Tal como Bakhtin (2018a), o teórico da literatura ressalva a importância da linguística, porque dela se tem o conceito de língua como sistema, uma vez que é importante estudar as funções da sintaxe, morfologia etc., em vários tipos de enunciados artístico-literário, cotidiano, político, científico, confluindo com a posição de seu amigo. Certamente que, de sua parte, Medviédev (2016) pensa em uma poética sociológica com método marxista para o estudo dos enunciados literários ou extraliterários.

No que se refere ao texto de Iakubinski nominado *Sobre a combinação poética dos glossemas*, Medviédev (2016) critica a análise estritamente linguística produzida a partir da obra literária. Iakubinski, assim como lembra Ivanova (2015), privilegiou o estudo fonético, já que tal teórico compreende que uma obra poética seria intencionalmente orientada para os fonemas e morfemas (MEDVIÉDEV, 2016). Sobre essa discussão, que não se restringe ao enunciado poético, já que diz respeito ao monologismo unilateral da linguística, o teórico da literatura se posiciona da seguinte maneira:

É necessária uma análise minuciosa e complexa dos vários tipos de manifestações discursivas e das formas correspondentes do enunciado em todas as esferas da comunicação e da prática cotidiana para que seja possível falar sobre as funções da língua em um ou outro tipo da construção comunicativa. Nesse caso, será necessário considerar, constantemente, todas as particularidades sociais dos grupos que estão se comunicando, bem como toda a complexidade concreta do horizonte ideológico (conceitos, crenças, costumes, e assim por diante), nos limites do qual é construído cada enunciado cotidiano (MEDVIÉDEV, 2016, p. 152, grifo nosso).

Assim sendo, compreende-se que a linguística positiva, com seu conceito de língua de seu período intelectual, tinha objetivos teóricos e práticos que, com seus procedimentos, abstraía as particularidades de enunciados cotidianos e poéticos. Em contraste com isso, Medviédev (2016) defende que todo enunciado voltado para o outro

(um ouvinte, um leitor, um interlocutor) seja analisado em determinada situação de comunicação social, tendo-se em conta as particularidades sociais dos grupos que estão se comunicando.

Para continuar essa discussão, Volóchinov (2018, 2019) também participa desse debate a respeito da construção da língua(gem) e do discurso e a importância dos campos de comunicação ao exercerem influência nos enunciados concretos em relações dialógicas, visto que contrastam posições semânticas de sujeitos, o que expressa vários centros ideológicos com a marca de diferentes individualidades. Registrou-se que Bakhtin (2018) enfoca-se em uma crítica à construção da palavra-discurso para as ciências da lexicologia, semântica e estilística ao não reconhecerem sua natureza bivocal, isto é, a palavra sobre a palavra, como unidade lexical que pauta um embate de grupos sociais, já que se insere em um contexto monológico.

Medviédev (2016) deteve-se na linguística positivista que possui seus objetivos teóricos e práticos orientados para a abstração dos enunciados cotidianos, políticos, artístico-literários, o que subtrai a palavra do que Bakhtin chama de “comunicação dialógica”. Por isso mesmo é que Medviédev (2016) critica um artigo de Iakubinski que parte da fragmentação do discurso em fonemas e morfemas como procedimento para trabalhar com o sentido da obra literária. Logo, o teórico da literatura propõe uma poética sociológica com base marxista e passa por temas, como o da ciência das ideologias, em caráter concreto e material no mundo ideológico, para os estudos literários, observando o reflexo do horizonte ideológico na estrutura artística na obra literária.

Volóchinov (2019) contextualiza as influências do positivismo na linguística e, para isso, critica vieses físico-psicológico-fisiológicos para o estudo da língua como objeto específico. Nessa perspectiva, haveria “[...] dois sujeitos psicofisiológicos distintos, e um conjunto físico e sonoro que se realiza na natureza, de acordo com as leis da física” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 148). Para estudar o fenômeno da língua, tão logo, há de se inserir o falante, ouvinte e a entonação na situação social, o que consiste em considerar uma esfera de comunicação social organizada em uma dada coletividade linguística. A partir disso, esse viés físico-psicológico-fisiológico pode ter relação com a língua-discurso (linguagem), já que, tal como lembra Volóchinov (2019, p. 149), dois “[...] organismos biológicos nas condições de um meio puramente natural não gerarão nenhum fato discursivo”.

De suas críticas, merece destaque às que são feitas à linguística de Saussure e a de seus alunos, Charles Bally, Albert Sechehaye e Antoine Meillet. Volóchinov (2019) reconhece que se distinguem a linguagem, a língua como sistema de formas e o ato individual discursivo visto como a fala. “A língua (no sentido de sistema de formas) e o enunciado são elementos que compõem a linguagem, compreendida como um conjunto de todos os fenômenos – físicos, fisiológicos e psicológicos – que participam na realização da atividade discursiva” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 159). Para a linguística, a língua seria o objeto em oposição à fala-enunciado, que ficaria à margem. A isso, Volóchinov (2019, p. 160) denomina como *proton pseudos* (falsa premissa) de Saussure.

De fato, Saussure (2021) é um linguista que, ao averiguar metodologicamente a linguagem, subdivide-a em língua concebida como homogênea e a fala como heterogênea. Nessa linha, o sistema da língua é analisado com respaldo de duas perspectivas temporais, são elas: a diacronia em que se perscruta o conjunto de mudanças havidas em certo tempo-espaço; e a sincronia na qual se examina o sistema estático em determinado tempo-espaço. Para fazer jus a Saussure (2021), é necessário contradizer Volóchinov (2018, 2019) em um aspecto: a língua como sistema na concepção saussuriana releva os princípios de mutabilidade e imutabilidade, porque sofre mudanças ao ser utilizada por comunidades de falantes¹⁷. Ressalve-se que o linguista soviético, Volóchinov, parece observar a concepção saussuriana de língua como petrificada.

A ideia resgatada por Medviédev (2016) sobre “sistema” é enunciada por Volóchinov (2019, p. 164) “[...] produto de reflexão sobre a língua, realizado não pela consciência do próprio falante e de modo algum visando a fala imediata”. Sobre isso, ele postula que o falante se volta ao enunciado e à significação nova e concreta do contexto, não para a realidade linguística como sinal constante e invariável.

Ao se inclinar pelo que é escanteado pela linguística de Saussure, Volóchinov (2019) trata da compreensão que não se reduz ao reconhecimento da realidade linguística do enunciado. “Não, no geral a tarefa da compreensão não se reduz ao reconhecimento da forma usada, mas à sua compreensão em um contexto concreto, à compreensão da sua significação em um enunciado [...]” (VOLÓCHINOV, 2019, p.

¹⁷ É interessante ter em mente a posição de Flores e Teixeira (2017) sobre o linguista genebrino, Saussure, colocando-o em uma posição de importância para os estudos da enunciação na linguagem devido a suas contribuições epistemológicas, muito embora ele não seja uma linguista da enunciação.

164). Para o linguista soviético, um dos erros mais graves do “positivismo naturalista da linguística”, como pontuaria Medviédev (2016), é justamente a ruptura da língua com a ideologia.

A propósito, a construção do sistema se sucede com a abstração da realidade linguística do enunciado, unidade real discursiva. Para Volóchinov (2019), essa orientação para abstração serve para o estudo do cadáver de línguas, conservadas em monumentos escritos. Ele contextualiza que o filologismo movimenta o pensamento linguístico europeu, o que, de seu ponto de vista, fez surgir a linguística moderna ao partir do enunciado monológico finalizado. Ele explica que pensar o “enunciado monológico” é uma abstração, porque todo enunciado participa da comunicação discursiva. “O filólogo-linguista retira o monumento dessa série real, percebendo-o como um todo autossuficiente, isolado e relacionado não a uma compreensão ideológica ativa, replicadora, mas a uma compreensão totalmente passiva, sem resposta [...]” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 169). Muito interessante a pergunta que Volóchinov (2019) se faz “quem é o filólogo?”, respondida a seguir:

Por mais diferentes que sejam as imagens histórico-culturais dos linguistas, começando pelos sacerdotes hindus e terminando pelo linguista moderno europeu, o filólogo sempre e em todo lugar é um decifrador de escritas e palavras alheias e ‘misteriosas’, e um professor, isto é, um transmissor daquilo que foi decodificado ou herdado da tradição (VOLÓCHINOV, 2019, p. 171).

Ao se posicionar diante daquele questionamento retórico, o linguista soviético vai do sacerdote védico com a decifração das escrituras sagradas ao filólogo-linguista contemporâneo com o cadáver de línguas mortas. Consoante Volóchinov (2019), a palavra alheia / discurso alheio, estudada sob diferentes enfoques como diria Bakhtin (2018), possui um papel importante em campos da criação ideológica que vai de um sistema sociopolítico à etiqueta cotidiana, o que, a saber, suscitava a organização política, religiosa e cultural aos sumérios e semitas babilônicos, povos helenos, Roma, Cristianismo, povos bárbaros, Império Bizantino, povos eslavos do Sul e do Leste. “Como resultado, a palavra alheia, nas profundezas da consciência histórica dos povos, fundiu-se com a ideia de poder, de força, de santidade e de verdade, fazendo com que a noção de palavra se orientasse na maioria das vezes justamente para a palavra alheia” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 173).

Registra-se que Saussure (2021) concebe a língua como um sistema de signos. Em contraste, Volóchinov (2018, 2019), ao tratar desse tema, assinala que o signo é ideológico ao refletir e refratar a realidade e possui relações com a classe social no ato de linguagem. Por ele, diferentes grupos sociais, profissões, classes refletem um contexto mais imediato e refratam um contexto mais amplo na estratificação de intenções e sentidos.

Por fim, o presente subcapítulo mostrou sua importância ao apresentar ao público-leitor a posição do grupo de intelectuais Bakhtin, Medviédev e Volóchinov em relação às ciências linguísticas sob a influência do positivismo e formalismo. Ao criticar a estilística, lexicologia e semântica, Bakhtin (2018a) evidencia que essas ciências não conhecem a palavra bivocal em que se cruzam a palavra minha e a palavra outra, mas o contexto monológico e monótono, o que, em resposta, introduziu, ao debate, termos como linguagem/língua, discurso, relações dialógicas, construção estilística.

Sobre isso, Medviédev (2016), ao resgatar a ideia de sistema, mostra a importância do enunciado e o campo de comunicação dialógica para a construção da linguagem cotidiana, poética, científica etc., ao criticar a linguística positivista. Há, também, a orientação de que se deve relevar nesse sentido as particularidades sociais dos grupos que se comunicam. Nessa perspectiva, ele critica mormente o viés estritamente linguístico que, ao estudar a obra literária, produz análises imanentemente linguísticas.

Nessa mesma direção, Volóchinov (2018, 2019) critica a abstração feita pelo linguista-filólogo, pois a palavra, como signo ideológico, possui uma função na organização política, cultural e religiosa de uma dada sociedade. Dito isso, frisa-se que esse debate é importante porque robustece os próprios subcapítulos, o que é fundamental para estudar o discurso e a linguagem.

De fato, ao analisar a palavra, Bakhtin (2015) observa que, devido a questões metodológicas, as ciências linguísticas de seu período sócio-histórico não chegam ao nível sociossemântico, de tal maneira que não verificam a tensão socioideológica de vozes, os pontos de vista em conflito, o embate entre os grupos, as organizações e as classes. Em suas análises, o que há é o significado dado e o linguístico repetidos descompassados com o vir a ser do sentido e do discurso irrepitíveis. Quanto ao objeto desta dissertação, é nodal tais críticas, pois o enfoque é justamente o signo ideológico

(verbal, vocal e visual) vivo e presente nas tensões sociais ao ser ressignificado constantemente por organizações de ódio racial.

2.2. Enunciados potencialmente verbivocovisuais no discurso das mídias digitais

Depois de apresentar as críticas de pensadores como Bakhtin, Medviédev e Volóchinov às ciências linguísticas influenciadas pelo positivismo e formalismo cujas posições teóricas contemplam, nas abstrações de suas pesquisas, a palavra em um contexto monológico, pretende-se estudar, neste ensejo, o signo ideológico em enunciados, enfatizando, com efeito, sua potencialidade verbivocovisual na produção de sentidos no campo das mídias digitais. Na análise do *corpus* da presente dissertação, essas contribuições serão fecundas para desenvolver o potencial analítico-interpretativo dos enunciados da KKK, da WLM e, em cotejo, da OrBr.

Paula e Serni (2017) refletem acerca da constituição verbivocovisual do gênero filme musical, relevando o diálogo entre gêneros, a intergenericidade, voltado para o sincretismo verbal, vocal e visual. Elas aduzem que, apesar de Bakhtin ter tido, em seus estudos literários, centralização na verbalidade, suas reflexões contribuem para o estudo da linguagem como um todo. Aliás, a esse respeito, as pesquisadoras argumentam que, em certos estudos, esse filósofo da linguagem considera a importância de se escrutinar a musicalidade e a visualidade em articulação com o verbal. Tal é, a propósito, a compreensão que se tem:

Nesse sentido é que as cores, o foco, os planos, a tipografia, o tamanho das letras, a horizontalidade e a verticalidade das imagens, a disposição dos lexemas, a entoação, o tom, o ritmo e as figuras de linguagem (ironia, metáfora, metonímia e antítese) são elementos constitutivos do enunciado que devem ser analisados de maneira integral, pois compõem a unidade arquitetônica autoral e genérica do texto/discurso (PAULA, OLIVEIRA, 2020, p. 6).

Nessa oportunidade, Paula e Serni (2017) explanam que a terminologia verbivocovisual foi cunhada por James Joyce, mas não somente por ele, já que recobram que Décio Pignatari lhe empregava metaforicamente para discorrer sobre a linguagem da poesia concreta. Assim refletindo, as pesquisadoras sinalizam que, para seus fins, tal termo, também apreciado como metafórico, abrange e explica as dimensões sonora, visual e verbal constituintes da linguagem de maneira integrada, como avaliado por Bakhtin, Medviédev e Volóchinov.

Seja qual for o enunciado, sincrético ou não, há de se relevar a estratificação da língua nacional em gêneros discursivos a serem pautados pelo estilo autoral e forma composicional no todo de sua arquitetura, concebidos em campos de atividade humana nos/pelos quais são produzidos, circulam e são recepcionados. Nessa mesma linha, Paula e Serni (2017) designam que os gêneros, avaliados como relativamente estáveis, porque muitas formas de construção enunciativa são possíveis, não podem ser contemplados como que tendo um molde no qual devem se enquadrar. Na verdade, as pesquisadoras frisam o seguinte: “[...] o enunciado é encarado como um ato único que pode (re)formular os gêneros, pois reitera suas estabilidades e, ao mesmo tempo, altera-lhes por renová-los, ao considerar suas nuances e tons” (PAULA, SERNI, 2017, p. 182).

Essa discussão envolvendo enunciado e gênero discursivo são pertinentes, pois, com toda a razão,

Ninguém diz o que quer de qualquer forma, no gênero que escolher. Ao contrário. O autor-criador arquiteta seu projeto de dizer enunciativo ao tramar o conteúdo temático que quer abordar, a partir de uma forma composicional e um estilo, tanto autoral quanto genérico. Ao elaborar seu planejamento, escolhe o gênero que melhor expresse seu projeto, considerando para quem se dirige, bem como a(s) esfera(s) de atividade de produção, circulação e recepção de seu enunciado, a fim de cumprir seu objetivo (PAULA, LUCIANO, 2020, p. 20, grifo nosso).

No prosseguimento dessa discussão, cumpre salientar o entendimento de que o signo ideológico surge no processo de interação social entre consciências individuais. Em vista disso, é correto afirmar que a palavra, apreciada como signo interior, é material da consciência, da vida interior, sem a qual não poderia se desenvolver. Nesse ensejo, é oportuno ter em mente que Volóchinov (2018, 2019) postula que os processos de compreensão e interpretação no que tange a fenômenos ideológicos (quadro, peça musical, ritual...) funcionam com a participação do discurso interior, o que é indispensável para se racionar sobre a tridimensionalidade da linguagem.

Essa é a conclusão de Paula e Luciano (2020), porque, ao matutarem a respeito do enunciado, ponderam que sua concretização perpassa a vida interior, o que, segundo pensam, é uma síntese dialética entre o idealismo e o materialismo histórico para a constituição do sujeito a partir de sua consciência ativa no liame entre interior e exterior. De fato, a pesquisadora e o pesquisador assomam que: i) a existência há de ser vivenciada pela consciência desenvolvida mediante signos ideológicos como compreensão ativo-responsiva; ii) para tal, “[...] precisa estar exteriorizada em signos,

pois é parte da existência, construída e objetivada pela força social exterior a ela” (PAULA, LUCIANO, 2020, p. 22).

Desta sorte, Paula e Luciano (2020) assinalam que essa multimodalidade da linguagem interna (potencial) e externa (explícita) compõe qualquer ato de linguagem, enfatizando que o locutor, ao planejar seu projeto arquitetônico, dispõe dessa tridimensionalidade. Na construção enunciativa de seu projeto, convém descrever que o locutor considera o estilo individual e genérico, composição temática e organização estrutural a depender do campo de atividade humana em seu contexto de produção, circulação e recepção. À luz dessa contribuição teórica, veja-se a Figura 1:

Figura 1 - Saudação nazista da Ku Klux Klan



Fonte: Cavaleiros da Costa Leste do Império Invisível ([entre 2000 e 2020])

Ao avaliar esse enunciado, é possível detectar, de antemão, sujeitos lado a lado com o braço teso e estendido, provavelmente todos são homens, usando vestimentas de seda nas cores branco, preto e roxo, o que distingue as posições sócio-hierárquicas dentro da organização. Atrás deles, observam-se bandeiras atinentes à confederação, à gota de sangue e aos EUA. Na frente deles, vê-se uma cruz sendo erigida que, mais adiante, será incendiada como parte de um ritual para louvar a nação, a raça e a família. Há de se anotar que, nessa foto, podem ser identificados 23 membros da KKK somados a uma criança, localizada perante o carro vermelho.

Na perspectiva verbivocovisual, filiada à filosofia dialógica do discurso, linguagens verbal, visual e vocal se coadunam na produção de sentidos. Nesse caso, o signo ideológico gestual mobilizado com o braço teso e estendido evoca, dialogicamente, o signo ideológico verbal *Heil Hitler*, visto que, com seu tom grandiloquente, saúda a figura de Hitler. Diante de um auditório social, o enquadramento da foto com um filtro escurecido nas laterais, ao favorecer os muitos

alistados pela KKK, reforça, com a presença do gestual, a ideia de um coro de apoio ético e vocal para manifestações neonazistas em vista de um projeto de sociedade pró-ariano. Referentemente ao signo gestual, reflete-se a imagem de neonazistas e, ao refratar, reclama-se a imagem de soldados alemães saudando Hitler. Concernente ao signo verbal, reflete-se o discurso de reivindicação do nazismo e, ao refratar, engendra-se o discurso de extermínio total do inimigo tanto no passado quanto no presente e no futuro.

Há, ainda, a constituição do cronotopo a ser analisada nesse enunciado, porque tal reunião foi realizada em um campo, e não na zona urbana. Essa escolha, ao decidirem se afastar, indica uma intenção de tornarem o encontro privado, pois a publicidade disso se sucede para com seus interlocutores ideais. No urbano, haveria de se considerar a avaliação social de repúdio ao repelirem o racismo, o que é mitigado, valorativamente, no campo. Existe, assim, a captura fotográfica de um acontecimento, parte de um costume com significado histórico, político e cultural, marcado por relações de anterioridade e posterioridade (ciclicidade). Não só se reflete com isso o tempo presente, com sua missão pela vitória da “raça branca”, mas se refrata o passado, com a sua trajetória de colonização, e o futuro, com sua glória no domínio do país.

Perceba-se que a Figura 1 não é um enunciado que sincretiza a linguagem verbal, visual e vocal, uma vez que se trata de uma foto de um acontecimento constituído pelo encontro espaço-temporal de membros da KKK. De todo modo, frise-se que, tão logo, a verbivocovisualidade é sempre potencial em todo ato de linguagem do projeto arquitetônico do locutor. Mesmo que tal tridimensionalidade não esteja expressa no enunciado, não existe impedimento para que se analise o não expresso. Por exemplo, a imagem precedente não só possibilitou o exame do visual (braço teso e estendido, enquadramento da câmera, filtro, bandeiras), mas também do verbal (*Heil Hitler*) e vocal (tom, vozes, coro de apoio)¹⁸. A partir dessa articulação, pautada no dito e no não dito, produziram-se sentidos. A seguir, acrescentam-se reflexões atinentes ao discurso das mídias digitais somadas as sobre a multimodalidade potencial da linguagem.

É relevante, por isso mesmo, que Lévy (2010) seja considerado, porquanto compreende as mídias analógicas ou digitais como impressos, cinema, rádio, televisão,

¹⁸ Geralmente nesses discursos de ódio, o vocal é sempre vociferado, contribuindo para os sentidos de violência produzidos.

CD-ROM, computadores e telecomunicações. Essas mídias reclamam uma modalidade perceptiva do sujeito, visto que implicam, na recepção de informação, visão, audição, tato, odor, gosto e cinestesia. Além desse fato, Lévy (2010) lembra que os dispositivos informacionais e comunicacionais acarretam diferentes tipos de representação, tais como línguas, músicas, fotografias, desenhos, imagens animadas e símbolos, o que se coaduna com o proposto por Paula e Luciano (2020). Abaixo, veja-se o Quadro 1 sobre tais questões:

Quadro 1 - Mídias, modalidade perceptiva e seus dispositivos

	Definição	Exemplos
Mídia	Suporte de informação e de comunicação	Impressos, cinema, rádio, televisão, telefone, CD-ROM, Internet (computadores + telecomunicação) etc.
Modalidade perceptiva	Sentido implicado pela recepção da informação	Visão, audição, tato, odor, gosto, cinestesia.
Linguagem	Tipos de representação.	Línguas, músicas, fotografias, desenhos, imagens animadas, símbolos, dança etc.
Codificação	Princípio do sistema de gravação e de transmissão das informações.	Analógico, digital.
Dispositivo informacional	Relação entre elementos de informação	Mensagens com estrutura linear (textos clássicos, música, filmes). Mensagens com estrutura em rede (dicionários, hiperdocumentos). Mundos virtuais (a informação é o espaço contínuo; o explorador ou seu representante estão imersos no espaço). Fluxos de informações.
Dispositivo comunicacional	Relação entre os participantes da comunicação	Dispositivo um-todos, em estrela (imprensa, rádio e televisão). Dispositivo um-um, em rede (correio, telefone). Dispositivo todos-todos, no espaço (conferências eletrônicas, sistemas para ensino ou trabalho cooperativo, mundos virtuais com diversos participantes, WWW).

Fonte: Lévy (2010, p. 66)

Diferente do que propõe Lévy (2010, p. 66), Paveau (2021) contesta a designação “suporte de informação e de comunicação” para as mídias, porque as define como constitutivas do sujeito. Com efeito, essa pesquisadora sustenta-se em uma perspectiva pós-dualista e ecológica, uma “[...] abordagem da análise do discurso que toma como objeto não mais somente elementos languageiros, mas o conjunto do

ambiente nos quais eles se inscrevem”, porque os discursos são analisados como compósitos que integram o linguageiro e o tecnológico, tal como o cultural, o social e o político, já que constituídos por seus contextos. Ao superar a dualidade sujeito *versus* computador, essa pesquisadora releva o contexto extralinguístico como um ecossistema em que se elabora o discurso.

Com essas contribuições, registra-se assim que a análise do discurso digital considera o funcionamento de discursos “nativos” (PAVEAU, 2021, p. 57) da *Internet*, e que não necessariamente transpostos para lá. Nesse sentido, esses discursos possuem características influenciadas por esse campo de atividade humana, bem como morfográficas, lexicais, discursivas e semióticas. Ademais, são formados por i) composição, visto que os tecnodiscursos (tecnologia e discurso) podem ser plurisemióticos ao empregarem múltiplas semioses, como textos, imagens e sons; ii) deslinearização, haja vista que os enunciados são interligados por *links*; iii) ampliação, tendo em vista que o que é publicado é ampliado por comentários-respostas; iv) relacionalidade, levando em consideração que todo tecnodiscurso é relacionado a tecnodiscursos anteriores; v) investigabilidade, porque os tecnodiscursos estão pautados em um universo que nada esquece, tudo é registrado e investigável; vi) imprevisibilidade, pois, na forma e no conteúdo, os tecnodiscursos são parcialmente formatados por programas e algoritmos, o que lhes tornam imprevisíveis ao sujeito.

Por fim, é válido retomar certos tópicos da discussão levantada, pois fez-se convergir múltiplos vieses teóricos. Nesse sentido, iniciou-se um debate sobre a perspectiva verbivocovisual alicerçada na teoria dialógica do discurso. Diante disso, sabe-se que há sempre uma potencialidade multimodal da linguagem expressa ou não nos enunciados. Para tanto, analisou-se a Figura 1 na/pela qual variados sentidos puderam ser produzidos. Em seguida, o próximo passo foi definir o que se entendia por mídias digitais e analógicas, o que foi apoiado pelo Quadro 1 e mais alguns exemplos. Em último lugar, trabalhou-se com a perspectiva ecológica pós-dualística para compreender o funcionamento de tecnodiscursos e a análise de discursos digitais. Assim, anotaram-se os vários pontos de sua constituição. Por conseguinte, averigua-se no momento seguinte a construção estilística do enunciado.

2.3. Construção estilística do enunciado: vivência e expressão

Para refletir sobre a construção estilística do enunciado e sua expressão no mundo da vida, são fundamentais as reflexões empreendidas ao demonstrarem a importância de uma concepção dialógica para o estudo do discurso e da linguagem. Nesta oportunidade, há, como base, dois textos de Volóchinov designados “Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado” do livro *A palavra na vida e na poesia* e “A teoria do enunciado e os problemas de sintaxe” do MFL, além do ensaio de Bakhtin chamado *Gênero do discurso*.

Para Volóchinov (2019), a língua não é percebida como morta e petrificada, tal como na abstração dos filólogos-linguistas modernos, mas, e esta visão é compartilhada por Medviédev e Bakhtin, em movimento na vida, realizando-se por meio da comunicação sociodiscursiva (cotidiana, artístico-cultural, política, filosófica, educacional, científica) na qual se elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados. Quanto à sua construção, não se tem uma perspectiva de estabilidade total, já que se está a referenciar uma unidade do grande diálogo-discursivo social ao estar em interação com condições sociais reais mais e, também, menos amplas.

Para a organização do enunciado, a situação real social pressupõe um público para o qual o locutor volta-se. Nessa perspectiva, o enunciado, com sua materialização potencial sígnica (verbal, visual, sonora), é também constituído pelo extraverbal (e extravisual e extra-sonoro) subentendido e constituído pela situação real e pelo auditório. Portanto, a estrutura típica do enunciado (gênero discursivo) toma forma relativamente estável com base no tipo de comunicação sociodiscursiva que o constrói, organiza e finaliza, pois cada situação real social abarca com seus repertórios de gêneros discursivos.

A orientação social do enunciado para um auditório presente ou presumido releva o seu peso sócio-hierárquico, que, além de organizar, influencia a força estilística e semântica. Para o locutor, é imprescindível a compreensão da situação e personalidade social do interlocutor, talvez o que Bakhtin (2018) chamaria de perfil sociocaracterológico. É nodal, nesse sentido, escutar a voz de Discini (2010) que lembra o seguinte:

A intencionalidade orienta o que é dito em função de determinada finalidade do ato de comunicação, visto como pressuposto tanto ato texto arrolado (*unus*), como à totalidade de textos eleita para o recorte (*totus*). A língua se faz discurso na perspectiva de uma estilística discursiva. A seleção que o locutor efetua de uma forma gramatical é um ato estilístico; a seleção que o locutor efetua de determinado gênero é um ato estilístico, embora não haja

soberania absoluta para a própria escolha em ambos os casos. O enunciado concreto, único e irrepetível, já que relacionado ao ato de enunciar, único e irrepetível, constitui-se responsivamente em relação aos gêneros, ao incorporá-los. O conceito que se tem de *único* relativiza-se sob a orientação dialógica que o fundamenta (DISCINI, 2010, p. 130).

O que pode ser articulado com as reflexões teóricas de Melo (2010) para a qual:

[...] os fatores linguísticos nascem de uma situação extraverbal; o contexto extraverbal compreende o horizonte espacial dos interlocutores – da situação imediata ao contexto mais amplo – a compreensão comum e apreciação presumida por parte dos interlocutores, culminando na produção de sentidos. Além disso, o enunciado só se realiza e constitui-se na interação verbal e em conexão com enunciados anteriores e posteriores – como elo na comunicação verbal – conferindo-lhe caráter dialógico do discurso (no seu movimento com o já-dito e com o devir). A entonação ou o tom valorativo configura-se no enunciado/discurso ao estabelecer o vínculo entre o verbal e o julgamento de valor – social, portanto, externo, relacionado ao mundo (MELO, 2010, p. 240-241).

Outrossim, o enunciado pode, a depender do que foi dito, produzir variados sentidos, mesmo com uma mesma expressão linguística com sua significação determinada. Na situação de interação discursiva, é elementar conhecer o onde e o quando (o que Bakhtin poderia chamar de cronotopo), o objeto/tema da interação e, para esse objeto, a avaliação dos (inter)locutores.

Vale insistir, Volóchinov (2019) ensina que o enunciado se constitui de conteúdo como composição semântico-temática e, também, de forma como escolha de palavras e sua disposição no projeto arquitetônico, além do som expressivo¹⁹, que é a expressão sonora da avaliação social. A respeito disso, é a situação real social e o peso sócio-hierárquico do auditório social com seu perfil sociocaracterológico que determinam a entonação, o que influencia a escolha de palavras e sua disposição com o seu refrão (repetição de palavras). É a partir disso que o locutor do enunciado constrói a sua intenção estilística de tornar a sua individualidade como um dos centros ideológicos. Tudo isso participa da construção semântica e organização estilística do enunciado.

¹⁹ Para Volóchinov (2019) a entonação expressiva é repleta de significados, uma vez que, a depender do tom, pode-se compreender múltiplos sentidos produzidos na interação discursiva. Assim, a avaliação social encontra a sua expressão na entonação, determinada, inclusive, pelo contexto extraverbal. Outrossim, o locutor pressupõe um coro de apoio ao interlocutor, porque, ao contrário disso, sua voz perderia força. Prova disso é quando o discurso paródico de tipo racista se dirige a um auditório diverso. Diante dos neonazistas, há um tom de segurança e riso. Perante manifestantes dos direitos humanos, um tom defensivo e sério.

Como contribuição a esse debate sobre a construção do enunciado, são importantes as colocações de Bakhtin (2016) sobre o gênero discursivo, a linguagem e o campo de atividade humana. Para ele, todos os campos de atividade humana usam a linguagem, o que, a depender do campo com seu repertório de gêneros discursivos, é estratificado da unidade nacional da língua, a qual, como se sabe, efetua-se concretamente na forma de enunciados (verbais, visuais, sonoros) e únicos, proferidos por integrantes desses campos de atividade humana. Esses gêneros refletem as condições e os objetivos de cada campo de atividade humana no conteúdo temático, organização estilística e construção composicional ao constituírem o todo do enunciado concreto, do gênero discursivo. “Os enunciados e seu tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 20).

Bakhtin (2016) atenta para a diferença entre gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). No que compete aos que são simples, transitam e se formam nas condições de comunicação sociodiscursiva imediata e que são incorporados e reelaborados pelos gêneros discursivos complexos nas condições de convívio cultural mais desenvolvida e organizada. Ao serem integrados pelos complexos, os simples perdem seu vínculo imediato com a realidade. O filósofo da linguagem lembra que o estudo da natureza geral do enunciado e da variedade de gêneros discursivos é pertinente para a linguística e filologia, porque a investigação do material linguístico concreto passa pelo estudo do enunciado (BAKHTIN, 2016).

A depender do gênero discursivo, com suas funções ideológicas (cotidiana, política, científica, oficial), a intenção estilística do locutor pode ser mais ou menos expressiva na linguagem do enunciado. Os gêneros discursivos mais propícios para a expressão do estilo individual são os da literatura de ficção, porque integram a estrutura do enunciado, enquanto os gêneros discursivos menos propícios são os de forma padronizada, como documentos oficiais. Sobre esse tema, cada gênero possui seu estilo em cada campo de atividade humana. Assim, a escolha de um item lexical da língua é *per se* um ato estilístico (BAKHTIN, 2016).

Acerca dos problemas de sintaxe e a teoria do enunciado, Volóchinov (2018) critica a linguística comparativa indo-germânica, porque os problemas de sintaxe seriam estudados de maneira inadequada, tendendo para o que o linguista chama de “morfologização” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 241). Para o estudo de uma língua e sua

constituição, os problemas da sintaxe são importantes, inclusive porque as formas da língua, as sintáticas, aproximam-se das formas concretas do enunciado, dos discursos verbais, pois estão vinculadas às condições reais da fala.

Sobre isso, Volóchinov (2018) trata do discurso alheio, que é, como ele define, o discurso sobre o discurso e o discurso dentro do discurso. Nesse contexto, o discurso autoral, ao assimilar parcialmente o discurso alheio, elabora normas sintáticas, estilísticas e composicionais na unidade sintática, estilística e composicional do discurso autoral. Nessa perspectiva, há de se contemplar a relação ativa de um discurso com o outro, é a reação da palavra à palavra outra.

Para o estudo do diálogo, é proveitoso estudar as formas de transmissão do discurso alheio, já que refletem tendências de percepção ativa do discurso alheio. A transmissão é voltada para o outro a quem as palavras alheias são dirigidas com seus objetivos e condições reais sociais e, em relação a isso, existem padrões de transmissão como as formas sintáticas do discurso direto e indireto. Há, pois, o discurso transmissor (autoral) e discurso transmitido (alheio).

Nesse contexto de reação ativa ao discurso alheio, há uma tendência que pode conservar a alteridade e autenticidade ao proteger da penetração da entonação autoral, percebendo o discurso alheio como um ato social íntegro, como posição semântica (de)limitada. No estilo linear, sobretudo com o peso sócio-hierárquico do auditório social a partir de seu perfil caracterológico, pode-se, com esquemas de citação, mencionar a palavra do outro. Volóchinov (2018, p. 262) lembra que esse estilo de reação à palavra outra tem suas raízes no “[...] estilo monumental, linear e impessoal de transmissão do discurso alheio (Idade Média); dogmatismo racionalista com o estilo linear ainda mais nítido (séculos XVII e XVIII) [...]”.

No estilo pictórico, esse ato social íntegro passa a não ser mais (de)limitado com esquemas de citação, com o apagamento das fronteiras esquemáticas do discurso alheio, e pode penetrar nele com sua entonação de desprezo, ironia, sarcasmo ou ódio, o que faz desenvolver as formas sintáticas de discurso indireto e discurso indireto livre. Historicamente, há como fundamento o “[...] individualismo realista e crítico com seu estilo pictórico em que as réplicas e os comentários autorais tendiam a penetrar no discurso alheio (final do século XVIII e século XIX) [...]” e, ainda, “[...] o individualismo relativista com sua decomposição do contexto autoral (contemporaneidade)” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 262).

Em conclusão, a fim de acorrer a boa compreensão deste subcapítulo, houve o objetivo de refletir sobre a construção estilística do enunciado e sua expressão no mundo da vida. Sabe-se que, para o estudo dessa realidade linguística com suas categorias, é fundamental uma teoria do enunciado e dos diversos gêneros discursivos nos campos de atividade humana. O enunciado precisa ser ainda observado do ponto de vista de seu conteúdo e da forma, mas também do que há de subentendido ao ser dirigido a um auditório social na situação real de interação discursiva. Nele, expressa-se o som da avaliação social com seu peso sócio-hierárquico. A expressão das particularidades estilísticas e a construção semântica depende do tipo de gênero discursivo que pode ser mais ou menos propício para a expressão de individualidade do locutor. Em seguida, há como leitura o subcapítulo que, nessa interação entre a palavra minha e palavra outra, enfatiza a luta ideológica pelo dialogismo polêmico.

2.4. Mundividência social e a luta ideológica pelo dialogismo polêmico

As discussões até aqui empreendidas permitem compreender que o enunciado, como unidade da atividade discursiva, possui uma potencialidade verbivocovisual, o que se apoia na tradição literária que o coloca, tridimensionalmente, em interação com as dimensões verbal, visual e vocal para refletir e refratar valores ideológicos. Sobre isso, aprofundou-se esse tema com a reflexão acerca da forma e do conteúdo do enunciado no que tange à sua organização estilística e construção semântica, além dos estilos de transmissão da palavra minha com a palavra outra.

Tendo isso em vista, o presente subcapítulo pretende estudar o dialogismo polêmico na mundividência social, considerando que permite avaliar, na tensão discursiva, a luta ideológica entre vozes sociais. Esse debate é de grande valia, pois, no próximo subcapítulo, o propósito é compreender a construção da estilização paródica e de seus espelhos deformantes do outro. Por fim, cabe anteceder que, nesta proposta, voltar-se-á ao livro PPD, de Bakhtin, com o auxílio da pesquisa brasileira.

Silva (2019), para desenvolver seus raciocínios, começa pela Grécia ao abordar sua mitologia. Nesse sentido, o pesquisador assevera que palavras como “combate”, “guerra” e “polêmica” aludem a uma divindade, o Pólemos. Com efeito, polemizar não é sinônimo de indiferença, mas, metaforicamente, de uma batalha com o outro para cujos valores não se concorda, visto que visões de mundo colidem.

É cabível a apreciação de Silva (2019) de que uma análise argumentativa precise abranger a multiplicidade de vozes sociais nesse diálogo conflituoso, já que, nesse esteio, sobressaem-se relações dialógicas entre vozes sociais em discursos. Dentro dessa colocação, pontua o autor que os estudos contemporâneos sobre argumentação não têm se centrado na polêmica, a qual, segundo salienta, faz parte das relações humanas ao colocar em cena eu-tu.

É de relevo aludir mais uma vez às obras dostoiévskianas, a saber, *Crime e Castigo* e *Irmãos Karamazov*. Há, nesses romances polifônicos, personagens, com suas visões de mundo em conflito, que amam e odeiam valores ideológicos, conduzindo, pela narrativa, a polêmica velada à aberta.

Na concepção de Silva (2019), o dialogismo polêmico realiza-se como ato ético, como relação entre autor (locutor) e herói (interlocutor), como discurso bivocal, o que, tal como o pesquisador consigna, serve de apoio para campos como o literário, análise do discurso e linguística da enunciação. Nessa lógica, é bom lembrar da esquematização de Bakhtin (2018a) no momento em que trata do discurso bivocal. De um lado, há a orientação única com a estilização, narração do narrador, *Icherzählung*. De outro lado, há a orientação vária com a paródia, a narração parodística, *Icherzählung* parodístico e a transmissão da palavra do outro com mudança acentual. É que, como recobra Silva (2019), a polêmica dialógica é um discurso bivocalizado, o que demonstra sua presença nas noções supracitadas.

Disso, há, no discurso bivocal, o dialogismo polêmico velado e aberto. Sabe-se que o discurso do locutor enunciado extra-artístico se orienta para um objeto/tema já saturado de valores ideológicos. Por conseguinte, toda afirmação/negação sobre esse objeto ataca polemicamente o discurso do outro a respeito do mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto. Dialogicamente, os dois discursos chocam-se nesse mesmo objeto. Esse ataque pode se reproduzir explícita (polêmica aberta) ou implicitamente (polêmica velada). De todo modo, reveste-se a palavra do outro com uma nova significação, submetendo-a a novos fins semânticos.

De um ângulo, a polêmica aberta “[...] está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto”, tendo em vista que o “[...] discurso sente tensamente ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto, e a sensação da presença desse discurso lhe determina a estrutura” (BAKHTIN, 2018a, p. 225). De outro, há de se relevar “[...] a polêmica velada está orientada para um objeto habitual,

nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto” (BAKHTIN, 2018a, p. 225).

Do exposto, há a consciência de que, nessa interação dialógica, a estrutura morfossintática do discurso (trans)forma-se na relação com outros discursos ao respondê-los sobre assuntos que lhes sejam pertinentes com diferentes níveis de carga emocional. Na mundividência social, essa perspectiva é interessante ao se pensar na KKK e WLM quando enunciam sobre negros, latinos, *gays*, comunistas e feministas. No que compete à primeira organização mencionada, há um discurso cujas palavras polemizam abertamente, já que, ao criticar a população negra, por exemplo, defende a sua inferioridade e impureza racial, negando-lhe direitos que deveriam ser fundamentais. Já, na segunda, há um discurso construído que só subentende suas críticas racistas, pois recorre a ideias moralistas para subjugar toda a população negra.

Silva (2019) suscita primorosas reflexões ao teorizar acerca da polêmica como ética. Nesse sentido, o ato polêmico sucede-se em um movimento de empatia e exotopia, haja vista que:

[...] o eu entra no mundo do outro, identifica seus valores, contudo, ao mesmo tempo, não perde seu lugar de fora, sua exotopia. **Razão pela qual os valores compreendidos são objeto de ódio, pois são incompatíveis ou contrários aos valores amados de sua extralocalização, gerando uma resposta repulsiva, uma objeção hostil, resultante do mesmo bem que é valorado de maneira diferente pelos sujeitos [...]** (SILVA, 2019, p. 162, grifo nosso).

Para os fins desta dissertação cuja análise releva discursos neonazistas, compreende-se por polêmica a polarização quanto aos valores axiológicos entre eu-tu, pois, como lembra Silva (2019), um odeia os valores amados pelo outro. Dessa maneira, o pesquisador denota se tratar de um “ódio velado”, mas, para os fins desta dissertação, tratar-se-á como um “ódio aberto” também. É que, no campo do discurso, a dicotomização entre visões de mundo realiza-se de modo distinto entre a KKK que, declaradamente, desumaniza seu inimigo e a WLM que, não declaradamente, criminaliza-o.

Esse raciocínio é interessante uma vez que o ódio presume um valor amado que lhe é oposto, porque, nessa lógica de compreender esse sentimento humano, consiste em considerar que, na medida em que a KKK e WLM “amam” a ideia de um país branco

com superioridade racial, “odeiam” os movimentos sociais que, com suas lutas, reivindicam direitos. Nesse sentido, esses apologistas do supremacismo branco estadunidense creem que seu valor amado está ameaçado pela população negra, LGBTQIAP+, feminista, imigrante etc. Decerto, essas duas organizações potencializam ao máximo cada uma à sua forma a tensão polêmica com o outro.

Por último, a partir dessa reflexão é que se pode pensar na formação do coro de apoio vocal e ético, já que, nesse contexto, um grupo de sujeitos percebe os valores que amam nessas organizações. O que explica o porquê de a KKK jamais ter desaparecido dos EUA, uma vez que sempre houve um coro de apoio fiel aos seus discursos racistas. Tal ideia é também válida para a WLM que, com o tempo, robustece seu coro de apoio ao angariar simpatia social. Tão logo, na guerra discursiva, com polêmicas com diferentes intensidades emocionais, envolvendo sempre o eu e o tu, há, como a divindade romana Janus, o amor à segregação e o ódio ao multiculturalismo. Por ter um juízo baseado no ódio, não há como esperar que os racistas nacionalistas consigam compreender a visão de mundo do outro.

2.5. Estilização paródica e seus espelhos deformantes

Neste subcapítulo, intenciona-se, com respaldo filosófico de uma concepção dialógica, de maneira geral, versar sobre discurso, teoria do enunciado e os problemas da sintaxe, relações dialógicas, linguagem, palavra, vozes socioideológicas, forças ativas de centralização e centrifugação da vida cultural e sociopolítica. À vista disso, de maneira específica, refletir sobre o ato do autor do enunciado, instaurado como locutor, estilizar, em tom paródico e escarnecedor, a linguagem do outro, instaurado como interlocutor, em uma situação social e concreta de interação discursiva. Mais à frente, essa ancoragem teórico-filosófica será a sustentação para as práticas de campo das mídias digitais e análise dialógica do objeto discursivo.

Em suas reflexões sobre as linhas estilísticas do romance europeu, Bakhtin (2015) subsidia compreensões importantes sobre o enunciado em prosa literária e extraliterária. Nesse sentido, o romance é percebido ativamente pelo filósofo da linguagem como heterodiscursivo, heterovocal e heteroestilístico, porque, em uma visão dialógica, aprecia-se um movimento dialogal de intenções verbalizadas nas e pelas quais

heterossonâncias ecoam vozes socioideológicas e tons avaliativos. A linguagem romanesca é a linguagem da diversidade de discursos, vozes socioideológicas e estilos.

Tal fenômeno verboideológico é, além de complexo, mui fascinante, visto que só se sucede devido à estratificação interna de uma língua nacional em “[...] modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e faz faixas etárias, as linguagens das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas” (BAKHTIN, 2015, p. 30). Logo, a palavra alheia, com sua expressão verbointencional, transmitida para o contexto autoral do romance, permite analisar marcas de uma organização, profissão, gênero, geração etc., porque povoadas de intenções alheias.

Em contraste com a concepção de língua(gem) da estilística tradicional, a língua, no projeto da filosofia dialógica do discurso, efetua-se em enunciados concretos em seu uso pelos sujeitos, instaurados como locutor e interlocutor, em seu embate de intenções verbalizadas. À vista disso, não surpreende que, nesse contexto, discurso, enunciado e palavra signifiquem a língua em uso concreto em uma situação social de (inter)locução. Nessa visada, a palavra é analisada para além dos níveis morfológicos e fonéticos, mas sem ignorá-los, em direção ao nível “sociosemântico” (BAKHTIN, 2015, p 44).

Se a estilística tradicional preceitua a língua como um sistema de regras, tal orientação é interpretada por Bakhtin (2015) diversamente, pois essas regras são percebidas como forças ativas que criam a vida social e ideológica da linguagem. Por um lado, ocorre um processo de centralização da vida cultural e sociopolítica: as forças centrípetas tendem para a unificação do pensamento verboideológico. Por outro, acontece um processo de descentralização: as forças centrífugas tendem para a separação do mundo ideológico verbalizado. Esse movimento dialético-dialógico é crucial para os enunciados, porque permite avaliar que gêneros discursivos, ao polemizarem, ao parodiarem e ao ironizarem, possam ter uma função social tal que conteste de gêneros oficiais da contemporaneidade.

Sobre a orientação dialógica, Bakhtin (2015, p. 51) defende que: “[...] é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso”, porque “[...] todo discurso da prosa extraliterária – discurso do dia a dia, o retórico, o científico – não pode deixar de orientar-se ‘dentro do que já foi dito’, ‘do conhecido’, ‘da opinião geral’, etc. [...]”. O discurso, vale insistir, o uso concreto da língua, surge na réplica viva e orgânica da interação com o discurso do outro no objeto.

Acerca dessas reflexões sobre o discurso e enunciado, enfatiza-se que, ao analisar uma palavra, o significado do nível da língua é articulado ao sentido atual sobre o mesmo objeto no nível do discurso, no nível das opiniões, dos pontos de vista socioideológicos e das avaliações dispersas (BAKHTIN, 2015). Dessa maneira, conta-se com o significado estabilizado e estrutura linguística, mas não se restringe a isso, porque há também contexto extraverbal, político e cultural com um “vir a ser sentido” em que vozes sociais conflitam ideais, crenças e valores. Portanto, o enunciado é tanto estudado no nível lógico quanto no nível sociossemântico do discurso.

Assim sendo, enunciado, literário ou extraliterário, é composto por uma diversidade de discursos, linguagens, vozes socioideológicas e estilos, dada a sua natureza social e ideológica. A palavra a ser transmitida, que pode ser analisada no nível morfológico, sem esquecer do sociossemântico, é povoada de intenções alheias. Todo o discurso, balizado por forças de centripetação e centrifugação da vida cultural e sociopolítica, orienta-se dialogicamente para outros discursos em uma situação social mais ou menos imediata. Essas reflexões constroem-se em confronto com o projeto da estilística tradicional, que, como lembra Bakhtin (2015), conhece somente a palavra de gabinete e a linguagem única.

Se toda a palavra é constituída por intenções alheias, é certo refletir sobre a bivocalidade dessa palavra, pois nela existe um diálogo em potencial, uma correlação dialógica de linguagens, cuja raiz advém do heterodiscurso socioideológico. Como toda a conversa é marcada por transmissões, em uma mesma palavra, ecoam, quando não mais, duas vozes socioideológicas, duas linguagens, dois acentos valorativos, dois contextos, duas visões de mundo, duas intenções, o que se reflete em uma estrutura sintática específica. Tal colocação é crucial porque a bivocalidade pode significar um confronto entre duas linguagens em um mesmo enunciado que, ao revés de caminharem em uma mesma direção axiológica e valorativa, há uma luta com o efeito de uma destruição desmascaradora (BAKHTIN, 2015, p. 162).

Essa transmissão das palavras do outro é um procedimento discursivo que reestrutura a sintaxe, a morfologia e a semântica do discurso ao tentar antecipar o do outro. De fato, a réplica dos oprimidos não existe, pois são desumanizados, mas “[...] projeta sua sombra e deixa vestígios sobre o discurso, e essa sombra e esse vestígio são reais” (BAKHTIN, 2018a, p. 239). Ele pode não adotar esse acento, “[...] embora não possa deixar de lhe reconhecer força e procure contorná-lo por meio de toda sorte de

ressalvas, concessões parciais e atenuações que deformam a estrutura do seu próprio discurso” (BAKHTIN, 2018a, p. 239).

Nesse contexto teórico e filosófico em que se desenvolve o conceito de estilização paródica, percebe-se um “[...] grau de resistência oferecido do discurso parodiado ao parodiador” (BAKHTIN, 2015, p. 162). Com efeito, representa-se a linguagem do outro, mas, diferentemente da imitação, o percurso semântico do discurso parodiado caminha para os fins do discurso parodiador em seu mundo às avessas. Nessa linha, o filósofo da linguagem lembra que o discurso parodístico, uma forma de estilização, constrói um sistema de espelhos deformantes, porque “[...] espelhos que alongam, reduzem e distorcem em diferentes sentidos e em diferentes graus [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 162). Como já dito, nele sucedem-se duas orientações semânticas, duas vozes socioideológicas.

Na estilização de tipo parodística, pelo que Bakhtin (2018a) estuda, o que importa é o conjunto de procedimentos do discurso como expressão de um ponto de vista. Depreende-se que se pode, por diversos procedimentos do discurso, parodiar o estilo de um outro estilo; a maneira típico-social ou caracterológica-individual de o outro ver, pensar e falar de modo profundo ou superficial. Tal discurso estilizado parodístico pode ser usado para diversos fins: pode ser um fim em si mesma ou para atingir fins positivos. Sobre isso, o filósofo da linguagem, de um lado, cita a paródia como gênero literário, de outro, o estilo parodístico de Ariosto e Puchkin.

Nesse tipo de estilização da linguagem e do discurso do outro, a ambiguidade de todo tipo pode ser usada no discurso do outro a fim de transmitir intenções que lhe são hostis. Como exemplo, Bakhtin menciona que Dostoiévski escreveu uma carta ao seu irmão enquanto escrevia o livro *O duplo*. Por conseguinte, o escritor estiliza parodicamente as palavras, a visão e trejeitos de Goliádkin. A partir daí, entende-se que o discurso é metaforicamente um terreno para o conflito entre discursos, consciências e pontos de vista, o que impossibilita a fusão de vozes socioideológicas. A voz socioideológica do apologista do supremacismo branco, ao estar instalada no discurso dos oprimidos, obriga-o, com hostilidade, a servir a fins diametralmente opostos. Essas palavras parodiadas são acrescidas de algo novo, da compreensão e avaliação dos extremistas.

No discurso prático da vida é extremamente difundido esse emprego do discurso do outro, sobretudo no diálogo em que um interlocutor muito

amiúde repete literalmente a afirmação do outro interlocutor, revestindo-a de novo acento e acentuando-a a seu modo com expressões de dúvida, indignação, ironia, zombaria, deboche, etc. (BAKHTIN, 2018a, p.162).

Não só na esfera literária, mas no dia a dia, com os diálogos temático-pragmáticos dos falantes e suas contraposições dialógicas, é possível analisar uma estilização paródica em relação ao discurso do outro, com tons polêmicos, irônicos e paródicos. Nesse sentido, bivocalmente, há o discurso do autor (transmissor) que percebe ativamente o discurso alheio (transmitido) direcionado a um terceiro.

A situação social é marcada por heterodiscursos que nada mais são do que “[...] *o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo é também *o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2018a, p. 249, grifos do autor). Nessa interação entre enunciado alheio e autoral, há uma reelaboração de normas sintáticas, estilísticas e composicionais para a sua assimilação parcial.

Por fim, é fundamental a citação a seguir de Bakhtin ao tratar do romance polifônico em que não se fala sobre a personagem (ela), mas com ela (tu):

Assim, a nova posição artística do autor em relação ao herói no romance polifônico de Dostoiévski é uma posição dialógica seriamente aplicada e concretizada até o fim, que afirma a autonomia, a liberdade interna, a falta de acabamento e de solução do herói. Para o autor, o herói não é um ‘ele’ nem um ‘eu’, mas um ‘tu’ plenivalentes, isto é, o plenivalentes ‘eu’ de um outro (um ‘tu és’). O herói é o sujeito de tratamento dialógico profundamente sério, presente, não retoricamente simulado ou literalmente convencional (BAKHTIN, 2018a, p. 71).

No romance monológico, o tratamento que se dá à personagem é uma *avaliação à revelia*, em que não se leva em consideração a avaliação ou resposta. Nessa perspectiva, a polifonia é um método que conta com três procedimentos discursivos, a saber, a imiscibilidade, equipolência e interdependência de vozes socioideológicas. Muito embora a instância de enunciação das personagens seja subordinada da do autor, existe uma democratização da palavra, de modo que o autor ou, para realizar suas intenções, o narrador não possua um ponto de vista absoluto sobre a vida da personagem, uma ideóloga. Dessa citação, importa saber que a relação na construção estética entre autor-criador e personagens seja entre “eu” e “tu”, pois existe um movimento de empatia realizado. No campo extraliterário, é possível que o outro, o herói, assumam um lugar de “ele” ao ser coisificado. Como não espera uma réplica, e não pode realizar movimento de empatia, o outro não pode ser humanizado.

2.6. Metodologia e concepção dialógica do objeto/sujeito

Como o auditório social da presente dissertação pode presumir depois das críticas dirigidas à linguística moderna, à filologia, à estilística tradicional e à semântica, a metodologia desta pesquisa de natureza discursiva não concebe seu objeto como uma “coisa” sem vida. A partir da revolução dialógica, há uma repercussão nos Estudos da Linguagem na intenção de compreender o objeto como um sujeito em relação ao qual sua voz há de ser escutada. Tendo isso em vista, firmou-se o entendimento pela necessidade de uma proposição filosófica sustentada pela epistemologia de uma heterociência cujo método fosse o dialético-dialógico.

Dessa sorte, Paula et al. (2022) resguardam a perspectiva de que, por se tratar de uma heterociência, não se está a abdicar do rigor científico em seu arcabouço metodológico. Na verdade, no que tange ao labor científico, o/a pesquisador/a dispõe de princípios filosóficos segundo os quais a língua(gem) é apreciada em seu uso concreto ao produzir discurso (enunciados) por sujeitos inseridos em certo cronotopo (tempo-espaço) mais imediato e mais amplo. Assim refletindo, transcreve-se, no momento seguinte, sobre as particularidades dessa filosofia da linguagem:

A **primeira particularidade** a que recorremos diz respeito à constituição dialógica orgânica do pensamento do chamado Círculo de Bakhtin.

[...]

A **segunda particularidade** que convoca a nossa reflexão refere-se à compreensão do diálogo como constitutivo do enunciado, do discurso, não restrito ao contato face a face e à busca de concordância de posições.

[...]

Tratar das relações entre vozes sociais demanda, em consonância, que passemos a discorrer sobre a **terceira particularidade** que a dialogia suscita, qual seja, o diálogo constitutivo entre os sujeitos. A noção de diálogo reforça a perspectiva social da linguagem, uma vez que o diálogo ocorre de maneira ativa na interação enunciativa entre os sujeitos, socialmente constituídos.

[...]

A responsividade é outra (a **quarta particularidade** das relações dialógicas propostas como filosofia da linguagem por Bakhtin e o Círculo. Como já temos mencionado, todo enunciado suscita e é preche de resposta. A corrente discursiva ativa da comunicação impele respostas e essa é a responsabilidade dos sujeitos.

[...]

Essa ideia de contato como construção constitutiva da linguagem e do sujeito nos leva à **quinta particularidade** das relações dialógicas propostas pelo Círculo: o inacabamento. Tanto o enunciado quanto o sujeito não são acabados, de acordo com a perspectiva do Círculo.

[...]

Ao considerarmos essas cinco particularidades composicionais da proposição filosófica da dialogia bakhtiniana e pensarmos em sua produção,

desenvolvida na Rússia de 1919 a 1975, precisamos considerar a singularidade desse pensamento em seu contexto histórico-cultural e os desdobramentos de seus estudos em outras culturas e áreas no decorrer do tempo, o que nos remete à **sexta particularidade** do dialogismo como proposição de uma ciência outra (heterociência) e todo esse processo nos levou a este dossiê temático, em que reunimos publicações de diversos pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, em diálogo, pensando sobre a filosofia da linguagem como concebida pelo ‘coletivo pensante’ [...] (DI FANTI, PAULA, PONZIO, 2021, p. 395-399, grifo do autor).

Dessas reflexões, vai-se em direção ao texto “Fragmentos dos anos 1970-1971”, em relação ao qual se tem o respaldo para construir a metodologia desta pesquisa com uma concepção dialógica e dialética para o objeto/sujeito. Nessa perspectiva, Bakhtin (2017) permite compreender que o enunciado é percebido em uma realidade da repetitividade da língua e não repetitividade do discurso. No embate dialógico de vozes do enunciado, há pontos de vista cronotópicos (temporalidades e espacialidades), axiológicos (valores) e tons avaliativos (relações hierárquicas entre locutor e interlocutor).

No que tange ao enunciado, considera-se ser uma unidade da comunicação discursiva que não se restringe a uma estrita definição ou descrição com base em termos metodológicos da linguística (temas da morfologia, sintaxe, fonologia) ou semiótica (código pronto e acabado). Isso faz lembrar da metáfora da divindade romana Janus, o enunciado pressupõe seus anteriores e antecipa seus sucessores. Nesse quadro, não se estuda o enunciado adâmico das ciências linguísticas (filologia, estilística, semântica), que, com tal natureza metodológica, não responde aos pretéritos e aos futuros. Na perspectiva dialógica e dialética, encontram-se duas consciências em tensão nos estudos dos enunciados concretos, pois se toma consciência de si a partir da do outro.

Nesse ângulo, Bakhtin (2017), em suas reflexões filosóficas, configura três categorias de relações. Em primeiro lugar, observam-se as relações entre os objetos, tais como entre fenômenos físicos, químicos, causais, lógicas, linguísticas, matemáticas. Em segundo lugar, verificam-se as relações entre o sujeito e o objeto. Em terceiro lugar, examinam-se as relações entre sujeitos, bem como entre as consciências, as dialógicas entre enunciados concretos, as posições semânticas personificadas. Sobre essas questões, da objetificação/coisificação à personalização dessas relações, pode-se transitar de uma categoria para uma outra. Logo, em termos metodológicos, a pesquisa discursiva de natureza dialógico-dialética elenca, tendo o enunciado como objeto, o

estudo das relações linguísticas (primeira categoria) e metalinguísticas (terceira categoria).

Há de se convir que interpretação e avaliação não podem ser separadas, o que, em termos metodológicos, não seria aceitável em pesquisas que tenham como objeto as relações de terceira categoria, já que interpretar e avaliar constituem um ato integral, pois, no que se refere ao pesquisador, fazem-se presentes suas avaliações no que interpreta. Bakhtin (2017) ressalva que, no processo de compreensão dos enunciados concretos, posições entram em uma tensão conflituosa, o que instaura a possibilidade de mudança e renúncia de seu ponto de vista.

A propósito, no processo de compreender enunciados concretos, está-se a estudar relações repetíveis (linguísticas – primeira categoria – conhecido – significado determinado) e irrepetíveis (metalinguísticas – terceira categoria – não conhecido – sentido indeterminado) coparticipantes no todo integral. A partir dessa contribuição, na pesquisa discursiva de cunho dialético-dialógica, caminha-se do que é conhecido em direção ao que não é conhecido. Nessa perspectiva, a crítica dos pensadores russos, a saber, Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, recaia sobre a metodologia de ciências linguísticas que tinham como objetivo somente as relações repetíveis.

Distintamente da pesquisa positivista, o objeto se transforma em sujeito. Nessa interação dialógica entre sujeitos, há as respostas às perguntas (sentidos). Segundo Bakhtin (2017), o sentido possui uma índole responsiva e, com efeito, atualiza-se ao se relacionar com outros sentidos. Por isso é que não pode haver um sentido *per se*, mas sentidos entre outros sentidos. Acrescenta-se que o sentido não pode mudar fenômenos físicos, mas pode mudar o sentido total de um acontecimento.

Em “Por uma metodologia das ciências humanas”, Bakhtin (2017) designa que o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Nesse sentido, é fundamental que o pesquisador (cognoscente), de seu lugar, movimente-se, empaticamente, em direção ao lugar do objeto personalizado (cognoscível). Tal movimentação dialógica, definida pela alteridade entre o eu/tu, é necessária com a intenção de se compreender pontos de vista, juízos de valores, posições, vozes. “Esse ser nunca coincide consigo mesmo e, por isso, é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2017, p. 59).

Nas ciências naturais, há a construção de conhecimento científico monológico ao se dirigir a uma coisa e, para ela, emite-se um enunciado, o que faz lembrar das relações

de segunda categoria marcadas pelo sujeito e pela coisa. Em posição contrastante, nas ciências humanas, tal como se pode presumir, Bakhtin (2017) chama a atenção para a heterocientificidade ao se produzir conhecimento dialógico, haja vista que, bem como estudado no texto precedente, estando-se diante das relações de terceira categoria, há o sujeito-pesquisador e o objeto personificado.

Há de se considerar, nesse esteio, o movimento dialógico na pesquisa constituindo-se com movimento retrospectivo (contexto passado) e prospectivo (contexto antecipável). No que tange ao seu método, há a dialética como movimento do diálogo entre o pesquisador-sujeito e o objeto personificado. É importante recobrar que a presente dissertação, um enunciado relativamente estável, do campo acadêmico-científico, é um texto que só tem vida na interação com outros textos, participando, assim sendo, de um diálogo discursivo social. Por certo, esse gênero discursivo possui sua tonalidade que serve de contexto axiológico-emocional para a compreensão.

Sistematizando o que foi até aqui teorizado, há a concepção dialógica do objeto, o que é, aliás, uma revolução epistemológica, uma vez que o próprio Bakhtin (2017) critica o objeto coisificado das ciências da natureza. Nessa perspectiva, o filósofo pensou em três categorias de relações, tais quais as do terceiro tipo, em que se situa a presente dissertação. Em função da alteridade, o pesquisador, com sua visão de mundo, movimenta-se de seu lugar para o do objeto personificado nas ciências humanas. Discutiu-se sobre a construção do objeto, os movimentos dialógicos de compreensão, os enunciados concretos, o discurso e a língua.

Por derradeiro, há dois desdobramentos dispostos a seguir. O primeiro deles é denominado “Ética e responsabilidade ao pesquisar terrorismo racial nas mídias digitais” no qual este pesquisador relata sua experiência ao investigar organizações de ódio racial, destacando, assim, a importante função da denúncia. O segundo é designado “Cinco atos procedimentais para planejar esta pesquisa” em que se analisam os procedimentos para investigar as organizações de ódio racial.

2.6.1. Ética e responsabilidade ao pesquisar terrorismo racial nas mídias digitais

Desde 2020, este que escreve esta dissertação investiga, denuncia e produz pesquisas sobre organizações (neo)nazifascistas no campo das mídias digitais cujos membros derivam da Hungria, Polônia, Alemanha, Portugal, Reino Unido, África do

Sul, Estados Unidos da América e Brasil. Em todos esses casos, esteve-se diante de projetos de expurgo do outro ao se reivindicar o *Plano Reinhardt*²⁰ da ditadura nazista. Portanto, elenca-se uma primeira pergunta: quais desafios éticos enfrenta uma pesquisa do campo discursivo ao ter como objeto organizações que promovem terrorismo racial no campo das mídias digitais? Sim, é terrorismo racial, porquanto se resgata a ideia de uma raça superior ariana que, para dominar o mundo e evitar a miscigenação racial, precisaria matar o negro, o gay, o latino etc. Essa ideia é compartilhada e publicada em páginas digitais com a intenção de colocar medo na população branca, de modo que essas organizações possam angariar dinheiro e membros para seu extremismo.

Para responder a essa pergunta, é oportuno também aludir a uma discussão em 2022 realizada entre este pesquisador e uma pesquisadora, editora-chefe da Revista *Abralin*. Naquele episódio, a editora-chefe criticou um artigo no qual este pesquisador não tinha colocado o *link* para um grupo de uma organização neonazista brasileira, o *Dogolachan*, vinculada a massacres escolares, tampouco tinha se apresentado aos membros como pesquisador. Nessa perspectiva, a editora-chefe não considerou as duas questões duas questões: 1) a diferença entre o público/privado; e 2) a periculosidade dessas investigações.

Em todas as investigações, este pesquisador sempre possuiu a posição de um observador ativo. Mais do que isso, e tendo como respaldo a teoria dialógica do discurso, este pesquisador-sujeito colocou-se, empaticamente, no lugar do outro, de jeito a compreender seus pontos de vista nessa movimentação dialógica. Nesse sentido, e sem digitar ou comentar uma palavra sequer para os membros dessas organizações, tentou entender seu horizonte ideológico marcado por crenças, valores, juízos diversos, preconceitos. Como se trata de páginas, canais e grupos totalmente públicos, não há de se pedir autorização para ler as mensagens-enunciados nem para produzir pesquisa, já que os membros estão conscientes que suas mensagens são públicas e apreciadas por um auditório social muito mais amplo do que a lista oficial de seus membros.

Mesmo assim, na pesquisa brasileira, existem vertentes muito tradicionais que não estão acostumadas com práticas de campo e pesquisa nas mídias digitais. Nesse rumo, essas reflexões encetam certo desconforto, porque, afinal de contas, existem pesquisadores e pesquisadoras que ainda não compreendem a diferença entre o que é

²⁰ Trata-se da operação de exterminar, como solução final, judeus e demais etnias por parte da ditadura nazista.

público do que é privado. É da lógica dessas organizações que seus grupos sejam sempre públicos, de maneira que possam recrutar novos membros, doutrinar sobre a fantasiosa superioridade branca e conspirar acerca da dominação judaica mundial.

Tão logo, se for necessário pedir autorização para produzir e publicar pesquisa a pessoas ligadas a massacres, não haverá pesquisa. Ante métodos arcaicos, como a ideia de obrigar o pesquisador a se apresentar a neonazistas, é fundamental considerar novos paradigmas. De todo modo, está-se não a prejudicar alguém, mas fazendo cumprir os valores da Declaração de Durban em nível internacional e PNDH-3 em nível nacional ao se combater o racismo.

Sobre a apresentação do sujeito como pesquisador, há de se convir que isso é de extrema periculosidade. Quando algum membro desconfia de algum “traidor”, esse sujeito é linchado e seus dados pessoais, como endereço, nome de familiares, CPF, conta bancária, fotos íntimas, podem ser expostos para todo o grupo. Da noite para o dia, o “traidor” é transformado, discursivamente, em um “estuprador pedófilo criminoso que caçaria criancinhas”, em suas palavras.

É crucial o anonimato, pois garante que o pesquisador esteja seguro de retaliações ao seu perfil pessoal usado para investigar e observar. Não há nada de falta de ética em garantir proteção digital contra os ataques de membros dessas organizações que reivindicam um projeto nazista para a sociedade. Sob uma equivocada premissa, poder-se-ia perguntar: “Ah, mas essas pessoas fariam o que fariam se soubessem que há um pesquisador entre elas?”. Em primeiro lugar, se o grupo é público, essa preocupação não existe para os membros, já que o objetivo é recrutar e ter suas mensagens respondidas. Em segundo lugar, a organização pode armar um plano para retaliar esse pesquisador ao persegui-lo. Vale insistir, esses sujeitos organizados defendem o assassinato e, por isso mesmo, não mudariam seu tom ao estarem na presença de um pesquisador.

Assim sendo, não vão se registrar as URLs acessadas nesta pesquisa, porque, como se sabe, as organizações de repressão racial visam a robustecer seu quadro de novos membros, o que, de certa forma, poderia ser considerado como uma forma de propaganda situar aqui os endereços eletrônicos analisados. Parece forçoso imaginar, mas existem pessoas procurando por essas URLs nesse exato momento de maneira a tentar compartilhá-las para disseminar seu conteúdo racista. Caso necessário, seria possível repassar os *links* acessados somente à banca, embora

ainda restritos ao público acadêmico. Em outra situação, poderiam ser enviados para o(a) editor(a) de periódico científico ou banca, sem, com isso, circunscrevê-los texto submetido.

O *corpus* desta pesquisa precisa ser denunciado. Sim, porque, ao estar circulando pelo campo das mídias digitais, é provável que cumpra com seu compromisso de alistar novos membros, além de polemizar e viralizar uma posição ideológica que promove a violência racial. Pior do que isso, esse discurso pode ser apreendido e orientado para ser ressignificado para outros países. Faz parte de um ato político deste pesquisador pautar os direitos humanos no campo das mídias digitais e denunciar o ódio racial. Ademais, é nodal repassar os *links* para a SaferNet, com o intuito de combater essas páginas de racismo.

Não raro a extrema direita torna, discursivamente, sujeitos em estupradores pedófilos da noite para o dia. George Floyd²¹, por exemplo, foi transformado em um bandido drogado que representaria uma ameaça ao convívio social e, por força disso, sua morte estaria justificada. Trata-se de conceber o outro como um alvo humano que precisaria ser assassinado. Nessa perspectiva, foi interessante o uso do navegador TOR que disfarça o IP. Mesmo assim, é um risco porque o pesquisador ainda tem seu nome atrelado à pesquisa. Contudo, há a consciência de que defender a democracia, no Brasil ou em outro país, sempre será um ato de resistência, perigoso e político.

Esta pesquisa, destarte, precisa ter como contrapalavra os valores dos direitos humanos com ênfase para a dignidade da pessoa humana. Por isso mesmo é que se tem como epígrafe inicial desta dissertação o PNDH-3. Nesse viés, pretende-se responder às manifestações de autoritarismo e fanatismo da extrema direita que, ao ter o outro como alvo humano, desumaniza-o, já que seus adeptos se consideram a expressão única de humanidade possível.

2.6.2. Cinco atos procedimentais para planejar esta pesquisa

No decorrer de 2020, este pesquisador começou a investigar organizações declaradamente neonazistas, como B&H e C18, que, embora tenham nascido no Reino

²¹ Foi um homem negro assassinado por um policial branco em 2020. Após uma confusão, ele foi imobilizado e, com perna do agente público, foi sendo asfixiado até morrer. Depois de sua morte, a extrema direita estadunidense começou a criar complôs segundo os quais ele teria resistido e, também, teria tido uma *overdose*. A ele, foram imputados inúmeros crimes falsos na tentativa de justificar a abordagem cruel e desumana do policial.

Unido, atuavam, naquela época, na Hungria e na Polônia, o que foi denunciado e influenciou a criação de uma comunicação no Instituto Federal da Bahia (IFBA) sob o título “Investigações sobre rede húngaro-polonesa (neo)nazista: signos de ódio, terror e crueldade” no evento “I Seminário de Estudos Linguísticos e Literários do IFBA” em 2020.

Depois disso, no “XI Simpósio Ação Cidadã”, promovido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), com a comunicação intitulada “Análise dialógica de *blog* brasileiro de supremacismo branco e (neo)nazismo”, indicou-se um *blogue* brasileiro da KKK no qual havia vários *links* externos para páginas neonazistas, uma verdadeira babelônia de linguagens, vozes sociais e discursos de orientação supremacista branca. Nessa perspectiva, este pesquisador pôde concluir que não só a KKK estava em funcionamento, mas também que representava um dos centros organizadores e recrutadores do neonazismo no mundo. Decerto, essas reflexões beiravam o espanto, pois era estranho reconhecer que uma organização surgida nos meandros de 1865 no contexto pós-Guerra Civil ainda estava em funcionamento e recrutava novos membros no campo das mídias digitais.

Ao pesquisar pelas páginas da KKK pelo buscador *Duck Duck Go*, usando o navegador TOR, na *surface Web*, foi assustador observar a construção estética dessas páginas digitais nas quais havia o emprego da bandeira da confederação atrelada a imagens com homens com mantos brancos perante cruces em chamas. Com isso, havia imagens com rituais de devoção fundamentalista racista em que homens da KKK se reuniam para socializar uns com os outros. Nesses eventos, apareciam crianças, homens e mulheres reproduzindo, geracionalmente, práticas sociodiscursivas. Nessas páginas, havia um cruzamento de textos, estruturados em gêneros discursivos, imbrincados no campo das mídias digitais, que serviam para dar boas-vindas aos novos visitantes, marcar a sua posição política e enunciativa e apresentar uma imagem da organização como que defensora dos direitos dos brancos.

Nesse ir e vir, foi que este pesquisador, a cada página de ódio racial encontrada, percebeu o *slogan*-enunciado WLM várias vezes repetido, o que estava inscrito em camisas e moletons a serem comercializados nas páginas da KKK. Depois disso, ao fazer algumas pesquisas, observou que, na verdade, esse *slogan*-enunciado materializa a voz de uma organização de ódio racial nascida em 2015. O FB tinha a maior concentração de páginas da WLM dividida entre páginas e grupos. No passar dos

meses, a WLM sofreu um golpe nessa plataforma e muitas de suas páginas haviam caído. Por certo, porque muitos haviam denunciado esse discurso racista e talvez a empresa supracitada tenha compreendido que se infringiam suas políticas de boa convivência. Esse entendimento durou pouco tempo.

Meses depois, as páginas da WLM voltaram com muito mais força e insurgiu-se uma onda de supremacismo com dezenas de grupos da WLM preconizando a morte de negros e negras estadunidenses, mas não como a KKK com um racismo aberto e manifestado, e sim com um racismo velado e subentendido. Se uma organização defendia que o negro seria inferior racialmente por ser impuro; a outra, para manter as aparências, afirma que o negro seria moralmente inferior, já que teria uma predisposição para cometer crimes. Para evidenciar isso, postava vídeos com negros assaltando e memes racistas atrelando sempre essa população à criminalidade. As páginas, em sua maioria, eram criadas esteticamente com a bandeira da confederação.

Nesse esteio, quase como uma sandice, este pesquisador decidiu abarcar mais uma organização em sua pesquisa, a WLM. Sandice, porque as pesquisas em análise dialógica do discurso não podem se comprometer com uma extensa cadeia de enunciados, haja vista que se examina uma realidade (extra)linguística e discursiva. Dessa maneira, conta-se com a seleção de elementos potencialmente verbivocovisuais e sua disposição no projeto arquitetônico do locutor, a entonação e a expressão de variadas valorações sociais, diferentes índices temporais e espaciais, a interlocução de linguagens sócio-típicas e discursos alheios. Ao selecionar essas duas organizações, teve-se de observar e registrar tudo visto haver uma instabilidade.

A partir dessa conclusão, estabeleceram-se, em cinco atos, o planejamento metodológico desta pesquisa: 1) caracterização e seleção da organização; 2) observação e registro das interações discursivas; 3) esboço de questões de pesquisa; 4) análise dialógica dos enunciados concretos; e 5) escrita e apresentação os resultados finais.

No que compete ao ato 1, as organizações caracterizadas foram a KKK e WLM devido a relações dialógicas entre seus estilos discursivos. Além disso, a KKK promove, com suas camisas, a WLM. Ao serem selecionadas, teve-se em consideração o risco que representam para o convívio social. Aliás, não se restringe às fronteiras geográficas dos EUA, visto que, com o processo de desterritorialização, essas práticas sociodiscursivas podem ser apreendidas e orientadas para serem ressignificadas para outros países americanos, tais como o Brasil.

Quanto ao ato 2, como essas páginas digitais são muito voláteis, foi necessário usar o programa *OBS Studio*. Gravou-se a tela do *notebook* com esse programa na intenção de iconografar cada passo de investigação nas páginas visitadas. Não se fez o *download* delas com o apoio do programa *HTTrack*, porque esse procedimento seria extremamente trabalhoso e demorado, uma vez que as páginas do FB, as da WLM, eram imensas do ponto de vista do conteúdo lá carregado. O único empecilho é que toda a investigação se torna restrita ao visto pelo pesquisador, porquanto se tem só o que foi gravado.

No que se refere ao ato 3, em pesquisa em análise dialógica do discurso, é crucial haver acuidade para com o seu desenho metodológico, de tal modo que, metaforicamente, não seja uma mera aplicação mecânica de conceitos e teorias. Nesse sentido, somente após a identificação do grupo de sujeitos organizados e observação responsiva de seus enunciados concretos, pôde-se partir para a construção metodológica.

Relativamente ao ato 4, pôde-se examinar os enunciados escolhidos com respaldo da teoria dialógica do discurso, tendo em vista que, com efeito, avaliar e interpretar se imbricam como a unidade do ato integral. Esses atos se pretendem, ao pôr em diálogo objeto e pesquisador, desbravar um diálogo e nele observar os sentidos produzidos. Antes de apresentar os critérios de análise, é fundamental retornar aos objetivos propostos:

- i) Como objetivo geral, analisam-se, dialogicamente, os discursos da KKK e WLM com a finalidade de compreender seus estilos discursivos com vistas a perceber as imagens produzidas sobre o branco e o negro;
- ii) Da generalidade à especificidade, objetiva-se, em primeiro lugar, verificar a construção de cronotopos (espaço-tempo) internos e externos com o propósito de entender o emprego de índices espaciais e temporais para avaliar os EUA;
- iii) Em segundo lugar, examinar a constituição do discurso paródico de tipo racista com o intuito de interpretar como seus espelhos semânticos deformam o outro;
- iv) Em terceiro lugar, indagar, em cotejamento, como os discursos da KKK e WLM são apreendidos, orientados e ressignificados pela organização

brasileira OrBr para o cenário nacional com a intenção de identificar relações dialógicas expressas em suas posições extremistas.

Desta feita, estes são os critérios de análise: a) estilo discursivo: a conjugação de forma e conteúdo, considerando a seleção de elementos potencialmente verbivocovisuais e sua disposição no projeto arquitetônico, a entonação expressiva e a composição temática do enunciado; b) imagem: a valoração das organizações em relação a traços sociais, estigmas e estereótipos sobre o negro, o imigrante, o pobre, o branco, a família, a raça, o país e o divino; c) cronotopo: a relação entre os índices espaciais e temporais e a expressão de pontos de vista sócio-históricos a partir disso; d) discurso paródico de tipo racista: a parodização e racialização do outro a fim de que se possa inferiorizá-lo e produzir riso para o público neonazista.

No ato 5, escrevem-se os resultados finais da pesquisa com a finalidade de reaver os atos procedimentais precedentes. Há, também, o movimento de evidenciar as limitações e contribuições da pesquisa.

Por último, cumpre salientar que participa do trajeto metodológico a transcrição de todos os enunciados tanto em inglês quanto em português. Isso permite que haja maior acessibilidade na leitura desta dissertação aos mais variados públicos.

3. PARA ONDE IAM OS PÁSSAROS: UM PANORAMA HISTÓRICO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Como enfatiza Volóchinov (2019) no ensaio *A palavra na vida e na poesia*, o enunciado tem sua composição semântica constituída pelo contexto histórico, cultural, econômico e social. Nessa perspectiva, o presente capítulo objetiva apresentar um panorama histórico, econômico e social da construção dos EUA, pois ecos semânticos e avaliativos reverberam em enunciados da KKK e WLM. Não por acaso, essas duas organizações reivindicam a luta dos confederados na Guerra Civil, de modo pretender escravizar novamente a população negra. Em suas páginas digitais, bandeiras e emblemas são escolhas que denotam um ponto de vista estético e racista de mundo. Há, ainda, a ideia compartilhada de que a população branca possuiria um direito natural sobre aquelas terras colonizadas. Enquanto tal, estaria em uma guerra puritana e racial contra um inimigo (povos tradicionais, negros, católicos...).

“Para onde iam os pássaros” é uma designação pensada pelo historiador James West Davidson para apresentar aos leitores um cenário no qual a tripulação de Colombo, financiada pela Espanha, encontrou aves terrestres, o que, na visão dos tripulantes e do almirante, deveria significar um sinal. Decerto, para o leitor que espera mais uma dissertação em análise dialógica do discurso, situada nos Estudos da Linguagem, do que historiografia, não se tratará, nesta oportunidade, com toda vênua, das dinastias inglesas, anglicanismo, revolução gloriosa muito menos da contestação do Tratado de Tordesilhas pela Inglaterra. Haverá uma proposta mais objetiva, mas que não abandona a complexidade de trazer para o debate a colonização da parte norte do continente americano, da construção da Constituição, Guerra de Secessão, Reconstrução, Emendas e o panorama extremista da direita dos EUA hoje.

Para o nascimento dessa nação, é importante recobrar que o imperialismo europeu no encontro entre os povos observou a possibilidade de realização de um projeto colonial, já que, em sua perspectiva, poderia angariar dinheiro e puritanizar (GRANT, 2014). Com o intuito de conferir sentido ao que se estava adiante, povos tradicionais foram apercebidos pelos valores culturais eurocentrados no que tange ao fenótipo, à cultura, à religião, à política e à justiça (GRANT, 2014). Nessa comparação, há esse “outro” a partir do qual se constrói a imagem de uma inferioridade cultural, enrobustecendo, assim, um projeto cruel de colonização à serviço de uma população branca e europeia.

Há de se atentar para a fundação dessa sociedade, relevando a Grande Migração (1629-1642) com 20 mil puritanos distribuídos em Plymouth, Massachusetts, Rhode Island, New Haven e Connecticut, o que, a partir dos assentamentos, convida a reflexão de que a mulher branca poderia servir ao homem e ele à autoridade da igreja (GRANT, 2014). Sobre essa hierarquia, há a posição de dominação do homem colono branco britânico, o chefe da família, em comparação com as mulheres brancas britânicas, aos povos originários e aos negro-africanos (GRANT, 2014). Mesmo a mulher branca, havia sido transformada em produto a ser comprado/vendido por tabaco. Tudo isso denota uma rígida estrutura eclesiástica e patriarcal nessa sociedade.

Assim construída, no horizonte ideológico dos assentamentos, havia uma visão binária em que atuavam deus, de um lado, e diabo, de outro. Diante disso, o inimigo foi personificado como diabólico, sobretudo no que tange aos povos originários. Havia, na relação com esse outro, um medo da contaminação racial e cultural (GRANT, 2014).

Para as necessidades de mão de obra das colônias, sobretudo as sulistas, consolidava-se a escravidão particularmente em Chesapeake, na Carolina do Norte e na Carolina do Sul e na Geórgia marcada pela relação jurídica proprietário-propriedade.

Nesse contexto, a economia sulista era caracterizada pela produção agrária da escravatura naquela sociedade patriarcal, até mesmo porque a Constituição de 1787 não tinha abolido a condição de escravização de sua raiz colonial (GRANT, 2014). Aliás, em 1808, o tráfico transatlântico tinha sido proibido, o que não impediu essa negociação por parte das colônias sulistas. Assim, no Sul, havia o trabalho de milhões de escravizados em uma sociedade dominada por fazendeiros brancos e ricos.

Tratava-se de uma instituição jurídica do Sul na qual a “propriedade” estava submetida ao crivo dos interesses do patrão, não havendo a possibilidade de se discutir sobre liberdade para se locomover, educação, saúde (AMEUR, 2005). A população branca aristocrata e trabalhadora tinham, em predominância, um horizonte ideológico marcado pela crença na escravatura e pela ideia do “medo do negro”.

Abraham Lincoln, do Partido Republicado, então Presidente, estava perante uma guerra prestes a estourar. A Carolina do Sul, tal como os demais estados, encetou a posição pelo escravagismo em nome do orgulho cultural e exaltação de valores, começando uma guerra de secessão. Em 1860, os EUA recebiam fluxos migratórios advindos do continente europeu e, nesse rumo, esse país estava adiante de tensões no século XIX (AMEUR, 2005).

No ano seguinte, em 1861, forma-se a Confederação dos Estados da América tendo um senador do Mississippi como Presidente e uma nova capital, Montgomery (AMEUR, 2005). Foram 4 anos de guerra e, no meio dela, Lincoln aboliu a escravidão. Após anos de sangue fratricida, ergue-se o processo político e militar de Reconstrução.

Nesse cenário é que surge a KKK de jeito a tentar obstruir o direito à vida da população negra recém-liberta. Essa organização era formada por ex-soldados que lutaram pelo sul confederado e tinham um ódio selvagem contra negros, imigrantes e católicos. Tal organização teve muitos magos imperiais (líderes) que se utilizaram de estratégias para recrutar novos membros como consumidores e apologistas de seu projeto de reescravização negra. A KKK usou bastante as mídias analógicas (e nos dias de hoje, vale-se das digitais) a seu favor com a finalidade fazer produzir, circular e receber a sua palavra.

Daquele período para a atualidade, muitas outras organizações estão em funcionamento nos EUA que registram a ascensão da extrema direita. Assim, há a WLM, por exemplo, cujo enunciado “Vidas Brancas Importam” é pronunciado em páginas da KKK. Não somente nas ruas, mas também nas mídias digitais, há o método para criar uma grande e complexa rede de ódio contra grupos raciais por parte dessas organizações supracitadas, o que reverbera valores, a propósito, em direção ao Brasil pela reapreensão desses valores devido à atuação da OrBr.

Para levar essa proposta a cabo, como desdobramento, há o subcapítulo chamado “Nascimento de uma nação: diálogos entre a fé, o capital e o projeto de colonizar” em que se tratará do panorama histórico e colonial dos EUA com o objetivo de se evidenciar os valores que, na atualidade, são reivindicados pelo supremacismo branco. Depois, há o subcapítulo denominado “Sangrenta e fratricida Guerra de Secessão (1861-1865)” para que se possa perscrutar a posição militar, política e cultural dos estados do norte e do sul com o intuito de analisar o nascimento da KKK.

Em seguida, há o subcapítulo designado “O manto branco, os racistas e a patrulha nas ruas: a origem da *Ku Klux Klan*” no qual se discorrerá sobre a trajetória de morte da KKK, além de seu horizonte ideológico. Após, o subcapítulo intitulado “A tela branca, os racistas e a patrulha nas redes: a gênese da White Lives Matter” em que se discute acerca da trajetória da WLM na sociedade estadunidense.

Para finalizar, há o subcapítulo alcunhado “Metodologia e concepção dialógica do objeto/sujeito”, com embasamento no que foi estudado, expõe-se a metodologia articulada a partir da observação ativo-responsiva do objeto-sujeito. Dessa maneira, abordam-se os empecilhos para esta pesquisa que tem como foco a análise do terrorismo racial nas mídias digitais. Para tanto, desdobra-se em “Ética e responsabilidade ao pesquisar terrorismo racial nas mídias digitais” e “Cinco atos procedimentais para planejar esta pesquisa”.

3.1. Nascimento de uma nação: diálogos entre a fé, o capital e o projeto de colonizar

Observa-se que os ingleses não foram os primeiros a provocar um encontro cultural e biológico com populações indígenas tampouco a pisar no que veio a ser chamado “América”, pois se pode mencionar, dentre outros, navegadores como Verrazano, Ponce de Leon, Hernando de Soto, como lembra Karnal et al. (2007). Tal

fato consiste em considerar as doenças do continente europeu, bem como sarampo e gripe, que devastaram essas populações originárias. Nesse contexto, merece ênfase a decisão da rainha Elizabeth I ao conceder permissão a Sir Walter Raleigh, a fim de que pudesse começar a colonização, o que enseja expedições nos anos de 1584, 1585 e 1587 nas terras a serem nomeadas como “Virgínia”, aludindo, com esse ato, a ideia de virgindade da monarca e do território.

Dentro desse projeto, é inescusável não reconhecer que havia um objetivo por metais, uma vez que o domínio pelo ouro e pela prata caracterizava um anseio por parte da Coroa, que, no que lhe concerne, atribuiu a terceiros o direito de reger a terra e o mar a partir de seu crivo, resguardando, com isso, parte do que fosse encontrado. De toda maneira, em resposta a esse desígnio, tinham-se conflitos com populações indígenas, além de fome e doenças, o que, por consequência, frustra a experiência colonial inglesa naquela ocasião.

A Coroa inglesa, no nascedouro do século XVII, restaurou seu projeto de colonizar nas terras americanas com respaldo da Companhia de Londres e a de Plymouth, que, conforme salientam Karnal et al. (2007), tinham características de empresas capitalistas, levando em consideração sua constituição por comerciantes. Nessa conjuntura, da Flórida até o rio Potomac, a Companhia de Plymouth tinha monopólio comercial e territorial, o que, quanto a de Londres, restava a região do cabo Fear até Nova York. A propósito, há de se atentar para o fato de essas Companhias não terem um projeto efetivo para a conversão dos povos originários ao cristianismo, apesar das intenções do rei James I.

Na verdade, havia, como posição emotiva-volitiva, o repúdio à integração do índio, talvez pelo fato de ser apercebido a partir de valores eurocêntricos. Sendo inimigo ou aliado, a sociedade inglesa lhe atribui um lugar de estranho. Ainda que a Companhia de Londres tenha tido sua licença caçada em 1624, bem como a de Plymouth em 1635, o projeto de colonizar da Coroa inglesa não renunciou aos seus objetivos. Nesse contexto, sinalizam Karnal et al. (2007) entraves a essa pretensão, tais quais: i) a tortuosa navegação do continente europeu ao americano responsável pela morte de colonos; ii) a fome dos colonos que tornou comestíveis cães, gatos e cobras; iii) os ataques de índios; iv) traições como no caso de George Kendall acusado e executado de espionar, servindo aos interesses do rei da Espanha.

No século XVII, há de se notar para a demografia das cidades inglesas, porque, com esses espaços repletos pelas massas, o projeto de colonizar compreendeu uma lista de ingleses não desejados a serem enviados da metrópole às colônias, o que, em certo grau, contradisse o ponto de vista segundo o qual a colonização teria procedido com grupo de sujeitos instruídos. Karnal et al. (2007) rememoram que, em 1624, a própria Companhia de Londres tinha uma posição cuja finalidade era a de remover indivíduos necessitados das cidades inglesas, de tal modo que a fatura da Inglaterra coubesse só a quem lá permanecesse.

No que tange a esse movimento de limpeza social, pois esses ingleses e inglesas não pertenciam à aristocracia financeira, cultural, intelectual e política, mulheres foram despachadas, a fim de serem vendidas como esposas em troca de tabaco (GRANT, 2014). Aliás, o destaque de Karnal et al. (2007) é importante, porque lembram que esses sujeitos não tinham condições econômicas para pagar uma passagem para o continente americano. Sobre isso, não se pode esquecer do que se tinha como *indentured servant* (servidão temporária), uma vez que, com esse sistema, havia como intento o trabalho gratuito em troca da passagem para a imigração. Por certo, essa negociação nem sempre se pautou em voluntarismo, visto que, caso a dívida não fosse paga, poder-se-ia restringir ao trabalho forçado. Com amparo em Karnal et al. (2007), entende-se que, como fonte também de servidão, crianças eram raptadas a serem vendidas como empregadas.

No que se refere aos peregrinos, sabe-se que se formaram a partir de sujeitos despachados da sociedade inglesa. Em contraste com isso, a imagem popular que se tem dos *pilgrim fathers* (pais peregrinos), talvez pelos meios de comunicação midiática, é a do homem, branco, anglo-saxão, protestante e instruído. Certamente, a perseguição religiosa inglesa nos séculos XVI e XVII, como ensinam Karnal et al. (2007), movimentou grupos dentre os quais se pode indicar o com os líderes John Robinson, William Brewster e William Bradford transportado para Massachusetts em 1620. Esses puritanos ingleses em peregrinação produziram um documento alcunhado *Mayflower Compact*, o que é, aliás, concebido pela história estadunidense como bastião da liberdade, haja vista que, assinado por tripulantes do navio *Mayflower*, reivindicava a instituição de leis, ordenanças, atos e ofícios iguais de acordo com interesses para o bem geral da colônia.

Na construção da cultura estadunidense, como recobram Karnal et al. (2007), propagada pelos meios de comunicação, há uma ênfase na ideia da liberdade, nas leis, na palavra divina, na peregrinação do WASP, acrônimo de *white, anglo-saxon, protestant* (branco, anglo-saxão e protestante). Há de se relevar o *Thanksgiving* (Ação de Graças) que, realizado em 1621, reuniu aqueles colonos recém-chegados em Plymouth, em Massachussetts, e o chefe Massasoit, do povo *wampanoag*. Como refeição nesse festejo, havia o peru e a torta de abóbora. Com efeito, há como ideia fomentada o encontro cultural pacífico entre os brancos e os índios. Um equívoco.

Dos protestantes calvinistas, também chamados de puritanos, compreende-se a ideia de um povo eleito por deus que, diante do mundo, seria perseguido por forças diabólicas (GRANT, 2014). Nessa perspectiva, esses religiosos possuem uma visão de moral coletiva a partir da qual tentam exercer controle no que concerne a atividades de seus membros. Entre 1620 e 1642, os primeiros puritanos se instalaram com sua ideologia reativa ao catolicismo, destinando o sujeito à salvação se a vida fosse bem sucedida ou à danação se a vida fosse de pecados. Após a Grande Migração (1629-1642), houve 20 mil protestantes calvinistas distribuídos em Plymouth, Massachussetts, Rhode Island, New Haven e Connecticut (GRANT, 2014). A esse respeito, leia-se o que vem a seguir:

[...] as mulheres eram consideradas iguais aos homens, pelo menos espiritualmente. Socialmente, era outra coisa. Em todos os aspectos práticos, a estabilidade era garantida por uma rígida estrutura patriarcal e eclesiástica que era ao mesmo tempo inclusiva e exclusiva. Deus era o chefe da Igreja, a Igreja era o foco da vida social e familiar, e o homem era o chefe da família (GRANT, 2014, p. 78).

Diante desse cenário, as colônias do Norte, particularmente da costa atlântica, constituem-se de um clima parecido com o do continente europeu e, por consequência, lhe dificultaria respaldar produtos à metrópole inglesa, tal como anota Karnal et al. (2007). Nessa atmosfera, desenvolveram-se a policultura e o mercado interno, não se restringindo, assim, à Inglaterra, marcando-se predominantemente pelo trabalho familiar. Há de se relevar, nesse esteio, a produção de navios a serem usados no “comércio triangular”, que é, conforme estudam Karnal e al. (2007), uma complexa rota comercial que esses navios realizaram desde a compra de cana e melado das Antilhas até a venda de bebidas no continente africano trocadas por escravizados. Consequentemente, esses sujeitos eram vendidos em fazendas das Antilhas e colônias do

Sul. Por fim, esses navios dirigiram-se para a Nova Inglaterra com melado e cana, de jeito a produzir o rum a ser comercializado no continente africano.

As colônias do Sul tinham uma base econômica distinta cuja característica era a exportação e o trabalho servil, o que, com seu clima, pôde desenvolver produtos segundo os interesses da metrópole inglesa. Nesse sentido, enfatiza-se a produção de tabaco, propiciando a expansão do território agrícola para seu cultivo. Para essa tarefa, dispunha-se da escravização nas fazendas. Tendo isso em vista, as colônias sulinas tinham resistência no que tange à ideia de independência, consoante Karnal et al. (2007), porque poderia prejudicar suas relações econômicas, já que se tinham uma dependência, nesse caso, uma dependência da metrópole inglesa.

Havia milhões de autóctones antes da colonização europeia, o que foi reduzido significativamente com a colonização (GRANT, 2014). Até a chegada dos europeus, como continua a contribuir Karnal et al. (2007), havia mais de trezentas línguas que, com sua constituição lexical, atribuíram nomes a territórios dos EUA como Dakota, Delaware, Massachusetts, Iowa, Illinois, Missouri. Do ponto de vista do branco colonizador, com seus valores eurocentrados, as populações originárias foram apercebidas como selvagens, primitivas, incivilizadas e possuídas por demônios (KARNAL et al., 2007). Sobre isso, registre-se que os peregrinos puritanos tinham o ponto de vista de estarem em direção à terra prometida, o que lhes permitiu, tal como na passagem bíblica envolvendo Josué, tentar expulsar os habitantes de sua Canaã.

Dentro desse projeto de colonizar, houve a escravização indígena, o que, como preceitua Karnal et al. (2007), suscitou o fato de os colonos brancos das Carolinas do Norte e do Sul terem lhes vendidos na condição de escravizados. A esse respeito, a Carolina do Sul tinha, aproximadamente, 1400 índios escravizados, o que é, como prática de controle social, preservado até a Independência. Em contraste, não se pode esquecer que esse processo não foi passivo, pois houve luta por parte dos povos originários, tal com o ataque violento à aldeia inglesa de nome Wolstenholme, na Virgínia. Apesar disso, houve tentativas de tratados de paz “[...] reforç[ando] o discurso racializado e religioso que definia essa relação desde o início, a distinção entre não brancos pagãos e brancos cristãos [...]” (GRANT, 2014, p. 87). Nesse cenário, há de se ressaltar, além do visível genocídio, o processo de engenharia social, mediante casamentos mistos, com o propósito de evangelização.

Não há como não referenciar a imagem de Pocahontas, pois é a representação da conversão ao cristianismo. Tal como narra Karnal et al. (2007), a jovem salvou a vida do capitão inglês John Smith após ser capturado e, no decorrer de sua relação com o branco colonizador, teria denunciado ataques indígenas, além de tentar agradá-lo. Depois de ser convertida ao cristianismo, teve seu nome modificado para Rebeca e se casou com um plantador de tabaco chamado John Rolfe em 1614. Dois anos mais tarde, transportou-se para a Inglaterra, talvez pelo ambiente inglês. Pocahontas morreu no continente europeu. Além disso, ainda nesse contexto de conversão, tentou-se construir uma imagem aceitável aos povos originários, logo criou-se, com a finalidade de cristianizar, um colégio dirigido para índios em Harvard, de modo a lhes fazer estudar lógica, retórica, grego e hebraico. Essa empreitada não logrou êxito, até mesmo porque se tem o registro de só Caleb Cheesahahteumuck ter conseguido se formar.

Em 1619, houve o primeiro navio holandês com negros escravizados, o que, em duas décadas, enveredou para um sistema de escravização naquelas colônias ultramarinas inglesas e, como respaldo, havia uma legislação própria. Na travessia oceânica, há de se mencionar os navios superlotados, péssima alimentação e torturas físicas, aumentando, por certo, a mortalidade, segundo lembram Karnal et al. (2007). Nessa perspectiva, era vendido na América anglo-saxã o ser humano “objetificado” que pudesse sobreviver a esse trajeto tortuoso.

Acerca da legislação escravagista, verificam-se em 1662, no território da Virgínia, leis que estabeleceram a condição de escravizado a partir da mãe, de tal maneira que, se se tratasse de uma mulher escravizada, mesmo com pai inglês, o filho seria escravizado. Em 1669, houve uma nova lei conforme a qual, se o negro em condição de escravização morresse devido a castigos físicos, o “amo” seria absolvido. Por esse ângulo, anotam Karnal et al. (2007) que, ademais, essa lógica consistia em considerar que assassinar o escravizado não seria intencional, pois nenhum proprietário destruiria seu bem.

Em 1712, a Carolina do Sul avolumou à legislação um conjunto de leis concernentes à vida dos escravizados. Havia a proibição de negros se movimentarem para a cidade com o fim de evitar multidões e também de portar armas. Não só rigor na vigilância, mas ainda na punição contra crimes de escravizados contra a sociedade branca, particularmente se se tratasse de uma rebelião. Nesse esteio, observam Karnal et al. (2007), com fundamento no historiador estadunidense Herbert Aptheker, que,

naquele cenário, há de se considerar a resistência que se manifestou com diferentes meios, tais como o atraso no trabalho, fingimento de doenças, fugas, incêndios e assassinatos. Como exemplo, examina-se a tentativa de envenenar o abastecimento de água em Nova York em 1740.

À guisa do presente percurso, exemplifica-se que, na hierarquia social das colônias americanas anglo-saxãs, havia o homem branco protestante com posses. No que tange à mulher branca, sabe-se que, desde o início do projeto colonial, foi transportada para sua comercialização na condição patriarcal de esposa. Sobre isso, apresentou-se um fenômeno chamado escravidão temporária no qual o imigrante oferecia serviços em troca de uma passagem. Nesse sentido, crianças eram raptadas, a fim de servirem, no contexto do trabalho forçado, como empregadas. A propósito, os povos originários também escravizados contextualizaram-se, não sem resistência, em um processo de conversão ao cristianismo e, como exemplo, pensou-se na imagem da jovem índia Pocahontas como mais aceitável naquele tempo em comparação aos vistos como selvagens, incivilizados e primitivos. Concernente à população negra sequestrada do continente africano, verificou-se um conjunto de leis para sujeitar, ao extremo, o outro indesejado à sociedade branca. Nesse quadro, cumpriu ressaltar as dissonâncias entre as colônias nortistas e sulistas que, no subcapítulo precedente, são agravadas com a Guerra de Secessão entre a União e a Confederação dos Estados do Sul.

3.2. Sangrenta e fratricida Guerra de Secessão (1861-1865)

A Guerra Civil foi um evento marcante na história dos EUA que, devido a sua natureza sangrenta e fratricida, fez com que estadunidenses criassem estátuas em homenagem a soldados da antiga confederação, as quais, revestidas pelo racismo estrutural e institucional daquele país, são muitas vezes derrubadas pelo movimento BLM, o que é frontalmente criticado pela WLM. Nesse horizonte, Lincoln ocupa lugar privilegiado no panteão de “heróis americanos” ao ter presidido as colônias nortistas contra as sulistas, embora seus discursos comprovassem que ele não era um abolicionista. De qualquer forma, há de se verificar a gênese e as várias peripécias da secessão, tendo em vista que a bandeira da confederação é retomada pela KKK e WLM, de jeito que, ao olharem para o passado, reivindicuem no presente uma política racializada de controle da sociedade.

Em 1860, os EUA eram uma potência em formação que estava sendo erguida por fluxos migratórios do continente europeu. Nesse rumo, a União via-se frágil na medida em que se intercalavam tensões no decorrer do século XIX. De um lado, o Norte com uma economia marcada pela indústria e pelo progresso em ascensão. De outro lado, o Sul com uma economia marcada pela produção agrária baseada na escravidão e em uma sociedade patriarcal. “Expulsos da Europa pela guerra, pela miséria e pelas perseguições, 5 milhões de imigrantes atravessaram o Atlântico entre 1815 e 1860 para se fixarem definitivamente em solo americano” (AMEUR, 2005, p. 13).

A federação dos EUA era regida pela Constituição de 1787 que, na verdade, não considerava os direitos fundamentais daquela população presa pelas amarras do sistema racista de escravizações. O texto constitucional não aboliu a condição servil da herança colonial, o que permitiu que os estados pudessem escolher a maneira como poderiam se posicionar perante essa temática (GRANT, 2014). A esse respeito, nas regiões Norte e Centro, a escravidão foi abolida. Em contrapartida, no Sul, tratava-se da base do sistema econômico, mesmo que o tráfico transatlântico de escravizados tenha sido abolido em 1808. Evidentemente que, sendo ilegal, calcula-se que 250.000 escravizados tenham sido inseridos no Sul. Seguindo aquela sanha colonial movida pelo lucro (e pela fé!), o capitalismo fez com que a emancipação fosse esquecida nas terras sulistas (AMEUR, 2005).

Não havia como ignorar a oposição congênita entre a Dixieland e o Yankee. A civilização sulista, patriarcal e agrária tinha um horizonte de valores jeffersonianos que reivindicava “[...] simplicidade de vida, um gosto refinado pela cultura do espírito, pelas virtudes cavaleirescas ou guerreiras, pelo civismo – em suma, uma atração muito clara pelas elites aristocráticas europeias” (AMEUR, 2005, p. 18). Nas plantações de algodão, tabaco e arroz do Sul, havia o trabalho de milhões de mãos escravizadas. Nessa perspectiva, havia o panorama de uma sociedade dominada por uma minoria de fazendeiros ricos e hierarquizada pela escravização. Na sociedade do Norte, cuja fonte de lucro não era a escravização, havia uma tradição comercial herdada pelo puritanismo e laços com mercados europeus. Segundo Ameur (2005, p. 19), “Em 1860, as fábricas do Norte produzem 90% dos produtos manufaturados da nação”. De todo modo, com o fluxo de imigrantes, não tardou haver um “movimento nativista”, o Know-Nothings, que visava resistir à “invasão estrangeira”.

A escravidão era uma instituição jurídica no Sul tão antiga quanto a colonização britânica. Em 1691, os primeiros escravizados chegaram à localidade de Jamestown na Virgínia. Por isso é que Ameur (2005, p. 24) afirma: “O escravo está submetido à vontade exclusiva do patrão. Não tem o direito de se deslocar ou de se casar sem a sua autorização, nem sequer de aprender a ler e escrever”. A branquitude sulista aristocrata e proletária tinha seu horizonte social povoado por valores da escravidão. Incapazes de imaginar uma sociedade multiétnica, agarraram-se aos seus próprios privilégios oferecidos pela branquitude. “Solidamente enraizado nos espíritos, o ‘medo do negro’ torna-se uma nova forma de justificar a escravidão” (AMEUR, 2005, p. 25).

Enquanto a escravidão se fortificava no Sul, até mesmo pelo fluxo comercial com outros países (Reino Unido, França...), no Norte, desenvolvia-se um movimento abolicionista (AMEUR, 2005). Por exemplo, a atuação de William Lloyd Garrison, um jornalista branco, que fundou o jornal *Liberator* e participou da criação da Sociedade Antiescravagista. Ele foi um crítico da Constituição vigente e defendia a libertação da população negra e uma indenização a cada pessoa escravizada. Ou então pode-se citar as redes clandestinas de fuga criadas por Harriet Tubman, mulher negra nascida na escravidão (AMEUR, 2005).

Tencionando as contradições da sociedade, os pregadores da civilização escravagista do Sul estavam também posicionados. De um lado, George Fitzhugh, um extremista, que escreveu os livros *Sociologia para o Sul* (1854) e *Todos Canibais* (1857) e defendeu com um discurso racializado e religioso que, como os negros descenderiam da linhagem de Cão, teriam sido amaldiçoados e condenados à servidão por Noé (AMEUR, 2005). De outro, John Calhoun resguardava seu pensamento racista baseado na ideia de que a exploração capitalista do sistema escravista era um regime de paternalismo que beneficiaria mulheres, crianças e idosos em relação aos efeitos do tempo e doença (AMEUR, 2005).

Nessa guerra de valores ideológicos (econômicos, políticos, culturais), uma figura muito célebre na história dos EUA viu-se perante a fragilidade da União, Abraham Lincoln. A Carolina do Sul foi o primeiro estado a reivindicar sua posição escravagista, seguida por Mississippi, Flórida, Alabama, Geórgia e Luisiana, Texas. No Sul, intensificava-se uma exaltação de valores que se guarneceu no entremeio do orgulho e da satisfação pela separação. Assim surgiu a Confederação dos Estados da

América e, em 1861, um senador do Mississippi tornou-se o presidente eleito, reconhecendo o sistema escravista em todo o território confederado (AMEUR, 2005). Ao substituir Washington, Montgomery virou a nova capital. Mesmo com um discurso reconciliador ante o Capitólio, Lincoln não pôde evitar que Arkansas, Tennessee, Carolina do Norte e Virgínia juntassem-se aos estados rebelados (AMEUR, 2005). Depois de 4 anos de guerra, começou o período conhecido como Reconstrução e, naquele cenário, surge a KKK como forma de protesto à população negra liberta, embora sem condições materiais, dado que foi deixada ao relento (AMEUR, 2005).

É importante saber que, durante a Guerra Civil, o Presidente republicano proclamou a abolição da escravatura em 1863, o que foi acentuado pela 13ª Emenda à Constituição. Em 1920, pesquisadores da University of Tennessee, Fisk University e Southern University of Louisiana começaram a coletar depoimentos de pessoas que outrora foram escravizadas. Assim sendo, com essa mesma motivação, o livro *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, com organização de Tâmis Parron, evidencia as mais diversas crueldades físicas à época da escravização negra (BOBBITT, 2020; PERRY, 2020; ROW, 2020; SMITH, 2020).

Além disso, a emancipação não conferiu condições para que os recém-libertos pudessem construir uma nova vida. Na verdade, muitos ex-escravizados relatam que, ao serem advertidos que estavam livres, os senhores disseram que, se quisessem, poderiam lá permanecer, mas foram embora para fugirem dos maus-tratos (BONNER, 2020; DORSEY, 2020; GARLIC, 2020; HAYWOOD, 2020; HOOK, 2020; MCCREE, 2020). Aliás, Rowe (2020) relata as ameaças de morte sofridas pelo “senhor” diante da emancipação. Enquanto isso, Henry (2020) trata de como foi difícil encontrar emprego após a libertação da escravatura. A propósito, Parks (2020) descreve que, mesmo com a soltura, muitos escravizados foram levados para outro estado, de modo que fossem escondidos dos soldados da União.

De todo esse contexto histórico, é importante ter em mente que, ao vislumbrarem os valores do passado, a KKK e WLM reivindicam a ideia de que estão em guerra, porque a população branca estaria sofrendo um genocídio racial e uma contaminação cultural. Nesse âmbito de embates, o aniquilamento do “outro” aguarda à espreita e o discurso de dominação encontra-se materializado no campo das mídias digitais.

3.3. O manto branco, os racistas e a patrulha nas ruas: a origem da *Ku Klux Klan*

Ao se fazer buscas na *Internet* sobre a KKK, verifica-se a existência de desinformação a seu respeito, de tal maneira que se faz crer se tratar de um grupo de sujeitos estadunidenses protegidos pelo anonimato das mídias digitais que fomenta o discurso de ódio. Na verdade, está-se diante de uma organização terrorista fundada por ex-soldados dos Estados Confederados do Sul em 1865 em Pulaski, no Tennessee. Tendo diferentes líderes, com respaldo de um amplo auditório social, a KKK conseguiu sobreviver e, quando seus membros usam suas páginas digitais, ao dirigir sua palavra a um público-interlocutor, tenta cumprir com os objetivos elencados: i) disseminar machismo, racismo, xenofobia e LGBTfobia com a finalidade de reivindicar um projeto de controle e morte da população negra; ii) recrutar a população branca na condição de aliada de seu projeto de controle social, mas, também, de consumidora de seus produtos; iii) doutrinar sobre a crença da superioridade branca; iv) polemizar e viralizar sua posição ideológica de extremismo; v) assumir e louvar a trajetória da KKK desde 1865 como se tivesse defendido os interesses da população branca. Há de se frisar que, devido às mídias digitais, o discurso da KKK pode ser orientado para o Brasil, com novas significações, não se restringindo, tão logo, às linhas fronteiriças dos EUA. Nesta oportunidade, o percurso começa com uma introdução ao contexto histórico sulista até à criação da KKK.

Para começar, é válido iniciar pelo contexto histórico ao qual a KKK possui saudades. Nesse sentido, veja-se a Figura 2:

Figura 2 - O altar neoconfederado da *Ku Klux Klan*



Fonte: Cavaleiros da Brigada Patriótica da Ku Klux Klan ([entre 2000 e 2020])

O sistema de escravização negra sulista tinha como contraste rebeliões e fugas por parte de escravizados que eram legalmente torturados. Para tanto, como retaliação, milícias brancas armadas se encarregavam de fazer cumprir o “toque de recolher”, perseguiram quem fugisse/libertasse, promoviam ameaças e protegiam áreas rurais. Tal como o relatório da SPLC (2011) lembra, as milícias brancas tinham o direito constitucional de assim agir, uma vez que, com autorização por lei, poderiam conferir um número determinado de chibatadas a infratores.

Tais são, aliás, os valores presentes na sociedade sulista quando nasce a KKK após a perda da Guerra de Secessão pelo Sul, o que é crucial anotar, pois, dessa maneira, práticas sociodiscursivas dessa organização não afrontavam necessariamente o cenário histórico e político daquela sociedade. Na verdade, trata-se de uma captação dos diálogos de sua época que se inseriam dentro de um sistema de controle social racializado sobre o corpo e a vida negra. Não sem razão, na Figura 2, há a bandeira confederada, a cruz e a gota de sangue em um altar religioso para uma reunião da KKK.

Consoante o relatório da SPLC (2011), a KKK tinha como pretensão a sabotagem dos governos da Reconstrução, porque, como a União venceu a guerra, instituiu-se um projeto militar e político de controle do Sul, o que, por consequência, suscitou sentimento insurgente sulista. Cavalgando ao lado da KKK com lençóis brancos em suas patrulhas noturnas, certamente reivindicando a função daquelas milícias brancas armadas, encontravam-se pessoas sem instrução, promovendo o que se tinha como justiça com as próprias mãos (vingança), impulsionando manifestações, queimadas de cruzes e linchamentos contra seus inimigos. Como anteriormente estudado, a abolição foi negativamente apercebida pela população branca como uma ameaça à vida e à propriedade. Nessa perspectiva, observe-se a Figura 3 que ilustra adequadamente esse cenário:

Figura 3 - Enforcamento como a mão da justiça branca



Fonte: SPLC (2011, p. 10)

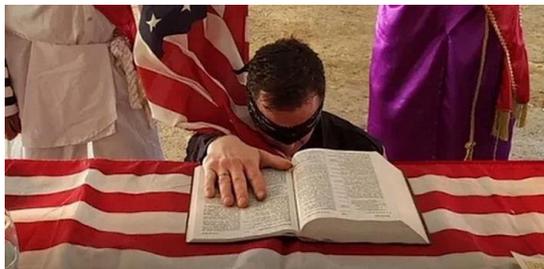
Isso traz o contexto para o qual seis veteranos confederados se reuniram em dezembro de 1865 em Pulaski, no Tennessee, próximo à fronteira da Alabama para o nascimento do terror. Esse grupo estava criando uma organização não por diversão, tal como comumente se lê, mas por motivos políticos. Desta feita, criou-se uma interrelação sócio-hierárquica como o cargo de *Grand Cyclops* (Grande Ciclope) no topo, mas havia também o *Grand Magi* (Grande Mago), *Grand Turk* (Grande Turco), *Grand Scribe* (Grande Escriba), *night hawks* (falcões noturnos), *Lictor* (guarda-costas do período monárquico romano) com suas respectivas funções. Quanto ao nome da organização, teve-se como sugestão inicial de Richard Reed a palavra *KuKlos* que, do grego, significa “círculo” ou “ciclo”. John Kennedy, ao supostamente observar a aliteração, acrescentou *Clan* (Clã). Assim, obteve-se, como resultado, *KuKlos Clan* e, depois, seguindo o paralelismo linguístico, *Ku Klux Klan* ao modificar os significantes.

No Sul, as legislaturas promulgavam leis que representavam aristocratas brancos cuja posição era a de não ceder poder no contexto pós-guerra, sobretudo o poder branco para o negro. Com efeito, os *Black Codes* (Códigos Negros) tinham o objetivo de encetar uma reescravização da população negra, embora essas normas já existissem desde o período colonial. Na Luisiana, conforme o relatório da SPLC (2011) mostra, em uma convenção democrata, enunciou-se que o governo lá existente era dos brancos e para o benefício exclusivo da “raça branca” e que, além disso, a população negra não poderia ser considerada cidadã dos EUA. No Mississippi e na Flórida, esses mesmos Códigos Negros foram realizados no tocante à sua vida cotidiana. Nesse contexto político, o Presidente Andrew Johnson, o democrata que assumiu o poder depois da morte de Lincoln, o republicano, não impediu a promulgação desses textos legislativos perniciosos.

Esses Códigos Negros, além de hostilizar simpatizantes da União, provocaram reação política, de tal modo que congressistas nortistas se recusaram a sentar com senadores e representantes do Sul em 1865 (SPLC, 2011). No nascimento da KKK, havia confronto político, o que, inclusive, fez com que republicanos radicais almejassem medidas mais ríspidas contra o Sul e seus governos estaduais na tentativa de forçar a igualdade racial. Nessa perspectiva, com as notícias sobre a atividade terrorista da KKK, o Congresso depois das eleições de 1866, com os republicanos, pôde em 1867 instaurar atos de Reconstrução, que aboliram os governos estaduais ex-confederados.

Tal organização, sob o pretexto de uma dominação católica sobre o mundo, tinha uma base, a partir de sua doutrina, anticatólica e protestante, o que pode ser averiguado na Figura 4 a seguir no juramento da bíblia:

Figura 4 - Ritual de aceitação do orgulho branco da Ku Klux Klan



Fonte: Cavaleiros da Brigada Patriótica da Ku Klux Klan ([entre 2000 e 2020])

Em 1867, como denota o relatório do SPLC (2011), houve um anúncio por parte da KKK para enviar representantes para Nashville, no Tennessee, na tentativa de planejar uma reunião. Nesse contexto, milhares de cidadãos brancos provindos do oeste do Tennessee, norte do Alabama, parte da Geórgia e Mississippi tinham se juntado à KKK, o que demonstrou um avanço na violência, sobretudo no que tange às cavalgadas noturnas, mas não só racial, pois qualquer um poderia usar o uniforme da KKK (naquele período um lençol branco e uma máscara!) para cavalgar durante a noite e cometer crimes diversos como assalto, roubo, estupro, assassinato, incendiar locais, acobertando crimes de vingança pessoal.

A convenção de Nashville delimitou a KKK como organização, o que teve como suporte a ideia de supremacismo branco como cerne de seu horizonte ideológico. Em 1867, consubstanciou-se o império invisível, uma metáfora dos homens da *Klan* para indicar que eram a própria lei com respaldo de sua crença de soberania branca. Além de ameaças, ataques noturnos, manifestações públicas, havia a realização de piadas e palhaçadas, sinalizando para o que Moreira (2020) chama de racismo recreativo. Em 1868, a KKK foi noticiada, com auxílio das mídias analógicas, em todo o país, pressionando os governos da Reconstrução. Como reação, as capitais estaduais e do quartel-general da União se levantaram para seu enfretamento.

Depois disso, a KKK se estabeleceu em municípios do Tennessee, na Carolina do Norte e Carolina do Sul, tentando instituir-se como um governo invisível com suas leis. Como reação, o governador do Tennessee, William Brownlow, tentou infiltrar espões dentro da KKK, tal como revela o relatório da SPLC (2011). No entanto, um de

seus espiões foi encontrado pendurado em uma árvore. Em outro momento, outro espião foi morto, mas agora mutilado. No que tange ao terceiro, ele foi posto num barril em Nashville, rolou por um cais até o rio Cumberland onde se afogou.

Em conclusão, retoma-se que, quando a KKK foi fundada, havia na sociedade estadunidense milícias brancas armadas cuja função era a de vigiar, rastrear e punir negros escravizados, evidenciando, assim, que essas práticas sociodiscursivas não são adâmicas, mas apreendidas e orientadas pela KKK do próprio cenário histórico, cultural e político. Quando aqueles soldados ex-confederados se reuniram, e com o tempo transcorreu a Convenção de Nashville, não se subverteu o contexto histórico, social e cultural como se presume. Depois de organizados, os membros da KKK tentaram controlar não só o campo social, mas, também, o político. Seu objetivo era o de restringir direitos negros com respaldo dos Códigos Negros editados no decorrer da história.

No Sul, havia um coro de apoio ético e vocal ao General Nathan Bedford Forrest, um oficial da cavalaria. Ele tornou-se o primeiro mago imperial da KKK (nesse contexto, essa posição sócio-hierárquica equivalia a de Grande Ciclope, o líder). Como efeito da formação desse coro de apoio, em 1868, tornaram-se mais comuns mutilações, açoites, linchamentos e fuzilamentos, o que, como aponta o relatório da SPLC (2011), não caminhava na mesma direção do que foi estabelecido pela convenção de Nashville que, dentre outras questões, previa menos violência.

Em 1871, o Congresso aprovou uma “lei anti-Klan” após audiências realizadas sobre essa organização terrorista. Nessa perspectiva, os sulistas não tinham mais jurisdição sobre uma diversidade de crimes como o assalto, roubo e assassinato. A propósito, o Presidente poderia declarar Lei Marcial e suspensão do pedido de *Habeas Corpus*. Acerca das patrulhas noturnas, máscaras foram proibidas, o que resultou na prisão de centenas de homens da *Klan*. No entanto, o medo e o terror promovido por essa organização fizeram com que eleitores negros não exercitassem seu direito constitucional de voto, o que, mais extremamente, teve como consequência o fato de oficiais negros serem brutalmente assassinatos e espancados.

Como resposta a isso, democratas do Sul, ao vencerem eleições, começaram a aprovar leis que retiravam direitos dos negros conquistados durante a Reconstrução, o que desembocou num sistema constitucional de segregação. Nesse meio de tensões, o coro de apoio ético e vocal da KKK foi perdendo o seu tom, embora ainda existisse. No

cenário nacional, houve eventos (a suposta ideia de defender o país de estrangeiros devido à Primeira Guerra Mundial!) que possibilitaram respostas extremistas da KKK, fazendo com que sua voz aumentasse o tom. No início do século XX, houve para os EUA imigração em massa ocasionando aproximadamente o índice de 23 milhões de europeus de vários países como Grã-Bretanha, Alemanha, Itália, Hungria e Rússia, o que com intuito xenofóbico contou com um grito de nativismo (SPLC, 2011). Nesse mesmo período, sucedeu-se um esforço por parte do velho sul para impedir que a população negra tivesse poder econômico, social, político e cultural em uma conjugação com o racismo institucional e estrutural. Por conseguinte, houve migração de negros para cidades do Norte.

William Simmons, que lutou na guerra espanhola, pregador, vendedor e marceneiro em 1915, realizou seu sonho em construir um grupo fraterno ao reunir 15 colegas seus em um ônibus alugado. Supostamente na véspera do Dia de Ação de Graças, uma nova geração tinha se instaurado no século XX. Conforme o relatório da SPLC (2011), Simmons poderia ter o objetivo final de ganhar dinheiro ao (re)organizar a KKK, o que se confirma, porque em 1920 ele conheceu dois publicitários chamados Edward Young Clarke e Elizabeth Tyler, contratando-os devido a sua abordagem agressiva para vendas.

O pregador, com isso, almejava defender a KKK como pró-americana para seu auditório social, traduzindo-se, em outros termos, como antinegro, antijudeu, anticatólico, a fim de que pudesse explorar os medos. Nesse viés, a lista de inimigos também incluía asiáticos, imigrantes, contrabandistas, drogados, boates e traições. Nesse contexto, em 1921, tinha quase 100.000 membros que contribuíam com 10 dólares. A partir daí, eis a primeira versão da vestimenta de um mago imperial da KKK:

Figura 5 - William Simmons como mago imperial



Fonte: SPLC (2011, p. 16)

Para o crescimento da *Klan*, Clarke teve um papel importante, já que tentou expandir o tesouro da organização, além de lançar editoras, empresas manufatureiras e investir em imóveis. Como o império invisível com suas leis obedientes ao supremacismo branco estava cada vez maior, houve uma explosão descontrolada de violência, o que se caracterizou por açoites e uso de ácido na intenção de marcar o signo ideológico verbal KKK na testa de negros. Sobre isso, o relatório da SPLC (2011) levanta a questão de que ministros, xerifes, autoridades policiais, prefeitos e juízes ou eram convenientes, ou participaram desse processo de brutalização secretamente, até mesmo porque poucos homens da *Klan* foram presos e, ainda menos, condenados.

A despeito disso, houve um inquérito feito pelo Congresso por conta do qual Clarke pensou em renunciar ao seu cargo – o que representou um alarme falso, pois essas audiências não enfraqueceram a *Klan*. O mago imperial daquela época, Simmons, explicou aos congressistas que o sigilo dos membros da *Klan* se devia a um aspecto fraterno. Também negou qualquer ligação com a *Klan* e os cavaleiros noturnos à época da Reconstrução. Assim como o mago imperial anterior, o Forrest, negou qualquer responsabilidade pela violência. Dessa maneira, o comitê foi suspenso sem a responsabilização da KKK, o que lhe beneficiou duplamente, em primeiro lugar, pela impunidade, em segundo lugar, pela publicidade da investigação (SPLC, 2011).

Nesse contexto, foi importante, propagandisticamente, a infame produção cinematográfica “O nascimento de uma nação” com 2 horas e 45 minutos de duração lançada em 1915. Esse filme traz o pretense heroísmo das batalhas da Guerra de Secessão com respaldo de estereótipos e estigmas raciais à época da Reconstrução. Nessa encenação, os personagens brancos, com o rosto pintado de negro, tentaram retratar toda população negra como grosseira, alcoólatra, gananciosa por poder, sedenta por sexo e estupradora. A KKK possui o papel nesse filme de supostamente salvar o Sul do perigo. Para tanto, veja-se a Figura 6 que ilustra as maneiras pelas quais esse “salvamento” acontecia na sociedade sulista:

Figura 6 - A “justiça” de uma milícia branca armada



Fonte: SPLC (2011, p. 20)

Entretanto, mesmo com a ajuda do discurso publicitário, a KKK não conseguiu esconder seus conflitos internos tampouco seu tratamento brutal para com os pretensos inimigos. Prova disso é que, no outono de 1922, Hiram Wesley Evans com outros conspiradores retiraram Simmons do cargo máximo de mago imperial, tornando-se Evans o líder da organização com o intuito também de obter o controle de propriedades da *Klan*, que, naquele tempo, valiam milhões de dólares (SPLC, 2011). Entre os dois, começou uma batalha judicial. Nesse contexto, esses conflitos internos foram expostos, pois havia acusações de imoralidade em relação aos seus líderes. A ideia de que a KKK era uma organização sem fins lucrativos foi contestada, uma vez que o público pôde observar essa disputa pelas finanças realizada por aqueles magos imperiais.

Aliás, como a organização poderia esconder toda a violência, pondo que Evans promoveu uma campanha de terrorismo durante a década de 1920, o que se marcou por linchamentos, fuzilamentos e chicotadas, mas que não se restringiam só a negros, judeus, católicos, mexicanos e demais imigrantes, mas também a homens brancos ou mulheres percebidos como imorais ou “traidores da raça/gênero”. O relatório da SPLC (2011) indica um evento no Alabama em que uma mulher divorciada com dois filhos foi açoitada ao ter se casado novamente, o que foi considerado, pelas leis do império invisível/paralelo, um crime. Na Geórgia, uma mulher foi chicoteada, mais precisamente 60 vezes, por uma acusação de imoralidade, o que, de modo análogo, foi o mesmo tratamento conferido ao seu filho. Em Oklahoma, nesse mesmo período,

mulheres foram torturadas por serem flagradas de automóvel com a presença de homens.

A propósito, KKK, apesar da brutalidade, obteve ganhos políticos, uma vez que, em 1922, o estado do Texas teve como representante o conde Mayfield, membro da KKK no Senado dos EUA. O extremismo da KKK foi responsável pela hostilização e derrota de congressistas judeus que estavam à frente de um inquérito da KKK. Também essa organização participou do apoio à eleição de governadores em 12 estados em meados de 1920. Nesse período, a organização contava com dois milhões de membros que, com políticos, tinham seus nomes inscritos em listas secretas. Essa foi a presença que o próprio mago imperial (não mais Simmons depois do Golpe, mas Evans) pretendia, a fim de influenciar a eleição presidencial de 1924, o que, conforme o relatório do SPLC (2011), transferiu a sede nacional da KKK de Atlanta para Washington, sendo coerente, porque a KKK tinha base nos democratas e republicanos.

Nesse mesmo galope, Evans conseguiu organizar um desfile com 40.000 membros da KKK pela avenida Pensilvânia na capital dos EUA até o monumento em homenagem a George Washington em 1925, como mostra o relatório da SPLC (2011). De todo modo, em resposta política a isso, dos três dos principais candidatos à presidência, dois eram opostos declaradamente à KKK. Na convenção democrata daquele período, embora tenha havido uma orientação para que se rechaçasse a KKK, não houve êxito por um voto.

Nas eleições presidenciais, havia no embate político entre o democrata Al Smith, católico e inimigo da KKK, e o republicano Herbert Hoover. Tal não era o único problema, porque a KKK em 1925 tinha sua lista secreta de membros reduzida de três milhões para centenas de milhares, porquanto a influência dos mantos brancos com cruces em chames havia diminuído naquela sociedade. A KKK passou pela Grande Depressão. Na tutela de Franklin Roosevelt como presidente, na década de 1930, a KKK assumiu o subterfúgio de o governo estar com muitos católicos e judeus para criticá-lo. Ainda mais, teve-se como objeto de discussão o *New Deal* (Novo Acordo), que estaria sendo influenciado pelo comunismo. Nesse contexto, o pânico vermelho com os comunistas foi explorado por Evans, mago imperial, nivelando católicos, judeus e comunistas como inimigos da nação.

De todo jeito, na década de 1940, surgiram novas lideranças na KKK dentre elas a de Samuel Green, respondendo a um coro constituído de vozes antinegras,

antissindicais, antijudias, anticatólicas e anticomunistas. Ele tentou reorganizar a KKK em várias localidades, como na Califórnia, Kentucky, Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Geórgia, Carolina do Sul, Tennessee, Flórida e Alabama. De acordo com o relatório da SPLC (2011), ainda, a imprensa sulista tinha se tornado mais hostil a KKK, assim como ministros, governos estaduais e locais que aprovaram leis contra atos da organização de ódio racial em questão, tal como o que pode ser visto na Figura 7 a seguir:

Figura 7 - Ataque à igreja feito pela *Ku Klux Klan*



Fonte: SPLC (2011, p. 24)

Para o relatório da SPLC (2011), os líderes da KKK tentaram capitalizar o medo e as tensões sociais de brancos e, à proporção que seus membros aumentaram, seu fanatismo e violência intensificaram-se. Sobre isso, é um exemplo a Era dos Direitos Civis em que a Suprema Corte dos EUA rejeitou a proposição de “separados, mas iguais”, o que resultou na tentativa de reintegração escolar. Com efeito, provocou-se a resistência de brancos que tinham em seu horizonte a segregação no Sul. Essas tensões fortaleceram o reagrupamento da KKK. Na década de 1950, Eldon Edwards formou a *U. S. Klan, Knights of the Ku Klux Klan* (U. S. Klan, Cavaleiros da Ku Klux Klan) em Atlanta. Nesse mesmo período, ele foi anfitrião de um dos maiores comícios da KKK, o que contou com 3.000 membros em Stone Mountain, cidade do estado da Geórgia, local já conhecido da KKK. No final da década, a organização de Edwards tinha entre 12.000 e 15.000. De se lembrar que, nesse período, havia outras organizações da KKK no Sul. Como prova disso, Judge Edward Aaron foi brutalmente torturado e assassinato.

Naquela oportunidade, os membros da KKK lhe espancaram, lhe castraram e lhe derramaram terebintina (aguarrás que pode ser usada como solvente) em suas feridas.

Mais tarde, surge outra figura como Robert M. Shelton, do Alabama, que formou o *United Klan of America* (Klan Unida da América, UKA, doravante). Essa organização tinha extensão pelo Sul e tinha em 1965 entre 35.000 e 50.000 membros. Tal era, aliás, o contexto do Sul com tensões divididas entre ser ou não favorável à integração racial, suscitando derramamento de sangue e repressão policial contra manifestantes pelos direitos civis, o que pode ser considerado parte de um processo de racismo estrutural-institucional (ALMEIDA, 2020). Essa era a reação de uma polícia militarizada, parte de uma maquinaria em que também atuam a Justiça criminal e Ministério Público, que, ao sancionar os interesses de uma elite branca, pretende controlar e punir o corpo e a vida negra (ALEXANDER, 2018). Vale, pois, observar a repressão da KKK a esse movimento por direitos civis abaixo:

Figura 8 - Era dos Direitos Civis



Fonte: SPLC (2011, p. 26)

Figura 9 - Viajantes da Liberdade



Fonte: SPLC (2011, p. 27)

De acordo com o relatório da SPLC (2011), a KKK tinha a responsabilidade pela campanha de terror pelo Sul e a violência racial dela decorrente. Disso, surgiu a organização *White Knights of the Mississippi* (Cavaleiros Brancos do Mississippi) que, apesar de ter entre 6.000 e 7.000 membros, tratava-se da organização mais sanguinária da KKK até aquele momento desde a Reconstrução, pois, além do mais, houve o assassinato de pessoas como o Tenente-Coronel Lemuel Penn, Reverendo James Reeb, Viola Luizzo. Como arma, usava-se a dinamite para detonar casas, como feito com a de Martin Luther King Jr.

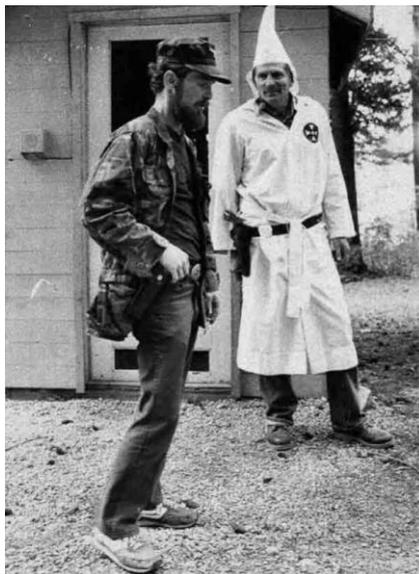
Em 1964, o FBI começou a se infiltrar na KKK e, com isso, tinha informantes nas sete das quatorze organizações da *Klan* existentes. Em geral, previam-se 10.000

membros em atividade e cerca de 2.000 estavam transmitindo informações ao governo como embasa o relatório SPLC (2011). Ainda, o presidente Lyndon Johnson e um político Charles L. Weltner iniciaram uma investigação no Congresso Nacional sobre tal organização. Nesse esteio, os membros tinham respostas muito evasivas. Os líderes da KKK, e aí se inclui Robert Shelton, recusaram-se a mostrar registros de membros alistados como forma de desacato. Esses líderes foram indiciados por um júri federal e foram, no fim, considerados culpados no julgamento havido no Washington. Assim, Shelton e outros líderes passaram um ano na prisão.

De todo esse quadro, é importante reconhecer o nome de algumas das pessoas assassinadas pelas KKK na década de 1950 a 1960. No dia 23 de janeiro de 1957, Willie Edwards Jr. foi morto em Montgomery, Alabama. No dia 15 de setembro de 1963, Addie Mae Collins, Carole Robertson, Cíntia Wesley, foram mortas a partir de uma bomba em uma Igreja Batista em Birmingham, Alabama. No dia 2 de maio de 1964, Henry Hezekiah Dee, Charles Eddie Moore, foram mortos em Meadville, Mississippi. No dia 21 de junho de 1964, James Chaney, Andrew Schwener, foram sequestrados e mortos na Filadélfia, Mississippi. No dia 11 de julho de 1964, Lemuel Penn foi morto em Cobert, Geórgia. No dia 25 de março de 1965, Viola Gregg Liuzzo foi morta em Selma, Alabama. No dia 10 de janeiro de 1966, Vernon Dahmer foi morto em Hattiesburg, Mississippi. No dia 10 de junho de 1966, Ben Chester Branco foi morto em Natchez, Mississippi. Há, nessa lista de óbito, parte do rastro de morte da KKK.

Nesse período de mortes, com foco no final da década de 1960 e início da de 1970, Alexander (2018) enfatiza que surgiram duas visões de mundo no que tange ao tema da raça, pobreza e ordem social. A primeira é a dos conservadores que não relacionavam a pobreza à raça nem à classe social no seio da estrutura da sociedade estadunidense. Na verdade, essa visão imbrica a pobreza a uma (sub)cultura que seria pertencente à população negra. De fato, os conservadores defendiam que os problemas atinentes à criminalidade tinham raízes em políticas de assistência ao povo negro pobre. Dessarte, isso caracterizava seu discurso eleitoral ao tentar cooptar a classe pobre branca. Em contraste, a segunda delas, a liberal, advogava pela guerra à pobreza e pela legislação concernente aos direitos civis. Em razão disso, tentava caminhar, politicamente, em direção às reformas sociais, o que pôde ser apercebido pelo discurso de Lyndon Johnson para a campanha presidencial em 1964. Enquanto isso, a KKK se militarizava, bem como pode ser analisado na Figura 10:

Figura 10 - Homens da *Ku Klux Klan* armados



Fonte: SPLC (2011, p. 34)

No final da década de 1970 entre 1975 e 1979, como embasa o relatório da SPLC (2011), a *Klan* tinha uma estimativa de 75.000 simpatizantes ativos que concordavam com seus valores ideológicos ao, por exemplo, participarem de comícios. Em função disso, há de se relevar a atuação de David Duke com a tentativa de ressignificação da imagem pública dessa organização sanguinária. É válido lembrar que Duke era um neonazista que fundou os *Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros da Ku Klux Klan) em 1975. Ele viajava pelo país tentando fazer aparições em rádios e televisão para também alistar novos membros, já que, nessas oportunidades, conseguia esconder seu extremo racismo. Isso fez com que novas organizações ganhassem novos membros.

Não obstante, como aponta o relatório da SPLC (2011), ele concorreu para o Senado estadual da Louisiana em 1975 (1979 também mais uma vez!) e, com efeito, recebeu um terço dos votos necessários. Em 1980, apesar disso, Tom Metzger, líder da KKK californiana, ganhou indicação democrata para o Congresso Nacional dos EUA, embora tenha também perdido a eleição geral. Duke não ficou na liderança, pois foi acusado por um rival de oferecer a venda da lista de membros da *Klan*.

Em sequência, Don Black substituiu Duke em 1980 e, com um ano de comando, foi preso com outros membros da *Klan* ao tentarem, com um golpe de estado, conspirar para derrubar o governo da Dominica. Nessa mesma época, como aponta o relatório da

SPLC (2011), havia mais um líder da KKK com atenção nacional em vista de sua militância extremista, Bill Wilkinson.

Esse integrante da organização aparecia em fotos de jornais com seus dois guarda-costas cada um portando uma submetralhadora, mesmas armas que eram levadas a comícios. Desses dois, Wilkinson era talvez o mais extremista no recrutamento de jovens, pois montou um acampamento para a *Klan* no Alabama no qual crianças faziam parte ao participarem de treinamentos de armas em nome do racismo. Sobre isso, em 1979, houve um incidente no qual adolescentes queimaram um ônibus escolar. À luz disso, a Figura 11 pode ilustrar adequadamente esse cenário atinente à relação da KKK com as mídias analógicas:

Figura 11 - Bill, imagem e mídias



Fonte: SPLC (2011, p. 36)

Há de se lembrar, nessa história sanguinária, da organização construída por Glenn Miller, que era membro do Partido Nacional-Socialista da América, cuja orientação ideológica era neonazista e se apresentava como partidária, como sinaliza o relatório da SPLC (2011). Tentando recrutar novos membros, e não obtendo sucesso com a suástica, ele visou conquistar sulistas para sua organização, a *Knights Carolina Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros da Carolina da Ku Klux Klan), atraindo novos indivíduos de outras *Klans* que não estavam tão ativas. Também, com seus membros, não só promoveu marchas, mas lançou um jornal chamado *The White Carolinian* (A Carolina Branca) e, por meio do rádio, tentou alistar novos membros. Como outros líderes, Miller tentou, embora com fracasso, concorrer a cargos públicos, o que provocou publicidade em 1984.

No ano seguinte, em 1985, essa organização tinha 23 unidades locais e uns 1.000 membros. Nessa empreitada de radicalismo, Miller realizou reuniões em que colocava

em interlocução o Partido Nacional-Socialista e homens da *Klan*, engajando sua organização em treinamento paramilitar, como aponta o relatório da SPLC (2011). Não se tratava, pois, de uma tática de guerra a curto prazo, mas, e isto sim, a longo prazo para a idealizada revolução branca total. Ainda nesse mesmo ano, o nome da organização passou para *Confederate Knights* (Cavaleiros Confederados) e acentuou os valores em seu discurso para uma pátria sulista branca. Ele observava seus recrutas como um exército cristão branco, ameaçando quem quisesse lhe interromper. Talvez pela influência do neonazismo, seus membros passaram a usar uniformes de camuflagem e botas do exército.

Os líderes da KKK mencionados, como Duke, Black e Miller, tinham como horizonte ideológico o neonazismo. Sobre isso, há de se observar que essa aliança representou uma ameaça à população, o que começou no final da década de 1970 até hoje. Glenn, por exemplo, incorporou a saudação nazista em sua organização. Essa aliança, na miscigenação de diferentes tradições históricas, atraiu novos jovens fanáticos, como lembra o relatório da SPLC (2011). Uma frente racista mais radicalizada que, com táticas de guerrilha, tinha posse de armas de assalto, granadas, foguetes lançadores e explosivos para a guerra total racial. O resultado disso pode ser visualizado abaixo com a Figura 12 desfocada de um jovem negro: mais uma vítima para a lista da morte das organizações de racismo dos EUA.

Figura 12 - Michael Donald, uma vida interrompida



Fonte: SPLC (2011, p. 42)

Em 1981, integrantes da *United Klans of America* (Klans Unidas da América) lincharam um jovem negro com o nome de Michael Donald de 19 anos. Ele estava

sozinho caminhando em direção à sua casa quando James Knowles e Henry Hays lhe interpelaram apontando uma arma sequestrando-o, assim como preceitua o relatório da SPLC (2011). Depois de chegarem a outro condado, Michael implorou por sua vida e tentou escapar, o que não foi o suficiente para se salvar, porque, depois de ser perseguido e pego, foi espancado com um galho de árvore. Após não conseguir mais se mover, uma corda foi enrolada em seu pescoço. Para garantir sua morte, sua garganta foi dilacerada. Ambos foram presos, sendo que Hays foi condenado à morte.

É importante recobrar que, na década de 1980, houve uma revolução conservadora no Partido Republicano, tal como salienta Alexander (2018). A esse respeito, os conservadores tinham resistência a propostas promovidas pelo Movimento dos Direitos Civis, bem como a integração racial nas escolas e aplicação de direitos civis. Nessa perspectiva, enfatiza-se que, para o eleitorado da classe branca trabalhadora, defendia-se o discurso segundo o qual programas assistencialistas destinados à população negra pobre prejudicariam a branca (ALEXANDER, 2018).

Quando a UKA começou a decair, a *Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros da *Ku Klux Klan*), de Thom Robb, singularizou-se pela quantidade de membros. Se aproveitando de estratégias já percebidas por líderes anteriores, a publicidade teve um papel importante, porque esse líder, na década de 1990, apareceu em programas de entrevistas de televisão, tal como Duke, o que corrobora o processo de recrutamento de novos membros. Por certo, essa exposição lhe rendeu paródias na tentativa de ridicularizar a KKK, como a *Ku Klux Klowns* (Clowns – Palhaços). Em continuidade com o relatório da SPLC (2011), membros da organização da Robb migraram para a de Ed Novak, a *KKK Federation* (Federação da KKK), uma expressão mais forte do neonazismo estadunidense buscada por esses sujeitos. É bom lembrar que Novak adveio do Partido Nacional-Socialista da América e do Partido Nazista Americano.

Para compreender as estratégias discursivas dos magos imperiais da KKK, Charaudeau (2010) pode conceder contribuições quando observa três dispositivos de encenação no discurso das mídias: o rádio; a televisão; e a imprensa. Dessa constatação, o fato de líderes da *Klan* participarem de entrevistas é a tentativa de, entre o *páthos* e *logos*, atraírem a simpatia de um auditório de interlocutores. Por meio disso, alastravam pelos cantos dos EUA posições políticas radicais de extrema direita com o suporte das mídias analógicas.

Por fim, é de se refutar algumas vozes sociais sobre a KKK, por exemplo, de que teria sido uma sociedade secreta, uma vez que teria a finalidade de retaliar a população negra e demais grupos raciais. Aliás, de “secreto” nunca houve nada, pois promovia manifestações nas ruas e nas mídias analógicas. Com efeito, a *Klan* objetivava aterrorizar, recrutar e impedir o exercício de direitos daqueles que foram inferiorizados (negros, estrangeiros...) em seus discursos por intermédio de seu nacionalismo xenofóbico e racista, doutrinando a respeito da crença sobre o supremacismo branco. Ao usar trajes, seus membros tinham o intento de esconder sua verdadeira identidade, evitando “sanções” sociais. O fanatismo da KKK não pode ser reduzido a uma visão ingênua, tendo em vista que seus integrantes reivindicam um projeto de segregação e morte. Enfim, cabe revelar que, em suas páginas digitais, pode-se encontrar o enunciado *White Lives Matter*, o que justifica o próximo subcapítulo.

3.4. A tela branca, os racistas e a patrulha nas redes: a gênese da *White Lives Matter*

No que tange à WLM, não há muito o que escrever sobre sua trajetória nos EUA, pois, ao menos para este pesquisador, só se descobriu sua existência devido ao fato de a KKK, mediante suas páginas digitais, empregar o enunciado *White Lives Matter*. A respeito disso, sabe-se que, conforme Balleck (2019), a WLM é uma organização neonazista, uma resposta racista ao BLM, cujo discurso considera que os valores tradicionais da “América” estariam em decadência, o que, de seu ponto de vista, prejudicaria a vida dos “americanos” brancos. Na gênese dessa organização, que remonta à data de 2015, há, como uma de suas lideranças, a neonazista Rebecca Barnette, vinculada à Divisão de Mulheres do Movimento Nacional Socialista (NSM). Essa extremista, que participa de várias organizações racistas, objetiva a unificação do movimento neonazista, talvez por isso que tenha feito uma coalização de 24 organizações de ódio, o que inclui a WLM e a Aliança Nacionalista Ariana (BALLECK, 2019).

Há de se considerar também o extremismo de Kevin Harris, uma liderança da WLM vinculada ao movimento neonazista. Em suas roupas, como frisa Balleck (2019), ostenta signos ideológicos como o *White Pride World Wide* (Orgulho Branco Mundial), usado sobretudo pelo fórum *Stormfront*. Existe, ainda, o número 1488, mobilizado por neonazistas em alusão a David Lane, com as 14 palavras, um neonazista que morreu na

prisão por assassinar um apresentador judeu de *Talk Show*, mas também em referência ao Adolf Hitler, já que 88 significa HH, *Heil Hitler*. Para Harris, suceder-se-ia um genocídio contra a população branca.

No que concerne à organização *Aryan Renaissance Society* (Sociedade Ariana do Renascimento, ARS – doravante), há uma apreensão das ideias da WLM. Sobre esse fato, Balleck (2019) lembra que, em 21 de agosto de 2016, o líder da ARS, Ken Reed, atacou a *Leading the Fight to End Racial Inequality* (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, NAACP, doravante) com cartazes em que se enunciava “White Lives Matter”. A propósito, a ARS é uma das lideranças da WLM, o que provavelmente explique o porquê de Reed ter sido administrador de uma de suas páginas do *Facebook*. Nesse contexto, não se pode esquecer que a ARS acredita suscitar uma “nova consciência racial ariana”, de tal modo a construir uma “oligarquia ariana” com respaldo na “aristocracia genética”. Nessa perspectiva, essa organização prevê a segregação como meio de sobrevivência.

Greg Calhoun é recrutador da WLM, um membro da KKK de Atlanta, capital da Geórgia. Nessa mesma direção, Balleck (2019) descreve que um dos *sites* da WLM incita “ativistas” a fazerem o movimento supremacista branco crescer. Com efeito, há o pedido para que os apoiadores participem de Conselhos escolares e municipais, além de que organizem reuniões para discutir problemas cotidianos da comunidade com particularidade para a imigração. Desde 2015, segundo observa Balleck (2019), panfletos com enunciados como “Não é racista amar seu povo” e a *hashtag* “#whitelivesmatter” foram fixados em paredes de banheiros, postes e pontos de ônibus de Utah a Connecticut. Há, ainda mais, enunciados que aludem a supostos crimes negros contra brancos.

Além da ARS, outros grupos organizados como *Golden State Skinheads* (Cabeças Raspadas do Estado Dourado) e *Noble Breed Kindred* (Membros das Raças Nobres) espalharam a palavra da WLM. No primeiro caso, trata-se de uma organização racista e *skinhead* que defende ter distribuído panfletos da WLM na cidade de Sacramento na Califórnia em 2015. No segundo, trata-se de uma organização racista na qual participa Melissa Dennis, que vendeu camisetas em uma reunião da *Aryan Nationalist Alliance* (Aliança Nacionalista Ariana) em Salem em Ohio em 2016 e adesivos WLM com a finalidade de angariar capital para organizações de supremacismo branco.

Balleck (2019) recorda que uma das primeiras aparições da WLM remonta à data de 27 de fevereiro de 2016 a partir de um carro com seis membros da KKK utilizando cartazes em que se enunciava *White Lives Do Matter* (Vidas Brancas Importam) na cidade de Anaheim na Califórnia. Naquela oportunidade, protestou-se contra a imigração e muçulmanos, o que propiciou um conflito entre racistas e antirracistas. Nesse cenário, membros da KKK foram presos, mas, posteriormente, liberados, pois, mesmo tendo atacado seus “adversários” com faca, teriam agido em legítima defesa. Por outro lado, os antirracistas tiveram seus atos apercebidos como violentos.

Como a ARS, a organização que se apresenta como partidária chamada Partido dos Trabalhadores Tradicionais (TWP), de Matthew Heimbach, coorganizou uma manifestação com o enunciado “White Lives Matter/Blue Lives Matter” (Vidas Brancas Importam/Vidas Azuis Importam) em Dallas. Sim, é importante lembrar da reação ao BLM, já que existem *White Lives Matter*, *Only White Lives Matter* (Somente Vidas Brancas Importam), *Black Lies Matter* (Vidas Negras Importam), *Confederate Lives Matter* (Vidas Confederadas Importam), *Brown Lives Matter* (Vidas Marrons Importam), *Southern Lives Matter* (Vidas Sulistas Importam), *Black Lives Don't Matter* (Vidas Negras Não Importam). Além das vidas brancas, as sulistas, policiais (uniformes azuis e marrons) e confederadas são colocadas em uma hierarquia valorativa que objetiva inferiorizar as vidas negras.

Em 2016, a organização designada como *Aryan Nations Worldwide* (Nações Arianas no Mundo) se manifestou com cartazes com o enunciado “White Lives Matter” e “Only White Lives Matter” na cidade de Temple na Geórgia. Além dele, há a *Keystone United* (Pedra Angular Unida), uma organização *skinhead* que usou adesivos racistas WLM. Como Balleck (2019) salienta, a *Tightrope*, gravadora de música do supremacismo branco, comercializa camisetas da WLM dentre outras mercadorias racistas.

Cumpramos ressaltar que a WLM foi fundada em 2015 pelo movimento neonazista, o que, de certa maneira, explica o porquê de essa organização ser amplamente aceita pelo supremacismo branco estadunidense. Apesar disso, a WLM transita livremente pelo FB, pois, ao contrário das demais organizações neonazistas, possui um estilo discursivo que lhe permite permanecer nessa plataforma digital. Se se retomar a KKK, verifica-se que seu estilo discursivo que expressa racismo é mais agressivo e explícito, o

que não lhe permite seduzir o público do FB. Ao dar continuidade à discussão, veja-se a Figura 13:



Fonte: White Lives Matter - 2 (2020)

Transcrição: I... can't... breathe.

Tradução: Eu... não consigo... respirar.

Em resposta à posição da WLM de que homens negros são por natureza violentos, um usuário, com toda a razão, postou essa charge como comentário-resposta na intenção de protestar em uma página da WLM. Esse ato de linguagem, ao composicionalmente selecionar a relação entre homens negros e brancos através das gerações, critica tanto o colonialismo quanto a contemporaneidade. Averigua-se, com isso, esse ponto de vista que doutrina brancos e negros acerca da superioridade racial, uma vez que o branco é semiotizado como uma autoridade moral e negro como bandido.

Com finalidade de dominar o outro, nessa charge, o homem branco usa, como coação, uma espada, um chicote, uma tocha e uma forca, um cacetete e espingarda na tentativa de vigiar e punir. Existe um contexto histórico, econômico, social, cultural que estrutura o racismo na sociedade estadunidense, o que se reflete em suas instituições públicas e privadas. A população branca é, nesse sistema capitalista de escravização, privilegiada devido a sua cor, língua, origem geográfica, cultura, religião, mesmo que se reconheça a diferença entre ricos e pobres.

Ademais, a WLM não possui nenhum comprometimento com a democracia. Para se analisar esse fator, observe-se consecutivamente a Figura 14:

Figura 14 - No estado de guerra, expurgam-se os políticos opositores



Fonte: White Lives Matter - 5 (2020)

Transcrição: I hope everyone is registered to vote and will actually do so on election day. Not only do we need trump reelected, we also need to oust the Democratic Senators, Congress, and House of Representatives. Vote straight Republican and this country will get back to where it needs to be. Democrats think it's ok to be anti-American and to riot and destroy our cities.

Tradução: Espero que todos estejam registrados para votar e realmente o façam no dia da eleição. Não só precisamos reeleger Trump, mas também precisamos expulsar os senadores democratas, o Congresso e os deputados da Câmara. Vote no Republicano e este país voltará para onde precisa estar. Os democratas acham que não há problema em ser antiamericano e se revoltar e destruir nossas cidades.

O Trump, ex-Presidente estadunidense, é um extremista de direita que almejou instituir um muro entre os estadunidenses e mexicanos, com o intuito de confrontar a “imigração ilegal”. Para a WLM, também para a *Klan*, o discurso trumpista é importante, porque condiz com a sua posição valorativa de que os imigrantes teriam um tratamento superior ao de cidadãos brancos na sociedade.

Nesse caso, defende-se que os democratas sejam expulsos das instituições políticas, porque seriam indiferentes à destruição do país. O Partido Democrata possui um discurso menos reacionário em relação ao republicano quando se trata de manifestações negras e demais minorias. Por isso é que se recomenda a reeleição de Trump por parte da WLM, inimigo declarado da BLM. Para alicerçar seu ponto de vista patriótico, um membro da WLM postou isto em uma de suas páginas:

Figura 15 - Kyle Rittenhouse, seu álibi e seu rifle AR-15



Fonte: White Lives Matter - 6 (2021)

Transcrição: Kyle Rittenhouse not guilty.

Tradução: Kyle Rittenhouse não é culpado.

Em 2021, no julgamento, ele foi inocentado das acusações e não precisou cumprir pena. Em relação a isso, Trump conferiu suporte a esse jovem, sobretudo à ideia de que se tratou de uma legítima defesa, além de ter curtido um *tweet* em que constava “Kyle Rittenhouse é um bom exemplo do motivo que decidi votar em Trump”. O *site*, o crowdfunding, arrecadou meio milhão de dólares na intenção de pagar taxas legais dele.

No que concerne à WLM, várias postagens foram realizadas para exaltar Rittenhouse que, no final das contas, matou dois homens brancos e feriu um terceiro em

uma manifestação antirracista. Isso significa que, quando a WLM afirma defender os direitos dos brancos, exclui os brancos antirracistas. A KKK tem a compreensão de que homens e mulheres brancos que não seguem seus valores são “traidores da raça” enquanto a WLM celebra a morte de brancos antirracistas, também “traidores”.

Por fim, é fundamental lembrar que a WLM está não enquadrada à época da escravização ou na pretensa democracia das Leis Jim Crow, mas, sim, do sistema de encarceramento em massa que tem como subterfúgio o discurso da lei e da ordem, tal como assevera Alexander (2018). Nesse sistema, afronta-se o mito de uma democracia alicerçada na “terra da liberdade”, pois constrói castas raciais para os não-brancos (negros, imigrantes...) pobres sob o enunciado da “neutralidade racial”, empregado inclusive entre as décadas de 1980 e 1990 por neoconservadores e neoliberais, maquiando, metaforicamente, o novo Jim Crow da contemporaneidade (ALEXANDER, 2018).

4. PRÁTICAS DE ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DA *KU KLUX KLAN* NO CAMPO DAS MÍDIAS DIGITAIS

Ao analisar as práticas sociodiscursivas do movimento ariano estadunidense, é possível perceber que seus cartazes e postagens em páginas digitais sustentam a ideia de que há uma guerra racial em andamento, na qual a população branca estaria sendo vítima de um genocídio em relação à sua pretensa pureza racial. Segundo esse ponto de vista, os culpados seriam os negros, imigrantes, LGBTQIAP+, comunistas e antifascistas, considerados a fonte do mal. Nesse contexto, o objetivo deste capítulo é apresentar os desdobramentos de subcapítulos que analisam enunciados que constroem essa imagem dos EUA.

No subcapítulo intitulado “Guerra racial total”, os locutores dos enunciados da KKK pressupõem que a sociedade multiétnica é um problema que compromete sua pureza genética e cultural. Por conta disso, defendem a existência de uma guerra racial total na qual a religião serve de base, pois binariza a população entre o bem *versus* o mal. Nessa perspectiva, o “bem” teria seu território ameaçado e a ele seria imputado crimes históricos que não teria cometido. O “mal”, em suma, lesaria o “bem” e, por esse motivo, precisaria ser exterminado.

Posteriormente, no subcapítulo denominado “Arianismo: a raça escolhida por deus”, examina-se mais sobre esse lado do “bem”, porquanto o branco se constrói,

discursivamente, como que superior racialmente. Desta feita, analisa-se que o locutor se apresenta como um ariano neonazista que, tão logo, deveria ter como missão a dominação do mundo. Como solução do orgulho racial, defende-se o extermínio do outro, que é objetificado e coisificado em uma imagem estática. Há, ainda, uma referência as 14 palavras de David Lane, um enunciado que transita pelo movimento neonazista como mencionado quando se discutiu sobre a trajetória da WLM.

Por conseguinte, no subcapítulo intitulado “Miscigenação: filhos de satanás”, perscruta-se mais sobre esse “mal”, personificado como grupos raciais, localizado no outro lado da trincheira. Ao estar no projeto de expurgo do lado do mal, é expatriado de seu próprio país, uma vez que seria a fonte de todos os problemas do país.

A seguir, no subcapítulo alcunhado “Parodização: um movimento discursivo do racismo de recreação”, na sequência desse raciocínio, vê-se o funcionamento do discurso paródico de tipo racista que desumaniza o outro visto como impuro pela KKK. Por certo, esse riso não é o da alegria e subversão, como em Bakhtin (2015), mas o do racismo recreativo, como em Moreira (2020).

Por fim, no subcapítulo chamado “Ecos valorativos do passado”, perscruta-se uma análise que se enfoca na percepção do locutor sobre a atividade da KKK no pós-Guerra Civil, pois reverbera valores que constituem o semântico dos enunciados concretos analisados. Ademais, valores defendidos pelos Estados Confederados da América são mobilizados para o projeto arquitetônico da KKK e de suas ramificações, porque expressa um desejo de reescravização da população negra.

4.1. Guerra racial total

A KKK é considerada uma organização terrorista que marca sua posição ideológica como cristã-fundamentalista e extremista de direita por meio da queima de cruzes e suásticas. Em seu discurso bivocal, que combina a palavra bíblica com a questão racial, a KKK promove a segregação, restrição de direitos constitucionais para a população negra e o extermínio, como se fosse uma nova “solução final”. A organização defende a ideia da supremacia de um Jesus Ariano e julga o caráter de homens e mulheres brancos na sociedade estadunidense.

Com isso, o locutor constrói, discursivamente, o outro como inimigo da nação, uma personificação do mal, o que justificaria a crença de toda a “raça branco-ariana”

estar em uma batalha situada em uma guerra racial santa. Ao tentar provar isso, na tentativa de produzir efeitos de sentido de evidência, o locutor mobiliza, para o projeto arquitetônico, índices sem qualquer fonte que demonstrariam o declínio populacional branco de 30% para 9% no mundo. Em vista disso, transpõe-se para cá a pergunta que a KKK dirige ao seu auditório social: “Você está preparado para impedir o Genocídio Branco?”.

Vale ressaltar que a leitura supremacista do cristianismo, que vê Jesus Cristo não como um judeu que desafiou as normas políticas e sociais de sua época e acolheu todos os povos, mas como o primeiro ariano da história, é uma ideia presente no movimento neonazista. Essa reinterpretação da história cristã confere uma legitimidade divina ao lado “branco-ariano” da luta contra os negros, latinos e judeus.

Diante disso, é importante refletir sobre quais sentidos estão implícitos no signo ideológico “genocídio branco” utilizado pelos “cristãos arianos”. Na reflexão, podemos perceber a presença de um discurso de pureza racial. Na refração, é possível identificar discursos que tratam da suposta degeneração racial resultante do casamento interracial, crimes raciais cometidos por negros contra brancos, controle midiático dos judeus em prol do globalismo, imigração de pobres e negros para os EUA, além de outras ideias que atentam contra a humanidade.

Pela atividade discursiva da KKK, vive-se a tensão entre três realidades cronotópicas ressignificadas, a saber, o passado, o presente e o futuro dos EUA, em que se averiguam relações culturais e históricas ao expressarem múltiplos pontos de vista. Durante a dominação total branca sobre negra à época do período escravocrata, o escravizado era constitucionalmente a propriedade de senhores brancos, ao servir, no trabalho forçado, como mão de obra do sistema capitalista nos campos agrícolas sulistas.

Em nome da pretensa sobrevivência, hoje a população branca, não com o mesmo poder do passado, precisaria reunir forças para reagir, porque, em confronto, estaria sendo ameaçada e perseguida. No futuro, segundo roga a voz do supremacismo branco, reivindica-se, de um lado, a ideia de glória branca devido à conquista da preservação de sua hereditariedade e, por outro, lamenta-se risco de aniquilação dela devido à suposta atitude dos inimigos da nação e traidores da raça.

Com receio das possíveis repercussões políticas, principalmente porque os movimentos de direitos civis estão mais fortalecidos, o locutor da KKK afirma que a

reação branca precisa acontecer de forma “não violenta”. No entanto, essa organização de ódio racial faz críticas ferrenhas ao setor midiático, que, em sua concepção, atrapalharia o processo de recrutamento de novos integrantes para sua provação terrena. Por essa razão, o locutor afirma: “A imagem que a mídia nos retrata é falsa”. Dessa forma, se não houvesse pânico, por que alguém aceitaria se alistar?

Sobre esses temas, leia-se o enunciado seguinte dos Cavaleiros da Camélia Branca da Ku Klux Klan (WCKKKK, doravante):

Quadro 2 - Guerra racial branca

1	Muitas vezes nos perguntam se haverá uma guerra racial no futuro da América. Nossa resposta a
2	essa pergunta é “sim”. O que a maioria das pessoas não percebe é que há batalhas raciais
3	acontecendo por toda a América agora. Essas batalhas raciais vão nos levar a uma guerra racial
4	total. À medida que a população de raça não branca está crescendo, a população branca está
5	diminuindo.
6	Nossa constituição foi projetada para a América cristã branca por cristãos brancos e não será
7	adequada ou aceita por não-brancos no futuro. Hoje, a maioria dos negros e outros não-brancos
8	culpam os brancos por tudo que deu errado em suas comunidades. Eles esperam que os
9	contribuintes brancos resolvam seus problemas financeiramente; os brancos estão cansados de
10	assumir a culpa e não estão mais dispostos ou são capazes de apoiar as comunidades não-
11	brancas. Isso, é claro, gerará ainda mais ódio contra os brancos.
12	Grupos negros organizados, como a Nação do Islã, estão trabalhando para o dia em que os
13	brancos serão escravizados e toda a história americana branca será destruída. Louis Farrakhan, o
14	líder da Nação do Islã, trabalhou diligentemente para construir um exército de homens e mulheres
15	negros para travar uma guerra contra a América Branca. Muitos de seus recrutas saem da prisão e
16	das gangues de rua. Eles são as pessoas mais violentas que andam pelas ruas da América hoje.
17	Policiais brancos estão achando quase impossível fazer cumprir a lei em comunidades não-
18	brancos por medo de iniciar um tumulto ou ser acusado de violar os direitos civis de alguns não-
19	brancos. Nossa economia americana vai desempenhar um fator importante no próximo conflito
20	racial. À medida que mais e mais fábricas partem para terras estrangeiras, deixando-nos com
21	menos empregos bem remunerados e com cortes em programas federais para minorias.
22	Acreditamos que o governo federal se tornou um inimigo da América Branca e parece estar
23	ajudando a provocar um conflito racial. Os israelitas cristãos brancos nunca tiveram permissão
24	para se misturar com outras raças, mas por anos o governo federal empurrou a mistura de raças e
25	a imigração não-branca descontrolada em nosso país. Os federais uniram as raças e tudo o que
26	conseguiu foi mais violência em nossas escolas e bairros.
27	Os filhos de Satanás, “judeus” trabalharam muito e arduamente para destruir a América Branca e
28	os seguidores de Cristo. A agitação e o conflito raciais são apenas outra maneira de atacar o povo
29	escolhido de Deus. Os brancos estão sendo roubados, estuprados e assassinados em um ritmo
30	cada vez maior por não-brancos. Nossos sistemas prisionais estão transbordando de não-brancos
31	que odeiam nosso povo. Tem sido relatado que os negros representam apenas 12,5% da
32	população de nossas nações, mas eles representam mais de 60% da população carcerária e os não-
33	brancos em geral representam mais de 80% da população carcerária total. É óbvio quem está
34	cometendo a maioria dos crimes na América. Está chegando ao ponto em que as brancas não
35	serão capazes de pagar e manter essa tendência destrutiva por muito mais tempo. Nossa
36	civilização está se deteriorando por causa de um experimento social chamado igualdade
37	racial. Forçado em nós pelo governo satânico profano. O uniforme que comporá os diferentes
38	jogadores na próxima guerra será a cor da pele de cada um. Os Cavaleiros da Camélia Branca da
39	Ku Klux Klan acreditam que é hora dos brancos se prepararem para o que será uma luta dura e
40	sangrenta, não apenas entre as raças, mas uma batalha entre as forças do bem e do mal.

Fonte: Cavaleiros da Camélia Branca (Entre 2000 e 2020), n.p.)

A partir da discussão filosófica no livro *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin ressalta que o sujeito é responsável por seu ato ético na interação social. Em contraposição a isso, esses neonazistas rejeitam qualquer responsabilidade por seu ato, porque, em toda a oportunidade, tendem a criar álibis na existência para legitimar suas decisões. Como a defesa de uma guerra racial representa uma recusa da ética bakhtiniana, porquanto baseada na alteridade, o locutor aponta, em seu projeto arquitetônico, que grupos raciais, incluindo negros, judeus e imigrantes, provocariam uma batalha, o que exigiria uma reação. Mesmo que não materializadas, a linguagem visual e vocal articulada permite observar a resignificação da imagem dos EUA e, por conta disso, usa um tom de pânico pra enfatizar o perigo que sofreria o branco diante disso.

Começa-se com diálogos possíveis entre o locutor da WCKKKK e interlocutores em que se propõem ideias no que compete à dúvida se haveria uma guerra racial nos EUA. Por conseguinte, o locutor coloca-se em uma posição sócio-hierárquica de legitimidade, pois, ao enunciar, apresenta-se como um homem da *Klan* supostamente preocupado com os rumos da “raça branco-ariana”. Nesse contexto, a resposta é “sim” para o risco de um genocídio e, subsequentemente, explicam-se os motivos para isso, porque existiriam “batalhas raciais acontecendo por toda a América agora” (linhas 2 e 3), que, subsidiariamente, enveredaria para uma “guerra racial total” (linhas 3 e 4).

Para melhor compreender isso, é válido retornar à filosofia primeira de Bakhtin acerca do tempo-espaço, situada no ambiente filosófico dos círculos de discussão em Vitebsk e Nevel. Um dos membros importantes dessas discussões foi Matvei Kagan, cuja dissertação se concentrou no problema da apercepção transcendental de Descartes a Kant, que foi crucial em reuniões onde os membros criaram a “escola de filosofia de Nevel” (HOLQUIST, 2015, p. 37). Bakhtin adotou da filosofia kantiana a ideia de que tempo e espaço são categorias fundamentais por meio das quais os seres humanos percebem e estruturam o mundo ao seu redor, sendo, portanto, formas essenciais de cognição. No entanto, essas categorias não são vistas por Bakhtin como abstrações transcendentais, mas como formas da realidade mais imediata (BEMONG, BORGHART, 2015, p. 18).

Nessa contribuição, o ponto de vista cronotópico analisado no enunciado situa, em certo tempo-espaço, que haveria encontros violentos entre o branco e o negro, o que poderia representar uma ameaça à existência do interlocutor do enunciado. Ao acentuar

esses valores, a voz do locutor assume um tom de pânico, a fim de afirmar de modo inflamatório a existência de batalhas raciais, porque sugere uma violência extremada e generalizada contra brancos devido à sua etnia, origem nacional e cultura. Se realmente houvesse um interesse ao promover direitos, certamente o locutor validaria uma perspectiva que promovesse a cooperação entre pessoas, e não o alarmismo racial.

Nesse discurso, a linguagem bélica e cristã-fundamentalista visa o pânico racial e a demonização do “outro” na posição de bode expiatório, porquanto à “medida que a população de raça não branca está crescendo, a população branca está diminuindo” (linhas 4 e 5). De acordo com isso, só uma raça poderia existir, o que rechaça a ideia de uma sociedade multiétnica, pois a “Constituição foi projetada para a América cristã branca por cristãos brancos e não será adequada ou aceita por não brancos no futuro” (linhas 6 e 7). Na trincheira pela sobrevivência, os não-brancos se rebelariam contra o ordenamento jurídico em vigência, o que permite observar uma linguagem de racismo institucional. Tal voz racial, inclusive, considera que, pelo fato de não serem brancos, os demais sujeitos seriam, por natureza, agressivos e insurgentes.

“Hoje, a maioria dos negros e outros não-brancos culpam os brancos por tudo que deu errado em suas comunidades” (linhas 7 e 8). Esse enunciado, que se dirige a um interlocutor possível, localiza esse ódio contra brancos em seu presente, na medida em que o locutor seleciona o advérbio “Hoje”, o que, certamente, possui ecos no campo discursivo, o campo sociossemântico, haja vista que é o fundamento do discurso de pânico racial. De maneira a ressignificar a imagem da população branca como vítima, é mobilizado o enunciado “culpam os brancos por tudo que deu errado em suas comunidades” para o projeto arquitetônico, pois, com esse movimento, produzem-se efeitos de sentido de injustiça e indignação.

A posição do locutor analisada nesse enunciado está no grande diálogo da sociedade estadunidense, visto que sobressaem os temas atinentes à marginalização, reparação histórica e racismo. Sabe-se que o processo escravização negra não só segregou racialmente a sociedade, mas também beneficiou materialmente a população branca (ALMEIDA, 2020; MOREIRA, 2020). Por isso, escuta-se, em debates, ser necessária uma reparação histórica, o que descambaria em políticas afirmativas, por exemplo. Tal processo histórico garantiu que a população branca pudesse ser privilegiada.

Nessa direção, discursos sobrecarregados de valores ideológicos desses debates são apreendidos, reavaliados e ressignificados para o projeto arquitetônico do locutor da *Klan*, a fim de fazer-criar que toda população branca (classe pobre, classe média baixa e alta, classe alta) teria como obrigação resolver, financeiramente, problemas da nação, quando, na verdade, o ônus desse dever é do Estado.

Os “brancos estão cansados de assumir a culpa” (linhas 9 e 10), haja vista que, com amparo de voz, não há de se reconhecer qualquer privilégio branco ao se viver em uma sociedade cuja formação é escravocrata. Desse modo, haveria um cansaço de ser acusado pelos problemas do país, um deles seria a condição financeira da população negra, visto que os brancos “não estão mais dispostos ou são capazes de apoiar as comunidades não-brancas” (linhas 10 e 11), o que possuiria o efeito de gerar “ainda mais ódio contra os brancos” (linha 11). Quanto ao signo “ódio” nesse enunciado, é importante explorar a sua profundidade ideológica, certamente porque o locutor ressignifica a imagem da história estadunidense com o fim de justificar a existência de um ódio transgeracional contra o branco, já que, como não existe base para a existência de uma força anti-branca, seria preciso criar uma.

O suposto ódio nesse ponto de vista retorna à discussão sobre o tema do racismo reverso na sociedade estadunidense. Ao refletir essa ideia, o branco seria perseguido no convívio social e, como retaliação, sua história de conquistas, família e país seriam virulentamente atacados por determinado grupo com especificidade para o negro, o imigrante e o pobre. Ao refratar, em um contexto extraverbal mais amplo, sabe-se que, como grupos raciais dominados ao lutarem por direitos denunciam o racismo institucional-estrutural sofrido, negar isso é uma forma de negar a responsabilidade do branco por tal cenário. Estrategicamente, esse discurso é apreendido por neonazistas para tentar demonstrar, mesmo que sem uma base fática, que o branco seria uma vítima.

Para reforçar o que afirma, empregam-se os signos ideológicos “Nação do Islã” (linha 12), que seria uma organização muçulmana que centralizaria a vida negra estadunidense, a qual, em confluência com demais organizações, estaria “trabalhando para o dia em que os brancos serão escravizados e toda a história americana branca será destruída” (linhas 12 e 13). Nesse viés ideológico, a posição enunciativa dos sentidos reforça a defesa de que haveria uma perseguição negra contra branca, para além de um genocídio, pois haveria a aniquilação do que o movimento neonazista chama de “história branca”. A voz desse locutor amplifica o tom de ameaça nesse enunciado que,

com interlocutores potenciais, espera uma simpatia social a respeito dessas avaliações ideológicas.

É interessante analisar o signo ideológico “história americana branca” (linha 13), porque reflete o discurso de que a população branca teria um percurso próprio no tempo-espaço, visto que refrata discursos em relação aos quais esse percurso seria marcado por glórias e vitórias, não havendo nenhum processo de colonização e escravização. Se analisar atentamente os trajetos temático-semânticos desse signo ideológico, surpreende a visão superficial defendida sobre o colonialismo do império europeu e, ainda mais, sobre a base econômica da sociedade, a escravização e venda/troca/compra de produtos primários.

A história branca, do que se interpreta desse signo ideológico, seria a história de descobertas, conquistas, lutas por direitos, sobrevivência e devoções ao cristianismo puritano com seus deveres éticos. Com esse alibi, não assume a responsabilidade pela escravização negra e o tráfico transatlântico dela decorrente. Por consequência, a escolha daquele enunciado a respeito do cansaço de assumir a culpa dos problemas do país num tom pejorativo, considerando que não se teria culpa nenhuma perante os céus e seus compatriotas.

“Louis Farrakhan, o líder da Nação do Islã, trabalhou diligentemente para construir um exército de homens e mulheres negros para travar uma guerra contra a América Branca” (linhas 13, 14 e 15). Nesse enunciado, sobressaem os signos ideológicos “exército de homens e mulheres negros” (linha 14), porque, com uma linguagem bélica, confere um tom de terror ao que enuncia. Com essa finalidade, a voz legitimada do locutor, instaurada por um “cidadão branco, americano, cristão”, desarticulária um plano de destruição no contexto de uma guerra racial contra a “América Branca” (linha 15), tendo em vista que evoca um tom de nacionalismo em uma linguagem civil-racial. Nesse contexto, tal exército do mal seria formado por “recrutas [que] saem da prisão e das gangues de rua” (linhas 15 e 16), sendo “as pessoas mais violentas que andam pelas ruas da América hoje” (linha 16).

Para proteger a população branca nessa guerra racial, o locutor seleciona, para seu enunciado, o tema dos policiais brancos que “achando quase impossível fazer cumprir a lei em comunidades não-brancas por medo de iniciar um tumulto ou ser acusado de violar os direitos civis de alguns não-brancos” (linhas 17, 18 e 19). Nesse

contexto, o locutor, ao entrar em empatia com o herói (policial), elucida que seriam oprimidos pela população negra em relação à qual a lei não poderia ser cumprida.

Decerto, o signo ideológico “lei” permite verificar uma relação conflituosa de discursos: de um lado, a KKK linchando e pendurando jovens negros na história dos EUA; de outro lado, crimes relacionados a minorias sociais – latinos, negros etc. Nesse exercício dialético do diálogo, para de vigiar e punir, o locutor considera fundada e justificada a intimidação racial e, muito provavelmente, a instalação de bombas em igrejas com fiéis negros.

O agente da lei e da ordem possuiria “medo de iniciar um tumulto ou ser acusado de violar os direitos civis de alguns não-brancos” (linhas 18 e 19). Nesse enunciado, o locutor coisifica-os ao imputar-lhes práticas de denúncia caluniosa contra os agentes da lei, desconsiderando os abusos frequentes de policiais em comunidades marginalizadas. Por parte das “pessoas mais violentas” (linha 15), expecta-se que delas surja atos de violação de direitos em relação aos “bons cidadãos americanos”, os policiais. Por isso mesmo é que seria necessária essa patrulha “legal” por policiais e “racial” pela WCKKKK.

Além disso, nesse estado de guerra, a “economia americana vai desempenhar um fator importante no próximo conflito racial” (linhas 19 e 20). Esse enunciado é pleno de sentidos, tendo em vista a escolha do signo ideológico “próximo”, o que impõe a dúvida de qual foi o conflito racial anterior que teria sido perpetrado pela população não-branca. Com recorrência, a *Klan* faz menção à Guerra de Secessão, mas esta teve como protagonistas unionistas e confederados brancos. Em todas as páginas digitais da organização KKK, não há muita informação sobre isso, de modo a exemplificar a posição ideológica dessa voz. Há, também, de se relevar que tal ideia de conflito é uma conspiração racial usada única e exclusivamente para o pânico da população.

No que toca ao tema da economia tratado, o trabalho é uma prática social que, do ponto de vista da WCKKKK, estaria dominada por não-brancos e imigrantes ilegais. “À medida que mais e mais fábricas partem para terras estrangeiras, deixando-nos com menos empregos bem remunerados e com cortes em programas federais para minorias” (linhas 20 e 21). Para o locutor, é indevido o direito ao trabalho digno e íntegro e, ademais, empresas estadunidenses que atuam no “terceiro-mundo” prejudicariam “empregos bem remunerados” (linha 21) de estadunidenses. Perceba-se que o signo

ideológico “minorias” (linha 21) é ressignificado, porque, ao refletir a imagem da população branca, refrata a imagens de injustiça, pobreza e indignação.

Negros, judeus, latinos, imigrantes e, além destes, para a construção da conspiração o Governo Federal, seriam álibis para que, com suas razões, um extermínio racial pudesse começar. “Acreditamos que o Governo Federal se tornou um inimigo da América Branca e parece estar ajudando a provocar um conflito racial” (linhas 22 e 23). Por exemplo, o locutor introduz o ponto de vista que os “israelitas cristãos brancos nunca tiveram permissão para se misturar com outras raças, mas por anos o governo federal empurrou a mistura de raças e a imigração não-branca descontrolada em nosso país” (linhas 23, 24 e 25). O signo ideológico “israelitas cristãos”, que reflete uma denominação cristã, refrata, segundo as intenções do locutor, a sugestão de que se trata de uma raça, uma descendente de Jesus Cristo.

No entanto, com esse ponto de vista, a voz do locutor aponta para uma contradição, porquanto “o governo federal empurrou a mistura de raças e a imigração não-branca descontrolada em nosso país” (linhas 24 e 25) que, sendo impuras nesse ponto de vista, não teriam o mesmo direito de miscigenarem. É difícil datar qual a Administração Federal esse enunciado faz referência, certamente não é a Administração Trump, pois a KKK é pró-trumpismo como se observa em suas manifestações sociodiscursivas nas ruas e nas redes. “Os federais uniram as raças e tudo o que conseguiu foi mais violência em nossas escolas e bairros” (linhas 25 e 26). A partir daí, é possível compreender que o tom da voz do locutor é de indignação, porque essa miscigenação degeneraria a pureza racial, o que também aumentaria a violência em escolas e bairros.

“Os filhos de Satanás, ‘judeus’, trabalharam muito e arduamente para destruir a América branca e os seguidores de Cristo” (linhas 27 e 28) é um enunciado cuja linguagem cristã-fundamentalista reforça tabus, credices e valores antissemiticos ao selecionar os signos ideológicos “filhos de Satanás” e “judeus” que personificam o lado do mal da trincheira. Ao refletir o outro indesejado, refrata, em seu percurso temático-semântico, a intenção do locutor de demonizar o inimigo à proporção que santifica e paternaliza o branco, “os seguidores de Cristo” (linha 28). Como manifestação dessa perseguição, a “agitação e o conflito raciais são apenas outra maneira de atacar o povo escolhido de Deus” (linhas 28 e 29). A propósito, o signo ideológico “conflitos raciais” é empregado pelo movimento neonazista, visto que, ao refletir o combate entre “raças”,

refrata a ideia de mudança do *status quo* na sociedade, frequentemente quando há manifestações dos direitos civis.

Nesse ponto de vista, o inimigo roubaria, estupraria e assassinaria os seguidores de Cristo na “América Branca”. Prova disso, seriam os sistemas prisionais que, por isso mesmo, estariam transbordando de não-brancos que odiariam particularmente esse povo cristão. Para reforçar essa posição ideológica, o locutor, com sua voz eivada em ódio, engendra uma linguagem matemática ao defender que 12, 5% da população representaria a população negra e, nesse universo, 80% a carcerária total. “É óbvio quem está cometendo a maioria dos crimes na América” (linhas 33 e 34), o que indicaria uma tendência destrutiva.

“Nossa civilização está se deteriorando por causa de um experimento social chamado igualdade racial” (linhas 35 e 36). A voz desse locutor, nesse enunciado, constituído de uma linguagem supremacista branca e pseudocientífica, prenuncia a deterioração da pureza racial que seria causada por força dos movimentos em nome da igualdade, o que seria orquestrado pelo “governo satânico profano” (linha 37), uma força do mal. Tão logo, sobre a imagem da guerra racial total, dividir-se-ia entre destruição e restauração em que cada qual usaria um uniforme com sua respectiva cor, negra e branca. “Os Cavaleiros Brancos da Camélia Branca acreditam que é hora dos brancos se prepararem para o que será uma luta dura e sangrenta, não apenas entre as raças, mas uma batalha entre as forças do bem e do mal” (linhas 38, 39 e 40).

Por fim, compreende-se que, para guiar a população branca nessa batalha, o mago imperial está na posição sócio-hierárquica de liderança da organização, que participa das reuniões sagradas de racismo quando os homens da *Klan* queimam cruzes e suásticas. Nesses encontros, de acordo com o convencionalismo da organização, ele veste traje com uma cor de destaque. Ademais, Donald Trump é uma liderança política que possibilitaria a percepção da realização de uma guerra na qual os seguidores de Cristo poderiam ser vitoriosos. Esse político, ao ter sido eleito, encontrou uma simpatia social por parte da KKK. Com índices temporais e espaciais presentes no enunciado averiguado, sabe-se que a imagem dos EUA é ressignificada para que um álibi, tais como minorias sociais, possam legitimar medidas extremistas da população branca, porque se sucederia uma guerra racial total.

4.2. Arianismo: a raça escolhida por deus

A atividade discursiva da *Klan* propõe a ideia de uma guerra racial total em que negros, latinos, judeus e pobres batalhariam contra o branco. Em seu discurso, as linguagens cristã-fundamentalista, branco-supremacista, cívico-racial, racista-institucional, anti-imigração, antissemita e bélica interagem, dialogicamente, a fim de que sentidos sejam produzidos. Nessa perspectiva, é importante averiguar a orientação ideológica da KKK que, com o tempo, nazificou-se, uma vez que seus próprios magos imperiais tiveram origem em partidos neonazistas. Logo, intenta-se, nesta subcapítulo, estudar mais acerca dessa imagem racial ressignificada pela KKK quanto à identidade branca. Para tanto, o quadro a seguir elaborado a partir do enunciado da Cavaleiros da Brigada Patriótica da Ku Klux Klan (PBKKKK, doravante):

Quadro 3 - Neonazismo odinista e a *Ku Klux Klan*

1	Trabalhando Juntos Para as 14
2	Saudações raciais. A Brigada Patriótica é uma Klan de Identidade Cristã. Nosso Escritório
3	Imperial está localizado no Texas; no entanto, nossa associação cobre todos os 13 estados do Sul.
4	Para ingressar como um cidadão naturalizado no Império, você teria que seguir o cristianismo de
5	alguma forma. Contudo, temos portas abertas para nos relacionarmos com outras pessoas fora da
6	Klan. A unidade está em primeiro lugar em nossa luta. Se não podemos nos unir como um só,
7	como vamos salvar este nosso país ?????? Portanto, se você é um Odinista e deseja ter comunhão
8	conosco, por favor.
9	Clique no link para o aplicativo. Imprima e envie para nossa caixa postal ou escreva-nos e solicite
10	um formulário.
11	Obrigado, Senhor nos abençoe. Sem mais guerra entre irmãos

Fonte: Cavaleiros da Brigada Patriótica da Ku Klux Klan ([entre 2000 e 2020], n.p.)

Nesse enunciado, o sujeito da organização, instando um locutor, indica trabalhar para as 14 palavras, o que, ao se analisar o percurso temático-semântico desse signo ideológico, têm-se estratificadas as intenções raciais de David Lane. A partir dessa orientação, cumprimenta o interlocutor presumido com o enunciado “Saudações raciais”, o que postula diferentes sentidos para seu auditório social, porque, de um lado, saúda um interlocutor presumido (branco, estadunidense, homem, racista, conservador, classe média), de outro, hostiliza um interlocutor indesejado (negro, imigrante, pobre, judeu). “A Brigada Patriótica é uma Klan de Identidade Cristã” (linha 2), o que relaciona valores ideológicos de raça com os do cristianismo, tal como se verificou no subcapítulo precedente. Isso é interessante, porque o símbolo máximo do cristianismo é Jesus Cristo, que, no que lhe concerne, seria o ancestral do branco-ariano que teria sido protegido por Adolf Hitler durante a 2ª Guerra Mundial, bem como defende o supremacismo neonazista.

A propósito, é relevante considerar o uso de signos ideológicos numéricos no movimento neonazista. As 14 palavras são bastante conhecidas, embora existam variações como 14/88, que significa *Heil Hitler*, já que 8 (H) 8 (H) são as oitavas letras do alfabeto. Já 14 pode significar *We (1) must (2) secure (3) the (4) existence (5) of (6) our (7) people (8) and (9) a (10) future (11) for (12) White (13) Children (14)* (Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as Crianças Brancas). Propositalmente, emprega-se o verbo poder, uma vez que existe outra possibilidade de interpretação que será somente estudada no subcapítulo sobre a WLM. A KKK enuncia os signos ideológicos 311, pois se relaciona com a décima terceira letra do alfabeto (K) repetida três vezes, KKK. Há, ainda, 333 e 111 que seguem esse mesmo caminho na construção de sentido entre locutor e interlocutor. Ao produzir sentidos sobre isso, intercambiam-se valores ideológicos entendidos por membros de um dado grupo, tendo em vista que podem “decifrar” essas senhas sociais. É uma saudação entre supremacistas em linhas gerais.

Na concepção de Bemong e Borghart (2015), a filosofia bakhtiniana concebe que “[...] tanto no mundo físico quanto no ficcional, pode-se observar uma conexão intrínseca entre tempo e espaço, porque, em ambos os domínios, a cronologia não pode ser separada dos acontecimentos e vice-versa”. Em relação ao interlocutor, o locutor situa, cronotopicamente, o “Escritório Imperial” que estaria “localizado no Texas; no entanto, nossa associação cobre todos os 13 estados do Sul” (linhas 2 e 3). Esse enunciado concreto produz sentidos como o de poder no tempo presente, mas também de proteção aos brancos uniformizados para a guerra racial santa, já que a PBKKKK estaria presente nos 13 estados do Sul.

Faz-se, com efeito, uma alusão aos Estados Confederados da América, que, como se estudou, tentaram reinstitucionalizar o tráfico transatlântico de negros escravizados, além de perpetrar esse sistema de exploração e tortura na condição de base da economia sulista. É após a queda desse projeto de insurgência que surge a KKK no cenário estadunidense na intenção de vigiar, punir e matar os recém-libertos quando conveniente.

“Para ingressar como um cidadão naturalizado no Império, você teria de seguir o cristianismo de alguma forma” (linhas 3, 4 e 5). Ao assim fazê-lo, o interlocutor, como responsabilidade ética, teria de reivindicar a pureza racial e espiritual como dogma. Nesse sentido, o mago imperial tornar-se-ia um símbolo terreno de Jesus Cristo, o que

estabelece uma interrelação sócio-hierárquica entre o líder e os seguidores em uma concordância de valores ideológicos. Ser “cidadão naturalizado no Império” (linha 3) seria eticamente compreender os direitos e deveres de um homem da *Klan*. A cidadania, nesse caso, tem como base valores atinentes à raça e à religião nessa mitologia supremacista como critério de (des)classificação de candidaturas para o alistamento nessa organização de terror.

No percurso temático-semântico do signo ideológico “cidadania”, reflete-se a ideia de que seria restrita à população branca, pois teria um direito natural sobre os EUA. Na refração, uma vez que considera um contexto histórico mais amplo, sabe-se que o movimento neonazista, particularmente para o Partido Nazista Americano, a cidadania não seria exercida por qualquer pessoa que nascesse nos EUA. Na verdade, a voz dessa organização partidária advoga ser necessária uma “américa nacional-socialista”, o que se reflete na ideia de um país totalmente branco, desdobrando-se na refração de um projeto eugenista no qual crianças brancas e negras sejam segregadas e proibidas de interagir. Não é surpresa, pois, a escolha do signo ideológico “sangue ariano” por essa voz, uma vez que, como a KKK, é admiradora das 14 palavras de David Lane.

“Contudo, temos portas abertas para nos relacionarmos com outras pessoas fora da Klan” (linha 5), porque “A unidade está em primeiro lugar em nossa luta” (linhas 5 e 6). Tais enunciados permitem compreender que, na intenção de eliminar o outro coisificado, os neonazistas preveem uma união entre organizações de diferentes vieses ideológicos, de modo a compartilhar um mesmo projeto, bem como o de aniquilar o pretense inimigo anticristão, antiamericano e anti-branco. “Se não podemos nos unir como um só, como vamos salvar este nosso país ?????” (linhas 6 e 7). Nesse processo de centralização política e cultural em torno do mito do cristão-ariano, somente a união poderia “salvar” a América Branco-Ariana.

Na trincheira do supremacismo branco, “se você é um Odinista e deseja ter comunhão conosco, por favor. Clique no link para o aplicativo. Imprima e envie para nossa caixa postal ou escreva-nos e solicite um formulário” (linhas 7, 8 e 9). Ao selecionar o signo ideológico “Odinista” (linha 7), remete-se a uma orientação ideológica do neonazismo que louva os deuses nórdicos que, nessa mitologia, seriam os ancestrais divinos puros dos brancos arianos. Tal perspectiva é axiologicamente aceita pelo locutor do enunciado em análise. Para o alistamento de novos integrantes, a

organização disponibiliza um formulário digital de recrutamento a ser preenchido com base nos requisitos raciais e religiosos apresentados.

Portanto, com esse enunciado, produz-se efeitos de sentido de dominação que, conforme interesses da situação de interação discursiva, são estratificados no percurso do que é dito e não dito pela PBKKKK. Pelo que se pode analisar, os efeitos de força podem subsidiar novos recrutamentos. Nesse contexto, em que soam vozes socioideológicas dos soldados brancos em estado de guerra, haveria um império invisível que, na espreita, poderia reagir com toda a sua força em qualquer momento contra o suposto genocídio branco.

Para usar um uniforme, bastaria ser branco, cristão, nacionalista e “americano” (estadunidense). Como odinistas, e demais neonazistas estão convocados para participarem do mesmo lado da trincheira, não surpreende que o ritual sagrado de queima de cruzes esteja articulado com o das suásticas por parte da *Klan*. Aliás, o efeito de unidade é interessante, porque, inclusive, camufla todos os conflitos havidos na história da KKK entre seus próprios membros – golpes pelo poder, ambição pelo dinheiro, traição de confiança, bebedeira etc.

Nesse ritual de racismo, acontece uma sincretização que combina a cruz como símbolo do cristianismo e a suástica como do nazismo com o intuito de pregar o ódio e a exclusão a partir de uma suposta legitimidade divina. Essa combinação é axiologicamente reforçada por elementos visuais, tais como a cruz, a suástica, o fogo, os trajes nas cores branca, vermelha, roxa e preta, que evocam imagens de poder e autoridade, e verbovocais, bem como as palavras sagras e racistas.

No processo semântico de reflexão, há uma concordância de valores na ideia de superioridade em relação ao outro indesejado e marginalizado. No de refração, ainda com referência aos signos ideológicos “queima de cruzes” e “queima de suásticas”, existe uma ameaça a ser analisada, pois, em oposição à convivência social, acentua-se a eliminação do outro.

Do ponto de vista cronotópico, observa-se uma retomada de valores associados ao nazismo e fascismo europeu nos dias atuais dos EUA. Esse discurso acentua uma posição que saúda o passado alemão e italiano sob regimes autoritários com a intenção de reivindicar e estigmatizar o negro, o judeu e o imigrante. Há, assim mesmo, a crença de perpetuação de luta pelo branco em um novo tempo-espço, o que legitima a busca pela identidade nacional a ser respaldada por valores raciais e xenofóbicos.

Além da relação entre índices temporais e espaciais, o cronotopo presente nesse ritual de racismo expressa como os integrantes da organização percebem e interagem com o mundo. Nesse ponto de vista, há uma perspectiva que prega a exclusão e perseguição do outro visto como inferior com base em características étnicorraciais.

Leia-se, à luz disso, o próximo enunciado da organização Cavaleiros do Sul da América Cristã (ACDK, doravante):

Quadro 4 - Deus, arianismo e a *Ku Klux Klan*

1	O que você vai fazer para fazer a diferença
2	Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida, o que você vai fazer com isso?
3	Este é o momento de ser proativo e informar ao público em geral que ainda há pessoas que têm
4	orgulho de ser brancas! Há tanta preocupação hoje em dia e as pessoas têm tanto medo de serem
5	chamadas de fanáticos e racistas que estão se esquecendo de quem são e de onde vêm. Não há
6	absolutamente nada de errado com o orgulho branco. Nós, como caucasianos, somos de fato a
7	raça escolhida por Deus. Não faz muito tempo, esse fato era amplamente conhecido e aceito. No
8	entanto, as pessoas começaram a perder isso de vista quando os líderes dos direitos civis
9	começaram a "peste negra da América". A integração forçada foi e ainda é imposta a nós
10	diariamente e não foi e NÃO é PROCURADA pelos brancos OU pelos negros. Todos estavam
11	muito contentes em se agarrar aos seus e não confraternizar fora de sua própria raça. A vida das
12	peessoas era simples e todos sabiam onde as proverbiais linhas raciais eram traçadas e todos
13	estavam felizes e aceitavam isso. Não há nada de errado com direitos iguais e todos deveriam ter
14	direitos iguais, mas separadamente.
15	Atualmente, a linha que nos separa em todos os níveis está ficando cada vez mais tênue. Nós,
16	como arianos, estamos perdendo o controle que antes tínhamos de nossa sociedade e de nossos
17	direitos. A razão para isso é simples: a América e a raça branca ficaram suaves. Se os negros
18	querem algo e não conseguem o que querem, eles se revoltam, saqueiam, protestam, ferem
19	peessoas inocentes e atrapalham o trânsito e os negócios etc. Se alguém tentar impedi-los ou
20	atrapalhar, eles contam com o apoio de grupos como a NAACP para apoiá-los e jogar a "cartada
21	da corrida". Esta desintegração da linha de sangue branco puro não é apenas um produto de
22	grupos pró-negros como o NAACP ou SPLC, mas é amplamente financiado e apoiado pela raça
23	mais maligna de todas ..., os judeus.
24	Com movimentos antibranco em pleno andamento e ganhando impulso a cada dia, não haverá
25	raça branca em 2050. Bebês brancos puros e bonitos são quase inexistentes em comparação com
26	apenas 15 anos atrás. Os traidores da raça estão entre a forma mais baixa de escória da terra e
27	serão tratados como tal no dia final do julgamento. Está escrito na Bíblia Sagrada, as raças não se
28	misturam. É repugnante e errado em todos os níveis para nossos irmãos e irmãs brancos acasalar-
29	se com os selvagens. Garotas brancas com homens negros se tornaram a norma e devem ser
30	impedidas. Ter a integração imposta aos nossos filhos também deve acabar. A raça branca precisa
31	dizer basta!!! Quando estamos quites, quando deixamos de dever a essas pessoas? Eles querem
32	ser tratados como todas as outras pessoas, mas esperam um tratamento especial. Onde traçamos a
33	linha na areia e enfrentá-los?? É hora de parar de atender a todos e cuidar de você e dos seus. Os
34	americanos brancos estão tão preocupados em ferir os sentimentos das pessoas e o que os outros
35	pensam delas que não estão vendo o que realmente está acontecendo bem debaixo de seus
36	narizes. Este não é um problema preto e branco, é um problema global. SALMO 59:1- "Livra-me
37	dos meus inimigos, ó Deus; defende-me dos que se levantam contra mim"

Fonte: Cavaleiros do Sul da América Cristã ([entre 2000 e 2020], n.p.)

Nesse enunciado, o texto começa com a afirmação acerca do que o interlocutor desejado poderia executar para ser a diferença, o que é seguido por uma pergunta: "o que você vai fazer com isso?" (linha 2). De maneira a ativamente responder a isso, o locutor enuncia que este é o momento para informar à população que existiriam pessoas

que possuiriam orgulho de ser brancas, o que é dito com um tom valorativo de eloquência devido ao uso da exclamação. Nesse ponto de vista, o locutor demonstra uma indignação, porquanto o branco teria medo de ser tachado como racista ou fanático, o que é abrandado por sua voz, visto que não haveria: “absolutamente nada de errado com o orgulho branco” (linha 6). Tem razão, acerca disso, Schucman (2018, p. 138) ao defender que “[...] o branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, mas é, também, produtor ativo dessa estrutura, através dos mecanismos mais diretos de discriminação e da produção de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento”.

Tal discurso tem posição oposta a discursos que transitam em movimentos sociais de reivindicação de direitos. É crucial entender que o orgulho negro, latino e LGBTQIAP+ são atos de linguagem atrelados à resistência devido à opressão colonial vivenciada por essas minorias. Enquanto isso, o orgulho branco nada mais faz que sobrecarregar valores ideológicos no que tange à hierarquia racial em que está no topo o branco que, no processo de escravização, beneficiou-se materialmente. Nessa tensão dialógica de vozes, o locutor, de sua posição, percebe o signo ideológico “racistas” e “fanáticos” como atos de agressão ao branco e ao seu orgulho.

“Nós, como caucasianos, somos de fato a raça escolhida por Deus. Não faz muito tempo, esse fato era amplamente conhecido e aceito” (linhas 6 e 7). Nesse ponto de vista, observa-se a relação entre o divino e o ariano, o que é usado como baliza para compreender o que é superior e inferior. Essa diferenciação serve para refletir a respeito da cidadania e direitos civis, consoante esse ponto de vista, não seria fundamental, mas relativo a depender de características fenotípicas de cada grupo racializado.

“No entanto, as pessoas começaram a perder isso de vista quando os líderes dos direitos civis começaram a ‘peste negra da América’” (linhas 7, 8 e 9). A escolha da conjunção “No entanto” contrapõe-se ao ponto de vista que os caucasianos teriam se esquecido de quem são verdadeiramente. Essa seleção lexical repercute no enunciado no nível do discurso, porque contradiz duas posições ideológicas: i) ter orgulho de ser branco; ii) ter medo de ser branco orgulhoso. Na visão do locutor, esse conflito suceder-se-ia a partir da militância de líderes do movimento dos direitos civis ao encetarem a “peste negra da América”. Essa perspectiva remete ao evento da peste negra que devastou o continente europeu, o que é reivindicado pelo locutor para refletir sobre a luta dos direitos civis nos EUA. É mais do que uma analogia o léxico “peste negra”

(linhas 8 e 9), porque associa a cor do rato e a da população negra, de modo que, discursivamente, o inimigo situado do outro lado da trincheira é inferiorizado e animalizado.

Mais à frente, o locutor representa, cronotopicamente, o evento da escravização. Nesse momento histórico, as populações branca e negra estão institucionalmente separadas entre senhores e propriedade. Nessa sociedade capitalista escravocrata, na visão do locutor, todos “estavam muito contentes em se agarrar aos seus e não confraternizar fora de sua própria raça. A vida das pessoas era simples e todos sabiam onde as proverbiais linhas raciais eram traçadas e todos estavam felizes e aceitavam isso” (linhas 10, 11 e 12). Nesse contexto, a voz do locutor, nesse enunciado, constrói a imagem de felicidade e aceitabilidade em um processo histórico de tortura e escravização.

Há essa posição porque a branquitude, como conceitua Schucman (2018), é um lugar de vantagens materiais e simbólicas em razão de uma estrutura de dominação racial na sociedade. De fato, conforme estudo no capítulo a respeito da história estadunidense, observou-se que a colonização realizada pelo imperialismo europeu impôs uma visão racial diante de uma sociedade multiétnica, o que legitimou a violência colonial. Por conseguinte, o locutor possui uma posição de concordância com os valores ideológicos do sistema de escravização. Isso explica o motivo pelo qual os integrantes da KKK, ao se colocarem como locutores, expressam-se como padrão de humanidade, de tal maneira que seu extremismo possa normatizar um novo sistema de escravizar.

Por isso mesmo que a “integração forçada foi e ainda é imposta a nós diariamente e não foi e NÃO é PROCURADA pelos brancos OU pelos negros” (linhas 9 e 10). Após o processo de escravização, depois da Reconstrução, políticas de integração foram iniciadas, o que é, cronotopicamente, percebido de maneira negativa, pois a posição do locutor é contrária a políticas antissegregação. Como a separação racial é vista de maneira positiva, a “miscigenação”, mediante políticas afirmativas governamentais, fortaleceria a degeneração racial da pureza. Esse ponto de vista constrói-se em oposição ao de movimentos civis que lutam por justiça nas relações sociais. Nessa dialética, enuncia-se que não “há nada de errado com direitos iguais e todos deveriam ter direitos iguais, mas separadamente” (linhas 12 e 13). A ideia de igualdade proposta pelo locutor não garante equidade, mas, e isto sim, perpetua injustiças, porque prevê limpeza racial e eugenismo.

Tal ponto de vista parece se concretizar com a afirmação de que “a linha que nos separa em todos os níveis está ficando cada vez mais tênue. Nós, como arianos, estamos perdendo o controle que antes tínhamos de nossa sociedade e de nossos direitos” (linhas 14 e 15). Isto é, a abolição da escravização e políticas afirmativas diminuiram a “linha que nos separa” (linha 14). O tom valorativo desse enunciado centra-se nesse sujeito que, ao se projetar como locutor, assume-se como ariano, mas também como parte de um processo político de eugenismo e limpeza racial. A Confederação decidiu manter o tráfico transatlântico de escravizados como base de seu sistema econômico nas colônias sulistas. Por esse motivo, o supremacismo branco tem esse evento como marco histórico, uma vez que delimita o lugar o branco e do outro no mundo, o que acentua uma hierarquia política, cultural, econômica.

Ao se verificar a profundidade ideológica do signo “linha”, reflete-se uma fronteira territorial e étnica quanto às delimitações geográficas que situam um espaço/tempo cujo direito natural seria do branco estadunidense, de tal maneira que a presença do outro é vista como uma ameaça biológica, cultural e econômica. Há assim uma demarcação territorial que relaciona identidade étnica, valores de supremacismo racial e nacionalismo com a finalidade de afirmar o branco.

Refrata-se, também, esse outro como um inimigo exterior que, ao invadir a tal linha territorial, torna-se um inimigo interno. Em resposta a isso, é possível perscrutar, no cenário estadunidense, organizações de ódio racial que se reúnem para exaltar o branco e hostilizar o negro, o imigrante, o judeu e o pobre. Por consequência, isso se atrela à ideia de cidadania, que, ao invés de ser um direito fundamental de todo mundo, seria restrita a critérios como origem nacional, religião, cor da pele.

“Se os negros querem algo e não conseguem o que querem, eles se revoltam, saqueiam, protestam, ferem pessoas inocentes e atrapalham o trânsito e os negócios etc.” (linhas 16, 17 e 18). Dessa perspectiva, a população negra seria precursora dos atos como o de se revoltar, saquear, protestar, ferir e atrapalhar, tal é, como se interpreta, o álibi do supremacismo branco para planejar uma “solução final” em termos nazistas para os inimigos, os “pró-negros”, mas não só, pois existiria a “raça mais maligna de todas..., os judeus” (linha 21). “Com movimentos antibranco em pleno andamento e ganhando impulso a cada dia, não haverá raça branca em 2050” (linhas 22 e 23), o que seria demonstrado por “Bebês brancos puros e bonitos [que] são quase inexistentes em comparação com apenas 15 anos atrás” (linhas 23 e 24).

Além disso, supremacismo branco estadunidense que, como se leu, reivindica o projeto nazista para a sociedade. Para a garantia disso, seria crucial a preservação de uma linhagem supostamente pura. No entanto, “traidores da raça estão entre a forma mais baixa de escória da terra e serão tratados como tal no dia final do julgamento. Está escrito na Bíblia Sagrada, as raças não se misturam” (linhas 24 e 25), porque seria “repugnante e errado em todos os níveis para nossos irmãos e irmãs brancos acasalar-se com os selvagens” (linhas 26 e 27). Como o sistema de escravização foi derrubado e as políticas de segregação das Leis Jim Crow foram enfrentadas, o muro entre brancos e negros teria sido “derrubado”. Nesse contexto, relações interracialis cada vez mais aumentaram. A esse processo, o locutor percebe como traição racial, o que poderia ser mais uma razão para a ideia de que bebês brancos puros e bonitos não mais existissem. Em uma leitura bíblica bem peculiar, haveria o “dia final do julgamento” (linha 25) no qual o árbitro seria o Jesus diante de arianos e selvagens.

“Os americanos brancos estão tão preocupados em ferir os sentimentos das pessoas e o que os outros pensam delas que não estão vendo o que realmente está acontecendo bem debaixo de seus narizes” (linhas 31, 32 e 33). Nesse viés, seria necessária solidariedade branca, porque estes teriam medo aceitar sua raça pura e escolhida assim por deus. Como essa população teria medo de reagir, um processo de miscigenação estaria em prosseguimento nos EUA. Logo, entrar para a organização corresponderia eticamente a reagir e sentir orgulho racial. Por isso, a citação bíblica para composicionalmente finalizar seu enunciado: “SALMO 59:1- ‘Livra-me dos meus inimigos, ó Deus; defende-me dos que se levantam contra mim’” (linhas 34 e 35).

Alfim, ao se analisar esse ponto de vista sobre o outro miscigenado, sabe-se que essa é uma das principais bases para o discurso racista da KKK, porque, e isso é melhor verificado no subcapítulo posterior, reforça-se a crença de que a presença de grupos raciais considerados marginalizados e estigmatizados na sociedade estadunidense representaria uma ameaça à linhagem de “pureza” da raça branca. Há o pressuposto que o mundo seria dividido em categorias biológicas cuja relação seria de superioridade e inferioridade e, com efeito, a miscigenação comprometeria tal hierárquica racial e axiológica.

4.3. Miscigenação: filhos de satanás

Nos subcapítulos anteriores, a discussão girou em torno de temas como guerra, genocídio branco, estatística, polícia, culto à liderança, liberdade de expressão, direitos e orgulho branco, além de neonazismo. De início, o público-leitor desta dissertação soube, mediante as práticas de análise dialógica do discurso, que, para as organizações de ódio racial em pauta, existiria uma guerra racial santa traçada em uma trincheira entre raças branca e negra. No que tange à branca, estudou-se mais sobre a natureza dessa branquitude que, com ecos do arianismo nazista, considera-se racialmente superior, o que resulta na produção de diversas imagens raciais de si mesma. Os branco-arianos, nesse sentido, não teriam o direito de liberdade de expressão e, por isso mesmo, precisariam reagir. Neste subcapítulo, o objetivo é perscrutar mais sobre a natureza de negros, judeus, imigrantes e comunistas, embora os enunciados concretos examinados direcionem-se sobretudo à população negra.

Apesar de organizações de supremacismo branco terem suas particularidades, sobretudo na construção dos discursos, um dos pontos de generalidade é o nativismo²². Trata-se de entonar uma voz que defende virulentamente a pátria e prevê a expatriação do outro, que não seria digno de gozar dos mesmos direitos constitucionais. Na verdade, a ideia é que a cidadania não seja garantida a todo mundo, mas somente à população branca reconhecida como “americana”. É um sentimento cívico-racial que serviria para inferiorizar e submeter povos ao seu crivo de valores ideológicos, particularmente os “terceiro-mundistas”, como são designados. Devido à origem geográfica, etnia, classe social etc., os imigrantes são percebidos como ilegais e precursores da criminalidade que, embora com essa estirpe, receberiam assistência governamental, o que lesaria os verdadeiros americanos.

Nessa perspectiva, povos imigrantes latinos seriam responsáveis por estes atos: (i) roubar empregos; (ii) roubar direitos; (iii) roubar a segurança dos brancos; (iv) roubar e violentar mulheres; (v) miscigenar raças. Não por acaso, os setores mais antidemocráticos da sociedade estadunidense são favoráveis à criação de um muro entre EUA e México. Há, a esse respeito, um vídeo na *Internet* muito sensível no qual crianças estadunidenses de uma escola ameaçam crianças de origem nacional diversa de

²² De acordo com Nascimento (2022, p.12), o nativismo se constitui de práticas e políticas para proteger nativos de um país contra os imigrantes. Há, com efeito, o discurso de que o imigrante não poderia ser assimilado ao país em função de uma diferença cultural e étnica, o que os torna uma ameaça ao nativo/cidadão. No caso da KKK e WLM, esse discurso nativista é sem dúvidas carregado de valores atrelados à xenofobia.

exportação. Importante analisar que imigrantes não são criticados por não terem documentação adequada, mas por simplesmente pisarem em solo estadunidense, o que configuraria um ato ilegal.

Nesse contexto, os brancos não perseguiriam, mas seriam perseguidos por um inimigo, personificado e objetificado em uma minoria social (negro, imigrante, judeu, LGBTQIAP...), o que pode levar a crer ao auditório social que a população branca não teria mais tempo de vida e, por isso mesmo, seria fundamental reagir, de modo a defender direitos de filhos, netos e o futuro dos que virão. É nessa perspectiva que surge o ponto de vista que existiriam grupos racializados que estariam recebendo assistência social ao prejudicar ao mesmo tempo os brancos que, intermitentemente, trabalhariam duro.

Para tanto, surgiria o próprio governo que retiraria empregos ao fomentar a contratação de “estrangeiros ilegais”. Tal ato governamental, dentre outros, seria responsável por tirar comida da mesa, aumentar a inflação no que tange ao preço da gasolina, às contas domésticas. Fundamental entender a tensão entre dois pontos de vista extremistas: de um lado, o grupo racializado dominante, os “verdadeiros americanos”, ligado aos republicanos; e, de outro, o grupo racializado dominado, os “estrangeiros ilegais”, vinculados aos democratas. Se os primeiros, representados pela KKK, cristãos brancos nacionalistas tementes a deus, com seus costumes vinculados ao *status quo* da sociedade estadunidense, lutariam por verdade e justiça, os segundos, representados por BLM e demais organizações, forças anti-brancas (latinos, gays, pobres, judeus), objetivariam a destruição da pátria, os antiamericanos. O branco meritocrata seria, pois, confrontado por essas forças objetificadas.

Dentro dessas forças, estaria a população negra formada por homens que, devido à “raça”, seriam estupradores, o que teria sido provado em 1988 com 94.000 casos de mulheres brancas estupradas, tal como defende o ponto de vista da organização Cavaleiros Supremos da Ku Klux Klan (SKKKK, doravante). Inclusive, o próprio Nobel da Paz, Martin Luther King, assassinado em um hotel, teria um passado marcado por perversões sexuais, além de homossexualidade, conforme a teoria conspiratória defendida pela KKK. Ele estaria sob as ordens de espões soviéticos e financiado pelo Partido Comunista para a SKKKK. No enunciado a seguir, ter-se-á, a propósito, referências a judeus como parte dessas forças anti-brancas. Assim, veja-se o Quadro 5 com base em um enunciado da ACDK:

Quadro 5 - A Ku Klux Klan e os filhos de satanás

1	BEM-VINDO À PÁGINA OFICIAL DOS CAVALEIROS DO SUL DA AMÉRICA CRISTÃ
2	DA <i>KU KLUX KLAN</i>
3	Os Cavaleiros do Sul da América Cristã querem você!
4	Somos uma ordem da <i>Ku Klux Klan</i> muito ativa e em constante crescimento e estamos sediados
5	no Tennessee, mas começamos no Alabama. O ACDK foi fundado em 2014 e era formado por 3
6	grupos que já existiam há anos. Os Cavaleiros do Sul do Meio Oeste do Missouri, os Cavaleiros
7	Cristãos Americanos do Mississippi e os Cavaleiros Arianos da Carolina do Norte. Dois anos
8	depois, o ACDK absorveu os Cavaleiros Brancos da Frente Wasatch, formando uma organização
9	grande, extremamente organizada e de longo alcance. Com esta união, os Cavaleiros do Sul da
10	América Cristã têm <i>klaverns</i> (reinos) ativos no oeste, meio oeste, a maioria dos estados da Dixie e
11	no extremo norte de Ohio. Após uma consideração cuidadosa, percebemos que não há razão para
12	todos esses grupos lutarem pela mesma causa com os mesmos objetivos, mas funcionando
13	separadamente.
14	Os Cavaleiros do Sul da América Cristã são uma ordem tradicional que segue os caminhos da
15	antiga <i>Ku Klux Klan</i> original. Ensinamos os métodos antigos que não são mais praticados porque
16	a maioria dos grupos de hoje nem mesmo sabe muito sobre o <i>Kraft</i> perdido. Existem muitos
17	grupos <i>Klan</i> por aí agora que querem mudar as coisas e torná-las suas. Algumas dessas <i>Klans</i>
18	irresponsáveis da <i>Internet</i> estão naturalizando membros por telefone e chamadas de vídeo. Se
19	você é uma dessas vítimas que foram “enganadas” nisso, queremos mostrar a você a <i>Klan</i> REAL.
20	Se alguém não se naturalizou pessoalmente no Império Invisível, cara a cara, olho no olho, não é
21	um cidadão legal nem reconhecido pelo verdadeiro Império Invisível. Esses novos " <i>Klans</i> " da
22	<i>Internet</i> dão a alguns poucos verdadeiros nomes muito ruins e geralmente nem são organizações
23	legalmente licenciadas. Apoiamos nossas convicções e promovemos Deus, a Raça, a Nação e a
24	Família. Amamos a América do jeito que ela costumava ser e acreditamos na proteção da
25	Constituição da forma como foi originalmente escrita. Somos orgulhosos patriotas cristãos
26	brancos que trabalham incansavelmente pelos direitos dos brancos e pelo avanço de nossa bela
27	raça. Queremos garantir um futuro para nossas famílias brancas enquanto vivemos por meio de
28	Deus.
29	LEVANTE-SE AMÉRICA !!!!
30	A América está em perigo e precisa de você! Os Cavaleiros do Sul da América Cristã estão
31	Unidos com muitas outras VERDADEIRAS Klans, são um dos grupos fundadores da
32	FEDERAÇÃO UNIDA DAS KLANS e acreditamos no avanço da raça branca trabalhando de
33	braços dados com nossos irmãos e irmãs.
34	Acreditamos na restauração da cultura americana e da Constituição que nossos antepassados
35	trabalharam tão diligentemente para construir. Este país foi construído com muito trabalho e
36	cristianismo. Acreditamos na Constituição da forma como foi escrita originalmente. Acreditamos
37	na luta por nossos direitos que estão sendo rapidamente regularmente retirados de nós devido à
38	mídia controlada pelos judeus antiamericanos que adora agitar o caldeirão cultural, tornando a
39	América uma fossa.
40	A América precisa de ajuda! Neste momento, este país está se tornando antiamericano bem
41	debaixo de seus narizes. Nossos filhos não podem mais recitar o juramento de lealdade ou orar na
42	escola porque isso pode ofender alguém. Feliz Natal foi substituído por boas festas em quase
43	todas as lojas de varejo para serem "sensíveis" aos grupos anticristãos. Nossos militares não têm
44	mais permissão para praticar o cristianismo abertamente enquanto estiverem uniformizados.
45	Enquanto isso, os Estados Unidos estão construindo cidades-santuário para imigrantes ilegais e
46	mesquitas para muçulmanos em nossos sistemas penitenciários e locais de trabalho. Isso é
47	inaceitável e as pessoas precisam de voz.
48	Ainda não é ilegal ser branco. Porém, se você tem orgulho de sua herança e não tem vergonha de
49	ser branco, você é um fanático! Os homossexuais podem se manifestar e isso está OK para a
50	sociedade. Se os negros dizem que são negros e orgulhosos e trabalham como uma rede, são
51	considerados corajosos e contam com o apoio de covardes como NAACP, ADL, SPLC e
52	inúmeros outros para garantir que façam o que querem. Os mexicanos têm La Razza e os judeus
53	são donos de quase todos os meios de comunicação, que usam para tentar abolir a raça branca.
54	(Qual é o seu objetivo final; GLOBALISMO)
55	Agora é mais socialmente aceitável misturar raças e contaminar a linhagem do caucasianos do
56	que preservá-los.
57	Os negros representam apenas 17,5% da população americana e ainda contribuem com 87,2% de

58	todos os crimes violentos. Estes não são números inventados, são estatísticas sólidas. Crimes
59	violentos de negros contra brancos dispararam, e não são vistos como crimes de ódio.
60	Estes são apenas alguns exemplos do colapso da América e da desintegração da raça branca como
61	a conhecemos.
62	Boas notícias! A <i>Ku Klux Klan</i> está crescendo rapidamente e resistindo. O Império Invisível foi
63	fundado na véspera do Natal de 1865 e provou repetidamente que reaparece em tempos de
64	necessidade e endireita as coisas. Em um ponto da história, a <i>Klan</i> tinha mais de 1,5 milhão de
65	soldados. Bem, o tempo de necessidade está aqui novamente. Existem <i>Klans</i> começando a vir à
66	tona e ressurgindo novamente, e todos nós estamos ficando fortes como antes.
67	Nós, os Cavaleiros do Sul da América Cristã, temos orgulho de estar recrutando pesadamente e
68	crescendo rapidamente ao lado de nossos irmãos e irmãs. No entanto, não somos uma
69	organização aberta a membros. Procuramos APENAS pessoas com pelo menos 18 anos de idade.
70	Pessoas de pura linhagem branca, que acreditam na Constituição e acreditam no verdadeiro país
71	cristão americano pelo qual lutamos todos os dias. NÃO aceitaremos nenhum judeu, homossexual, anticristão, antibranco

Fonte: Cavaleiros do Sul da América Cristã ([entre 2000 e 2020], n.p.)

Nesse enunciado, o locutor da organização ACDK, que estaria sediada no Tennessee, afirma isto: “BEM-VINDO À PÁGINA OFICIAL DOS CAVALEIROS DO SUL DA AMÉRICA CRISTÃ DA *KU KLUX KLAN*” (linhas 1 e 2), congratulando um público-interlocutor presumido, especificando logo após que objetiva alistar novos membros. Ao selecionar o signo ideológico “BEM-VINDO”, em letras maiúsculas, tal como no enunciado anterior, reforça um tom de afetividade, visando uma simpatia social. Com efeito, refletem-se sentidos vinculados a uma cumplicidade entre membros de uma mesma organização, a ACDK, o que possibilita a refração de sentidos relacionados a um projeto comum para enfrentar o inimigo da nação. Por isso mesmo é que, no momento seguinte, enuncia-se que “Os Cavaleiros do Sul da América Cristã querem você!” (linha 3).

Em sequência, o locutor da ACDK explana que a organização surgiu em 2014, formada por 3 outras organizações de ódio racial, a saber, os Cavaleiros do Sul do Meio Oeste do Missouri, Cavaleiros Cristãos Americanos do Mississippi e os Cavaleiros Arianos da Carolina do Norte, compreendendo, dois anos mais tarde, Cavaleiros Brancos da Frente Wasatch. Nesse sentido, essa organização possuiria *klaverns* (reinos) na maior parte da região Sul dos EUA – Dixie – e seguiria os caminhos da antiga KKK. Diferente de outras ramificações da KKK, esta em particular critica as demais por supostamente não conhecerem mais o *kraft* (ritual de queima de cruz) e naturalizariam novos membros pela *Internet*, telefone ou chamadas de vídeo. Para tanto, a ACDK releva que esse modo de recrutamento é um simulacro. Tal é a razão pela qual o locutor, para o projeto arquitetônico do supremacismo branco, frisar que: “não há razão para todos esses grupos lutarem pela mesma causa com os mesmos objetivos, mas funcionando separadamente” (linhas 11, 12 e 13), atrelando-se ao discurso de que a

povo branco precisaria se unir para vencer a guerra racial santa. Não é por acaso que suas páginas digitais empreguem enunciados como *White Power* (Poder Branco) e *White People Unite* (Poder Branco Unido) em uma coalizão de vozes que promovem o supremacismo branco.

Por conseguinte, se “alguém não se naturalizou pessoalmente no Império Invisível, cara a cara, olho no olho, não é um cidadão legal nem reconhecido pelo verdadeiro Império Invisível” (linhas 19, 20 e 21), relacionando-se com a voz do locutor de desejar boas-vindas na interação discursiva com o interlocutor presumido para a formação de um coro de apoio ético e vocal. De jeito a acentuar esses valores, com o fito de marcar uma posição racial, enfatiza promover “Deus, a Raça, a Nação e a Família” (linha 23). No elo de enunciados do movimento neonazista, o signo ideológico “Deus” personaliza uma divindade que simboliza a pureza em diálogo com vozes históricas que lhe embranqueceram. No processo de produção de sentidos, reflete-se a fé dos neonazistas da *Klan* e, por conta disso, refrata-se a legitimação terrena que define o puro do impuro. Esse signo ideológico, Deus, vincula-se aos demais “Raça”, “Nação” e “Família”, pois tal seria o projeto divino na terra, na intenção de se constituir uma família branca parte de um país de uma única etnia.

“Amamos a América do jeito que ela costumava ser e acreditamos na proteção da Constituição da forma como foi originalmente escrita” (linhas 23, 24 e 25). Com isso, os signos ideológicos “Deus, a Raça, a Nação e a Família” (linha 23) se contextualizam no tempo-espço presente que reivindica o passado, de modo que se possa se desvencilhar das Emendas Constitucionais que garantam o voto da população negra e das mulheres. Ao se recordar do capítulo acerca da história dos EUA, sabe-se que o objetivo da *Klan* após a Guerra Civil era/é o de obstruir a cidadania sob o subterfúgio de projeção da Constituição, uma vez que esse signo ideológico, no movimento supremacista branco, reflete mais que um documento, porque refrata os valores do *status quo* da sociedade estadunidense.

No prosseguimento dessa discussão, o locutor, ao se localizar em um meio social, destaca que são “orgulhosos patriotas cristãos brancos que trabalham incansavelmente pelos direitos dos brancos e pelo avanço de nossa bela raça” (linhas 25 e 26) no intuito de se garantir “um futuro para nossas famílias brancas enquanto vivemos por meio de Deus” (linha 27). Percebe-se, destarte, que as linguagens racial

“brancos”, nacionalista “patriotas” e religiosa “cristãos” cruzam-se para a produção de sentidos, ressignificando a imagem discursiva de um verdadeiro “americano”.

Keunen (2015, p. 52) conceitua que: “Um cronotopo só se torna um cronotopo quando demonstra algo, quando traz à mente uma imagem que pode ser observada pelos olhos da mente”. Em relação ao interlocutor, o locutor da organização assume um tom alarmista e inflamatório ao empregar os signos ideológicos “LEVANTE-SE AMÉRICA !!!!” (linha 28), enfatizando um ponto de vista cronotópico, uma vez que suscita a imagem de um país em perigo, o que poria em risco sua existência terrena no tempo presente.

Em contraste com isso, essa voz revela que pertenceria a uma das organizações fundadoras da Federação Unida das *Klans*, de modo que, em conjunto, pudesse a restaurar a cultura americana e a Constituição dos Pais Fundadores. Tão logo, reivindica, na interação discursiva, que os EUA são um país “construído com muito trabalho e cristianismo. Acreditamos na Constituição da forma como foi escrita originalmente” (linhas 34 e 35) ao saudar uma imagem pretensa e pacífica do passado.

Em razão disso, o locutor enuncia acreditar: “na luta por nossos direitos que estão sendo rapidamente regularmente retirados de nós devido à mídia controlada pelos judeus antiamericanos que adora agitar o caldeirão cultural, tornando a América uma fossa” (linhas 36, 37 e 38). Nesse cenário, esse discurso, ao ressignificar a imagem de luta entre raças, institui que os direitos dos brancos estariam sendo suprimidos por causa de uma pretensa mídia judia antiamericana. Tanto que o locutor seleciona o signo ideológico “caldeirão cultural” (linha 37), pois, ao refletir um sentido mais próximo, o da miscigenação, refrata sentidos referentes à degeneração. Por isso que, em relação a isso, engendra, em seu projeto arquitetônico, o signo ideológico “fossa” (linha 38) ao comparar os EUA, porque se atrela a essa voz de crítica à impureza racial.

Teles (2018), ao tratar de racismo e a constituição do Estado, destaca a história de violência racial que se sucedeu, principalmente a partir da escravidão negra. Como estudo no capítulo sobre a história estadunidense, negros-africanos foram sequestrados e levados para um trabalho brutal. Com isso, “[...] se produziu riquezas, a mais-valia e a acumulação primitiva do capital, o que fez expandir o capitalismo de forma avassaladora” (TELES, 2018, p. 161). Essa base econômica e social estruturou a sociedade estadunidense, o que, no que concerne ao Estado, consolidou medidas que promoviam desigualdades racial, econômica e dentre outras. Consequentemente, a

branquitude conquistou vantagens, tais como as atinentes aos direitos, enquanto a negritude foi escravizada e apartada da sociedade, o que evidencia a importância de movimentos pelos direitos civis.

Acentuando esses valores, como estratégia discursiva, o locutor elenca alguns exemplos, tais como a crença que: “os Estados Unidos estão construindo cidades-santuário para imigrantes ilegais e mesquitas para muçulmanos em nossos sistemas penitenciários e locais de trabalho” (linhas 43, 44 e 45). Para a construção desse enunciado, o locutor decidiu pela palavra “imigrantes ilegais” (linha 44), e não necessariamente imigrantes não documentados, com o intuito de defender ser ilegal que um sujeito determinado (mexicano, latino, negro, pobre) pise nos EUA, haja vista que, com efeito, poderia ter a possibilidade de ter os mesmos direitos em detrimento da população branca. Há de se remarcar, ainda, o signo ideológico “muçulmanos” (linha 45) para a construção do estilo desse discurso, porque não só reflete o discurso de uma doutrina com outros valores religiosos, mas refrata o discurso de afronta ao cristianismo. A propósito, ao selecionar esse signo, responde a discursos que atrelam o fiel da religião islâmica com o terrorismo, muito provavelmente com o evento do 11/09 ou, em outros termos, 11 de setembro²³.

No mesmo tom de pânico, que expressa avaliações sociais, o locutor lembra que ainda “não é ilegal ser branco” (linha 47), na intenção de advertir o interlocutor presumido de que há uma ameaça por parte da tal mídia judaica, mas não se restringe a ela, uma vez que também menciona os “homossexuais” (linha 48), “negros” (linha 49), “mexicanos” (linha 51), além de uma crença conspiratória e antissemita designada “GLOBALISMO” (linha 53), que consiste na ideia de dominação judaica total do mundo. Essa rede de signos ideológicos é mobilizada em uma cadeia de enunciados para defender a conspiração de que se quer “abolir a raça branca” (linha 52). Por consequência, o interlocutor presumido poderia formar um grande coro de apoio ético e vocal, a fim de que se pudesse resistir a isso, já que ninguém pretende morrer.

Isso posto, o locutor, para convencer seu interlocutor presumido, usa uma linguagem matemática ao enunciar que: “negros representam apenas 17,5% da população americana e ainda contribuem com 87,2% de todos os crimes violentos. Estes não são números inventados, são estatísticas sólidas” (linhas 56 e 57). Mesmo não apresentando uma fonte verificável, o que importa é o efeito de prova pressuposto pela

²³ Trata-se de um ataque terrorista ocorrido em 2001 nos EUA.

linguagem estatística, tendo em vista que se tratar de números. Por consequência, nesse estilo discursivo, o locutor, ao engendrar os signos ideológicos “negros” (linha 56), “população americana” (linha 56), “crimes violentos” (linha 57), “estatísticas sólidas” (linhas 57), evoca a um tom de alarme no espaço-tempo em que vive, porquanto tenta comprovar (pseudo)racionalmente que existe um perigo que necessitaria ser enfrentado.

Como sequela, o locutor afirma que crimes “violentos de negros contra brancos dispararam, e não são vistos como crimes de ódio” (linha 58). Quando se analisar o discurso da organização WLM, haverá, como primeiro enunciado, uma fotomontagem que contrasta George Floyd e Cannon Hinnant. Nesse momento, o que importa saber é que, para o movimento neonazista, quando um homem branco mata um negro, é um ato necessário, mas, quando um homem negro mata um branco, é um ato de ódio. Essa discussão reclama a vozes que julgam existir o que se designa como racismo reverso, que serve, inclusive, para robustecer a crença de que a população branca seria uma vítima na história dos EUA em comparação com a negra. Ao terminar sua argumentação, com o fito de que apoiem seu ponto de vista, o locutor assevera se tratar de “alguns exemplos do colapso da América e da desintegração da raça branca como a conhecemos” (linhas 59 e 60).

Em seguimento, uma vez que o interlocutor presumido teria consciência dos “filhos de satanás”, signos ideológicos usados pela WCKKKK, considerando que não poderiam ser “filhos de deus” por não simbolizarem a raça escolhida, o locutor enuncia existirem “Klans começando a vir à tona e ressurgindo novamente, e todos nós estamos ficando fortes como antes” (linhas 64 e 65), pois, se há um problema em função de seus algozes, essas organizações de ódio racial salvaguardariam a população branca. É de se recordar, a partir dessa voz, que a KKK historicamente monta acampamentos com homens, mulheres e crianças, além de se armar com submetralhadoras. Retornando ao enunciado inicial, o “vir à tona” (linhas 64 e 65) reflete a posição dessas organizações e refrata um pretenso ato de resistência diante da crença conspiratória que haveria uma degeneração da população branca em curso. Assim sendo, essa interpretação parece ser o fundo da afirmação a seguir: “Nós, os Cavaleiros do Sul da América Cristã, temos orgulho de estar recrutando pesadamente e crescendo rapidamente ao lado de nossos irmãos e irmãs” (linhas 66 e 67).

“No entanto, não somos uma organização aberta a membros” (linhas 67 e 68). Na verdade, os signos ideológicos empregados pelo locutor seriam melhor mobilizados

se escritos desta maneira: “No entanto, não somos uma organização aberta a qualquer membro”. Ao acrescentar esse termo, há de se considerar as repercussões, não só linguísticas, mas discursivas, pois se restringe quem pode entrar na organização. Em vista disso, o locutor corrobora essa ideia ao afirmar que: “APENAS pessoas com pelo menos 18 anos. Pessoas de pura linhagem branca, que acreditam na Constituição e acreditam no verdadeiro país cristão americano pelo qual lutamos todos os dias” (linhas 68, 69 e 70).

Logo, ser de “pura linguagem branca” (linhas 68 e 69) e “pelo menos 18 anos de idade” (linhas 68) são requisitos que afunilam o alistamento, haja vista que, ao selecionar esses signos ideológicos, reflete-se um ideal de humanidade e refrata-se a partir disso uma relação de subordinação entre o que é superior e inferior. Por isso, o locutor termina com os signos ideológicos “NÃO aceitaremos nenhum judeu, homossexual, anticristão, antibranco” (linha 71) em que o “NÃO” está em caixa alta, porque, com essa ênfase tonal, promove um valor de repulsa ao que não pode ser aceito, tal como um grito.

Ao discutir o conceito de cronotopo em relação ao romance rabelaisiano, Bakhtin (2018b, p. 165) destaca o movimento cíclico da linhagem ao afirmar que: “O filho continuará o pai, o neto continuará o filho em grau mais elevado de desenvolvimento da cultura”. Ao aplicar essa ideia à formação do ideal eugênico de humanidade, torna-se evidente que os requisitos para o recrutamento militar excluem judeus, homossexuais, anticristãos e antibranco. Esses grupos são vistos como portadores de uma herança indesejável que precisa ser eliminada para manter a pureza da linhagem e garantir a continuidade do desenvolvimento cultural.

No discurso em questão, há uma tensão entre passado, presente e futuro, uma vez que o pretérito é associado a ideais de perfeição, justiça, harmonia e pureza da linhagem. No tempo presente, esses valores parecem estar ameaçados, o que é usado como justificativa para o recrutamento de novos membros comprometidos com o suposto passado. Enquanto isso, o futuro é visto como menos palpável do que o idealizado “houve” do passado, sendo necessário garantir um futuro baseado nesses valores que excluem aqueles que não se enquadram. Dessa forma, a construção espaciotemporal do discurso é fundamental para sustentar a ideia de uma linhagem pura e a necessidade de eliminar os “outros” do convívio social.

Por fim, é importante retomar que, para dissuadir seu público-interlocutor presumido para se alistar, o locutor apresenta um pretense problema (degeneração racial), algozes (negro, gay, imigrante, judeu, mexicano), vítimas (população branca) e salvadores (*Klan*). Nesse ponto de vista, o tom de pânico, ao explorar um suposto flagelo social, serve para provocar medo. Com efeito, tenta produzir sentidos atinentes à injustiça e à indignação para que, como desdobramento, a *Klan* possa ter à disposição um coro vocal e ético para apoiar seu projeto de extermínio total do outro. Para tanto, os enunciados são formados por uma multiplicidade de linguagens (religiosa, racial, matemática, bélica...) correlacionadas, dialogicamente, com uma multiplicidade de discursos que apontam tanto para a superioridade racial quanto inferioridade. Em sequência, é correto afirmar que a resignificação de minorias sociais como “filhos de satanás” nos EUA serve como subterfúgio para um projeto de morte. Adiante, no próximo subcapítulo, haverá como foco a parodização do outro, de modo a inferiorizá-lo por meio do riso.

Desta feita, as relações entre espaço e tempo no discurso da *Klan* expressam e tencionam pontos de vista sobre si, sobre o outro e sobre o país. Em primeiro lugar, é importante observar que o discurso se baseia em uma construção temporal que apresenta um passado idealizado, ameaçado pelo presente, e um futuro que deve ser garantido a todo custo. Esse discurso utiliza a ideia de uma linhagem pura e a ameaça de uma degeneração racial para construir uma posição de medo e justificar a exclusão e eliminação dos “outros”.

Outra reflexão possível é sobre a relação entre tempo-espaço e poder. O discurso da *Klan* constrói uma hierarquia racial na qual a população branca é vista como vítima e grupos raciais são apresentados como algozes. Essa construção cronotópica legitima o poder da *Klan* como salvadora da população branca, justificando sua trajetória de perseguições e assassinatos. Por último, a parodização do outro, o que é abordado no próximo subcapítulo, é uma estratégia de inferiorização desumanização que se sucede em certo tempo-espaço ao fornecer as opções para deformação racial do outro.

4.4. Parodização: um movimento discursivo do racismo de recreação

Ao ter em vista o examinado até o momento, é viável constatar, com toda a certeza, que o discurso neonazista promovido pela *Klan* é semanticamente um espelho

deformante que alonga e diminui racialmente o outro com especificidade para o negro, o judeu, o gay e o imigrante mexicano. De fato, desde 2020, este que escreve a dissertação observou que, no movimento neonazista, é recorrente o riso, com seu tom jocoso, na intenção de inferiorizar o outro, uma vez que garante um distanciamento social ao realçar atributos negativos de minorias raciais. Nessa acepção, este subcapítulo estuda, nesta oportunidade, a estilização paródica, porque, quando o outro é parodiado por um integrante da KKK, com humor racista, sucede-se um processo de desumanização que acentua a superioridade racial, moral, intelectual do branco em comparação com o negro. Há de se ponderar que o discurso paródico assim reflete e refrata semanticamente novos sentidos que não de ser analisados, haja vista ser parte de um processo de racialização.

É de se reconhecer que, em páginas neonazistas, é frequente observar negros com traços físicos, como nariz, lábios, maçãs do rosto e cor de pele enfatizados, na intenção de caricaturizá-los. Com efeito, recorrem-se a estereótipos e estigmas raciais que, em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural, têm sentido compartilhado. Nessa perspectiva, o interlocutor presumido responde a isso com o riso, pois se regozija com a imagem inferiorizada do negro assaltante, negro bobo, negro pobre, negro miserável e a lista continua. Enquanto isso, o mesmo processo é realizado com judeus, de tal maneira que, ao se recorrer a já-ditos, reproduz-se a imagem do judeu avaro, judeu globalista, judeu anti-branco. Diferente do riso como prática de subversão do oficial, o que se tem com o discurso paródico racista é um acento valorativo em práticas discursivas que promovem a intolerância racial.

Retornando ao subcapítulo em que se tratou da estilização paródica, é válido lembrar que, a partir da filosofia dialógica do discurso e da linguagem, o discurso tem uma orientação dialógica, pois se correlaciona com discursos passados, respondendo-lhes, e com discursos porvindouros, antecipando-lhes. Por esse viés, todo discurso possui uma constituição bivocal ou, melhor, heterovocal formado por uma multiplicidade de vozes, enunciados e discursos, o que lhe reestrutura o campo morfológico, sintático e sociossemântico (BAKHTIN, 2015).

No seguimento dessa discussão, ao parodiar o outro, não de se notar variadas intenções por parte do locutor em relação ao interlocutor. Ao levar isso a cabo, reclama-se o que reflete Moreira (2020) sobre um sistema de dominação racial que implica a marginalização de grupos raciais. Nessa perspectiva, o racismo visa o *status quo* da

sociedade, mantendo os privilégios raciais do grupo racial dominante em detrimento do dominado. Há, assim, formas de legitimação de tal sistema que, com o tempo, modificam-se, porque socialmente contestadas.

Como teoriza Moreira (2020), o processo de racialização nesse sentido relega sentidos culturais a características físicas de determinados grupos raciais, sendo a raça não uma marca biológica, mas relações de poder na sociedade ao pretender legitimar a dominação racial. Por consequência, traços morais, fenotípicos, intelectivos são atrelados a negros e judeus, por exemplo, mantendo uma subordinação racial com brancos e cristãos. “O racismo cumpre então um papel central nesse processo, pois cria e propaga imagens culturais destinadas a justificar hierarquias sociais entre brancos e negros” (MOREIRA, 2020, p. 43), contrastando a branquitude e negritude em vários campos de atividade humana.

Em continuidade, na interação discursiva, verificam-se, nessas relações de poder, as microagressões, conforme Moreira (2020), são elas: microassaltos, microinsultos e microinvalidações. No primeiro caso, há a expressão verbal, vocal ou gestual de desprezo ou agressividade destinada a um sujeito devido a seu pertencimento social. No segundo, há um sentimento de superioridade no que tange à tradição cultural de certas minorias raciais em determinadas circunstâncias. No terceiro, prossegue-se a invalidação de experiência de grupos raciais em desfavor de outros, desconsiderando a sua vivência na posição que ocupa na sociedade. Por exemplo, quando negros apontam para a brutalidade policial e, em resposta, brancos minimizam a situação como estratégia para negar a existência do racismo institucional.

Por conseguinte, “[...] o humor decorre da comparação entre grupos sociais, um meio que as pessoas utilizam para afirmar um sentimento de superioridade em relação a membros de outros grupos” (MOREIRA, 2020, p. 70). Ocorre, mediante o humor racista, uma diferenciação que sujeitos brancos procuram no que compete a negros, até mesmo porque fitam evitar para si estereótipos generalizantes e estigmas raciais que atribuem características negativas, relegando-as ao outro inferiorizado. Há, dessa maneira, uma cumplicidade entre membros de um grupo ao expressarem hostilidade, já que necessitam de reconhecimento de características positivas e superiores a seu próprio grupo.

De acordo com Moreira (2020, p. 73), “O humor hostil cumpre então uma função importante: preservar a distinção social positiva de um grupo em relação a outro

por meio da ênfase nos aspectos negativos dos que são representados em expressões humorísticas”. Sem dúvida, essa reflexão consiste em relevar que, com o abalo do *status quo* social, sobretudo a partir dos recém-libertos no Sul após a Guerra de Secessão, o supremacismo branco pode ter tido como resposta o discurso paródico racista. Por esse motivo, veja-se o enunciado compartilhado em uma página da KKK:

Figura 16 - A bíblia da *Ku Klux Klan* contra negros e judeus
NON-WHITES IN THE HOLY BIBLE



Fonte: Igreja da Ku Klux Klan ([entre 2000 e 2020])

Transcrição: NON-WHITES IN THE HOLY BIBLE. NIGGERS, JEWS. NOTICE. RENT HIKE: EFFECTIVE IMMEDIATELY. BAD NEWS!

Tradução: NÃO-BRANCOS NA BÍBLIA SAGRADA. NEGROS, JUDEUS. AVISO. AUMENTO DE ALUGUEL. EFEITO IMEDIATO. PÉSSIMAS NOTÍCIAS!

Nesse enunciado, o locutor da Igreja da *Ku Klux Klan* (CKKK, doravante) parodia a imagem discursiva e cultural de membros de grupos raciais minorizados (negros e judeus), destinando-lhes características negativas para enfatizar a superioridade moral e racial branca. Produzem-se sentidos cômicos, nessa perspectiva, por causa do contexto de interação discursiva, o que possibilita ao auditório de neonazistas rir como meio para degradar o outro, frisando um distanciamento social. Para Moreira (2020, p. 62), está-se diante dos estigmas raciais que descrevem “[...] um processo a partir do qual sentidos negativos são atribuídos a pessoas que possuem características socialmente desprezadas”. De maneira a parametrizar a humanidade, o locutor mobiliza a palavra bíblica ao designar então os “não-brancos”: de um lado, o negro com a imagem relacionada à criminalidade; e, de outro, o judeu com a imagem vinculada ao dinheiro e à avareza.

É de se notar que, para o projeto arquitetônico, o signo ideológico “bíblia sagrada” é empregado devido a sua potencialidade na produção de sentidos, uma vez que reflete discursos atinentes à doutrina do cristianismo a ser seguida para poder, ao morrer, ascender aos céus. Nesse ângulo, o fiel precisa relevar a ética cristã na relação entre o eu e o outro, evocando a empatia, o amor, a solidariedade. Todavia, na refração desse mesmo signo, o eu e o outro possuem uma etnia delimitada, excluindo, nesse possível cenário de redenção, negros e judeus, haja vista seus estigmas raciais que, supostamente, seriam apregoados pela palavra bíblica.

Em prosseguimento com essa discussão, segundo Charaudeau (2022, p. 94), o objetivo é fazer o público interlocutor “[...] agir em uma determinada direção ou suscitar um determinado comportamento. Mesmo não estando em posição de obrigar a agir, a instância de fala não se esconde; ela procede por meio dos discursos de sedução ou de dever moral”. Por conseguinte, a ideia é impor uma verdade, um simulacro, ao dispor de sua credibilidade e dispositivo de comunicação, de tal maneira que a aparência da verdade possa ser disseminada e respondida. O semiolinguista utiliza como exemplo a Guerra da Chechênia de 1999 para demonstrar essa ideia. Durante esse conflito, os russos disseminaram rumores sobre uma suposta rede de terrorismo no Daguestão, atribuindo a culpa ao inimigo, com o objetivo de promover uma cruzada contra o terrorismo (CHARAUDEAU, 2022).

De acordo com essa interpretação, com a “palavra de revelação” (CHARAUDEAU, 2022, p. 101) o locutor está usando a autoridade da bíblia e sua verdade dogmática para justificar a exclusão do negro e do judeu do paraíso cristão. Esse discurso racista sugere que as características fenotípicas e religiosas dessas pessoas representariam uma ameaça à linhagem branca pura e cristã. A bifurcação apresentada na charge pode ser vista como uma estratégia retórica utilizada pelo locutor para suscitar um comportamento específico dos leitores. Ao apresentar o paraíso como um local exclusivo para uma determinada “linhagem branca pura e cristã”, o locutor busca instilar sentimentos de exclusão e superioridade nos leitores que se identificam com essa descrição. Ao mesmo tempo, a representação do apocalipse como um destino para aqueles que não atendem a esses critérios reforça a ideia de que há um castigo a ser sofrido pelos “outros”. Essa posição pode levar seu auditório a adotar comportamentos discriminatórios e excludentes, em nome de uma suposta defesa da “linhagem branca pura e cristã”.

Para a resignificação da imagem desses sujeitos, que, no que lhe concernem, simbolizariam seus grupos raciais, hiperbolizam-se os lábios, bochechas, nariz e sobrancelhas, mas não só, pois o negro, nesse enunciado, é representado com uma expressão hostil, o que corrobora a ideia de que esteja assaltando alguém devido ao revólver e a sua mão esticada. Consequentemente, propicia-se, nessa conjunção entre o verbal e visual, uma marginalização de toda a população negra, com o intuito de, com isso, intensificar a superioridade moral da branca. Logo, a imagem do negro é remetida, em uma sociedade marcada pelo racismo institucional-estrutural, à bandidagem com um efeito de comicidade, porque reforça a relação de cumplicidade entre os brancos ao ocuparem uma posição de prestígio racial.

O homem judeu, ao contrário do negro, usa terno, e não uma jaqueta. Ele usa óculos e o quipá. Como expressão, o locutor escolheu uma expressão raivosa, ouvidos pontiagudos, nariz adunco grande. Ao resignificar a sua imagem, reflete um sujeito ganancioso, pois, com o braço estendido, parece que demandaria dinheiro. Tal é o estigma antissemita corrente, que é, por esse enunciado, reforçado, sobretudo com os signos ideológicos “aumento de aluguel”, que diz respeito a um pagamento periódico a ser feito por um inquilino. Ao refratar, evoca-se a um sujeito que, ao pertencer a um grupo racial, com suas características fixas, teria um plano para a dominação mundial, de tal maneira que degenerasse a população branca. Não há como esquecer, sobre isso, que o nazismo tinha à sua disposição o documento *Protocolos dos Sábios de Sião*, traduzido para língua portuguesa pelo integralista Gustavo Barroso, que realçava esses sentidos analisados.

Na estilização paródica, diferente da imitação, o percurso semântico do discurso parodiado direciona-se para os fins do discurso parodiador (BAKHTIN, 2015). Nesse sistema de espelhos deformantes, o negro e o judeu são racialmente reduzidos para provocar o riso diante do público neonazista. Há, assim, a voz moralizante e racializante do locutor que subjuga dois grupos racializados. Com isso, esses estigmas raciais reivindicados pelo locutor limitam o acesso a oportunidades sociais, já que deturpam a imagem do outro. Ao se posicionar dessa maneira, o locutor motiva a discriminação sob a forma de exclusão social, o que garante uma estigmatização e degradação moral desses grupos racializados. Logo, o “[...] efeito cômico produz uma resposta positiva no indivíduo, o que lhe traz uma sensação de prazer” (MOREIRA, 2020, p. 69).

Por último, com as contribuições de Bakhtin (2015) e Moreira (2020), analisou-se o discurso paródico racista que acentua uma hierarquia social entre brancos e não-brancos, de modo que a sociedade permaneça no *status quo* para que as minorias racializadas não gozem de direitos fundamentais. No exame dos enunciados dos subcapítulos iniciais, essa interpretação é enrobustecida, porque o branco insta-se como superior racialmente e moralmente.

4.5. Ecos valorativos do passado

Neste subcapítulo, o objetivo é tratar dos ecos valorativos do passado que constituem a composição semântica do enunciado a ser analisado. Nesse ponto de vista, compreende-se, a partir desta oportunidade, o fato de ser um equívoco avaliar o discurso da KKK como patológico, tal como o de qualquer organização neonazista, tendo em vista que assim os integrantes dela seriam, em sua maioria, homens com problemas psicológicos que, ao serem diagnosticados, poderiam ser curados mediante tratamento. Por conseguinte, tal seria a motivação para que esses sujeitos almejassem a limpeza racial na sociedade, qual seja. É de total relevância o que Almeida (2020) e Bonilla-Silva (2020) explanam, porque, em sua acepção, o racismo é estrutural e, enquanto tal, reflete-se em instituições públicas ou privadas, o racismo institucional. Acertadamente, esse é o ponto de vista que esta dissertação se filia e, desta sorte, é crucial compreender como o locutor da *Klan* ressignifica a história dos EUA, pois estigmas raciais e fatos históricos confundem-se.

Devido ao receio de perder privilégios raciais, a KKK, bem como outras organizações neonazistas, incumbe-se da tarefa de alistar novos integrantes. Para que isso seja possível, um ressentimento e nacionalismo sulista pós-Guerra Civil é reivindicado com o intuito de demonstrar a um auditório social recrutável todas as pretensas ameaças que a população branca teria sofrido por causa desse processo histórico. Não por acaso, em seus discursos, o locutor luta para a reescravização de toda a população negra, de tal maneira a fazer com que a sociedade estadunidense retorne ao seu *status quo*. Por esse motivo, há tantos ecos valorativos do passado colonial no atual discurso do locutor da *Klan*, porquanto, para garantir um distanciamento social, para além das piadas racistas, ressignifica a imagem da população negra como uma

propriedade a ser submetida ao crivo da branca, os senhores. Tendo em vista o prosseguimento dessa discussão, veja-se o próximo enunciado:

Quadro 6 - A *Ku Klux Klan* e os ecos valorativos do passado

1	O nome original da Klan original de 1865
2	Por que o nome “Ku Klos Knights”?
3	No domingo, 24 de dezembro (véspera de Natal) de 1865, 6 ex-soldados confederados se
4	reuniram no escritório do juiz Thomas M. Jones para formar um clube ou sociedade para se
5	divertir. Eles eram o Capitão John C. Lestes da 3ª infantaria do Tennessee, o Major James R.
6	Crowe do 3º Tennessee. Infantaria, Calvin Jones (filho do juiz Thomas M. Jones) Adj. Do 35º
7	Tennessee. Regimento, Capitão John B. Kennedy do 3º Tennessee e Frank O. MacCord, Editor
8	do Pulaski Citizen e soldado raso do 3º Tennessee. Richard Reed também é do 3º Tennessee.
9	Todos acharam uma ótima ideia e nomearam um comitê composto por Richard Reed e Calvin
10	Jones para propor um nome para a organização. Eles concordaram em se encontrar na noite
11	seguinte. Na noite seguinte, quando eles se encontraram, o comitê apresentou o nome ‘Ku Klos’
12	da palavra grega para círculo e uma vez que todos os 6 homens eram de ascendência escocesa-
13	irlandesa: John Kennedy sugeriu a palavra Clã para seguir KuKlos. Todos concordaram, exceto
14	que mudaram o C na palavra Clã para K e tornando Kuklos duas palavras, daí o nome Ku Klos
15	Klan. O nome permaneceu por um tempo incerto. Até que o major Crowe sugerisse que a palavra
16	do meio fosse mudada para Klux, a história dá uma razão para isso. Havia duas faculdades nos
17	arredores de Pulaski, uma era uma faculdade para mulheres e a outra, uma faculdade para homens
18	e ambas tinham sociedades gregas e os membros da Klan temiam que alguém fizesse a conexão
19	sobre a palavra Kuklos ser a palavra grega para “círculo”; e o Major Crowe sugeriu a palavra
20	“Klux”, porque acreditava que ajudaria a manter o sigilo da Klan. Ele também sugeriu ter
21	fantasias (Robes) para tornar a escalada mais misteriosa.
22	Uma citação do Major James R. Crowe enquanto servia na legislatura do Tennessee no início da
23	década de 1880. “A origem da ordem não tinha significado político, era puramente social e para
24	seu próprio divertimento, e foi uma grande bênção para todo o Sul e fez o que os funcionários
25	estaduais e federais não podiam fazer - trouxe ordem do caos, paz e felicidade ao nosso amado
26	Sul, e tenho orgulho de dizer que nunca soube de nenhum ato do original da KKK de que me
27	envergonhe”.

Fonte: Ku Klos Knights ([entre 2000 e 2020], n. p.)

Bethencourt (2018) designa que, na guerra civil entre os Estados Confederados da América e a União, embora tenha havido a abolição da escravatura, não houve uma condução para direitos iguais. Por consequência, sucedeu-se, sobretudo após 1876, a segregação instituída pelas normas legais Jim Crow, na intenção de que a branquitude pudesse estar no controle político do Sul com respaldo do racismo institucional. No que se relaciona à atividade da organização supracitada, não há que se escrever sobre uma subversão do contexto legal e histórico, visto que a intolerância racial pertencia ao ordenamento jurídico-político, obstruindo-se qualquer direito atinente à cidadania dos recém-libertos.

Para Morson (2015, p. 118), “Bakhtin e Dostoiévski compartilham a convicção de que a vida humana deve ser compreendida em termos de temporalidade. Ambos eram obcecados pela relação do tempo com a vida, na forma como as pessoas o vivenciam”. À vista disso, o locutor, ao apresentar o nascimento da organização em certo tempo-espço, começa pela pergunta retórica: “Por que o nome ‘Ku Klos Knights’?” (linha 2).

Para explicar isso, aproveitando o ensejo para voltar a 1865, o locutor define que: “No domingo, 24 de dezembro (véspera de Natal) de 1865, 6 ex-soldados confederados se reuniram no escritório do juiz Thomas M. Jones para formar um clube ou sociedade para se divertir” (linhas 2 e 4). Percebe-se que, ao responder a vozes que vinculam a *Klan* ao ódio racial, assume que a reunião dos ex-confederados tinha como propósito o entretenimento. De qualquer maneira, Moreira (2020) recorda que o humor racista implica na degradação moral do outro, de tal jeito que, mesmo por diversão, está-se diante de um tipo de intolerância.

Na intenção de legitimar a organização, o locutor afirma que seus primeiros integrantes eram soldados que lutaram na Guerra Civil. “Eles eram o Capitão John C. Lestes da 3ª infantaria do Tennessee, o Major James R. Crowe do 3º Tennessee. Infantaria, Calvin Jones (filho do juiz Thomas M. Jones) Adj. Do 35º Tennessee. Regimento, Capitão John B. Kennedy do 3º Tennessee e Frank O. MacCord, Editor do Pulaski Citizen e soldado raso do 3º Tennessee. Richard Reed também é do 3º Tennessee” (linhas 4, 5 e 6). A partir dessa posição, reflete a imagem de guerrilheiros unidos em nome de um ideal, mas não se restringe a esses sentidos refletidos, porquanto refrata a imagem de homens que tentaram salvar o Sul da intervenção do Norte, tal como a abolição da escravatura, base do sistema econômico. Há, dessarte, medo por parte da branquitude de perder seus privilégios raciais (ALMEIDA, 2020; MOREIRA, 2020).

“Na noite seguinte, quando eles se encontraram, o comitê apresentou o nome ‘Ku Klos’ da palavra grega para círculo”. Depois, o locutor recobra que a palavra “Clã” foi sugerida para seguir “KuKlos” (linhas 10 e 11), o que resulta, com algumas modificações, na terminologia Ku Klos Clã. Devido ao paralelismo linguístico, optou-se por *Ku Klos Klan* e, depois, *Ku Klux Klan*. Assim, o “Major Crowe sugeriu a palavra ‘Klux’, porque acreditava que ajudaria a manter o sigilo da Klan. Ele também sugeriu ter fantasias (Robes) para tornar a escalada mais misteriosa” (linhas 19, 20 e 21). Na concepção de Bakhtin (2018a), para estudar as relações dialógicas, é fundamental considerar as lógicas. Por esse motivo, as escolhas de traços linguísticos no enunciado *Ku Klux Klan* são plenas de intenções. Como desdobramento, averígua-se uma posição enunciativa de ódio contra grupos racializados.

Para composicionalmente finalizar seu enunciado, o locutor baseia-se em uma citação atribuída ao Major James Crowe ao servir à legislatura do Tennessee no início

da década de 1880 “A origem da ordem não tinha significado político, era puramente social e para seu próprio divertimento, e foi uma grande bênção para todo o Sul e fez o que os funcionários estaduais e federais não podiam fazer - trouxe ordem do caos, paz e felicidade ao nosso amado Sul, e tenho orgulho de dizer que nunca soube de nenhum ato do original da KKK de que me envergonhe” (linhas 23, 24, 25, 26 e 27).

Conforme o Major, a origem da KKK não tinha significado político, o que, na verdade, simboliza uma visão superficial, visto que, como sujeitos situados no tempo-espaço, respondem ao seu contexto sócio-histórico, bem como pressupõe a filosofia dialógica da linguagem. Mesmo assim, “foi uma grande bênção para todo o Sul” (linha 24), pois tal posição racializada afrontava uma visão abolicionista. Nessa perspectiva, o locutor alega que essa organização “trouxe ordem do caos, paz e felicidade ao nosso amado Sul” (linha 25). Para além dos reflexos dicionarizados dos signos ideológicos “caos”, “paz” e “felicidade”, refrata-se a ideia do “caos da miscigenação”, “paz no controle total da sociedade” e “felicidade no supremacismo branco”. Há, com isso, um embate de vozes que ressignifica o tempo-espaço no qual a Klan se localizava.

Corroborando isso, há a afirmação de o Major Crowe sentir “orgulho de dizer que nunca soube de nenhum ato do original da KKK de que me envergonhe” (linhas 26 e 27). Ao enunciar isso, produz-se uma ambiguidade: ou ele não teve conhecimento dos crimes de ódio dessa organização e, por isso mesmo, sente orgulho; ou não tem nenhuma vergonha dos atos de linchamento racial e, com efeito, concorda com tudo. Nesse confronto de vozes, opta-se por compreender que, sabendo de toda a violência, tal Major assentiu com os assassinatos, pois, como branco, não gostaria de perder sua posição de privilégio racial, reforçando, assim, uma subordinação social envolvendo um grupo racializado dominante (branco) e dominado (negro). De qualquer maneira, o signo ideológico “orgulho” acentua valores atinentes a um sistema de dominação, porque o “[...] desprezo, o aviltamento e a desumanização fizeram parte do ódio racial branco extraordinariamente prolongado no Sul dos Estados Unidos, como reação à emancipação” (BETHENCOURT, 2018, p. 470). Logo, sequer tratar-se-ia de crimes nesse sentido, mas de uma pretensa autodefesa no que tange à liberdade de existir do outro.

Finalmente, constata-se que, diante de manifestações contrárias à Confederação dos Estados da América nos dias de hoje, a KKK preocupa-se em ressignificar sua imagem, de tal maneira que, ao relegar seu nascimento a ela, reivindica que surgiu para

proteger os direitos dos brancos perante a União. Atualmente, o discurso da *Klan* ecoa esses valores do passado estadunidense para manter um distanciamento social da população negra, além de outras minorias racializadas, em nome da desumanização.

5. PRÁTICAS DE ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DA *WHITE LIVES MATTER* NO CAMPO DAS MÍDIAS DIGITAIS

Neste capítulo, descreve-se o percurso analítico atinente aos enunciados recolhidos das páginas da WLM. Tal como a KKK, a organização supracitada ressignifica a imagem dos EUA, na intenção de fazer crer existir uma guerra racial por meio da qual batalharia a população negra, imigrante e pobre contra branca. Ao acentuar esses valores, o branco tem, na hierarquia racial da sociedade estadunidense, sua imagem relacionada à crença na existência do arianismo, assentada pelo nazismo como uma raça escolhida para dominar o mundo.

Em contraste com isso, nessa mesma hierarquia racial, grupos racializadas (negros, imigrantes, judeus...) têm sua imagem atrelada à inferioridade, culpando-os pelos problemas da nação, sobretudo pela degeneração racial. Para tanto, é realizado um movimento discursivo de racismo de recreação, mediante a paródia, com o intuito de diminuir racialmente o outro. Se a KKK abertamente reproduz práticas racistas, a WLM preocupa-se em veladamente fazê-la, pois, como se situa no FB, apenas sugere e insinua diante de seu público-interlocutor por causa das políticas de boa convivência da plataforma.

Ao avançar a discussão presente neste capítulo, começa-se com o subcapítulo denominado “5.1. Guerra racial total” no qual o locutor da WLM, para tentar evidenciar a crença no genocídio da “raça” branca, divulga uma fotomontagem em que há composicionalmente uma foto de George Floyd, de um lado, e Cannon Hinnant, de outro, porque o assassinato de um homem negro é relacionado, por esse locutor, à ideia de justiça, visto que mereceria morrer, e a criança à de injustiça, uma vez que não mereceria morrer. Perante isso, a sociedade estadunidense, tal como a grande mídia, seria eticamente indiferente ao Cannon, entoando-se, com efeito, a voz de que as vidas brancas não importariam, e sim as negras.

Em seguimento, o subcapítulo precedente é intitulado “5.2. Arianismo: a raça escolhida por deus”, pois tem como especificidade, por intermédio dos enunciados recolhidos, compreender a imagem da branquitude. Sabe-se, acerca disso, que o

nazismo se ergueu no discurso que manifestava a crença de superioridade racial, o que é apreendido e reorientado por organizações de ódio racial para o cenário estadunidense dentre estas a WLM, tendo em vista as circunstâncias de seu nascimento estudadas no subcapítulo “3.4. A tela branca, os racistas e a patrulha nas redes: a gênese da White Lives Matter”.

Sobressegue, depois dessas reflexões, o subcapítulo chamado “5.3. Miscigenação: filhos de satanás” trata de todos aqueles que fenotípica e nacionalmente não correspondem aos parâmetros de uma “raça escolhida por deus”, simbolizando, para o movimento neonazista, os pretensos responsáveis por todos os problemas da nação nas dimensões econômica, cultural, histórica, genética. Na análise a ser efetivada, o locutor da WLM não afirma que o negro, pobre e imigrante é inferior, por querer respeitar a política de boa convivência do FB, mas coloca esse grupo racializado em uma posição de inferioridade ao lhe moralmente degradar. “Sugere” que tal minoria sobreviveria com assistencialismo governamental em detrimento da população branca.

Por conseguinte, o subcapítulo posterior de nome “5.4. Parodização: um movimento discursivo do racismo de recreação” aborda a constituição do discurso paródico de tipo racista no qual semanticamente o outro é deturpado. Para isso ser possível, o locutor da WLM propagou uma fotomontagem em que uma bebê negra está dentro de um aquário e, por conta desse fato, comparada a um iguana, sendo animalizada. Esse ato de linguagem não é aleatório, pois tem a intenção de provocar o riso de seu auditório social de supremacistas. Nessa perspectiva, o riso serve para acentuar um distanciamento social entre brancos e negros.

Alfim, o subcapítulo designado “5.5. Ecos valorativos do passado” demonstra que a WLM, ao enunciar, evoca valores do passado confederado, o que é preocupante, pois reivindica um projeto institucional de reescravização negra. Não é sem razão que os extremistas da organização supracitada, ao se instarem como locutores, empregam bandeiras com o símbolo dos Estados Confederados da América, a fim de pretensamente defender os direitos “atacados” da branquitude. Nessa linha, isso só se sucede, uma vez que, por usarem o FB, não podem mobilizar a bandeira nazista sob pena de banimento da plataforma.

5.1. Guerra racial total

Neste subcapítulo, pretende-se estudar o discurso da organização WLM ao atacar grupos racializados. Essa organização, em sua atividade discursiva, postula o ponto de vista segundo o qual se estaria ante uma guerra racial nos EUA. Ao assim se posicionar, o locutor adverte, com tom de pânico, ao captar os diálogos de sua época, que a “raça negra” tentaria aniquilar a branca, sinalizando para um pretense genocídio. Adicionalmente, por haver um grande auditório social na plataforma FB, tal discurso, que recorre ao terror racial, está presente em enunciados-postagens que possibilitam uma resposta por parte do interlocutor. Ao instaurar o medo, os integrantes da organização supramencionada, ao se instarem como locutores, traduzem cautelosamente os discursos da *Klan*, de sorte que veladamente fomentam racismo em atenção às políticas de boa convivência do FB.

Nada obstante, os membros recrutados da WLM, em sua atividade discursiva, compartilham enunciados-notícias, em sua maioria, com propósito de tentar comprovar a suposta participação de toda a população negra no fantasioso genocídio racial contra o branco. Soma-se a esta situação, nesse sentido, haver o cuidado de os integrantes não enunciarem abertamente que os negros objetivariam aniquilar toda a “américa”, pois, com isso, poderiam receber sanções da plataforma usada. “Insinua-se” isso à proporção que o locutor utiliza, em seu projeto arquitetônico, o enunciado *Black on White violent crimes* (crimes violentos de Negros contra Brancos).

Nessa perspectiva, o referido enunciado participa de um diálogo tenso de vozes sociais, visto que a grande mídia estadunidense perceberia como *hate crimes* (crimes de ódio) a violência infligida de brancos contra negros. Inversamente, no momento em que a *opposite race* (raça oposta) comete crimes contra brancos, haveria os *silent crimes* (crimes silenciosos). Nessa linha, o ponto de vista postulado pelo locutor da WLM é o de que haveria um complô nacional cuja intenção seria o de acobertar a violência negra contra a branca. Não é à toa que, em sua atividade discursiva, os integrantes-locutores postam, no FB, enunciados com índices sem fonte, de jeito a produzir um efeito de evidência.

Subsidiariamente, George Floyd e Cannon Hinnant, ao serem objetos de enunciados do locutor da WLM, são semanticamente refletidos e refratados por uma multiplicidade de intencionalidades. Na cidade de Minneapolis, do estado de Minnesota, George Floyd, no dia 25 de maio de 2020, foi asfixiado até sua morte por um policial branco designado Derek Chauvin. No mesmo ano, no dia 9 de agosto, Cannon Hinnant,

uma criança branca, foi baleado por um homem negro. Esses dois casos, como se pressupõe, instigaram manifestações discursivas, tal como demonstrado na Figura 17:

Figura 17 - George Floyd e Cannon Hinnant: sujeitos para a guerra



Fonte: White Lives Matter - 1 (2020)

Transcrição: Violent thug: overdosed while resisting = honored & praised. Innocent child: executed by black man = irrelevant.

Tradução: Bandido violento: overdose enquanto resistia = honrado e elogiado. Criança inocente: executada por homem negro = irrelevante.

Tendo isso em vista, esses dois sujeitos, enquanto objetos de enunciados do locutor da organização WLM, são refletidos e refratados semanticamente por diferentes intencionalidades, de maneira a participarem de uma guerra racial civil. De um lado, a foto de um homem negro de boné com feição séria, George Floyd. Como legenda, o enunciado *violent thug: overdosed while resisting = honored & praised* (bandido violento: *overdose* enquanto resistia = honrado & elogiado). De outro lado, a foto de uma criança branca com jeito sorridente, Cannon Hinnant. Como legenda, o enunciado *innocent child: executed by black man = irrelevant* (criança inocente: executada por homem negro = irrelevante). Essa fotomontagem-enunciado sobreveio de um grupo do Instagram, @conservative_interest do *Instagram*, assim como se identifica em uma pequena barra branca, haja vista haver um intercâmbio de valores raciais.

Para o leitor menos atento a esses diálogos tensos, é importante explicar que, antes de tudo, são seres humanos cuja dignidade e integridade há de ser estimada. Em segundo lugar, George Floyd não foi morto devido a uma *overdose* durante a sua

resistência ao policial, porque essa reação não se sucedeu. Ele estava imobilizado contra o chão e, mesmo tendo avisado à autoridade que não conseguia respirar, sufocou-se até a morte, já que o joelho do policial lhe impedia de respirar. É inadequado o discurso que, na verdade, responsabiliza Floyd por sua morte²⁴. Além disso, para acentuar valores ideológicos ao justificar uma morte, a WLM seleciona o signo ideológico “bandido violento”.

Nesse contexto, a mobilização desse signo ideológico é uma maneira de desacreditar a vítima quanto ao crime brutal cometido pelo policial branco. No processo semântico de reflexão, criminaliza-se Floyd, uma vez que, por ser negro, teria uma índole, uma tendência à criminalidade. Nesse ponto de vista, seria injusta a responsabilização do policial pela morte, porque este último é que seria uma vítima da situação. No processo de refratar, reforça-se a impunidade policial, o que possibilita a perpetuação de estereótipos raciais em relação ao negro usados para legitimar essa violência. É válido lembrar que Floyd jamais foi condenado por nenhum crime violento, porquanto o que há é uma voz que defende o estigma de que haveria uma propensão ao banditismo no que concerne à população negra devido à sociedade estruturalmente racista.

Voltando à postagem, o signo ideológico “bandido violento”, conforme as intenções pretendidas, ressignifica a imagem de Floyd como uma ameaça à sociedade. Por esse ângulo, ao ecoar valores ideológicos de práticas discursivas colonialistas, o policial teria cumprido sua função de vigiar e punir esse homem negro. Na visão do locutor da WLM, o policial branco sequer seria responsável por seu ato de matar, uma vez que nada mais teria havido que uma *overdose*. Esse homem possuiria um prestígio social indevido nesse ponto de vista. A esse despeito, ele seria “honrado & elogiado” pela grande mídia estadunidense. Como ele seria um “bandido violento” que “resistia” à polícia, com uma suposta trajetória de crimes, não mereceria essa valorização. Por certo, a intenção daquele enunciado é esperar uma reação ativo-responsiva de indignação por parte do auditório social do FB. Desse público, Floyd esconderia seus crimes silenciosos.

²⁴ Nesse contexto, não se trata de uma “fake news”, isto é, de uma notícia falsa sobre suposta agressão de um homem negro contra um policial branco. Na verdade, trata-se de uma teoria do complô calcada na história dos EUA na qual todo negro por ser negro seria criminoso e violento. Há, logo, um contexto político e histórico que alicerça essa notícia falsa compartilhada nas redes sociais de páginas da extrema direita. Compreende-se por “fake news”, aliás, toda e qualquer informação que seja comprovadamente falsa, mas que, para os fins de quem compartilha, precise suscitar efeitos de evidência.

Nessa empreitada, é importante ter em vista que todo cidadão tem direitos que lhe são fundamentais, independentemente de sua etnia, origem regional/nacional, religião, escolha política, histórico criminal e assim sucessivamente. A voz de nenhuma organização de terror racial pode legitimar a brutalidade policial, pois a dignidade é um princípio de todo ser humano, principalmente grupos raciais dominados que são vítimas históricas do supremacismo branco. Quando nega a humanidade de Floyd, o locutor da WLM viola os direitos humanos cuja luta é responsabilidade ética de toda a sociedade.

No que tange ao Cannon Hinnant, depois do que foi discutido, embora trágico, não há de se discutir sobre crime de ódio racial. De fato, essa criança foi morta por um vizinho negro. É de bom-tom lembrar que todo crime de ódio deve ser analisado conforme fatores históricos, econômicos, culturais e sociais em um nível institucional-estrutural (ALMEIDA, 2020). Por esse motivo, não há racismo inverso, porquanto não houve escravização branca nos EUA. Para os fins da WLM, em sua atividade discursiva, seleciona o signo ideológico “criança inocente” na intenção de, em primeiro lugar, contrastar valores ideológicos com George Floyd, em segundo lugar, esperar uma reação ativo-responsiva de injustiça por parte de seu público-interlocutor. Nesse ponto de vista, o locutor percebe o homem negro como representante de uma minoria racializada cuja finalidade seria matar uma criança. Nesse contexto, “executada por homem negro”.

De David Lane, vale repetir, figura central do neonazismo estadunidense, pode-se escutar este enunciado *We (1) must (2) secure (3) the (4) existence (5) of (6) our (7) people (8) and (9) a (10) future (11) for (12) White (13) Children (14)* (Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as Crianças Brancas), como examinado no subcapítulo analítico acerca da *Klan*. Essa posição é apreendida pelo integrante-locutor da WLM, tal como há de ser analisado no próximo subcapítulo, levando em consideração que haveria um risco à existência da população branca, o que se relaciona com a fotomontagem-enunciado averiguada.

Desta feita, no discurso supremacista, George Floyd e Cannon Hinnant são colocados em uma hierarquia racial na qual um homem negro simboliza a miscigenação racial e ameaça à branquitude, de um lado, e uma criança branca a pureza racial e perpetuação da raça, de outro. A esse respeito, é de suma importância compreender que, nessa hierarquia, as crianças negras têm sua imagem eivada na crença de que são criminosas mirins, porque, conforme a voz do supremacismo branco, estas seriam

formadas para serem bandidas e, mais tarde, ao sofrerem uma abordagem policial, marchariam sob o enunciado *Black Lives Matter*.

Indubitavelmente, a atividade discursiva da WLM não apenas defende o policial Derek Chauvin que assassinou George Floyd, porque, segundo seu locutor, o verdadeiro problema dos EUA seria a instituição da família negra, pois seria formada por traição, conflitos, separações, mães solteiras, sendo totalmente desestruturada. Ao assim se posicionar, recusa que o racismo ou abordagem policial seja um flagelo social. Entretanto, postou-se uma fotomontagem na qual uma criança negra segura um revólver na tentativa de evocar estigmas raciais atrelados à criminalidade.

Para Morson (2015, p. 119), “Vários outros conceitos que associamos a Bakhtin são também essencialmente cronotópicos. A ‘irrepetibilidade’, como o próprio termo sugere, significa que um mesmo evento não pode se dar duas vezes”. Assim, na teoria da linguagem estudada, um enunciado se constitui do que é repetível – significado dado, linguístico, geral – e irrepetível – sentido vir-a-ser, discursivo, específico – no acontecimento da vida. Nessa perspectiva, o filósofo rejeita um mundo governado por leis determinísticas por considerar reger uma visão de tempo finalizada, visto que para ele existe um excedente.

Com base nessa reflexão, na história dos EUA, é possível observar uma sequência de enunciados que se formam cronotopicamente, composta por elementos potencialmente verbicovovisuais que podem ser repetidos e outros que são únicos. Embora os negros sejam frequentemente associados ao crime, principalmente como uma suposta ameaça aos brancos, é importante lembrar que há algo novo a ser considerado. Hoje em dia, são utilizados gêneros discursivos como fotomontagens para transmitir opiniões baseadas em racismo, o que leva à generalização da imagem de cada indivíduo, seja ele Cannon Hinnant ou George Floyd, sendo rotulados ora como vítimas de genocídio, ora como criminosos.

Figura 18 - Enunciam os neonazistas: *Join, or Die*



Fonte: White Lives Matter - 4 (2016)

Transcrição: Cop's in Louisiana were ambushed by black people and it makes me sick. I say this they want to start a race war let them start it. Those idiots are not ready for the war that white Americans will bring. I do not agree with racism but I'm tired of black on white violence and how the media spins that are heroes.

Tradução: Policiais em Luisiana foram emboscados por negros e isso me dá nojo. Eu só digo isto: querem começar uma guerra racial, que comecem. Esses idiotas não estão prontos para a guerra que os americanos brancos promoverão. Não concordo com racismo, mas estou cansado da violência negra contra branca e como a mídia acredita que são heróis.

De acordo com o *National Constitution Center* (Centro Nacional da Constituição), Benjamim Franklin publicou, em 1754, uma xilogravura na qual havia uma serpente separada em 8 partes, além da afirmação *Join, or Die*. (Junte-se ou Morra.). Naquele período, ele tinha a função de editor no *Pennsylvania Gazette* (Gazeta da Pensilvânia) e, ademais, pensava em uma aliança colonial para enfrentar embates com franceses. Nessa perspectiva, redigiu um artigo acerca das perdas militares, tal como relatou o major do Regimento da Virgínia, George Washington, com a intenção de criticar aquela situação de desunião das colônias britânicas, gerando reverses para a defesa e segurança.

Merece ênfase o fato de esse *cartoon*, um enunciado situado no tempo-espaço, ter sido ressignificado, uma vez que, sendo usado também durante a Guerra de Secessão, é reivindicado para a luta supremacista branca. Em manifestações autoritárias estadunidenses, é recorrente a bandeira com uma serpente cortada com a inscrição Junte-se ou Morra, no sentido de que ou os interlocutores-brancos unem-se ao combate, ou morrem. Realmente, quando Kyle Rittenhouse, um jovem branco de 17 anos, assassinou dois homens brancos baleados durante uma manifestação antirracista, em Kenosha, no Wisconsin, no ano de 2020, o movimento neonazista não tardou em ocorrê-lo, sobretudo Donald Trump.

Na postagem da WLM, o locutor descreve que policiais teriam sido emboscados em Luisiana, o que lhe causaria nojo. Nesse viés, frisa, com um tom imperativo, que, se os negros que supostamente enquadraram os policiais quiserem encetar uma guerra racial, poderiam, já que não estariam preparados para uma batalha promovida por brancos estadunidenses. Ao assim enunciar, constrói-se uma contradição, pois, ao afirmar não concordar com o racismo, estaria cansado da violência negra contra branca sob a imprensa que lhes glorificaria. Além disso, nessa postagem, sobressalta a cobra com o corpo cortado, que retoma o *cartoon* de Franklin.

No momento em que o locutor seleciona o signo ideológico “policiais”, defende a manutenção de um sistema de dominação racial, pois reflete o discurso de uma corporação que pode servir como repressora da população negra. Sobre isso, não há como não recordar, dialogicamente, do enunciado atinente à morte de George Floyd, porque o policial que lhe assassinou é defendido por supremacistas brancos. Ao refratar discursos, há a possibilidade de os policiais assegurarem o *status quo* da sociedade estadunidense, de tal maneira que punam e vigiem como as milícias brancas à época da escravização e, mais tarde, como a própria *Klan*.

Em continuidade, ao ressaltar que os policiais foram “emboscados por negros”, sugere-se, com esse enunciado, um crime premeditado no intuito encurralar e matar os agentes públicos. Para responder a isso, o locutor assume um tom de advertência “querem começar uma guerra racial”, porquanto pressupõe que o negro mobilizaria forças para atacar o branco. Como analisado, no subcapítulo “4.1. Guerra racial total”, a branquitude, sob a organização KKK, faz crer haver uma batalha racial para, com esse subterfúgio, aniquilar o outro racializado.

Por consequência, o enunciado “não estão prontos para a guerra que os americanos brancos promoverão” é interessante, pois consiste em considerar que, de um lado, a branquitude estaria preparada e, de outro, a negritude seria massacrada. Realmente, ao retomar ao subcapítulo “3.1. Nascimento de uma nação: diálogos entre a fé, o capital e o projeto de colonizar”, sabe-se que a população branca explorou a negra, dominando-a, de tal forma que, por muito tempo, foi escravizada. Logo após, surgiram as Leis Jim Crow por parte de estados sulistas, a fim de obstruir direitos da população outrora sob a escravidão. Ademais, a voz de tal enunciado induz saber que a guerra racial seria uma reação, e não uma ação.

Quando o locutor inscreve, em seu projeto arquitetônico, a conjunção adversativa “mas”, isso reflete e refrata sentidos no discurso, pois objetiva abrandar sua posição de extermínio, pois alega não concordar “com o racismo”. Nesse ponto de vista, reflete-se o enunciado crimes negros contra brancos ou, mais particularmente, “violência negra contra branca”, o que se desdobra na refração do enunciado de que existiria racismo reverso. Ao tentar corroborar isso, seleciona o signo ideológico “mídia”, porque parte da ideia de conspiração midiática. Comumente, o movimento neonazista designa que o setor midiático seria controlado pela comunidade judaica que, com uma suposta influência, dominaria o mundo.

Enfim, a atividade discursiva da WLM convoca a crença que haveria uma guerra racial na qual a branquitude precisaria reagir contra a negritude. Ao analisar os dois enunciados precedentes, percebe-se que o locutor teve a finalidade de manter o *status quo* da sociedade estadunidense, mais especificamente seu sistema de dominação racial. Logo, averiguou-se que a criança branca possui uma imagem relacionada à pureza e à inocência, de tal modo que preservaria os genes brancos. No entanto, a negra é atrelada à impureza e à criminalidade, sinalizando, do ponto de vista supremacista, para uma família desestruturada. Quando policiais são supostamente atacados, o locutor da WLM posiciona-se com a finalidade promover uma guerra para exterminar o outro racializado. No próximo subcapítulo, verificar-se-á, de acordo com o estilo discurso de supremacistas, a imagem que, na interação discursiva, a branquitude produz sobre si mesma.

5.2. Arianismo: a raça escolhida por deus

Na concepção de Almeida (2020) e Moreira (2020), o racismo e a branquitude só podem ser compreendidas em um contexto histórico. De fato, a “branquitude” (ALMEIDA, 2020, p. 75) consiste na posição ocupada por um sujeito na qual obteve privilégios políticos, econômicos e afetivos, permitindo o acesso a bens materiais e simbólicos em razão de um processo colonialista e imperialista, tal como analisado no subcapítulo “3.1. Nascimento de uma nação: diálogos entre a fé, o capital e o projeto de colonizar”. Sobretudo no exame dos enunciados da *Klan*, observou-se que tais “privilégios raciais sistemáticos” (MOREIRA, 2020, p. 44) se mantêm na sociedade estadunidense atual. Assim, este subcapítulo tem o objetivo de averiguar a ressignificação da imagem da branquitude sobre si mesma no estilo discursivo da organização, com apoio dos enunciados recolhidos de páginas digitais da WLM, à medida que, dessa imagem, o grupo racializado dominante legitima a importância de uma guerra racial, o que foi discutido no subcapítulo precedente.

Segundo a atividade discursiva da WLM, direitos, tais como liberdade de expressão, religiosa, cultural e cidadania, foram perdidos com o advento do movimento dos direitos civis, que, no que lhe concernem, lutavam contra medidas institucionalizadas de segregação entre brancos e negros. Nessa perspectiva, brancos estariam sendo oprimidos com a mudança do *status quo* da sociedade, não podendo,

com isso, declarar ter orgulho de ser branco, apesar de sempre defender isso em suas páginas digitais. Decerto, para legitimar sua identidade, não poderia abertamente afirmar “sou um branco ariano”, como a *Klan* comumente age, porque receberia sanções do FB, muito embora seja essa a sua posição racial. Há, com efeito, o que se denomina, nos meios de comunicação, de *dog whistle* (apito de cachorro), pois o locutor da WLM vela seu racismo, o que é audível principalmente para seu interlocutor presumido.

Sabe-se, por intermédio de sua atividade discursiva, que a WLM tenta se diferenciar do BLM por se tratar de uma organização que supostamente denunciaria crimes raciais de negros contra brancos. Apesar de almejar uma pretensa paz na convivência social, é preciso denunciar que tal pacificação feita pela WLM do país convive com o terror genocida perpetrado em desfavor da população negra. Por isso mesmo é que, em sua gestão, Trump designou, em 2020, o BLM como uma organização terrorista, uma vez que este luta contra o racismo institucionalizado, principalmente contra a brutalidade policial. Aliás, ao se atentar para os detalhes, integrantes da WLM já curtiram postagens, na plataforma FB, em que se exigia a intervenção, por meio do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e Partido Nazista Americano, nos EUA. Nesse ensejo, veja-se a próxima Figura:

Figura 19 - David Lane, runas neonazistas e as 28 palavras



Fonte: White Lives Matter - 6 (2022)

Transcrição: Just wanted to share the stickers I made for my drink tumbler (sic)! If anyone could appreciate them it's the group. “We must SECURE the existence of our people and a future for white CHILDREN”. “BECAUSE the beauty of the WHITE ARYAN woman must not PERISH from the earth”.

Tradução: Só queria compartilhar os adesivos que fiz para o meu copo de bebida! Se alguém pode apreciá-los é o grupo. “Devemos GARANTIR a existência de nosso povo e um futuro para as CRIANÇAS brancas”. “PORQUE a beleza da mulher BRANCA ARIANA não deve PERECER da terra”.

Nesse enunciado, publicado por Desiree Braden, no grupo da WLM do FB, percebe-se uma postagem caracterizada por uma nuvem de palavras com os signos ideológico visuais rúnicos 47, SS. No movimento neonazista, essas runas representam ideologicamente a palavra *Schutzstaffel* (Pelotão de Proteção), uma organização paramilitar vinculada ao Partido Nazista, de Adolf Hitler, que foi precursora de violência, assassinatos e torturas na Alemanha (EVANS, 2010). Registra-se se tratar de um signo que escamoteia significados, mas, no momento da interlocução, seus sentidos podem ser analisados, como uma saudação nazista pelo supremacismo branco. Ao esconder os sentidos, o FB não considera haver discurso de ódio, e sim liberdade de expressão.

Nesse caso, a usuária, ao se colocar como locutor, descreve que compartilhou essa postagem com os dois adesivos que fez para o seu copo de bebida. Na intenção de obter uma resposta avaliativa de modo positiva, compartilhou com esse grupo, porque espera pela simpatia e coro de apoio (PONZIO, 2010). Essa apreciação é possível, porque, no intercâmbio de valores ideológicos, essa organização possui como membros supremacistas que objetivam delatar negros imigrantes e pobres por supostos crimes e louvar o projeto da confederação, a fim de “Fazer a América Grande Outra Vez” ao lutar pelo encarceramento em massa.

Desta sorte, quando o locutor mobiliza o enunciado “Devemos GARANTIR a existência de nosso povo e um futuro para as CRIANÇAS brancas” no formato de uma runa, emprega dois signos ideológico em caixa alta “GARANTIR” e “CRIANÇAS”, com o intuito de enfatizar valores por intermédio do tom. Por conseguinte, ao assim construir tal enunciado, reflete o discurso de que seria necessário lutar pela existência da “raça” branca, pois haveria risco de ser extinta. Ao refratar discursos, reivindica aquele atinente à crença de que a população negra, imigrante e pobre estaria provocando um processo de miscigenação racial, de tal maneira a atacar a soberania do que se pode conceber, no movimento neonazista, como americano branco puro protestante.

Quando se estuda a história do Terceiro Reich, descobre-se a existência de inúmeras organizações nazistas dirigidas pela juventude alemã. Não há como não lembrar da Juventude Hitlerista que não somente alistava as crianças com o fito de

convertê-las para a doutrina nazista, mas ainda as treinava para combates armados (EVANS, 2011). Nessa perspectiva, o objetivo do Partido Nazista era o de construir uma base para a perpetuação e fortalecimento do movimento, conseguindo, assim, expandi-lo pelo continente europeu. Não muito diferente disso, o locutor da WLM pretende acorrer a organização, reclamando as 14 palavras atribuídas ao David Lane, com a finalidade de que isso possa auxiliar em seu projeto de controle e dominação racial da sociedade estadunidense.

No outro lado, há um enunciado no formato de uma runa “PORQUE a beleza da mulher BRANCA ARIANA não deve PERECER da terra”. Como na análise precedente, há signos ideológicos engendrados para o enunciado em caixa alta com o fim de enfatizar valores ideológicos por meio do tom. Por consequência, quando o enunciado é estilisticamente construído desse modo, o signo ideológico “BRANCA ARIANA” reflete a imagem de uma mulher da “raça” branca localizada nos EUA. Ao refratar, há a produção de uma imagem de uma mulher cujo objetivo seria o de “PERECER” a pureza racial na terra contra o suposto processo de miscigenação.

Ao passo que se estuda a história estadunidense, escutam-se os discursos que relacionam o homem negro ao estupro de mulheres brancas (GRANT, 2014). Desde a colonização, sabe-se que colonos as tornaram forçadamente uma mercadoria, tendo em vista que poderiam ser trocadas por tabaco na participação econômico com fazendeiros ricos. Assim sendo, a voz do supremacismo branco masculino, na sociedade, proibiu a “interracialidade” entre mulheres brancas e homens negros. A propósito, nos dias de hoje, membros de organizações neonazistas protestam em páginas digitais ao pesquisarem por imagens a partir do termo *white woman* (mulher branca), visto que sempre aparecem ao lado de parceiros negros ou negras. Essa união “impura”, nos termos do movimento neonazista, simboliza para esses extremistas uma degeneração racial.

À face do analisado, Dias (2018, p. 96-97) lembra existirem textos fundadores do “código de ética ariano”, traduzidos para mais de 35 línguas, que pautam as 14 palavras examinadas nos enunciados precedentes. Por exemplo, podem ser identificados os títulos destes textos: *14 palavras, 88 preceitos, Os 14 porquês, Revolução pelo número 14, 14 Códigos da ética ariana, A morte da raça ariana e Manifesto do genocídio branco*. Como manifesto político, David Lane preceitua um método para derrubar o Governo dos EUA, o que inclui o estupro de mulheres brancas e a poligamia,

de tal maneira que possa tombar com a Administração Federal por intermédio das armas e demografia (DIAS, 2018). No prosseguimento dessa discussão, veja-se a Figura 20:

Figura 20 - Estética idealizada pelo neonazismo



Fonte: White Lives Matter - 7 (2021)

Transcrição: Very sad. OUR BLACK NEIGHBORS ARE PROUD TO BE BLACK. OUR ASIAN NEIGHBORS ARE PROUD TO BE ASIAN. WE ARE NOT ALLOWED TO BE PROUD OF ANYTHING.

Tradução: Bem triste. NOSSOS VIZINHOS NEGROS TÊM ORGULHO DE SEREM NEGRO. NOSSOS VIZINHOS ASIÁTICOS TÊM ORGULHO DE SEREM ASIÁTICOS. NÃO PODEMOS NOS ORGULHAR DE NADA.

Para a construção desse enunciado, selecionam-se composicionalmente duas crianças brancas loiras. Ao ressignificar a imagem da população branca, mais que refletir uma “raça branca”, refrata um projeto racial para todos os EUA pensado por David Lane com as 28 palavras. É por essa razão que o locutor da WLM adverte ao seu auditório social que seus compatriotas negros e asiáticos poderiam sentir orgulho, o que não se estenderia aos brancos, pois, conforme o movimento neonazista, seriam considerados racistas fanáticos. Há, com isso, uma tensão dialógica entre discursos: i) o discurso de resistência de grupos raciais diante da dominação colonial; ii) o discurso de orgulho supremacista branco perante a crença de pureza genérica, moral e cultural.

Quando o locutor da WLM seleciona o signo ideológico “ORGULHO”, posiciona-se enunciativamente ante um debate tenso de vozes. Tal como Almeida (2020) ressalva, é necessário haver um contexto histórico, cultural e econômico de dominação racial para haver racismo. Nessa perspectiva, grupos racializados lutam em nome dos direitos humanos contra o sistema de racismo institucionalizado. Por

consequente, ao enunciarem que possuem orgulho, estão combatendo a discriminação histórica que lhes afetam moral, cultural e economicamente. Distintamente, o orgulho branco reforça a hierarquia racial historicamente construída que, na verdade, lhe beneficiou.

No momento em que o locutor da WLM engendra os signos ideológicos “NEGROS” e “ASIÁTICOS” para seu projeto arquitetônico, esquivava-se do debate a respeito do privilégio branco. Acerca disso, o locutor advoga que o branco não teria nada a se desculpar, uma vez que, segundo reflete, grupos raciais deveriam ser gratos pelos benefícios suscitados pelos brancos. Nesse ponto de vista supremacista, nenhum grupo racial (negro, judeu, imigrante) sobreviveria sem o branco, visto que este trabalharia para construir a América (EUA) e, conseqüentemente, todos os demais seriam beneficiados por isso. Ao se retornar ao contexto histórico de escravização, os supremacistas acreditam que os negros teriam escravizado negros, além de, pretensamente, vender brancos.

Registra-se, ao se averiguar esse dialógico tenso de vozes no grande e pequeno tempo, que a autoafirmação de superioridade branca se baseia em uma crença bastante heterogênea. Assim sendo, ela se desdobra nestes tópicos: i) estética ao possuir uma beleza ariana, a brancura, com o cabelo liso e loiro; ii) superioridade racial e cultural em relação ao outro que avalia inferior; iii) ética branca ao tomar as atitudes corretas, não roubaria, mas trabalharia; iv) história de conquista branca por meio da qual teria trazido benefícios a outras raças com a sua colonização; v) direito natural sobre a terra, o que tornaria sua reivindicação legítima; vi) nacionalismo ao expatriar o outro. Não se trata, vale insistir, de um ato de resistência contra a violência colonial, mas a reafirmação dela sobre o outro. Essas imagens possuem, inclusive, historicidade por estarem contextualizadas em tempos e lugares específicos.

Por fim, há de se frisar, nessa hierarquia racial, um ponto de vista meritocrático, visto que, por meio dele, o locutor sugere que o branco devido à sua “raça” trabalharia para a construção da nação, o que seria lesado por grupos raciais que viveriam às custas disso. Além disso, a atividade discursiva da WLM permite compreender que o branco estadunidense é visto como um novo ariano neonazista e, em função disso, saúda-se o neonazista David Lane. Com a finalidade de materializar sua crença supremacista, o locutor mobilizou um enunciado com duas crianças brancas, pois, enquanto tais,

evocariam a valoração estética ideal ao legitimar sua pretensa superioridade sobre o outro inferiorizado.

5.3. Miscigenação: filhos de satanás

De acordo com Charaudeau (2016, p. 111, grifos do autor), a “[...] *satanização dos culpados* se faz pela figura do ‘bode expiatório’. Trata-se de construir a figura do inimigo portador de todos os males sofridos pelo povo”. O semiolinguista explana que o bode expiatório tem seu nascedouro na bíblia, visto que referencia o sacrifício de Abraão que, devido a um pedido divino, dispôs-se a matar seu próprio filho, Isaac. Antes que isso pudesse se suceder, deus enviou um anjo para lhe deter. Não há como esquecer, em outra passagem desse texto, que Jesus Cristo sacrificou-se, nesse ponto de vista, em nome da redenção dos pecados da humanidade. Tem razão Charaudeau (2016, p. 111) ao deduzir que: “[...] esse bode, emissário de um dever de expiação, foi utilizado como expressão para designar o representante de um mal que é preciso sacrificar, porque é portador das faltas ou dos males da coletividade” (CHARAUDEAU, 2016, p. 111).

Desta feita, a atividade discursiva da WLM, tal como a da *Klan*, pressupõe um “inimigo interno” (CHARAUDEAU, 2016, p. 112) e “inimigo externo” (CHARAUDEAU, 2016, p. 113), que, por vezes, confundem-se um com o outro. Ao explorar esses conceitos, menciona-se o caso da emigração para os EUA na qual o latino é acusado de roubar empregos formais e receber assistência governamental em desfavor da população branca. Nos enunciados, quando mobilizados para seu projeto arquitetônico, há uma crítica racista a pobres e negros, que, comumente, são expatriados de seu próprio país. O movimento de pessoas da América do Sul para a do Norte é, para o locutor da WLM, o motivo pelo qual a criminalidade ter aumentado. Em vista do exposto, veja-se a Figura 21:

Figura 21 - Todos os tipos de benefícios de um pobre, negro e imigrante



Fonte: White Lives Matter - 2 (2020)

Transcrição: ALIPAC. US. Illegal alien accused of assault freed 10 times by sanctuary New York City. Call Major Bill de Blasio @ 212-New-York.

Tradução: ALIPAC. US. Estrangeiro ilegal acusado de agressão é libertado 10 vezes pelo santuário Nova Iorque. Ligue para o Prefeito Bill de Blasio

Em verdade, existem cidades-santuários pelos EUA cuja finalidade é garantir os direitos de imigrantes em resposta às políticas rígidas do *US Immigration and Customs Enforcement* (Imigração e Alfândega dos EUA, ICE – doravante). Por conseguinte, estar em uma cidade-santuário, consiste em considerar uma dimensão de direitos humanos, pois a tal cidade não se compromete em investigar ou processar um indivíduo somente com base em seu *status* de cidadania, e uma dimensão constitucional, porque a deportação é uma punição, o que evoca aos direitos humanos. Nesse ponto de vista, o imigrante indocumentado não é uma ameaça, visto que, conforme a organização *Lutheran Immigration and Refugee Service* (Serviço Luterano de Imigração e Refugiados, LIRS), cidades-santuários têm taxas de criminalidade abaixo da média, renda familiar maior e menor taxa de pobreza. Alfim, é válido refletir que, estar em uma localidade com essas políticas, não é estar impune às leis constitucionais, seja imigrante ou não.

No enunciado verbovisual postado pelo locutor da WLM, observa-se um homem negro e, com ele, os elementos verbais “Estrangeiro ilegal acusado de agressão é libertado 10 vezes pelo santuário Nova Iorque”. Ao selecionar para o projeto arquitetônico do supremacismo racial o signo ideológico “Estrangeiro ilegal”, reflete o discurso do inimigo externo que, enquanto tal, causaria problemas no país. Quando

refrata discursos, designa que o homem negro não somente roubaria empregos, mas também degeneraria, racialmente, a população branca. Em todo caso, é uma posição enunciativa anti-imigração que, como subterfúgio, imputa crimes para defender a deportação em massa. Sim, usa-se propositalmente a palavra “subterfúgio”, tendo em vista que, no caso de Kyle Rittenhouse, um jovem branco que assassinou manifestantes, houve uma comoção por parte da extrema direita atinente ao seu julgamento.

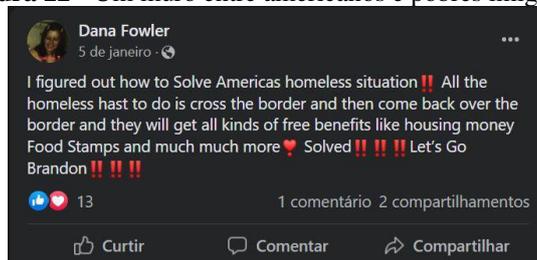
Em 2020, mais aproximadamente no dia 25 de agosto, houve um tiroteio em Kenosha nos EUA no contexto de uma manifestação do BLM após a morte de um jovem negro chamado Jacob Black. Nesse cenário, Kyle Rittenhouse matou dois homens brancos, além de ferir outro. Armado com um rifle semiautomático AR-15, Rittenhouse justificou estar protegendo uma concessionária de carros de ser vandalizada. Depois de um conflito, Joseph Rosenbaum baleado na virilha, na mão, na coxa, na cabeça e costas morreu logo em seguida. Após, Anthony Huber, mais tarde, ao lutar com Rittenhouse pelo rifle, foi atingido no peito e morreu. Gaige Grosskreutz foi atingido no braço direito ao abordar Rittenhouse. Em seu julgamento, Donald Trump, que já considerou o BLM como organização terrorista, solidarizou-se com tal jovem, oferecendo a ele um cargo político.

No que tange à WLM, publicou uma postagem na qual o Kyle estava com um rifle e, com isso, a afirmação: “Diga o nome dele! Kyle, nem todos os super-heróis usam capas, alguns usam AR15s”. Por consequência, dialogicamente, é notável a tensão entre a voz de condenação do inimigo exterior (negro imigrante) e a de heroificação do aliado interno (branco estadunidense). Ora, quando o locutor da WLM enuncia defender os direitos dos brancos, dirige a sua palavra, principalmente, aos que não seriam “traidores da raça”, para usar um enunciado da *Klan*. Portanto, trata-se de uma organização que justifica o assassinato daqueles que não tenham a mesma posição política, já que, se for branco e antirracista, mereceria morrer.

De acordo com Falconer (2015, p. 157), “[...] o cronotopo de um texto muda toda vez que é lido”. À época da escravização, esse enunciado verbovisual poderia ser respondido como se se tratasse de um escravizado fugitivo, já que apresenta o rosto de um homem negro estampado e relacionado ao crime. Durante a vigência das Leis Jim Crow, bem depois da abolição, esse mesmo enunciado poderia ser analisado como um homem que desrespeitou a legislatura racista sulina da segregação. Nos dias atuais, a perspectiva cronotópica, presente nesse enunciado verbovisual, atrela a imagem do

negro, do imigrante, do pobre e do bandido. No próximo enunciado, há de maneira mais explicitada a posição do locutor diante da pobreza, raça/etnia e imigração:

Figura 22 - Um muro entre americanos e pobres imigrantes



Fonte: White Lives Matter - 6 (2022)

Transcrição: I figured out how to Solve Americas homeless situation. All the homeless hast to do is cross the border and then come back over the border and they will get all kinds of free benefits like housing money Food Stamps and much much more. Solved. Let's Go Brandon.

Tradução: Descobri como resolver a situação dos sem-teto da América. Tudo o que os sem-teto precisam fazer é atravessar a fronteira e depois voltar para a fronteira e eles receberão todos os tipos de benefícios gratuitos, como dinheiro para moradia, vale-refeição e muito mais. Resolvido. Vamos Brandon.

Nesse enunciado, a usuária, instada como locutora, ao dirigir a sua palavra ao seu auditório social, instado como interlocutor, explica que teria descoberto como resolver a situação dos “sem-teto” (pessoas em situação de rua!) nos EUA. Para isso, essa população, que vive sob condições subumanas, precisaria atravessar a fronteira e, depois, voltar para o país. Na condição de imigrante, receberiam todos os tipos de benefícios governamentais, tais como dinheiro, moradia, vale-refeição, dentre outros. Por fim, como provocação, o locutor, para seu projeto arquitetônico, seleciona o enunciado *Let's Go, Brandon* (Vamos, Brandon).

Antes de mais nada, cabe explicar que esse enunciado é um insulto ao Presidente Joe Biden (2021 - ----), pois, quando Brandon Brown, um piloto, estava em uma entrevista, parte do público começou a entonar *Fuck Joe Biden* (Foda-se, Joe Biden). Em relação a isso, a repórter enunciou que, talvez por não ter compreendido o dito, a torcida estava prestigiando o piloto, um equívoco. Desde então, esse enunciado passou a transitar pela extrema direita estadunidense e dela para a cultura popular, de maneira a funcionar como parte de uma linguagem grotesca.

A par disso, é relevante o signo ideológico “situação” no enunciado postado pelo locutor da WLM, visto que, por intermédio dele, tencionam-se forças sociais. Percebe-se que, diante de uma situação de extrema pobreza, os brancos supremacistas subalternizam os pobres, a tal ponto que devessem ser expatriados, em seu raciocínio,

para que pudessem ser acorridos pelo governo. Decerto, a intenção é observar que imigrantes teriam mais direitos. Há de se salientar que se trata de uma questão racial, pois, discursivamente, iguala o pobre, o imigrante e o negro, tendo em vista a análise do enunciado precedente no que tange ao homem que buscaria refúgio, mesmo criminoso, em uma cidade-santuário. Nesse contexto, o signo ideológico “fronteira” não apenas reflete uma linha divisória entre EUA e México, mas também uma maneira de manter um distanciamento social entre o antiamericano e americano, impuro e puro, criminoso e cidadão.

Bakhtin (2018b), quando reflete sobre o conceito de cronotopo, mostra a relação entre tempo, espaço e as relações culturais e históricas dela decorrente. O ponto de vista espaciotemporal do sujeito, ao circunscrever o que está ao seu redor, está intrinsecamente vinculado à sua identidade cultural. No enunciado verbal em análise, quando o locutor se dirige aos EUA, expressa sua conexão emocional, cultural, econômica e política. Essa conexão está enraizada em valores históricos e culturais compartilhados por um grupo de sujeitos. Ao sugerir a expatriação de outro sujeito visto como inferior, está-se a negar essa conexão emocional, cultural, econômica e histórica que esse sujeito possa ter com os EUA. Esse ato de expatriar pode ser interpretado como um processo de coisificação e mecanização, pois trata o outro como se não tivesse qualquer ligação com o lugar onde reside.

Enfim, em nenhum momento, o locutor da WLM move-se, exotópica e empaticamente, em direção ao lugar do negro, pobre e imigrante, uma vez que, para conseguirem mais direitos, sugere a expatriação e a repatriação. Assim, as políticas governamentais de assistência, para assegurar a dignidade, são resignificadas como políticas que estariam em desfavor da população branca estadunidense. Nesse ponto de vista, o negro pobre imigrante parasitaria o governo que, com isso, não recompensaria o branco por seu trabalho.

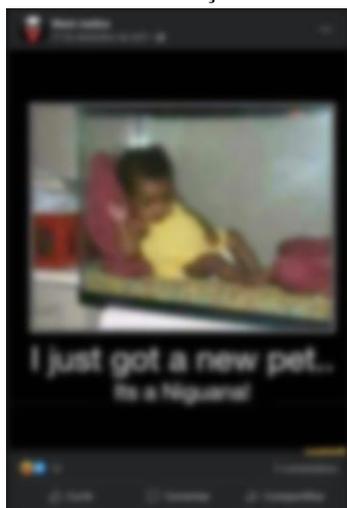
5.4. Parodização: um movimento discursivo do racismo de recreação

Tendo em vista a análise discursiva empreendida no subcapítulo atinente ao humor racista da *Klan*, o objetivo, nesta oportunidade, é perscrutar a atividade discursiva da WLM no FB, o qual, como empresa, afirma: “[...] entender que as pessoas comumente expressam desdém ou desacordo por meio de ameaças ou incitação à

violência de maneira cômica, removemos palavras que incitem ou facilitem qualquer violência grave” (FACEBOOK, 2023, n.p.), pois teria a dignidade como central em sua política comunitária. Nessa perspectiva, é preciso compreender que a parodização de tipo racista é um procedimento discursivo, que polemiza de modo velado e aberto, deformando o outro racializado, a fim de produzir riso diante de um auditório de racistas. Em sua estrutura linguística, a morfologia, a sintaxe e a semântica não estão estabilizadas, pois, como o discurso possui uma orientação dialógica, são constantemente reestruturadas (BAKHTIN, 2015).

Como o exame dos enunciados colhidos do *site* da *Klan* pressupôs, há a finalidade de reforçar um distanciamento social entre o branco e o negro, o que evoca certos estereótipos e estigmas, inferiorizando o outro. Por consequência, é válido destacar a seqüela moral ocasionada a grupos racializados dominados em favor do grupo dominante, até mesmo porque, no discurso paródico de tipo racista, sobressaem características deformantes do outro, visto que o branco se coloca como expressão única da humanidade (MOREIRA, 2022). Na concepção de Barros (2014, p. 9), os discursos intolerantes constroem percursos temáticos e figurativos, tais como “[...] animalização e desumanização do ‘outro’, a que são atribuídos traços físicos e características comportamentais de animais [...]”, mas não se restringe a isso, porquanto a pesquisadora cita o traço da anormalidade e natureza doentia com sua estética e ética condenáveis. Tão logo, veja-se o enunciado seguinte:

Figura 23 - A animalização de uma bebê negra



Fonte: White Lives Matter - 7 (2021)

Transcrição: I just got a new pet... It's a Niguana!

Tradução: Acabei de ganhar um novo animal de estimação... É uma Iguana!

Nesse enunciado verbovisual, publicado em um grupo da WLM, faz-se uma montagem gráfica de uma bebê negra dentro de um aquário. A partir daí, escreve-se a legenda de que ela seria uma nova mascote, um iguana. Com efeito, a bebê é, nesse discurso recreativo-racista, parodiada, de modo a ser animalizada e desumanizada. Pelos emojis, materializam-se os risos na postagem-enunciado por parte do público-interlocutor. Não há como não recordar daquela postagem feita pelo locutor da WLM na qual o Cannon Hinnant, uma criança branca, é relacionada a valores como inocência, moralidade e inocência. Ora, por que a bebê negra é discursivamente comparada a um iguana?

Em seu projeto arquitetônico, o locutor seleciona a imagem de um aquário. Ao refletir sentidos, convida-se o interlocutor a pensar, imediatamente, no lugar em que habitam animais, de tal maneira que fiquem expostos para que os seres humanos possam contemplá-los. Quando refrata sentidos, troca-se o lugar do iguana para o de um ser humano, com o intuito de ele assumir características físicas e comportamentais animais. Com isso, sobressai a sua natureza ética e estética condenável, como ponderaria Barros (2014), uma vez que a única expressão de humanidade possível seria a da criança branca, bem como advertiria David Lane com as 28 palavras.

Para acentuar esses sentidos, o locutor emprega os signos ideológicos “novo animal de estimação”, que teria ganhado. Assim, a imagem da bebê é ressignificada para a de uma mascote, uma propriedade de um ser humano – branco. Essa ressignificação conclama sentidos do passado colonial europeu e estadunidense, pois não raro se sabe de casos em que pessoas escravizadas eram postas em gaiolas para serem observadas, já que, ao serem analisadas do ponto de vista eurocentrado e brancocentrado, eram apercebidas como exóticas. Logo, uma mascote é um animal que pode ser comprado-vendido para animar e obedecer aos donos.

É por esse motivo que Moreira (2020, p. 94) disserta que o “[...] humor racista não é mero produto de ideias que surgem espontaneamente nas cabeças das pessoas. As piadas que elas contam são produtos culturais, são manifestações de sentidos culturais que existem em dada sociedade”. Por consequência, o racismo recreativo, do ponto de vista histórico, constitui o projeto arquitetônico de tal organização em desfavor de grupos racializados inferiorizados, o que legitima o grupo racializado dominante. Em suma, os “[...] estereótipos derogatórios sobre minorias raciais expressam então

entendimentos sobre os lugares que os diversos grupos sociais devem ocupar, as supostas características dessas pessoas, os limites da participação na estrutura política” (MOREIRA, 2020, p. 95), além de bens materiais que poderiam ter acesso.

Como Bakhtin (2015, 2018a) ensina, a parodização correlaciona, dialogicamente, discursos cujos fins semânticos caminham para direções opostas. De fato, o locutor da WLM apreende o discurso e imagem de grupos racializados, parodiando-os com o fim de degradá-los. Assim como esse filósofo da linguagem aduz, há de se considerar sempre um auditório social, que, no grupo do FB supracitado, concorda com os sentidos cômicos produzidos.

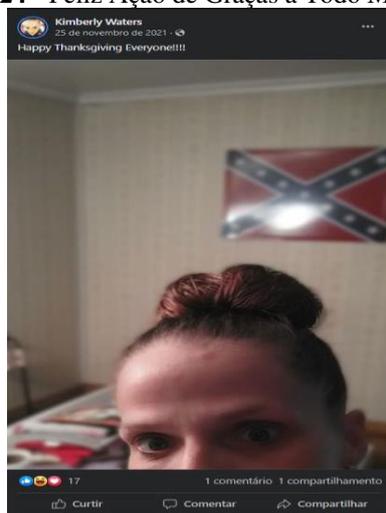
Por último, muito embora o FB, em sua política comunitária, defenda remover publicações que incitem à violência, averiguou-se um enunciado que une uma bebê negra e um aquário. Devido a um público-interlocutor que simpatiza com esses valores, sucede-se um processo de parodização de tipo racista, haja vista que tal criança é animalizada e desumanizada. Conseqüentemente, o humor racista serve para legitimar um grupo racializado dominante em detrimento do outro ao contribuir para um distanciamento social. No subcapítulo consecutivo, compreende-se que esse discurso que prega o racismo contra o outro possui ecos valorativos do passado à época da Guerra de Secessão entre os Estados Confederados da América e a União, de tal maneira que a finalidade dos confederados era perpetuar a escravização e o tráfico transatlântico, o que constitui atualmente uma sociedade estadunidense.

5.5. Ecos valorativos do passado

Quando esta dissertação apresentou a Guerra de Secessão entre a União e os Estados Confederados da América, teve como justificativa o fato de esse evento ter seus valores ecoados por organizações de ódio racial, tais como a *Klan* e WLM, uma vez que, naquele período, havia a defesa do tráfico transatlântico de escravizados e a permanência dessa instituição como base econômica para os estados do Sul. Não é de se espantar, assim, que os neoconfederados sejam nativistas e contrários à imigração, porque se opõem ao multiculturalismo. Balleck (2019, p. 233) acrescenta que, para os neoconfederados, “[...] o cristianismo e a herança branca são valores culturais que foram abandonados na América moderna”.

Outrossim, reclamam uma hierarquia entre gêneros com funções específicas para o homem e a mulher. Com efeito, são avessos à homossexualidade, mas não se restringe a ela, porquanto são favoráveis à supremacia branca em nome da segregação racial (BALLECK, 2019). Nessa perspectiva, os apologistas do neoconfederatismo são negacionistas históricos e, por consequência, possuem críticas ao ex-Presidente Abraham Lincoln, visto que lhe concebem como um criminoso de guerra, pois comandou a União contra os Estados Confederados da América. Assim sendo, Balleck (2019) também ressalta que esses extremistas atuais consideram ilegais à abolição da escravidão e o direito ao voto pela população negra. Nesse entendimento, veja-se o próximo enunciado:

Figura 24 - Feliz Ação de Graças a Todo Mundo!!!!



Fonte: White Lives Matter - 6 (2021)

Transcrição: Happy thansgiving Everyone!!!!

Tradução: Feliz Ação de Graças a Todo Mundo!!!!

Levando em consideração a contextualização realizada, esse enunciado mostra uma *selfie* de uma mulher com uma bandeira confederada em suas costas. A postagem de Kimberly Waters possui 17 reações subdivididas entre o curtir, o rir e o amar respectivamente, incluindo um comentário e compartilhamento. Com efeito, ela deseja, para o público-interlocutor da WLM, Feliz Ação de Graças, uma vez que pressupunha simpatia social em relação aos valores produzidos. Quando o locutor mobiliza um enunciado com a bandeira da confederação, instaura-se um diálogo entre o que está expresso e não expresso, de tal maneira que não se afirma ser favorável a uma reescravização, apesar de, veladamente, haver tal proposição.

Ao se retomar as diretrizes do FB, citadas no subcapítulo anterior, sabe-se que, talvez, uma defesa aberta de um projeto de segregação poderia ser sancionada pela plataforma. Por esse motivo, o locutor recorre a uma linguagem visual que, mesmo não sendo explícita a um auditório social amplo, passa a abolir os direitos conquistados pela população negra. Em meio ao conflito discursivo, os neoconfederados supremacistas brancos posicionam-se, por intermédio do signo ideológico bandeira, na intenção de que se trataria de uma defesa dos direitos dos brancos que seriam ameaçados. Em resposta, o movimento negro, dialogicamente, polemiza ao identificar esse gesto como um ato de autoritarismo.

Nesse diálogo tenso de vozes, o vermelho é ressignificado para o sangue de Cristo. A borda branca para a proteção de deus. O entrecruzado azul, nesse contexto, é ressignificado para a cruz cristã. Além disso, as 13 estrelas indicam, nesse mesmo processo, os 13 estados sulistas de secessão. Nessa rede de signos ideológicos, vermelho e sangue de Cristo, borda branca e proteção de deus, o entrecruzado azul e a cruz cristã, as 13 estrelas e os 13 estados sulistas rebeldes refletem discursos atinentes ao projeto dos Estados Confederados da América. Ao refratarem, tenta-se afastar de discursos que lhe relacionam ao autoritarismo.

De toda sorte, a linguagem supremacista, somada a uma linguagem legalista objetiva, institucionalizar um projeto paternalista com o fim de criar um Etnoestado branco, dispensando a dignidade de grupos racializados. Ademais, de acordo com o movimento neoconfederado, o signo ideológico bandeira analisado é a intenção divina refratada na dos atuais confederados. Essa interpretação pode justificar o fato de a WLM, em suas páginas, mobilizar o enunciado *Confederate Lives Matter* (Vidas Confederadas Importam) e *Southern Lives Matter* (Vidas Sulistas Importam), uma resposta racista ao BLM.

Na concepção de Bakhtin (2018b, p. 12), “No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos índices do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto” em que o tempo se adensa e o espaço se intensifica no movimento do tempo. Nessa perspectiva, é fundamental esclarecer que não somente o enunciado literário, mas também os que transitam em diversos campo de atividade humana apreendem o cronotopo real, expressando pontos de vista espaciotemporais. É o caso do enunciado visual em análise que, ao trazer o passado confederado à atualidade, reivindica seus valores e relações culturais dele decorrentes.

Alfim, de se notar, ainda, que os neoconfederados são abertamente cristãos e são favoráveis ao porte de armas. Nessa mesma direção, ao alçarem a bandeira da batalha confederada, reforçam posições antidemocráticas, incluindo racismo, sexismo e elitismo (BALLECK, 2019). Dessarte, o movimento neonazista, com particularidade para a *Klan* e WLM, reivindica, em sua atividade discursiva, a herança confederada, combatendo qualquer movimento dos direitos humanos que tente mudar o *status quo* da sociedade estadunidense. Em nome do cristianismo, fitam legitimar suas posições políticas, raciais, culturais e econômicas, porque estariam em uma provação terrena contra um inimigo maléfico.

6. RAÇA, POBREZA E ORDEM SOCIAL: O NOVO PROJETO DE ESCRAVIZAÇÃO DO SUPREMACISMO BRANCO

Haja vista os capítulos redigidos, nesta oportunidade, objetiva-se continuar as discussões sobre raça, pobreza e ordem social, de tal modo a identificar as relações dialógicas entre *Klan* e WLM com seus respectivos estilos discursivos. Em cotejo, aprofunda-se isso ao se analisar a atividade discursiva da OrBr. Para isso ser viável, examinam-se relações internacionais entre Brasil e EUA, porquanto constituem a composição semântica dos enunciados, dialogicamente, avaliados. De fato, com toda a análise empreendida, compreende-se que o supremacismo branco reclama um projeto de controle social para grupos racializados dominados.

Acerca disso, recapitula-se que, no período colonial, sucedia-se um processo de escravização feito pelo imperialismo europeu na parte anglófona da América do Norte. Depois da Guerra Civil, no cenário estadunidense, a aristocracia política, econômica e branca acionou um conjunto de normas responsáveis pela segregação racial, as Leis Jim Crow. Por último, sob o subterfúgio de combate às drogas, condena-se, em massa, a população negra e pobre, possibilitando com isso uma “discriminação legal” quando libertada ao tentarem empregos no mercado.

No primeiro subcapítulo, o público-leitor contempla uma recapitulação das práticas de análise dialógica do discurso da KKK e WLM, de tal maneira a entender o estilo discursivo de cada organização. Para tanto, são relevados critérios de análise, conjecturando o contexto histórico da colonização aos dias atuais. Argumenta-se que os locutores de tais organizações apreendem, para seus projetos arquitetônicos, os diálogos do pequeno e grande tempo, orientando-se a um auditório social. Não há, é válido

ressaltar, uma subversão do contexto espaço-temporal em que a *Klan* e a WLM estão, pois, no percurso da história, procedeu a colonização europeia, guerra civil, Leis Jim Crow, deportação e encarceramento em massa.

No segundo subcapítulo, o centro das discussões são as relações internacionais em que se afere uma submissão do Brasil aos EUA, principalmente com a continência feita pelo ex-Presidente Jair Bolsonaro à bandeira estadunidense. Referenciam-se, com efeito, pesquisas no campo da ciência política, história e relações internacionais com especificidade para os atos do Governo Federal à época de Bolsonaro e Trump. A propósito, enfatizam-se as “relações carnis”, categoria usada em pesquisas atinentes a relações internacionais, porque entre tais políticos observa-se haver um servilismo.

No terceiro subcapítulo, examinam-se o processo discursivo de apreensão e reorientação dos discursos da *Klan* e WLM para o Brasil por parte da OrBr, que usa para a sua comunicação o *Telegram*. À luz disso, percebe-se que essa última organização construiu uma fotomontagem para ressignificar e relacionar a imagem da população à criminalidade. Quando se dirige a seu auditório de racistas brasileiros, doutrina-o ao atacar o multiculturalismo com a crença de que a população branca estaria em genocídio. Além do mais, mobiliza-se a parodização de tipo racista, de tal modo a enaltecer o branco e inferiorizar grupos racializados dominados.

Por derradeiro, tem razão Schucman (2012, p. 14) ao afirmar que: “O fato de o preconceito racial recair sobre a população não branca está diretamente relacionado ao fato de os privilégios raciais estarem associados aos brancos”. Conseqüentemente, existem mecanismos discriminatórios de reprodução da estrutura racializada da sociedade, o que enseja um discurso de propagação de democracia racial e branqueamento, isentando o branco de se responsabilizar pelo “privilégio de raça” (SCHUCMAN, 2012, p. 14). Essas reflexões são importantes para o desdobramento deste capítulo, já que a *Klan*, a WLM e, como se perscruta, a OrBr tentam se afastar dos discursos relativos à privilégio de raça, pois defendem a crença da meritocracia racial na qual todo mundo teria a mesma oportunidade. O outro racializado (negro, latino, judeu...) roubaria oportunidades, aumentaria a criminalidade e degeneraria a pureza do branco.

6.1. Quais relações dialógicas são identificáveis para a “nova solução final” da *Ku Klux Klan* e *White Lives Matter*?

É interessante o que pontua Di Fanti (2003, p. 98) sobre as relações dialógicas, uma vez que, por um lado, é [...] descartar qualquer possibilidade de limitação e redução de sentidos, e, por outro, preservar as ressonâncias de outras ditos, já-ditos e/ou não-ditos na linguagem”. Tendo isso em vista, com respaldo de uma abordagem dialógica do discurso, analisaram-se os discursos da *Klan* e WLM, que, para os fins desta dissertação, foram centrados axiológica e tematicamente nestes tópicos: i) guerra racial total; ii) arianismo: a raça escolhida por deus; iii) miscigenação: os filhos de satanás; iv) parodização: um movimento discursivo do racismo recreativo; v) ecos valorativos do passado. Como se percebeu, interrelaciona-se um diálogo entre já-ditos e não-ditos na atividade discursiva de tais organizações, de tal maneira que, ao fomentarem racismo, o fizessem com diferentes estilos discursivos.

A par das particularidades que são estudadas a seguir, é importante ressaltar que existem generalidades que constituem os discursos da KKK e WLM. Em primeiro lugar, averiguou-se a ressignificação da relação entre brancos e negros para a imagem de uma batalha racial em nome da sobrevivência na qual negros, latinos e pobres tentariam exterminar com a pureza racial e cultural branca. No prosseguir, perscrutou-se que os locutores de tais organizações, em seu projeto arquitetônico, empregam signos ideológicos que transitam no movimento neonazista estadunidense com a finalidade de destacar a existência de uma pretensa superioridade branca ariana em relação aos demais grupos racializados, o que clama por um projeto de dominação, expatriação e morte.

Em continuidade, ao tentar demonstrar a superioridade branca, os locutores dessas organizações de terror racial pretendem mostrar inferioridade de grupos racializados dominados. É a razão pela qual os locutores da *Klan* e WLM direcionam-se sobremaneira ao imigrante negro pobre, que, por sua vez, roubaria empregos, roubaria direitos, roubaria o bem-estar do branco, violentaria mulheres brancas e miscigenaria raças. Depois, frente ao que consideram inferior, os locutores utilizam o discurso paródico de tipo racista em que se criam espelhos deformantes sobre o outro racializado, humilhando-o e relacionando-o a estigmas racistas. Por último, os locutores reivindicam a luta confederada em busca da reescravização negra e de qualquer direito que tenham conquistado na história dos EUA. Mais do que isso, tentam ressignificar a imagem dos

Estados Confederados da América como um símbolo de proclamação dos direitos dos brancos perante o (multi)cultural e (multi)étnico. Com amparo dessa generalidade, que se materializa no discurso da *Klan* e WLM, objetiva-se conseguir poder para seu projeto de sociedade, que é, segundo define Charaudeau (2016, p. 14),

[...] a situação que permite a alguém decidir mudar alguma coisa na ordem do mundo, agindo sobre o outro ou sobre um grupo. *Agir sobre o outro* quer dizer: **ter a possibilidade de submeter o outro**, por algum meio. **Estabelece-se, então, uma relação de dominação entre um dominante e um dominado, que faz com que o poder se defina numa relação de alteridade, de maneira coercitiva.** Mas também é necessário que esse ‘agir sobre o outro’ seja justificado. Nesse caso, colocam-se três questões: em nome do que se tem o direito de agir – é a questão da *legitimidade*; qual a possibilidade de ser reconhecido como digno de agir – é a questão da *autoridade*; quais são os meios de agir – é a questão da potência (CHARAUDEAU, 2016, p. 14, grifo do autor, grifo nosso).

No que tange às particularidades de cada organização, no tópico sobre a guerra racial total, a KKK publicou, em seu *site*, um extenso artigo de opinião em que garante que haverá uma guerra racial dentro dos EUA, que, por consequência, decidiria os rumos do grupo racializado dominante, os brancos. Assim, o locutor assume um tom de pânico, no enunciado, ao demonizar o outro racializado, tal como o negro, o judeu, o latino, que provocaria um genocídio com foco na linhagem ariana estadunidense. Ademais, os não brancos estariam aptos, conforme a voz racial do enunciado, a se rebelarem contra todo o ordenamento jurídico construído pelos Pais Fundadores, pois seriam sujeitos agressivos e insurgentes.

De maneira aberta, o locutor da KKK afirma haver um exército para travar uma guerra contra o que chama América Branca. Esse batalhão é, nesse ponto de vista, constituído de homens negros e mulheres negras, que teriam origem em prisões ou gangues de ruas, em desfavor do cidadão branco americano cristão. Adicionalmente, o branco seria responsabilizado injustamente a assumir a culpa pelos problemas atinentes ao país e à população não branca. Ao não assumir a culpa, negros, latinos, muçulmanos, judeus e pobres tentariam apagar o que o locutor denomina história branca.

No que compete à WLM, não publicou um artigo de opinião, pois usa uma plataforma interativa para discursivamente se comunicar. Prefere, com efeito, a fotomontagem na qual composicionalmente selecionou a foto de George Floyd e Cannon Hinnant para demonstrar a ideia de guerra racial total. Diferentemente da *Klan*, o locutor não afirma abertamente que negros assassinam em massa brancos, uma vez

que escolhe velar seu racismo. Para tanto, de um lado, colocam a foto de um homem negro designado como bandido violento, de outro, a foto de uma criança branca caracterizada como inocente e assassinada por homem negro. Nesse conflito de pontos de vista, a voz racial subentende haver racismo inverso, pois haveria crimes de ódio silenciados pela mídia, o que provocaria a morte de inúmeros brancos.

Veladamente, para seu auditório social, sugere que, em uma hierarquia racial, o homem negro simbolizaria a miscigenação racial e a criança branca a pureza. Nessa perspectiva, é válido ressaltar que toda a população negra (criança, mulher e homem) seria contra o ordenamento jurídico, rebelando-se contra a corporação policial. Por esse motivo, publicou uma postagem formada pelo enunciado verbovisual com uma cobra cortada, *Join, or Die* (Junte-se ou morra). Abaixo, um pequeno texto no qual o locutor narra que policiais teriam sido encurralados por negros. Em resposta, os cidadãos brancos americanos suscitariam uma guerra.

Quanto ao tópico arianismo: a raça escolhida por deus, a *Klan* publicou dois artigos de opinião. No primeiro, o locutor indica abertamente trabalhar para as 14 palavras em que se estratificam, pelo percurso temático-semântico do signo, as intenções raciais de David Lane. Em relação a isso, salienta que a organização tem uma identidade cristã, o que, com isso, ressignifica a imagem de Jesus Cristo para a de um ancestral ariano do movimento neonazista. Ao tentar ingressar na *Klan*, de acordo com esse ponto de vista, seria necessário reivindicar a arianidade cristã ao se crer em Jesus e Hitler. Nessa mitologia supremacista, a cidadania tem como base a raça e a religião.

Desse modo, no segundo artigo de opinião, o locutor exclama que não haveria nada de errado em sentir orgulho por ser branco. Nesse debate, a voz racial defende que todos os grupos negro, latino e LGBTQIAP+ poderiam expressar seu orgulho, com exceção do branco estadunidense hétero, o que evidenciaria uma injustiça. É preciso desembaraçar que, pelo fato de haver um sistema de dominação contra negros, imigrantes e LGBTQIAP+, toda manifestação discursiva desses grupos é por direitos fundamentais, e não acentuar uma hierarquia social. Para provar isso, basta observar que o locutor da KKK se apresenta como a raça escolhida por deus, tal como seu auditório.

No que se refere à WLM, sobre esse mesmo tópico, publicou duas fotomontagens para serem apreciadas por seu público-interlocutor. Na primeira, postou um enunciado verbovisual constituído composicionalmente por duas runas com este formato 47. De modo velado, fez-se menção a um signo ideológico que transita no

movimento neonazista, apontando para um projeto de expatiação e extermínio. Sob outra forma, o SS é uma abreviação para *Schutzstaffel* (Pelotão de Proteção), que foi protagonista de violências, assassinatos e torturas à época do nazismo alemão. Tentando escamotear esses sentidos, o locutor não afirma que saúda o supremacismo branco por meio do hitlerianismo, pois prefere sugerir isso ao público. Aliás, nessas mesmas runas, havia 28 palavras ao todo que não foram exploradas pelo locutor, porque, se fossem, seria evidente ao público a alusão ao neonazismo.

Dessa maneira, na segunda fotomontagem, o locutor escolheu um enunciado verbovisual em que nele havia duas crianças brancas loiras. Mesmo que implicitamente, reflete a imagem da população branca e, ao refratar, designa-se o projeto racial para os EUA com referência aos valores ideológicos defendidos por David Lane com as 28 palavras. Há a ressalva por parte do locutor da organização que negros e asiáticos poderiam sentir orgulho de si com exceção da população branca. Por consequência, desenrola-se uma tensão dialógica que contrastam visões de mundo distintas: de um lado, a visão de resistência daqueles que são historicamente oprimidos; e, de outro, a visão supremacista no que concerne à crença de pureza genérica, moral e cultural.

Sobre o tópico miscigenação: filhos de satanás, a KKK, em sua atividade discursiva, ao publicar um artigo de opinião, ressignifica a imagem de grupos racializados, pois, com seu estilo discursivo, pretende justificar seu projeto de sociedade. Por esse motivo, tal organização pede união de todo o supremacismo branco para exterminar o inimigo, enfatizando uma posição racial a partir do enunciado “Deus, a Raça, a Nação e a Família”. Assim, as minorias racializadas teriam destruído uma antiga “América”, além da própria Constituição com as Emendas Constitucionais, tais como o direito ao voto da população negra.

Conseqüentemente, há um distanciamento social entre os patriotas cristãos brancos e os antiamericanos anticristãos miscigenados ao se analisar o ponto de vista explícito promovido pelo locutor. Nesse cenário, haveria de se considerar a suposta dominação judaica por intermédio das mídias televisivas, o que contribuiria, nessa perspectiva racista, para uma fossa cultural com a miscigenação. No que tange à criação de cidades-santuários, também criticadas pelo locutor da WLM, permitiria a permanência de “imigrantes ilegais”, porque, nesse ponto de vista, seria inadmissível que esses sujeitos, tais como mexicanos, negros, pobres, judeus, muçulmanos, tivessem os mesmos direitos constitucionais que brancos estadunidenses. Ao acentuar isso, o

locutor cita, em seu enunciado, que negros contribuiriam com 87,2% de crimes violentos sem haver uma fonte. Abertamente, designam-se os inimigos como “filhos de satanás” por não simbolizarem, em sua concepção, a raça escolhida por deus.

Quanto ao mesmo tópico, a WLM publicou um enunciado, estruturado em fotodenúncia, com a foto de um homem negro e imigrante estampada. Como legenda, o locutor defende ser um criminoso. Quando seleciona nesse enunciado o signo ideológico “Estrangeiro ilegal”, reflete o discurso do inimigo externo que representaria uma ameaça interna para o país e, ao refratar, evoca o discurso de que o homem negro imigrante pobre roubaria empregos e degeneraria a população branca. Há, nesse viés, mesmo que velado, uma posição enunciativa anti-imigração e racista em favor da deportação em massa. A respeito da pretensa ameaça que seria o imigrante, sabe-se que a WLM amplamente defendeu Kyle Rittenhouse, um jovem branco que matou brancos antirracistas sob o subterfúgio da legítima defesa.

Outrossim, tal organização sugere, por intermédio de um comentário, a expatriação e repatriação de pessoas em situação de rua com o fim de sanar esse problema social nos EUA. Ao revês de lutar por políticas públicas, de modo a garantir a dignidade dessa população em condição subumana, prefere que atravesse a fronteira e, em seguida, retorne com a finalidade de conseguir assistência governamental. Assim, critica implicitamente regalias que imigrantes receberiam em desfavor do cidadão branco estadunidense. Sucede-se, com isso, que os pobres são subalternizados pelos supremacistas brancos, o que evoca o discurso trumpista no que concerne à construção de um muro entre o México e os EUA.

Relativamente ao tópico Parodização: um movimento discursivo do racismo de recreação, a KKK publicou, em seu *site*, uma fotomontagem, o que é incomum quando se compara com a WLM. Por meio dela, propaga-se um espelho deformado de um negro e um judeu supostamente no contexto bíblico. Em vista disso, no discurso paródico de tipo racista, atribuem-se abertamente sentidos negativos com a finalidade de desprezar tais minorias racializadas, pois relaciona o negro à criminalidade e o judeu à ganância. Por esse motivo é que composicionalmente um está com uma arma e outro com nariz adunco grande. Na interação discursiva, existem sentidos cômicos, porque possibilita que o auditório neonazista possa rir ao acentuar isso.

Para reforçar tais estigmas raciais, hiperbolizam-se características como lábios, bochechas, nariz, ouvidos e sobrancelhas, incluindo uma expressão hostil. Com essa

marginalização do negro e do judeu, tenta-se robustecer a crença de superioridade moral e étnica do branco, ressignificando a imagem desses grupos racializados. Assim, o locutor reivindica os estereótipos de uma sociedade historicamente racista, de tal maneira a limitar oportunidades de negros e judeus, o que contribui para um processo social de exclusão social e degradação moral. Existe, com isso, uma hierarquia social reforçada a fim de que se permaneça no *status quo*.

Nesse mesmo tópico, a WLM publicou uma fotomontagem com uma criança negra dentro de um aquário na qual é comparada a um iguana. Dessa forma, a bebê é animalizada e desumanizada, o que provoca um humor racista para o público neonazista de tal organização, materializando-se nos emojis de riso na postagem. No que concerne ao Cannon Hinnant, uma criança branca, é-lhe atribuído o valor de inocência, mas, quando se trata de uma negra, compara-lhe abertamente a um réptil.

Assim, vinculam-se, à imagem da bebê, características animais tanto físicas quanto comportamentais. Ao se retornar ao enunciado, sucede-se um processo de reflexão e refração de sentidos na interação discursiva, porque, ao refletir, designa-se a imagem de um aquário que está à disposição para a contemplação dos humanos. Quando refrata, relaciona-se uma natureza ética e estética abominável à criança negra, porquanto o movimento neonazista apercebe o branco como expressão única de humanidade. Não por acaso, no enunciado, está escrito “novo animal de estimação”, pois o locutor a teria ganhado, evocando, sobre esse corpo, sentidos do passado colonial com o comércio de escravizados.

Sobre o tópico ecos valorativos do passado, a atividade discursiva da KKK, por meio de um artigo de opinião publicado, permite compreender uma tentativa de ressignificação da imagem de tal organização e dos Estados Confederados da América. Para tanto, o locutor alega que a *Klan* surgiu na véspera de natal, sendo seus integrantes ex-combatentes da confederação, cujo objetivo era a diversão. Tal como a análise permitiu compreender, mesmo por entretenimento, é possível reproduzir a hierarquia racial da sociedade, de tal maneira a degradar moralmente o outro. Após citar o nome de cada um dos supostos membros originais, reflete-se a imagem de soldados que, ao lutarem, o fizeram em vista de um ideal. No processo de refratar, aponta-se para a imagem de homens que simbolizaram a tentativa de salvamento do Sul.

Ainda na origem da *Klan*, o locutor explica a constituição de seu nome. Em seguida, ele atribui, ao Major James Crowe, uma citação na qual defende que tal

organização foi uma bênção para todo o Sul, porquanto teria suscitado paz, felicidade e ordem diante do caos. Além disso, sente orgulho e não sabe de nenhum ato que lhe envergonhe no que tange à KKK, o que elenca uma tensão dialógica, mesmo que velada, uma vez que ou não tem conhecimento de nenhum crime de ódio, ou não sente vergonha do linchamento racial promovido. Não se afirma ter orgulho da violência, muito embora essa organização seja conhecida por isso.

Quanto ao mesmo tópico, publicou-se, no grupo da WLM do FB, uma *selfie* de uma mulher com uma bandeira confederada atrás de si na expectativa de obter uma reação que compartilhe os mesmos valores, o que se materializou nos emojis de curtir, rir e amar. Mesmo não afirmando ser favorável a um projeto de escravização, subentende-se isso em sua postagem. Caso assim não fosse, poderia haver uma sanção por parte da plataforma em observância a suas diretrizes de convivência. Empregar o signo ideológico bandeira confederada é, do ponto de vista neonazista, defender os direitos dos brancos que estariam sendo ameaçados. A propósito, no movimento neonazista estadunidense, tenta-se ressignificar a bandeira confederada, de tal modo que o vermelho seja o sangue de Cristo, a borda branca a proteção de deus, o entrecruzado azul a cruz cristã, as 13 estrelas os 13 estados sulistas à época da Secessão.

Ademais, a linguagem supremacista articulada com uma linguagem legalista objetiva reinstitucionalizar a escravidão negra e acionar um projeto paternalista para a construção de um Etnoestado branco, afrontando-se, com isso, a dignidade de minorias racializadas. Ao suscitar um sentimento saudosista para o passado, o locutor tenta legitimar a existência da WLM no presente, pois protegeria os direitos dos brancos. Por esse motivo, em suas páginas, a WLM acolhe os enunciados *Vidas Confederadas Importam* e *Vidas Sulistas Importam*, que são respostas racistas ao BLM.

Refletindo sobre as generalidades e particularidades presentes na atividade discursiva das organizações KKK e WLM, compreendem-se determinadas características de seus estilos discursivos. À luz disso, o estilo discursivo da KKK, para a sua constituição, recorre mais a enunciados verbais estruturados como artigos de opinião. Por ser uma organização com uma lista de óbitos em sua trajetória, polemiza abertamente com minorias racializadas, o que não dispensa, por vezes, a polêmica velada. Na seleção de palavras e sua distribuição em seu projeto arquitetônico, o locutor expressa e orgulha-se do racismo disseminado. Tal organização, a fim de degradar moralmente o outro, emprega o discurso paródico de tipo racista, propagando estigmas

raciais, por intermédio de espelhos deformantes, de negros e judeus. Não há como esquecer que o tom usado, em seu discurso, é o de pânico na maioria dos enunciados analisados, o que tenta provocar uma reação do auditório social.

Por outro lado, o estilo discursivo da WLM recorre a enunciados verbovisuais, principalmente fotomontagens com legendas, para interagir com seu público neonazista, visto que está instalada em uma plataforma, o FB. Aliás, não se dispensam enunciados verbais, bem como comentários, desde que possibilitem uma resposta mais imediata. Tendo isso em vista, em sua atividade discursiva, prefere polemizar veladamente com grupos racializados, pois parece relevar as diretrizes de boa convivência do FB. Há, mesmo que seja incomum, a polêmica aberta em que não tenta velar a reprodução do racismo ao atacar o outro. É o caso do discurso paródico de tipo racista de tal organização ao ter relacionado uma bebê negra a um réptil. O tom, em seu discurso, remete ao pânico, porque tenta destacar um sentimento de indignação e injustiça que o branco sofreria na sociedade estadunidense frente o outro racializado e a grande mídia.

Finalmente, retoma-se àquela informação de que este que escreve a dissertação somente soube da existência da WLM, porque investigava as páginas da KKK. A partir dessa relação, porquanto se observava um compartilhamento de valores ideológicos, decidiu-se analisar o discurso de tais organizações com especificidade para seus respectivos estilos discursivos em que se conjugam forma e conteúdo. Assim agindo, os cronotopos, que constituem o discurso, expressam pontos de vistas que ressignificam a imagem dos EUA em três períodos: os EUA escravocrata do passado com a dominação total da supremacia branca; os EUA conflituoso do presente em que a “raça” branca estaria sendo ameaçada; e os EUA do futuro com a glória ou extermínio de toda a população branca pelo inimigo miscigenado. Alfim, perscruta-se, a seguir, as relações internacionais entre Brasil e os EUA, já que isso compõe a constituição semântica dos enunciados publicados pela OrBr.

6.2. “Relações carnis” entre Brasil e Estados Unidos da América

Em vista da apreensão e orientação dos discursos ressignificados da KKK e WLM para o cenário nacional pela OrBr, neste ensejo, pretende-se estudar o contexto envolvendo as relações internacionais entre Brasil e EUA, pois, conforme ensina Volóchinov (2019), o panorama histórico constitui a composição semântica de cada

enunciado. Conseqüentemente, tal como recorda Menezes (2019), em outubro de 2018, o então Deputado Federal Jair Bolsonaro, candidato à Presidência da República, enunciou que seu projeto tinha a finalidade de avançar 40 anos em 4 anos o país. A despeito disso, em evento realizado na Flórida para sua campanha, bateu continência aos prantos à bandeira estadunidense.

No que tange à política externa bolsonarista, há de se destacar que se ofereceu parte do território nacional para a instalação de uma base militar dos EUA, o que, verdade seja escrita, seguiu a orientação do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. Desse modo, Menezes (2019) ressalta que, nesse período, Jair Bolsonaro consumou “relações carnavais” com Donald Trump. É preciso explicar que “relações carnavais” é um termo mobilizado em pesquisas, principalmente do campo das relações internacionais, para designar o Governo Federal argentino do Ex-Presidente Carlos Menem (1989-1999), porque, ao invés de ser um parceiro estratégico, era um fantoche da política de Washington.

Com fundamento em Russel e Tokatlian (2003, p. 46-47), Menezes (2019, p. 2) explica que, com isso, existem sete objetivos: i) alinhamento a interesses políticos e estratégicos dos EUA, seja global, seja regional; ii) economia; iii) participação em regimes internacionais em sintonia com potências ocidentais; iv) regionalismo aberto; v) desenvolvimento vinculado ao Consenso de Washington; vi) confiança em forças do mercado em detrimento do Estado; vii) submissão à ordem internacional. Nessa perspectiva, sequer a política externa de Fernando Collor de Mello, muito embora alinhada aos interesses estadunidenses, igualar-se-ia com a bolsonarista, porquanto é mais extremada (MENEZES, 2019).

Por consequência, Menezes (2019) cita a visita oficial do então Presidente Jair Bolsonaro e de seus Ministros aos EUA em março de 2019. Assim, sua política aceitou incondicionalmente a política externa estadunidense. Não sem razão, “[...] a palavra retrocesso parece insuficiente para descrever tamanha subserviência a que o presidente Bolsonaro submeteu o País [...]” (MENEZES, 2019, p. 3). Prova disso é a transferência da embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém, saída da Unasul, declarações contraditórias contra a China e afastamento do BRICS, a instalação de uma base militar estadunidense em território nacional, recuo com o Mercosul.

Além dessas práticas, Menezes (2019, p. 3) frisa que a “[...] a posição de extrema-direita (sic) do presidente Bolsonaro também fez parte de suas declarações

sobre a imigração no mundo contemporâneo”. Prossegue que tal político comparou imigrantes e criminosos e a construção de um muro entre EUA e México [...]”. Nesse contexto, Zart (2020) releva que o comportamento desses extremistas da direita é similar, porque produzem acusações conspiracionistas, tais como a de que a mídia em geral mente em desfavor dos governos. Há de se evidenciar, ainda, os repetidos ataques de Donald Trump a parlamentares não brancas cujos países de origem são relacionados por ele à criminalidade, o que, certamente, não se distingue dos ataques de Jair Bolsonaro a cubanos e venezuelanos.

A propósito, Zart (2020) nota semelhanças entre os enunciados-*slogans* “Brasil Acima de Tudo” e *America First* (América em primeiro lugar). A esse respeito, Thomaz, Vigevani e Ferreira (2021) identificam que o trumpismo exalta valores conservadores e xenofóbicos para tornar a “América Grande Outra Vez”. Sobre esse aspecto, as pesquisadoras delimitam que a relação entre tais governos, o bolsonarista e trumpista, produziu concessões e negociações que não beneficiaram o Brasil, o que, aliás, não se coaduna com a tradicional política externa brasileira, bem como a exercida pelo Itamaraty, porque os governos petistas, o de Lula (2003-2011) e Dilma (2011-2016), tinham o fim de resguardar a autonomia internacional, de tal maneira a defenderem os interesses nacionais, tendo como respaldo organismos multilaterais MC, Mercosul, Brics (THOMAZ, VIGEVANI, FERREIRA, 2021).

Gonçalves e Texeira (2020) acentuam essa posição ao afirmarem que a política externa brasileira, sob o viés bolsonarista, não tem compromisso com os interesses nacionais, mas com motivações particulares. Depois das concessões unilaterais realizados pelo Governo Federal brasileiro, sucedeu a promessa de fim do visto para cidadãos estadunidenses em território nacional. Há de se mencionar, ainda, a entrega da Base de Lançamentos Aeroespaciais de Alcântara, o que ensejou a assinatura do Acordo de Salvaguardas Tecnológicas, sendo aprovado pelo Congresso Nacional. Em compensação, o Brasil teria o apoio de Donald Trump para entrar na OCDE (Organização de Cooperação de Desenvolvimento Econômico).

Na concepção de Almeida (2018) e Burity (2018), existe uma onda de conservadorismos, fascismos e fundamentalismos. Tendo em vista as práticas discursivas presentes nesse movimento, compreende-se que tal onda objetiva se impor à realidade brasileira, porque, com isso, possibilitaria enfrentar a corrupção e crises econômicas. Em vista disso, após 2013, sucederam-se contratendências, suscitando uma

crise hegemônica, tais como as Jornadas de Junho, o que provocou dificuldades encontradas na gestão governamental da Ex-Presidenta Dilma Rousseff (PT) com boicote e bloqueio realizados pelas oposições, perda de apoio popular, o processo de impedimento que, por fim, levou a direita ao poder (BURITY, 2018). Maior prova disso, destarte, foi a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 para a Presidência da República.

Nos EUA, procedeu a indicação para o Conselho de Segurança Nacional de Steve Bannon, um supremacista conspirador que edita o portal *Breitbart News*, por parte de Donald Trump. Bianchi e Melo (2018) lembram que, ademais, tal líder político decretou a construção de um muro entre os EUA e o México, porque tinha o objetivo de banir imigrantes. Proibiu, também, a entrada de imigrantes de países com a presença de maioria muçulmana, bem como Síria, Irã, Sudão, Líbia, Somália, Iêmen e Iraque (BIANCHI, MELO, 2018).

Perante uma manifestação neonazista chamada *Unite the Right* (Unir a Direita) em Charlottesville, na Virgínia. Ocorreu, com efeito, embates entre extremistas de direita e antifascistas em relação aos quais Donald Trump escancarou o compromisso de sua administração com o racismo. Nessa perspectiva, Bianchi e Melo (2018) destacam a aproximação da campanha eleitoral de tal líder estadunidense com *National Alliance* (Aliança Nacional), *White Aryan Resistance* (Resistência Ariana Branca), *Aryan Nations* (Nações Arianas). Existe, outrossim, vínculos com o *Alternative Right* (Direita Alternativa) do qual participam Steve Bannon, Richard Spencer, Jared Taylor, Paul Ramsey e Milos Yannopolous. Robert Spencer, particularmente, ao festejar a vitória de Trump, “[...] diante de 200 seguidores em Washington, iniciou seu discurso gritando: ‘Heil Trump! Heil our people! Heil our victory!’” (BIANCHI, MELO, 2018, p. 76).

Por fim, cumpre enfatizar que, para a embaixada nos EUA em 2019, Jair Bolsonaro decidiu à princípio indicar Eduardo Bolsonaro, Deputado Federal. Ao justificar tal circunstância, o filho do Presidente da República lembrou que sabia fritar hambúrgueres, afrontando toda a tradição renomada da diplomacia brasileira. Em 2018, é válido lembrar que o líder da KKK elogiou Jair Bolsonaro, reconhecendo-o como semelhante. Esses dois eventos estão contextualizados no crescimento da extrema direita neofascista em nível mundial, tal como se observa com Donald Trump, nos EUA, Recep Tayyip Erdoğan, na Turquia, Viktor Orbán, na Hungria, Marie Le Pen, na França, Narendra Modi, na Índia, e Rodrigo Duterte, nas Filipinas.

6.3. Organização “Orgulho Branco”: ressignificação dos discursos da KKK e WLM

Nos capítulos precedentes, realizaram-se práticas de análise dialógica do discurso das organizações KKK e WLM com especificidade para seus estilos discursivos. Perscrutaram-se, em sua atividade discursiva, generalidades e particularidades que recorrem a enunciados potencialmente verbivocovisuais, polemizando aberta e veladamente com minorias racializadas, degradando-as moralmente. Em seu projeto arquitetônico, o tom de pânico, cronotopos sobre os EUA, seleção e distribuição de elementos verbovisuais permitem compreender um discurso que propaga estigmas raciais, sobretudo o discurso paródico de tipo racista. Em cotejo, nesta oportunidade, objetiva-se analisar, dialogicamente, o discurso da organização brasileira OrBr que apreende, orienta para ressignificar o discurso da *Klan* e WLM.

Não há referências bibliográficas para o estudo da OrBr, mesmo que se visitem os principais portais científicos, por duas razões. Em primeiro lugar, tal organização passou a se comunicar com um auditório social somente em 2021, por intermédio de seu canal do *Telegram*. Com isso, o número de visualizações de suas postagens cada vez mais aumentou. Em segundo lugar, há poucas pesquisas de análise do discurso (dialógica, materialista, crítica, semiolinguística, forense, sócio-hermenêutica) sobre organizações neonazistas da plataforma *Telegram*. É uma linha de pesquisa, nesse momento histórico, com poucos integrantes. De qualquer maneira, a proposta é, ainda que breve, que se possa identificar, em sua atividade discursiva, elementos atinentes às organizações estadunidenses que são objeto desta dissertação. Tendo isso em vista, veja-se o próximo enunciado:

Quadro 7 - Um aviso racista aos novos visitantes

1	Amigos, para evitar problemas vindos de indivíduos mal intencionados (estes sim, que só querem
2	propagar o ódio) e garantir a entrada de membros que estejam realmente interessados no conteúdo
3	do canal, achei melhor torna-lo privado.
4	Aproveito esse momento para deixar claro que, embora façamos piadas, tiremos sarro de uma
5	coisa ou outra e queiramos provocar repulsa em muitas das práticas vistas comumente hoje em
6	dia, o propósito central do canal sempre será o mesmo: defender a nós brancos aquilo que já é
7	garantido para todas as outras raças, nosso direito de existir, de nos preservar, de retermos nossa
8	independência e interesses. Tendo isso dito, nosso propósito não é ofender gratuitamente, nem de
9	gerar ódio (embora essa seja muitas vezes, uma consequência natural), tampouco defender a
10	dominação de outras raças pelos brancos.
11	Atingimos um pouco em que cartazes com o dizer “não há problema em ser branco” e “vidas
12	brancas importam” se tornaram sinais de “supremacia branca”, em que querer que nossas crianças
13	não se relacionem com pessoas que em nada se pareçam com elas, evitando futuras separações,
14	filhos fora do casamento e abandono, é suficiente para gerar acusações de racismo.
15	Se você, assim como eu, concorda que você é a culminação de incontáveis gerações que tiveram
16	propósito, que tinham cultura e tradição e se você se enxerga, como eu me enxergo, como o

17	portador desse legado e almeja continua-lo para que um dia nossos filhos cresçam em vizinhanças
18	seguras, cercados de seus iguais, sem ter que olhar para trás ao andar na rua a noite, sem crescer
19	ouvindo que são a escória do mundo e que todo seu sucesso se dá pela escravidão de outros
20	povos, sem serem barrados de sua glória por cotar, “dívida histórica” e outras sandices, então não
21	fique calado! Faça sua parte!

Fonte: Orgulho Branco (2021)

Nesse comentário, o locutor explana para seu auditório social que tornou o canal privado, a fim de evitar problemas com indivíduos mal intencionados, porque pretensamente propagariam o ódio. Em relação a isso, é preciso refutar que, na verdade, tal canal continua público, o que não impôs, a este pesquisador, falta de ética, visto que nesta pesquisa restringiu-se a observar as interações discursivas entre supremacistas brancos brasileiros. Ao selecionar os signos ideológicos “mal intencionados” (linha 1) e “propagar ódio” (linha 2), o locutor evoca o discurso de racismo reverso. No processo de reflexão, designa-se o discurso de que grupos racializados estariam oprimindo brancos, o que é, aliás, contraditório, pois, consoante Almeida (2020), não existe um contexto histórico, político, econômico para isso.

Em seguida, enuncia-se que, “embora façamos piadas, tiremos sarro de uma coisa ou outra e queiramos provocar repulsa em muitas das práticas vistas comumente hoje em dia” (linhas 4 e 5), o objetivo da organização seria “defender a nós brancos aquilo que já é garantido para todas as outras raças” (linhas 6 e 7). De fato, quando o locutor mobiliza para seu projeto arquitetônico o signo ideológico “piadas”, reflete-se a imagem da população negra e judaica parodiada e inferiorizada. Ao refratar, suscita-se um humor racista que clama por estigmas raciais que, certamente, degradam moralmente o outro racializado. Na concepção de Moreira (2020), o racismo recreativo contribui para a marginalização de grupos raciais, na medida em que reproduzem um arranjo social que destaca estereótipos negativos e dificulta oportunidades de acesso.

A propósito, as “práticas vistas comumente hoje em dia” para as quais se busca provocar repulsa têm relação com o tema da miscigenação, porque, como supremacistas brancos e masculinos, creem na crença de superioridade e inferioridade racial, incluindo a ideia misógina de subalternidade da mulher quanto ao homem. O enunciado enfatizado participa de um tensionamento realizado pelo movimento neonazista nacional e internacional com a finalidade de denunciar a suposta degeneração racial. Por esse motivo, ao se enunciar que o objetivo da organização é defender os brancos, respondem-se às 14 palavras ou, melhor, às 28 palavras atribuídas ao David Lane, o que

é acentuado por valores ideológicos presentes no enunciado: “nosso direito de existir, de nos preservar, de retermos nossa independência e interesses” (linhas 7 e 8).

Sobre esse aspecto, Charaudeau (2016), na constituição do discurso político-populista, frisa haver um bode expiatório culpado pelos males da nação que, tão logo, precisaria ser enfrentado por um líder, pois o tal algoz prejudicaria a convivência social. Nessa perspectiva, o branco é, nesse discurso, colocado na posição de vítima e o negro e o judeu na de algoz. Por isso, a voz do supremacismo branco, em sua atividade discursiva, defende o extermínio do outro, porquanto estaria garantindo o “direito de existir” e de “preservar” que, nessa crença racista, estaria sendo ameaçado.

“Tendo isso dito, nosso propósito não é ofender gratuitamente, nem de gerar ódio (embora essa seja muitas vezes, uma consequência natural), tampouco defender a dominação de outras raças pelos brancos” (linhas 8, 9 e 10). Como o fim de abrandar a sua voz, escamoteando as suas intenções, o locutor assevera que o objetivo não é “ofender gratuitamente, nem de gerar ódio”, muito embora reconheça ser uma “consequência natural”. Ao se conhecer a cadeia de enunciados postada por membros da organização, sabe-se se tratar de uma contradição, porque, em toda a oportunidade, encontram-se ataques a grupos racializados. Mais contraditório é quando se mobiliza o enunciado “tampouco defender a dominação de outras raças pelos brancos” para o projeto arquitetônico, visto que, ao acentuar valores ideológicos do movimento neonazista, o locutor assume para si um projeto de extermínio deslocado para o cenário nacional. O signo ideológico “raças”, em suma, reflete uma visão segundo a qual a espécie humana seria dividida em raças e refrata uma relação de superioridade e inferioridade que seria própria de cada uma, pois o branco estaria, com efeito, fadado a dominar o mundo.

Ao apreender discursos supremacistas, o locutor cita os enunciados *it's okay to be white* (não há problema em ser branco – linha 11) e *white lives matter* (vidas brancas importam – linha 11 e 12) que são reivindicados pela voz do movimento neonazista estadunidense. Em contexto nacional, o alvo são os judeus, os negros e os nordestinos que, na convivência social, não permitiriam a verbalização de tais enunciados por serem considerados da “supremacia branca” (linha 12). Tal é, além do mais, o que os locutores das organizações KKK e WLM declaram, em suas páginas, no que tange a negros, pobres e latinos, porque, nesse sentido, o branco não teria liberdade de expressão.

Registra-se que os EUA e o Brasil compartilham um passado colonial marcado pela escravização do negro. Com efeito, o racismo se estruturou na sociedade, o que, certamente, reflete-se em suas instituições. Quando grupos racializados, incluindo a supracitada, manifestam-se em nome de seus direitos fundamentais, verbalizando o signo ideológico “orgulho”, está-se diante de um ato de resistência, uma vez que seus corpos foram, no percorrer da história, mutilados e condenados. Não por acaso, o padrão estético da sociedade, seja na estadunidense, seja brasileira, é o homem/mulher branco/branca loiro/loira. Em razão disso, como analisado nos capítulos precedentes, o signo ideológico “orgulho” tanto reflete um sentido de supremacismo (grupo racializado dominante) quanto de resistência (grupo racializado dominado).

A seguir, o locutor afirma: “em que querer que nossas crianças não se relacionem com pessoas que em nada se pareçam com elas, evitando futuras separações, filhos fora do casamento e abandono, é suficiente para gerar acusações de racismo” (linhas 12, 13 e 14). Expressa-se, com isso, uma posição eugênica na qual crianças brancas não se relacionariam com crianças não brancas, o que evitaria problemas, tais como separações, filhos fora do casamento e abandono. Recobra-se que a KKK e WLM criticam demais modelos de família, sobretudo o de família negra, pois é caracterizado como negativo. Por conseguinte, não surpreende, apesar de tético, haver um projeto de limpeza racial para exterminar a diversidade multiétnica. Mesmo assim, o locutor assume uma posição de vítima, pois sofreria “acusações de racismo”.

Posteriormente, o locutor decide tratar da suposta tradição branca. “Se você, assim como eu, concorda que você é a culminação de incontáveis gerações que tiveram propósito, que tinham cultura e tradição” (linhas 15 e 16) e “se você se enxerga, como eu me enxergo, como o portador desse legado” (linhas 16 e 17). Em um primeiro momento, colocam-se condições, na interação discursiva, a começar pela possibilidade de o interlocutor pertencer a “incontáveis gerações que tiveram propósito” e, depois, como “portador desse legado”. Em relação ao interlocutor, o locutor tenta persuadi-lo com o argumento da ancestralidade comum para que, nos dias de hoje, possa apresentá-la como ameaçada pelo outro inferiorizado. Logo, sua tradição e cultura precisariam ser salvas, a fim de que, no futuro, pudessem viver sem esse outro, eliminando-o da convivência social.

Em um segundo momento, ainda com as condições, mostram-se as supostas ameaças, porque o branco pretenderia que “um dia nossos filhos cresçam em

vizinhanças seguras, cercados de seus iguais, sem ter que olhar para trás ao andar na rua a noite, sem crescer ouvindo que são a escória do mundo e que todo seu sucesso se dá pela escravidão de outros povos, sem serem barrados de sua glória por cotar, ‘dívida histórica’ e outras sandices” (linhas 17, 18, 19 e 20). Ao se retornar à fotomontagem realizada pela WLM, aquela que contrastava, axiologicamente, Cannon Hinnant e George Floyd, percebe-se haver, na atividade discursiva a OrBr, a sanha de fazer crer que crianças são assassinadas por negros em suas vizinhanças. Nesse ponto de vista, por simbolizar uma ameaça à existência, o grupo supracitado precisaria, na nova solução final dessas organizações, eliminá-la. Há de se mencionar que a ideia de preservação das crianças brancas é mormente reivindicada por David Lane cujos princípios são comuns para a WLM, KKK e OrBr. No futuro, nessa tensão entre passado, presente e o porvir, com a exclusão total do diferente da vivência social, as crianças seriam “cercad[a]s de seus iguais, sem ter que olhar para trás ao andar na rua a noite (sic)”.

Quanto à ideia de racismo reverso, há a afirmação: “sem crescer ouvindo que são a escória do mundo e que todo seu sucesso se dá pela escravidão de outros povos, sem serem barrados de sua glória por cotar, ‘dívida histórica’ e outras sandices”. Nessa perspectiva, tais crianças, que não viveriam em segurança, escutariam que são a escória do mundo. Por conseguinte, o locutor pretende provocar um efeito de indignação e injustiça na interação com o interlocutor, visto que tem a finalidade de suscitar uma reação, o alistamento dele, para que seja parte de seu projeto de matar. Os signos ideológicos “escória do mundo” refletem a imagem de um grupo inferior e irrelevante em contraste com um superior e relevante. Quando refrata, percebe-se haver um conflito, nessa relação sócio-hierárquica, que trabalharia para eliminar o outro.

Há de se analisar a ideia de meritocracia e privilégio racial nesse mesmo enunciado, porque “seu sucesso se dá pela escravidão”, o que é visto como injusto pelo locutor. É fato que o Brasil foi o último país do continente americano a abolir o sistema de escravização do negro e, por consequência, mazelas estruturais se formaram na sociedade, uma vez que houve um processo de marginalização e subalternização, o que beneficiou materialmente a população branca que não foi encarcerada em senzalas tampouco impedida de frequentar instituições sociais. Mais do que isso que não teve o direito à vida relegado ao outro, o senhor. A voz do supremacismo branco, seja brasileira, seja estadunidense, declara que tudo o que o branco conquista é resultado de um mérito, quando, na verdade, é resultado de um longo processo histórico de

dominação e exploração, o que se reflete na atualidade com o impacto social, em vários âmbitos, do racismo estrutural-institucional. Ao não reconhecer os privilégios raciais, o locutor, em sua perspectiva, defende que os brancos seriam “barrados de sua glória por cotar (sic), ‘dívida histórica e outras sandices”.

Em um último momento, convoca o interlocutor para a ação “então não fique calado! Faça sua parte” (linhas 20 e 21), porque, com isso, enfrentaria a opressão dos grupos racializados. Quando se volta à análise precedente, o tema da liberdade de expressão é reivindicado pela voz do neonazismo estadunidense. É importante destacar que esse direito não é absoluto no cenário nacional, de tal maneira ser vedada a expressão do racismo. Ao selecionar o signo ideológico “calado”, reflete-se que ninguém poderia verbalizar sua opinião, o que serve para tentar convencer o auditório social a se juntar a causa branca. Ao refratar, não se refere a qualquer opinião, mas aquela que inferioriza e agride a integridade de toda a população negra. Na realidade, a liberdade de expressão pretendida é a absoluta, de modo que as postagens verificadas de ódio possam ser veiculadas sem sansão.

“Faça sua parte”, no ponto de vista estudado, é participar dos encontros da organização e apoiar seu projeto de controle social para que o outro possa ser eliminado. É preciso ter em mente que a OrBr é abertamente neonazista a significar que adere ao modelo de assujeitamento e eliminação do outro visto como impuro. Esse enunciado, de acordo com as práticas de análise dialógica anteriores, é uma unidade discursiva na atividade do movimento neonazista, seja nos EUA, seja no Brasil. Ao lê-lo, pesa a valoração suscitada pelo locutor, sobretudo no que compete aos efeitos de injustiça e indignação quanto ao tratamento social ao branco, cujo sucesso e segurança seriam questionados a cada dia. Essa posição enunciativa explica assim o motivo pelo qual o próximo enunciado foi postado:

Figura 25 - Um mosaico de mortes

Fonte: Orgulho Branco (2021)

Transcrição: “com negros por perto fique esperto”

No enunciado acima, estruturado como fotomontagem, fez-se um mosaico de crimes havidos no cenário estadunidense. Ao se verificar as notícias sobre isso, descobriram-se estes casos: i) Cannon Hinnant e Darius Sessoms; ii) Landen e Emmanuel Aranda; iii) Victoria Rose Smith e Ariel Robinson; iv) Ariel Robinson e Darriynn Brown; v) Cash Gernon e Darriynn Brown; vi) Linda Stoltzfoos e Justo Smoker; vii) Lucia Bremer e Richard Pierce; viii) John Swoveland Jr e Joshua Hodge, Tarez Buchanon, Xavier Prim, Daniel Williams, Robert Griffin; ix) Daisy “Jupiter” Paulsen e Arthur Prince Kollie. Na interação entre locutor e interlocutor, o objetivo é provar que, atualmente, negros estariam caçando brancos, pois haveria uma guerra racial. Por conseguinte, evidenciar-se-ia que, por serem brancos, possuiriam uma superioridade moral e, por serem negros, possuiriam uma inferioridade moral. Uma vez que muitos jornais não destacariam a cor da pele como motivador do crime, nesse ponto de vista, a voz do supremacismo branco alega se tratar de crimes silenciosos.

Em primeiro lugar, se um mosaico, por mais tétrico que possa ser, configurasse um argumento irrefutável para provar a existência de uma guerra racial, tendo em vista que o branco estaria em uma posição de vítima e o negro, latino e pobre em uma de criminoso, então poder-se-ia construir um mosaico com todos os negros brutalmente assassinados por policiais, o que, nesse mesmo entendimento, comprovaria que o branco seria um bandido e o negro inocente, o que é equivocados. Sim, os EUA e o

Brasil compartilham uma história marcada pela escravidão e por um sistema racista, que ainda afeta a sociedade atualmente. O racismo institucional e estrutural é uma realidade em ambos os países, e as crianças negras são frequentemente alvo de preconceito e discriminação. Organizações como a KKK, a WLM e a OrBr promovem ideias racistas e discriminatórias, e não valorizam as crianças, mas a cor da pele delas.

A seguir, compreende-se que, na fotomontagem postada, discursos são refletidos e refratados. No processo de reflexão, sugere-se que um grupo racializado dominado seria racista com pessoas brancas, o que é falso. Como o racismo é estrutural e institucional, em que se percebe haver relações de poder e privilégios raciais, nota-se que o branco é, na realidade, favorecido material e simbolicamente. No de refração, entende que, mesmo com casos de violência acima relatados, isso não se equipara à desigualdade e aos privilégios que beneficiam o branco. Almeida (2020) sinaliza que o racismo não é individual tampouco uma patologia, mas um sistema de dominação do outro. Ao assim agir, o locutor desloca o debate sobre o enfrentamento da discriminação e racismo em razão de uma ideia falaciosa.

O enunciado “com negros por perto fique esperto”, no projeto arquitetônico do supremacismo branco, evoca o discurso de relacionar o negro ao crime, visto que, para a WLM e OrBr, sugere-se que pessoas negras seriam mais propensas a cometer crimes ao se comparar com pessoas brancas. Essa ideia, como estudado por Moreira (2020) e Schucman (2012), é amparada por estereótipos e estigmas racistas que reproduzem a discriminação na sociedade. Muito embora haja um mosaico com vários casos criminosos em que negros atacaram brancos, existem muitos outros casos em que brancos cometeram crimes contra negros e, devido ao racismo institucional da justiça criminal, não foram adequadamente investigados, julgados e condenados, bem como permite compreender Alexander (2018). Há, nessa atividade discursiva, uma intenção de escamotear uma posição racista, pois tenta reivindicar valores ético-morais, o que, na verdade, só contribui para a criminalização e a opressão de toda a população negra.

Quanto ao discurso de superioridade moral do branco, é preciso contestá-lo com o fato de ser falacioso e racista. Não há qualquer dado científico que comprove que uma etnia é superior a outra, apesar de páginas do movimento neonazista inventarem índices, evidentemente sem fonte, para acentuar sua posição racista pseudocientífica. Ao se verificar a história estadunidense e brasileira, o que se percebe é que qualquer etnia possui características superiores ou inferiores. Como se está diante de organizações

neonazistas, é importante escrever que o projeto de nazista para a sociedade alemã e europeia considerava haver uma superioridade moral por parte do ariano que, por esse motivo, teria o direito de eliminar o outro visto como inferior e criminoso. Posto tudo isso, com a mesma intenção que a *Klan* e WLM, a OrBr almeja ressignificar a imagem de seu país para a de um com uma guerra racial total. Abaixo, selecionaram-se figurinhas retiradas da comunicação sociodiscursiva da última organização supracitada:

Figura 26 - Figurinhas da *Ku Klux Klan*



Fonte: Orgulho Branco (2022)

A análise do discurso paródico de tipo racista da KKK e WLM permite compreender a ideia de inferioridade racial e moral de grupos racializados dominados em detrimento da superioridade racial e moral branca, que é um fenômeno prejudicial e discriminatório. Ao analisar a atividade discursiva da OrBr, é possível compreender a ideia de enaltecimento branco, que perpetua a inferiorização de outros grupos, porque bivocaliza, em seu discurso, a tradição de supremacismo da *Klan* nos EUA e nazismo na Alemanha. Quando provoca riso por parte de seu interlocutor, reforça-se um distanciamento social entre dos dois grupos racializados, de maneira a acentuar um sistema de dominação.

No enunciado acima, há a composição de 20 figurinhas dentre elas a gota de sangue, o símbolo da KKK. Ao ser empregado em uma discussão com a finalidade recreativa, reflete-se o discurso de pureza sanguínea do locutor, porque não seria resultado de um processo de miscigenação e, por conseguinte, não teria uma inferioridade genética e moral. Há, também, a refração do discurso de um projeto de escravização do outro, o que foi reivindicado pela voz da organização logo após a Guerra Civil com a libertação da população negra. Nesse cenário, é emblemático o uso da figurinha do homem com uma tocha, já que, na história estadunidense, milícias

brancas vigiavam e puniam negros. Elas usavam lençóis brancos e também tochas para ameaçar o outro, iluminando seu caminho e destacando seus trajés.

Quanto ao homem que aponta para seu interlocutor, é preciso recordar que essa figurinha participa de um movimento propagandístico da KKK, porquanto possui um duplo objetivo, haja vista que se dirige ao interlocutor presumido, que seja branco, heterossexual, cristão, conservador e estadunidense. Ele seria um possível apoiador do projeto de deportação e eliminação em massa do outro. Dirige-se, também, ao interlocutor indesejado, porque visa ameaçar, humilhar e matar o outro visto como impuro em sua concepção. No momento em que essa figurinha é selecionada por uma organização brasileira, adaptam-se tais visadas para o cenário nacional com a deportação de venezuelanos e morte de nordestinos, o que deve ser agudamente afrontado. Isso se relaciona com a figurinha bandeira dos Estados Confederados da América, visto que, na atualidade, traduz um desejo de novamente escravizar a população negra, destituindo-a de direitos constitucionais, tais como liberdade, sufrágio e outros.

A figurinha do homem da KKK com o braço teso e estendido é o mesmo signo ideológico usado em manifestações fascistas e nazistas, a saudação romana. Tal como estudado na história estadunidense, a organização supracitada foi nazificada no percurso do tempo, tendo em vista que seus líderes atuais, os magos imperiais, tinham origem em partidos neonazistas, bem como Gleen Müller, David Duke, Don Blake. Por conseguinte, ocorreu uma radicalização de suas práticas sociodiscursivas na sociedade, o que se confirma com a figurinha queima de suásticas, de tal maneira a louvá-la.

Outrossim, há a figurinha homem da *Klan* com uma cruz na mão, já que essa organização possui uma base cristã, muito embora odeie a religião católica e, também, tenha estourado bombas em igrejas evangélicas frequentadas pela população negra. Por consequência é como se deus legitimasse a escolha pela deportação e eliminação do outro com base em uma ideia racista. Nessa perspectiva, Jesus Cristo seria o primeiro ariano que teria pisado na terra e, com isso, teria um povo escolhido para subir ao mundo dos céus, mas, antes disso, precisaria superar sua provação terrena contra o outro maléfico.

Finalmente, sintetiza-se que a atividade discursiva da OrBr apreende e orienta para (res)significa o discurso da KKK e WLM como pode ser averiguado, porque, em seu canal do *Telegram*, posta comentários que defendem, nessa concepção racista, haver

uma guerra racial total na qual o branco, em sua superioridade racial e moral, seria ameaçado pelo negro, em sua inferioridade racial e moral. Saúda-se o passado do que se considera a história branca que, por meio da meritocracia, teria tido inúmeras conquistas, bem como à época dos Estados Confederados da América. Há, ainda, o emprego do discurso paródico de tipo racista, materializado pelo uso de figurinhas, para enaltecer o branco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retornar à discussão acerca da filosofia ética bakhtiniana, Morson (2015) reflete sobre dois tipos de álibis. No que concerne ao álibi positivo, ocorre uma transferência da responsabilidade moral com a finalidade de se escapar de qualquer culpa. Esse ato pode ser observado quando neonazistas, sejam eles da KKK, WLM ou OrBr, eximem-se de qualquer responsabilidade ao incitarem seu auditório social a começar uma guerra racial contra grupos racializados. Ao atribuir a culpa a algo ou a alguém externo, esse sujeito se desresponsabiliza e se coloca numa posição de inocência em relação ao outro. “Não estamos agindo, mas sim a teoria. Ou, não estamos agindo, o Partido, sim; a Igreja, sim; ou a Nação” (MORSON, 2015, p. 127).

No que tange ao álibi negativo, a conivência pode ser vista como uma forma de consentir ou permitir que algo errado se perpetue. Nesse sentido, o sujeito se omite diante de uma situação em que impera a injustiça ao se tornar cúmplice do ato, mesmo que não tenha participado diretamente dele. Esse ato pode ser observado quando os cidadãos estadunidenses ou brasileiros não enfrentam o racismo estrutural-institucional, relegando isso aos governos. A inação permite que organizações como a KKK, WLM e OrBr continuem a existir e a ameaçar a dignidade do outro. “Legal, mas não moralmente, ele tem o álibi perfeito e sofre de uma culpa por não ter antecipado o acontecimento” (MORSON, 2015, p. 127).

Sem álibis positivo e negativo no acontecimento da vida, este pesquisador propôs uma pesquisa que analisou, dialogicamente, o discurso da KKK e WLM no campo das mídias digitais. Como justificativa, reclamaram-se duas orientações: a defesa de valores ideológicos ligados aos direitos humanos insculpidos no PNDH-3 como contrapalavra ao terror racial externalizado pelas organizações; a expectativa de

contribuir às Ciências Humanas, Sociais e da Linguagem com especificidade para a teoria dialógica do discurso e da linguagem.

Como objetivo geral, como desdobramento da análise dialógica, houve a finalidade de compreender os estilos discursivos das organizações, de maneira a perceber as imagens produzidas sobre o branco e o negro. Nessa perspectiva, o discurso da KKK recorre explicitamente à linguagem verbal, principalmente ao gênero discursivo artigo de opinião, em que, com um tom de pânico, alerta seu público estadunidense da ameaça do negro, judeu e imigrante para a existência de toda a população branca. Além disso, o locutor, ao se dirigir ao outro racializado e inferiorizado, humilha-o ao lhe atrelar à criminalidade, ao assistencialismo governamental e à degeneração racial.

Nesse ponto de vista, evoca-se o discurso paródico de tipo racista, de tal maneira a usar o humor para delimitar um distanciamento social entre o que pode ou não ser considerado humano. Para se legitimar, saúdam-se os valores defendidos pelos Estados Confederados da América, que, na atualidade, traduz-se na tentativa de abolir qualquer direito constitucional conquistado pela população negra. É importante lembrar que seus magos imperiais atuais tiveram origem em partidos neonazistas, o que fez com que tal organização assumisse, em seu discurso, um compromisso com uma sociedade, tal como a defendida por Adolf Hitler e David Lane.

O discurso da WLM recorre explicitamente a uma linguagem verbovisual por intermédio do gênero discursivo fotomontagem, porque atua principalmente no FB e, com isso, pretende chamar a atenção do público estadunidense. Devido às políticas de boa convivência da plataforma, polemiza, com um tom de pânico, suas posições racistas de modo mais velado em comparação com a *Klan*. Assim, apenas sugere exterminar o negro, imigrante e pobre no contexto do que denomina ser uma guerra racial, porque essa seria a única maneira de o branco prevalecer na sociedade. Por consequência, também usa o discurso paródico de tipo racista, porque se considera a expressão única da humanidade. Ao se legitimar, evoca os valores defendidos pelos Estados Confederados da América, porquanto, como a KKK, advoga por uma nova escravização do negro. Talvez seja mais grave, pois, ao usar seu apito de cachorro, remete às 28 palavras de David Lane no que concerne a um projeto de sociedade neonazista.

O discurso da OrBr recorre explicitamente a uma linguagem verbal com o gênero discursivo comentário, verbovisual com a fotomontagem e visual com a

figurinha. Diante de seu público brasileiro, a organização alerta sobre o suposto perigo da miscigenação e multiculturalismo realizado por grupos racializados dominados. Polemiza, com um tom de pânico, tanto abertamente quanto veladamente suas posições raciais sobre o outro (negro, judeu...). Doutrina acerca de uma guerra racial que poderia eliminar o branco, além de degenerá-lo. Ao usar o discurso paródico de tipo racista, mobiliza figurinhas para enaltecer o supremacismo branco personificado na KKK e Adolf Hitler, de maneira a pretensamente evidenciar sua supremacia racial, moral e cultural, incluindo um projeto de sociedade de eliminação do outro visto como impuro.

Da generalidade à especificidade, objetivou-se, em primeiro lugar, verificar a construção de cronotopos internos e externos com o propósito de entender o emprego de índices espaciais e temporais para avaliar os EUA. Durante a análise dialógica, pode-se compreender que o conceito de cronotopo é bastante complexo, visto que o locutor, ao circunscrever onde habita, seleciona signos ideológicos para seu projeto arquitetônico ressignificando as relações entre espaço-tempo, de tal modo a construir três EUA no passado, no presente e no futuro. Ao olhar ao pretérito, há um cenário pacífico de glórias e conquistas com a supremacia total branco em vista da escravização como base econômica da sociedade.

No presente, ocorreria uma suposta ameaça à linhagem branca, porque aquele sujeito outrora escravizado participa de movimentos sociais para mudar o *status quo* dessa sociedade ao enfrentar o racismo estrutural-institucional. Para a KKK, essa ameaça corroeria sua pretensa genética pura com casamentos interraciais e crimes que diminuiriam o número de brancos no mundo. Para a WLM, essa ameaça seria sobretudo moral em função de toda a criminalidade causada pelos demais grupos raciais, o que também comprometeria sua genética e cultura. No futuro, apresenta-se um motivo para reagir no presente contra o negro, judeu e imigrante pobre: a incerteza. Essas organizações, com um tom inflamado, sugerem que o branco talvez não exista no porvir e, por consequência, seria necessário (re)agir no presente para preservar a linhagem branca.

Além do mais, o conceito de cronotopo, em diálogo com a filosofia ética bakhtiniana, permitiu criticar o processo de coisificação e expatriação do outro. Quando essas organizações supracitadas se dirigem a grupos raciais dominados, externalizam-se um nacionalismo expatriador com o intuito de negar qualquer laço emocional, histórico e cultural que o outro possa ter com o lugar em que reside. Nesse ponto de vista, trata-se

de uma coisa que não responde a nada, que não possui deveres e relações afetivas com o tempo-espaço em que está situado. Diferentemente disso, o locutor, presente em enunciados supremacistas brancos, coloca-se como herdeiro das terras, cidades, instituições que frequenta como se tivesse um direito natural por ser branco.

Em segundo lugar, examinou-se a constituição do discurso paródico de tipo racista com o fim de interpretar como seus espelhos semânticos deformam o outro. Na atividade discursiva da KKK, o negro e o judeu são semanticamente deformados com o intuito de evocar estigmas raciais e estereótipos que reforçam um distanciamento social entre o que pode ou não ser a expressão da humanidade. Por isso que, ao judeu, recorreu-se a uma linguagem gestual de raiva na tentativa de reivindicar uma imagem maligna e, ao negro, a uma linguagem de intimidação na tentativa de reclamar uma imagem criminosa. Na atividade discursiva da WLM, uma bebê negra, ao se tentar provocar o riso de um auditório racista, foi graficamente colocada num aquário para ser, tão logo, observada por humanos. Como legenda, o locutor apregoava que tinha ganhado uma mascote. Em contraste com isso, o branco é sempre atrelado a uma imagem de inocência com a sua responsabilidade ética. Um grande equívoco.

Em terceiro lugar, indagou-se, em cotejamento, como discursos da KKK e WLM são apreendidos, orientados e ressignificados pela organização OrBr para o cenário brasileiro na intenção de identificar relações dialógicas expressas em suas posições extremistas. Para isso ser possível, tal organização saúda tanto a KKK quanto a WLM em seus discursos na interação com seu público brasileiro. Depois disso, recorre explicitamente tanto a linguagem verbal quanto visual para tornar o outro (negro, judeu, imigrante pobre) um bode expiatório em relação aos problemas do Brasil. Há, também, uma crítica racista ferrenha à ideia de multiculturalismo e miscigenação, pois, nesse ponto de vista, comprometeria a linhagem pura branca. Não há como não escrever que, como as demais, a OrBr é uma organização de orientação neonazista e, por conseguinte, tem um projeto autoritário para a sociedade.

Na tentativa de participar de um diálogo muito tenso no campo do discurso e filosófico, tratou-se então de polemizar “mitos monológicos”, que constituem a premissa dos “bakhtinianos ortodoxos”, como se Bakhtin fosse um “chefe carismático”. Nesse debate tenso e dialógico, para responder a esses enunciados concretos, com seus valores ideológicos, objetivou-se ler a obra do grupo de intelectuais Bakhtin, Medviédev e Volóchinov em contexto histórico no qual havia, naquele momento, uma

resistência artístico-cultural durante a ditadura stalinista em várias cidades russas, tais como Kiev, Moscou, na Península da Criméia, Petrogrado etc. Com efeito, estabeleceu-se a trajetória biográfica dos autores e sua importante missão social ao promover debates, apresentações públicas com alunos de escolas, peças de teatro.

Nessa perspectiva, o “Círculo de Bakhtin”, tradição terminológica herdada do psicolinguista Alexei Leontiev, cria um “Círculo” que nunca existiu durante a resistência à ditadura stalinista, mas, e isto sim, um grupo de intelectuais que, como Clark e Holquist (2008) perscrutam, debatiam filosofia até o amanhecer com chá forte, de modo a resistir às gélidas noites munidas de neve. Por conta disso, reivindicou-se o que se denominou um viés democrático ao averiguar o problema dos autores, mais particularmente o de que, inicialmente, todas as obras produzidas foram atribuídas ao Bakhtin ou, então, no melhor dos casos, compartilhar a autoria Bakhtin/Medviédev e Bakhtin/Volóchinov. Essa visão foi criticada e seus argumentos contestados pelo contexto histórico e trajetória biográfica dos autores.

A par disso, o passo seguinte, após contestar o que se considerou serem mitos monológicos, foi evidenciar a revolução dialógica com sua marcha dialética em suas contribuições para a presente pesquisa para o estudo do discurso e da linguagem. Para tanto, primeiro fez-se uma crítica metalinguística por parte de Bakhtin e marxista-sociológica Medviédev e Volóchinov, de maneira a observar o compartilhamento de um horizonte teórico-filosófico e sua posição crítico-reflexiva diante do cenário intelectual de sua época. Com efeito, criticou-se a linguística naturalista-positivista e suas ciências como a filologia, estilística, lexicologia.

Com isso, há a palavra como signo ideológico e, potencialmente, sua materialização verbivocovisual que constitui todo ato enunciativo. A partir daí, investigou-se a construção estilística do enunciado concreto e, dessa discussão, seus problemas de morfologia, sintaxe e semântica. Com essa discussão, ultrapassando-se tendências formalistas, pôde-se discutir a respeito da luta ideológica e(m) polêmicas abertas e veladas no discurso no encontro entre a palavra minha e palavra outra. A paródia de tipo racista, como resposta, fomenta valores de um racismo recreativo. Em continuidade com a discussão em pauta, pôde-se, a partir daí, observar a maneira pela qual, no debate social, o discurso poder ser estilizado parodicamente o que constrói semanticamente espelhos deformantes sobre o outro racializado.

Em adição com esses pressupostos, construiu-se a metodologia com seus procedimentos em análise dialógica do discurso, de maneira a conferir robustez à pesquisa. Fez-se um itinerário sobre a história dos EUA com início no processo de colonização europeia com a construção dos assentamentos puritanos. Passou-se, para os fins da dissertação, pela Guerra de Secessão, que é um evento sangrento fratricida, que, para o movimento supremacista, traduz um desejo de reescravizar a população negra.

Aproveitando esse ensejo, chegou-se ao contexto pós-guerra com o sentimento de insurgência sulista. Nesse momento, com o “Códigos Negros”, chegou-se aos racistas encapuzados, quer dizer, os homens e mulheres da *Klan* liderados por diferentes Magos Imperiais e, com seus altos e baixos na história, concretizaram seu objetivo de deixar um rastro de mortes e linchamentos da população negra. Isso foi capaz de deixar entrever que seu objetivo era um projeto de limpeza racial, porque a população negra não é concebida como cidadã e com direitos iguais.

A partir dessa discussão, e com o fato de a KKK usar as redes sociais, viu-se o enunciado *White Lives Matter* em algumas roupas e propagandas, porque é uma resposta racista ao *Black Lives Matter*. É uma reivindicação da supremacia da população branca. É uma forma de deslegitimar o movimento negro. A KKK evidenciou isso no rastro de morte deixado pela história dos EUA. Por isso é que se passou para a WLM quando os racistas tiraram seus capuzes, mas se escondem atrás das telas. Viu-se que a WLM surgiu em 2015 com uma fundadora ligada ao neonazismo, como a KKK com seus magos imperiais de origem neonazista.

Depois disso tudo, partiu-se para as práticas de análise dos enunciados concretos: primeiro os da KKK e, depois, da WLM. Para isso, teve-se, na construção do discurso das organizações supremacistas, o cenário no qual haveria uma guerra racial em uma fronteira em que se disputam a população branca e negra, latina, imigrante. Nessa perspectiva, estudou-se esse cenário e suas forças sociais. Em prosseguimento, o modo pelo qual o racismo recreativo na sua forma paródica é construído. Alfim, os ecos do passado estudado no discurso dessas organizações.

Por fim, observou-se, e até para mostrar a importância desta dissertação, o movimento antropofágico de práticas sociais dos discursos supremacistas brancos estudados. Para tanto, de primeiro, viram-se as “relações carnis” para designar as relações da política externa brasileira perante a hegemonia estadunidense. Esse termo tem a ver com a política também subserviente da Argentina sob Carlos Menem, tal

como a brasileira sob o Jair Bolsonaro. A partir daí, da prostituição do próprio país, observou-se, em cotejo, uma análise de enunciados da OrBr que apreendem e reorientam esses discursos para ressignificá-los para o contexto brasileiro.

Em nome da responsabilidade ética deste pesquisador no diálogo social, é fundamental que esta dissertação continue a responder a enunciados passados e antecipar os futuros. Nesse ponto de vista, pretende-se desenvolver novas pesquisas que analisem, de forma dialógica, o discurso de cada uma das 10 organizações da KKK e também das da WLM que estão em funcionamento nos EUA. Além disso, é crucial examinar cuidadosamente os enunciados proferidos pelo locutor da OrBr, pois sua atividade é responsável por perpetuar o racismo estrutural presente na sociedade.

Houve, ademais, limitações para a realização desta pesquisa. Em primeiro lugar, é importante frisar os aspectos psicológicos deste autor, porque, ao responder aos discursos neonazistas, sucedeu-se um aumento no estresse emocional, uma vez que a humanidade é virulentamente atacada. Em contraste, este pesquisador, nesse cenário emocionalmente desafiador, é também preparado para lidar com essas situações devido à sua trajetória. Em segundo lugar, como todos os *sites* foram visualmente gravados pelo *OBS Studio*, toda a análise se restringe ao visto, de tal maneira que, se algo for esquecido, perde-se. Em terceiro lugar, como presumido, ocorreu um ataque extremista de usuários a este que escreve, pois, no momento da defesa da dissertação de mestrado, vários perfis invadiram a plataforma *Google Meet*.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Tales. Crise, alucinação e mentira: o anticomunismo do nada brasileiro. *In: In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (Org.). Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos*. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018, p. 117-142.

ALCANTARA, Samoel Ramos de. Skinheads White Power na América do Sul: a internacionalização do discurso nacional-socialista da Blood & Honour. Maringá, *Revista Espaço Acadêmico*, n. 175, dez/2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/29989/15615>. Acesso em 28 nov. 2022.

ALMEIDA, Ronaldo de. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. *In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (Org.). Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos*. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018, p. 163-194.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

AMEUR, Farid. **A Guerra de Secessão 1861-1865**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2005.

ANDRAD, Guilherme Franco; HECK, Diana Milena. El grupo Valhalla 88: la construcción de un movimiento nacionalsocialista en Brasil. **Pacarina del Sur: Revista de Pensamiento Crítico Latinoamericano**, 2016. Disponível em: <http://pacarinadelsur.com/66-dossiers/dossier-21/1508-el-grupo-valhalla-88-la-construccion-de-un-movimiento-nacionalsocialista-en-brasil#resumen>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco. Valhalla 88: O nacional socialismo brasileiro e sua ideologia política. Contemporâneos: **Revista de Artes e Humanidades**, n. 13, nov-março, 2016. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n13/artigos/valhalla88.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. Neonazismo, racismo e supremacia racial: a ideologia racial Valha 88. **Revista Escrita da História**, v. 1, n. 1, abr./set.2014. Disponível em: <https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/6/6>. Acesso em: 28 nov. 2022.

AVILA, Felipe Alves Pereira. **A Editora Revisão e as Representações da Negação do Holocausto no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6925/1/Dissertacao_Felipe_Alves_Pereira_Avila.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018a.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018b.

BALLECK, Barry. **Hate groups and extremist organizations in America**: an encyclopedia. 1. ed. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2019.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Ideologia e intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo. Marília, **Autora: Revista PPGCS UNESP**, n. 2, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/1172>. Acesso em: 28 nov. 2022.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva**: crítica aos herdeiros do sigma. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012. Disponível: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/101002>. Acesso em: 11 fev. 2023.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. In: **XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina** - ALFAL, 2014, João Pessoa - PB - Brasil. Estudos linguísticos e filológicos. João Pessoa - PB - Brasil: UFPB/Ideia, 2014. v. 1. p. 3660-3671. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0716-1.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2023.

BEMONG, Nele; BORGHART, Pieter. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. In: BEMONG, Nele et al. **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução: Oziris Borges Filho et al. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 16-32.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos**: das cruzadas ao século XX. Tradução: Luís Oliveira Santos e João Quina Edições. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BIANCHI, Alvaro; MELO, Demian. Donald Trump é fascista? In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (Org.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018, p. 67-86.

BOBBITT, Clay. Crueldade e castigos físicos. In: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 105-105.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racismo sem racistas**: o racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América. Tradução: Margarida Goldszajn. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BONNER, Siney. Emancipação. In: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 286-286.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 15-30.

BRANDIST, Craig. **Repensando o Círculo de Bakhtin**: novas perspectivas na história intelectual. Organização de Maria Inês Campos e Rosemary Schettini; tradução de Helenice Gouvea e Rosemary Schettini. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BUBNOVA, Tatiana. Voloshinov: a palavra na vida e a palavra na poesia. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 31-48.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? *In*: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (Org.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018, p. 15-66.

CASTRO, Gilberto de. O marxismo e ideologia em Bakhtin. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 175-202.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução: Angela Corrêa. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade**: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. Tradução: Dóris de Arruda da Cunha e André Luiz de Araújo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

CIRO GOMES. **Jingle de Ciro Gomes como pré-candidato à Presidência em 2022**. [s. l.: s. n.], 22 outubro 2021. 1 vídeo (1 min 45 s). Publicado pelo canal Poder 360. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5_Uaui2RII0. Acesso em: 12 ago. 2022.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução: J. Guinsburg. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COSTA, Marcos Rogério Martins. **A semiótica e o círculo Bakhtin**: a polifonia em Dostoiévski. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2018.

DAVIDSON, James West. **Uma breve história dos Estados Unidos**. Tradução: Janaína Marcoantonio. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o ódio**: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1060866>. Acesso em: 9 fev. 2023.

DI FANTI, Glória; PAULA, Luciane de; PONZIO, Luciano. A proposta dialógica do Círculo bakhtiniano, **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 3, p. 395-404, set.dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42530/27373>. Acesso em: 10 ago. 2022.

DISCINI, Norma. Bakhtin: contribuições para um estilística discursiva. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orga.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 115-148.

DORSEY, Douglas. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 285-285.

EVANS, Richard. **A chegada do Terceiro Reich**. Tradução: Lúcia Brito. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

EVANS, Richard. **Terceiro Reich no poder**. Tradução Lúcia Brito. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

EVANS, Richard. **Terceiro Reich em guerra**. Tradução: Lúcia Brito e Solange Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2012.

FALCONER, Rachel. Representações heterocrônicas da queda: Bakhtin, Milton, Delillo. *In*: BEMONG, Nele et al. **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução: Oziris Borges Filho et al. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 141-164.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. Categorias de análise em Bakhtin. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orga.). **Círculo de Bakhtin**: diálogos in-possíveis. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 33-48.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Sabrina. Bolsonaro fez chegar a Maia ‘percepções’ sobre agentes de segurança na Previdência. **Poder 360**, Brasília, 3 julho 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-fez-chegar-a-maia-percepcoes-sobre-agentes-de-seguranca-na-previdencia/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

GARLIC, Delia. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 292-292.

GONÇALVES, Williams; TEIXEIRA, Tatiana. Considerações sobre a política externa brasileira no governo bolsonaro e as relações EUA-Brasil. **Sul Global**, Rio de Janeiro,

v. 1, n. 1. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/32061>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**. Tradução: José Ignacio Coelho Mendes Neto. 1. ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.

GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 7-82.

HAYWOOD, Felix. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 273-274.

HENRY, Milly. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 277-278.

INSTITUTO LULA. Nos Brics, Gleisi convoca para Lula Livre. Disponível em: <https://institutolula.org/nos-brics-gleisi-convoca-para-lula-livre>. Acesso em: 12 ago. 2022.

HOLQUIST, Michael. A fuga do cronotopo. *In*: BEMONG, Nele et al. **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução: Ozíris Borges Filho et al. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 34-51.

HOOK, John Van. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 294-294.

IVANOVA, Irina. A oposição “Língua poética/Língua prática” na concepção linguística de Lev Jakubinskij, **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 8, n.10. 2015. <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55175>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55175>. Acesso em: 10 ago. 2022.

JOHNSON, Randolph. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 286-286.

KARNAL, Leandro et. al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KEUNEN, Bart. A imaginação cronotópica na literatura e no cinema: Bakhtin, Bergson e Deleuze. *In*: BEMONG, Nele et al. **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução: Ozíris Borges Filho et al. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 52-77.

LOUISA; EVERETT, Sam. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 283-284.

MAIA, Suzana. A branquitude das classes médias: discurso moral e segregação social. *In*: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017, p. 107-124.

MANIFESTAÇÕES a favor da candidatura de Bolsonaro ocorrem em várias cidades do país. **G1**, São Paulo, 21 outubro 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/10/21/manifestacoes-a-favor-da-candidatura-de-bolsonaro-ocorrem-em-varias-cidades-do-pais.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MANIFESTANTES a favor e contra Lula acompanham julgamento. **Exame**, São Paulo, 24 janeiro 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/manifestantes-a-favor-e-contra-lula-acompanham-julgamento/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MCCREE, Ed. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 277-277.

MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MEDVIÉDEV, Iuri Pávlovitch. Pável Nikoláievich Medviédev: nota bibliográfica. *In*: MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 247-256.

MELO, Rosineide de. O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orga.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 235-264.

MENEZES, Roberto Goulart. Governo Bolsonaro: a busca de “relações carnavais” com os Estados Unidos de Trump? *In*: SIMPÓSIO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 5., 2019, Goiânia, **Anais eletrônicos do Democracia e Direitos Humanos**: crises e conquistas. Goiânia: Universidade Federal de Goiás Aparecida de Goiânia, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/106/o/Roberto_Goulart_completo.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Branquitude invisível - pessoas brancas e a não percepção dos privilégios: verdade ou hipocrisia? *In*: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017, p. 53-68.

MICHELLE, Alexander. **A nova segregação**: racismo e encarceramento em massa. Tradução: Silvio Luiz de Almeida e Pedro Davoglio. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

MORSON, Gary Saul. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski. *In*: BEMONG, Nele et al. **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução: Ozíris Borges Filho et al. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 118-140.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, n. 3, out. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/2015/1763>. Acesso em: 11 fev. 2023.

MULLEN, Mack. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 288-288.

NASCIMENTO, João Luiz Serrano. **Nativismo e imigração nos Estados Unidos**: uma análise da política de “tolerância zero” de imigração de Donald Trump de 2017 a 2018. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Curso de Relações Internacionais, Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife. Disponível em: <https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/2038>. Acesso: 11 fev. 2023.

NATIONAL CONSTITUTION CENTER. **The story behind the Join or Die snake cartoon**. Disponível em: <https://constitutioncenter.org/blog/the-story-behind-the-join-or-die-snake-cartoon>. Acesso em: 14 fev. 2023.

NETO, Odilon Caldeira. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer**: debate entre o público e o privado, v. 10, n. 24, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/2060/2420>. Acesso em: 28 nov. 2022.

NOGUEIRA, Erika Cristina Dias. **Mundos possíveis no Facebook**: narrativas de mulheres ambientalistas contra o fim do mundo. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=4021325&key=ae81dd0d361e8840f3b681357b15b5>. Acesso em: 11 fev. 2023.

PASCHOAL, Cristiano Sandim. **A malha valorativo-discursiva da atual extrema direita brasileira**: ecos nazifascistas e vestígios da política do “nós” versus “eles”. 2021, p. 203. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9680>. Acesso em: 13 set. 2022.

PAULA, Luciane de; SERNI, Nicole Mioni. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical, **Raído**, Dourados, v. 11, n. 25, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507/3498>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PAULA, Luciane de; OLIVEIRA, Fábio Augusto Alves de. A “nação” nas redes sociais e na política brasileira. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 3, e1858, p. 1-23, set.-dez./2020. DOI: 10.22168/2237-6321-31858. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55519/1/2020_art_lpaulafaaoliveira.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana, **Polifonia**, Cuiabá, v.27, n.49, p. 01 a 490, out.-dez., 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PAULA, Luciane de; DI FANTI, Glória; PONZIO, Luciano; PASCHOAL, Cristiano. A heterocientificidade dialético-dialógica do Círculo bakhtiniano, **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. esp., p. 1-11. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/43015/27441>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PERRY, Victoria. Crueldade e castigos físicos. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 106-107.

PONZIO, Augusto. O debate entre o estruturalismo linguístico e a dialogia bakhtiniana sobre o conceito de linguagem. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orga.). **Círculo de Bakhtin**: diálogos (in)possíveis. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 69-100.

RIBEIRO, Kelli da Rosa. Por uma visão dialógica da forma: contribuições do Círculo de Bakhtin para os Estudos da Linguística. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 100-119, maio/ago. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38355/1/2018_art_kribeiro.pdf. Acesso em: 11 ago. 2022.

ROBINSON, Harriet. Crueldade e castigos físicos. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 105-105.

ROSSATO, César Augusto. A *kakistocracia* e a ‘política pós-verdade’ no regime racista, patriarcal e capitalista predatório: regressão da justiça brasileira e estadunidense com o medo, ódio e crise da identidade branca. *In*: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017, p. 223-242.

ROW, Annie. Crueldade e castigos físicos. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 106-106.

ROWE, Katie. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 282-283.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>. Acesso em: 9 fev. 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e privilégio. *In*: SILVA, Maria Lucia da; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina; NETO, Augusto Stiel. **Violência e sociedade**: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2018, p. 137-150.

SÉRIOT, Patrick. **Vološinov e a filosofia da linguagem**. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, Lucas Nascimento. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 151-169, jan/abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11395>. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1395/576>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SILVA, André Gustavo Fonseca. **Entrando em ação, movendo a cena**: práticas informacionais nos ambientes do aplicativo Telegram. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/31608>. Acesso em: 11 fev. 2023.

SMITH, Jordon. Crueldade e castigos físicos. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 101-102.

SOUTHERN POVERTY LAW CENTER. **Ku Klux Klan**: A History of Racism and Violence. 6 ed. Montgomery, Alabama: Southern Poverty Law Center. 2011. Disponível em: <https://www.splcenter.org/sites/default/files/Ku-Klux-Klan-A-History-of-Racism.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SPARKS, Elizabeth. Emancipação. *In*: PARRON, Tâmis. **Nascidos na escravidão**: depoimentos norte-americanos. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020, p. 281-281.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Violência do Estado e racismo. *In*: SILVA, Maria Lucia da; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina; NETO, Augusto Stiel. **Violência e sociedade**: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2018, p. 161-168.

THOMAZ, Lais Forti; VIGENAVI, Tullo; FERREIRA, Elisa Cascão. A política subordinada de Bolsonaro a Trump (2019-2020): Estudos de casos - Embraer, Alcântara, RDT&E e Vistos. **Sul Global**, Rio de Janeiro, n. 2, v. 2, 199-231. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/41321/pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

USP PRCEU. **Métodos ópticos para análise de gemas**. Disponível em: https://cursosextencao.usp.br/pluginfile.php/182152/mod_resource/content/1/Analises%20de%20gemas%20.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: o que é a língua/linguagem? *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 234-265.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 306-336.

WINCH, Paula Gaida; NASCIMENTO, Silvana Schwab. O pré-construído e o enunciado antecedente na constituição do discurso/enunciado atual: aproximações e distanciamentos. **Prolíngua**, Paraíba, v. 7., n. 1. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/article/view/16143>. Acesso em: 11 ago. 2022.

ZART, Patrícia Pereira. **Bolsonaro imita Trump?** Um estudo sobre a semelhança do polêmico comportamento dos dois presidentes. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais - Universidade de Brasília, 2020. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/28614/1/2020_PatriciaPereiraZart_tcc.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.